UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

VERONICA APARECIDA SILVEIRA AGUIAR

Ancilla Christi, plantula sancti Francisci: o
evangelho e a pobreza como forma de vida em
Clara de Assis (1212-1253)

Versão Corrigida

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Ancilla Christi, plantula sancti Francisci: o
evangelho e a pobreza como forma de vida em
Clara de Assis (1212-1253)

Veronica Aparecida Silveira Aguiar

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História Social do Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para a obtenção do
título de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Flávio de Campos

Versão Corrigida

De acordo: _____

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A282	Aguiar, Veronica Aparecida Silveira
Agua	Ancilla Christi, plantula sancti Francisci: o evangelho e a pobreza como forma de vida em Clara de Assis (1212-1253) / Veronica Aparecida Silveira Aguiar ; orientador Flávio de Campos. - São Paulo, 2016. 251 f.
	Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.
	1. Clara de Assis. 2. forma vitae. 3. movimento franciscano. 4. Igreja. 5. pobreza. I. Campos, Flávio de, orient. II. Título.

AGUIAR, Veronica Aparecida Silveira. *Ancilla Christi, plantula sancti Francisci: o evangelho e a pobreza como forma de vida em Clara de Assis (1212-1253)*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de História da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História.

Aprovado: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Flávio de Campos – FFLCH – USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Dra. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi – FFLCH – USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profª. Dra. Angelita Marques Visalli – UEL

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcus Vinicius de Abreu Baccega – UFMA

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Wagner Aparecido Stefani – Doutor USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Para Paulo Rogério Moraes companheiro, conselheiro, parceiro, incentivador, apoiador, jamais se fez ausente, sempre presente nas alegrias e tristezas. Com ele aprendo a paciência nas contrariedades, a prudência nas decisões, o amor nas adversidades. Vivemos juntos rindo um do outro.

AGRADECIMENTOS

Nesta longa estrada de pesquisa acadêmica percebi o quanto sinto-me feliz pela escolha em seguir uma carreira profissional que demanda um investimento de anos de trabalho ou de uma vida, mas que representa, acima de tudo, uma aventura de estudos. As minhas pesquisas, que resultaram na produção do presente trabalho, não teriam sido um sucesso sem a presença de importantes pessoas e instituições, por isso reporto a todos os meus mais sinceros agradecimentos. Além de tudo, foram inúmeros os obstáculos que se interpuseram no meu caminho, alguns deles frutos da minha própria inexperiência e desconhecimento. Porém, a força de vontade em superar as dificuldades sempre foi maior em todos os momentos da produção deste trabalho, graças ao apoio dos familiares e amigos.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Flávio de Campos, que sempre estimulou o meu trabalho, contribuindo em muito para o meu crescimento intelectual e pessoal. Sempre com conselhos preciosos e positivos, sou grata pela amizade e orientações muito importantes ao longo desta minha trajetória. Também retribuo pela paciência com as minhas dificuldades e limitações, inclusive de ordem pessoal, enfim, expresso a minha gratidão pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

Um agradecimento muito especial à Profa. Dra. Ana Paula Tavares Magalhães Tacconi (USP), pelas preciosas sugestões e pela disponibilidade demonstrada ao integrar a banca de qualificação deste trabalho, apresentando significativas contribuições de imenso valor para o encaminhamento da defesa. Agradeço a sua amizade, carinho, disposição, comentários valorosos e importante colaboração para o meu amadurecimento enquanto pesquisadora.

À Professora Dra. Angelita Marques Visalli (UEL), sou grata pelas sugestões sempre muito positivas que provocaram-me reflexões e auto-questionamento do meu percurso de trabalho. Agradeço aos comentários preciosos e pela disponibilidade demonstrada ao integrar a banca de qualificação dessa pesquisa, apresentando contribuições construtivas e de grande valor para o encaminhamento da defesa.

Ao Prof. Dr. Marcus Baccega (UFMA), agradeço pelas preciosas correções e pela disponibilidade demonstrada ao integrar a banca de defesa deste trabalho. É um importante amigo que acompanha-me desde a graduação, companheiro de estudos, colaborador, incentivador, parceiro de trabalho e, principalmente, um irmão na fé em Francisco e Clara de Assis, sem dúvida um jesuíta de espírito e coração franciscanos.

Ao Prof. Dr. Wagner Aparecido Stefani (doutor USP), agradeço pelas preciosas sugestões que foram fundamentais para a construção desta Tese e pela disponibilidade demonstrada ao integrar a banca de defesa deste trabalho. É mais que um amigo, é um irmão que acompanha-me desde a graduação, companheiro de estudo, colaborador, incentivador, parceiro de trabalho e, principalmente, um grande mestre do qual sou grata pelo aprendizado dos caminhos da simplicidade, humildade e da sabedoria franciscanas.

Ao Departamento de História do Campus José Ribeiro Filho da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em Porto Velho, que concedeu-me o afastamento de um ano para a conclusão desta pesquisa. Sem dúvida, o resultado desta tese foi possível graças ao apoio dado pelos meus colegas de Departamento.

Ao Setor de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, instituição pela qual se processaram estes quatro anos e meio de trabalho intensivo, registro aqui a minha gratidão pelo incentivo e valorização da pesquisa universitária no Brasil e, principalmente, pela excelente equipe da Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH-USP. Um agradecimento a toda a equipe do CAPH (Centro de Apoio à Pesquisa em História), da FFLCH-USP, que sempre me auxiliou quando eu precisava.

Meus mais sinceros agradecimentos ao principal instituto de pesquisa sobre franciscanismo no Brasil, a equipe da Biblioteca do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, no Rio de Janeiro, pelos materiais fornecidos e pela competência dos profissionais atestada quando fui pesquisar.

Ao meu amigo Enrique Hernando Zamora (*in memoriam*) que, mesmo estando na outra margem do rio, ainda continuo lembrando-me dos seus conselhos e contribuições intelectuais à minha formação. Foi um anjo que passou pela minha vida, do qual sinto muitas saudades.

Aos meus pais queridos, Raquel e José Manoel, agradeço eternamente pelo apoio incondicional que desde sempre têm dado à minha vida de estudos: graças ao estímulo de ambos cheguei até aqui com muita sabedoria, felicidade e alegria. São os meus maiores incentivadores, que fizeram de mim o que sou hoje. Aos meus queridos irmãos, André, Danilo e Juliano, pela compreensão demonstrada e pelo apoio carinhoso constante desde o início da minha carreira. Às minhas queridas cunhadas, Marisa, Kátia e Érica, obrigada pelo incentivo e apoio. À minha querida avó, Isabel, que sempre tem acompanhado todos os meus passos, rezando e torcendo para que eu consiga realizar

todos os meus sonhos; meus mais sinceros agradecimentos por esse maravilhoso amor; aos meus doces sobrinhos, João Guilherme, Isabele, Heloisa, Maria Eduarda e Livia, pela alegria e afeto que contribuíram muito com minha tarefa solitária de pesquisar. Agradeço também aos meus demais familiares, tias, tios, primos e primas que desde sempre me apoiaram ao longo deste trabalho com muito carinho e expectativa.

Ao meu companheiro querido Paulo Rogério Morais, um dos meus pilares, que sempre foi muito atencioso, carinhoso e, principalmente, incentivador do meu trabalho.

Aos professores Dr. Marcelo Cândido da Silva (USP) e Dr. Marcelo Rede (USP), que escolheram-me para uma estadia de pesquisa na École française de Rome (EFR), sou grata pelo apoio, conselhos, orientações e incentivo à minha pesquisa.

À École française de Rome (EFR) agradeço pela acolhida e pelos seis meses em que pude realizar a minha pesquisa; sinto-me honrada por ter sido bolsista de uma instituição tão importante na área de estudos medievais. À Diretora da École française de Rome (EFR), Profa. Dra. Catherine Virlouvet, pela acolhida afetuosa e pelos conselhos sempre muito positivos. Ao Diretor de Estudos Medievais da EFR, Prof. Stéphane Gioanni, pela acolhida positiva, comentários valorosos e sugestões ao meu trabalho.

À Biblioteca Apostolica Vaticana (BAV), na cidade do Vaticano, agradeço pela oportunidade que me foi oferecida em pesquisar e pela disposição da equipe da biblioteca.

À Pontificia Universitas Antonianum (PUA), em Roma, agradeço pela recepção muito positiva e pela eficiência de toda a equipe da biblioteca em me auxiliar neste trabalho. Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Marco Guida (PUA) pela acolhida positiva, pelas sugestões preciosas, orientações de leitura e livros que foram fundamentais para a construção desta tese.

Ao Prof. Dr. Marco Bartoli, da Libera Università Maria Ss. Assunta (LUMSA), que acolheu-me de braços abertos em Roma, agradeço as orientações fundamentais, conselhos e sugestões à minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Alfonso Marini, da Sapienza – Università di Roma, sou grata pelas orientações, conversas e sugestões ao meu trabalho.

À biblioteca da Università Cattolica del Sacro Cuore, em Milão, agradeço pela oportunidade e eficiência de toda a equipe da biblioteca em auxiliar-me neste trabalho. À Profa. Dra. Maria Pia Alberzoni, da Università Cattolica del Sacro Cuore, sou grata

pela amizade, conselhos, orientações e materiais disponibilizados que contribuíram em muito para o meu amadurecimento desta pesquisa.

Um agradecimento muito especial à minha amiga Carolina Andrade Ramalho, companheira e parceira que ajudou-me com o “abstract” deste trabalho. Um agradecimento também à amiga Roberta Bottechia Lazzarini, que foi sempre muito carinhosa e companheira. A mais sincera gratidão à amiga Simone Maria Bielesch, pela amizade desde a graduação e apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, assim como pelo otimismo e companheirismo demonstrados.

A todos os demais colegas de universidades públicas, que não foram aqui mencionados, mas têm acompanhado e encorajado tão de perto o trabalho desenvolvido, sempre com muito apoio e parceria, meus mais sinceros agradecimentos.

Sobretudo, agradeço a Deus por tantas oportunidades felizes e pessoas certas que foram postas no meu caminho; considero isso um verdadeiro privilégio e benção.

AGUIAR, Veronica Aparecida Silveira. *Ancilla Christi, plantula sancti Francisci: o evangelho e a pobreza como forma de vida em Clara de Assis (1212-1253)*. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo avaliar as problemáticas legislativas na Ordem de São Damião durante a vida de Clara de Assis (1193/4-1253). Para isso, foi feita uma análise comparativa da forma de vida de 1253 com as seguintes normas: a forma de vida de Hugolino de 1219, a *Regula non bullata* de 1221, a *Regula bullata* de 1223 e a forma de vida de Inocêncio IV de 1247. A forma de viver (do latim *forma vivendi*; literalmente, a forma que se deve viver) que teria sido dada por Francisco a Clara continha a máxima da “altíssima pobreza” e observância rigorosa do evangelho que na leitura franciscana proibía toda e qualquer tipo de propriedade. As resistências de Clara e suas coirmãs, através de cartas e pedidos à Igreja para vivenciar a pobreza prometida a Francisco, somavam-se na relutância das comunidades de *Sorores minores* às imposições dos papas Gregório IX (1227-1241) e Inocêncio IV (1243-1254) à Ordem de São Damião. Esta tese também discutiu o enquadramento dos movimentos femininos religiosos de seguimento franciscano e os impasses jurídicos do projeto da Igreja para o movimento franciscano. Por fim, foi avaliado de maneira serial um conjunto de bulas diretamente relacionados à Ordem de São Damião. As formas de resistência de Clara e irmãs pobres foram fundamentais para a aprovação da *forma vitae* que foi promulgada três dias antes da morte de Clara em 1253. A partir da análise dos aspectos acima relacionados, o principal intuito deste trabalho foi o de verificar o debate franciscano no âmbito das discussões jurídicas da Igreja e das irmãs pobres da Ordem de São Damião, com ênfase ao mosteiro em que Clara vivia.

Palavras-chave: movimento franciscano; pobreza; forma de vida; *Imitatio Christi*; Igreja.

AGUIAR, Veronica Aparecida Silveira. *Ancilla Christi, plantula sancti Francisci: the gospel and poverty as a form of life in Clare of Assisi (1212-1253)*. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História.

ABSTRACT

The present work aims at evaluating the legislative issues in the Order of San Damiano during the life of Clare of Assisi (1193/4-1253). In order to do so, we carried out a comparative analysis between the form of life of 1253 and the following norms: form of life of Hugolino of 1219, the *Regula non bullata* of 1221, the *Regula bullata* of 1223, and the form of life of Innocent IV of 1247. The form of living (in Latin, *forma vivendi*; literally, the way one should live) which would have been given from Francis to Clare contained the motto "high poverty" and the strict observance of the gospel which, in the Franciscan reading, forbade any kind of property. Resistance forms of Clare and her sisters, through letters and claims to the church to experience the poverty promised by Francis, amounted to the reluctance of *Sorores minores* communities to the impositions of Popes Gregory IX (1227-1241) and Innocent IV (1243-1254) to the Order of San Damiano. This thesis also discussed the framing of religious women's movement of the franciscan segment and the legal impasses of the Church project to the franciscan movement. Finally, we serially evaluated one set of bulls directly related to the Order of San Damiano. Forms of resistance of Clare and the poor sisters were essential for the approval of the *forma vitae*, which was enacted three days before Clara's death in 1253. Through analysis of the aspects above, the main goal of this thesis will be verifying the debate Franciscan in the context of the judicial discussions of the Church and the poor sisters of the Order of San Damiano, with emphasis to the monastery where Clara lived.

Keywords: franciscan movement; poverty; form of life; Imitatio Christi; Church.

“O fruto mais saboroso da auto-suficiência é a liberdade”

Epicuro

“Un uomo sapiente può godere l'intero spettacolo del mondo
soltanto con l'aiuto dei sensi e del pensiero”

Giorgio Gaber

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO I	
Clara de Assis: o evangelho como forma de vida	
1.1 Assis: a conversão de Clara e a formação de São Damião	19
1.2 As comunidades femininas, cardeal Hugolino e a sua forma de vida.....	28
1.3 Comparação entre a <i>forma vitae</i> de Hugolino e a de Clara	36
1.4 O carisma de Clara	65
 CAPÍTULO II	
Papa Gregório IX: a pobreza franciscana	
2.1 Comparação entre a Regra não bulada e a <i>forma vitae</i> de Clara.....	73
2.2 Comparação entre a Regra bulada de 1223 e a <i>forma vitae</i> de Clara.....	99
2.3 Da Regra bulada ao Privilégio da pobreza	125
2.4 O poder dos sem poder: Clara de Assis e Gregório IX	133
 CAPÍTULO III	
Papa Inocêncio IV: a confirmação da normativa clariana	
3.1 Problemáticas legislativas na Ordem de São Damião	138
3.2 Inocêncio IV e a sua forma de vida.....	144
3.3 Comparação entre a <i>forma vitae</i> de Inocêncio IV e a de Clara	150
3.4 <i>Solet annuere</i> e a confirmação de 1253	198
 CONCLUSÃO	 204
 BIBLIOGRAFIA	 207
 APÊNDICE	 229
 ANEXOS	 237

INTRODUÇÃO

O foco desta pesquisa é uma contribuição singular à problemática da pobreza¹ presente na *forma vitae*² de Clara de 1253, a qual temos por finalidade descrever e analisar as suas consequências eclesiais, sociais e políticas para o mosteiro de São Damião e a Ordem franciscana no século XIII. Este estudo permite acompanhar o desenvolvimento do debate jurídico do movimento religioso feminino de seguimento franciscano e sua relação com a Igreja romana. Para isso, articularemos dois pontos principais: as relações políticas e eclesiais dos Papas Gregório IX (1227-1241) e Inocêncio IV (1243-1254) em relação à figura de Clara de Assis e as formas de resistências ao enquadramento jurídico dos mosteiros femininos, sobretudo do mosteiro de São Damião ao projeto político eclesial romano. Desse modo, pretendemos almejar os seguintes objetivos: compreender o projeto de evangelização da Igreja para os mosteiros femininos franciscanos, em destaque o mosteiro de São Damião; investigar as bulas papais e como repercutiram nas relações sociais e políticas na Ordem de São Damião, principalmente a responsabilidade dada aos frades com a *cura nominalium* para os mosteiros femininos; analisar os escritos de Clara, sobretudo a *forma vitae*, de modo articulado com os conflitos instaurados em torno da concepção de pobreza entre a Igreja e os conventos religiosos femininos de seguimento franciscanos através da comparação dos pontos de proximidades e os de distanciamento em latim da forma de vida de Hugolino de Óstia de 1219 (?), da Regra não bulada de 1221, da Regra bulada de 1223 e da forma de vida de Inocêncio IV de 1247; destacar os conflitos e tensões entre a Cúria romana e as damianitas.

As instituições religiosas femininas tiveram influência direta da vida monacal e laical da Itália centro-meridional, num momento chave de transformações sociais e políticas, período de mudanças no estabelecimento de normatização da sociedade. Além disso, as normas canônicas da Igreja³ romana presentes na época serviram para enquadrar os movimentos femininos como veremos a partir da análise serial das bulas pontificias relacionadas com a Ordem de São Damião. Um dos itens mais importantes

¹ O conceito de pobreza na Ordem franciscana depende do momento histórico e da discussão interna em torno do termo, por isso não há um único conceito de pobreza franciscana, mas “leituras” interpretativas a partir da Regra de 1223.

² O cardeal protetor Rinaldo di Jenne confirmou a forma de vida de Clara em 16 de setembro de 1252. A confirmação papal foi no dia 9 de agosto de 1253.

³ FORREVILLE, Raimunda. *Lateranense IV*. Vitória: Eset, 1972.

referiu-se a imposição da clausura para os mosteiros femininos e é um dos principais objeto de investigação desta tese.

A perspectiva teórico-metodológica gravita em torno da área de História Social que só podem ser vista dentro da totalidade das relações eclesiásticas e da vida cidadina, o que provocava mudanças bastante complexas nas relações sociais e políticas. Ao analisar as fontes e a historiografia relativa ao nosso tema de pesquisa, observamos que a Igreja estava preocupada com os movimentos religiosos que almejavam participação na Igreja da Baixa Idade Média, para fazer a nossa análise utilizamos o conceito de “movimento religioso feminino” formulado por Grundmann⁴, como parte do movimento de piedade laica cidadina.

Naquele tempo, o papel das normas foi o de adaptação à vida da *urbe* medieval onde todas as profissões e situações sociais eram rigorosamente regulamentadas; como exemplo, as profissões lícitas, a prostituição, as corporações de ofício, as confrarias, as instituições assistenciais, as Ordens Terceiras, as ordens de cavalaria, a vida dos leprosos e outros proscritos da sociedade medieval. A necessidade de regulamentação advinha do fato de a cidade representar um lugar propício à propagação de heresias e movimentos de rebeldia⁵. As cidades foram um ponto de encontro dos diversos grupos existentes naquela sociedade; era o lugar onde circulavam as ideias e onde se reunia um maior número de pessoas, onde se albergavam os viajantes; logo, um *carrefour* de ideias, às vezes perigosas.

Assim, o tempo no qual viveu Clara de Assis⁶ (1193 -1253) foram anos de mudanças e transformações culturais: o desenvolvimento das cidades, o nascimento da

⁴ GRUNDMANN, Herbert. *Movimenti religiosi nel Medioevo*. Ricerche sui nessi storici tra l'eresia, gli Ordini mendicanti e il movimento religioso femminile nel XII e XIII secolo e sulle origini storiche della mistica tedesca. Bologna: Il Mulino, 1974.

⁵ Os elementos que contribuíram na formação destes movimentos pauperísticos, as discussões internas, as doutrinas e interpretações da *forma vitae*. Em português, consultar a seguinte bibliografia: FALBEL, Nachman. *As heresias medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1999; FALBEL, Nachman. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Perspectiva, 1995; MAGALHÃES, Ana Paula Tavares, *A Questão Espiritual nos Beguinos da Provença*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998; MAGALHÃES, Ana P. T., *Contribuição à questão da pobreza presente na obra Arbor Vitae Crucifixae Iesu, de Ubertino de Casale*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004; MAGALHÃES, Ana Paula T. *Movimentos Religiosos na Baixa Idade Média – os séculos XII e XIII*. Série de Conferências. São Paulo: Província dos Capuchinhos de São Paulo, 2005; ZERNER, Monique. *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas: Unicamp, 2009.

⁶ Recentemente aumentaram as publicações sobre a trajetória de Clara e seus escritos na historiografia, com abordagens teórico-metodológica diversas, dentre elas, destacamos: VIGINI, G. (org.). *Francesco e Chiara D'Assisi - «Dove è odio, fa che io porti l'amore»*. Cinisello Balsamo: San Paolo Edizioni, 2016; MARANESI, Pietro. *Francesco e Chiara: due volti dello stesso sogno*. Assisi: Cittadella, 2015; ACQUADRO, Chiara Agnese. *Sulle orme di Gesù povero: Chiara d'Assisi e il suo itinerario di vita*. Assisi: Porziuncola, 2014; ROEST, Bert. *Order and disorder: the poor Clares between Foundation and*

universidade, o incentivo às trocas comerciais, o surgimento dos movimentos pauperísticos de cunho apostólico e itinerante, a heresia propagada por movimentos religiosos contrários a Cúria romana⁷. Todos estes elementos históricos normalmente reportavam a um período de florescimento eclesiástico de renovação cristã, às mudanças sócio-econômicas ocorridas no contexto da desagregação do sistema feudal e dos laços de parentela, o desenvolvimento de piedosos laicos – preocupados com o exercício de sua religião cristã, entre a segunda metade do século XII e princípios do século XIV, assim os movimentos de heresias, essencialmente marcados pelo discurso e pela prática da pobreza, representavam, para além de “desvios de ortodoxia, uma autêntica forma de manifestação do desejo de re-união, extravasando até então os limites de controle clerical⁸.

Não podemos perder de vista que a *fraternitas* criada por Francisco de Assis era um estado de espírito ou um ideal num grau elevado de abstração numa época em que a burguesia emergente dominava o ambiente citadino. Na forma de vida de Clara há uma definição de maneira absoluta do sentido da palavra pobreza, implicando ela própria em ideal e estado de espírito. Neste estudo a prioridade é analisar as etapas do debate jurídico sobre a problemática em questão, entre a Cúria romana e a Ordem de São Damião.

Como veremos ao longo desta tese, Clara recusou textos normativos impostos por papas porque não continham a base da espiritualidade prometida a São Francisco - pontos irrenunciáveis desta opção de vida. Entre eles, a pobreza no sentido absoluto sem posse de bens e sem nada de próprio, diferente do “despojamento interior” proposto pela

Reform. Boston: Brill, 2013; DURIGHETTO, Claudio. *Chiara d'Assisi e il suo Ordine: una avventura evangelica tracciata da San Francesco*. Assisi: Porziuncola, 2013; BARTOLI, Marco. *La santità di Chiara d'Assisi: una lettura storica delle fonti*. Assisi: Porziuncola, 2012; MARANESI, Pietro. *La clausura di Chiara d'Assisi: un valore o una necessità*. Assisi: Porziuncola, 2012; ACCROCCA, Felice. *La conversione di Chiara d'Assisi: un percorso attraverso le fonti*. Assisi: Porziuncola, 2012; DI MURO, Raffaella. *La mistica di Santa Chiara: dimensioni e attualità*. Roma: Casa editrice Miscellanea Francescana, 2012; PASQUALE, Gianluigi. *Chiara d'Assisi: donna di luce*. Torino: Lindau, 2012; CREMASCHI, Chiara Giovanna. *Donne emerse dall'ombra: l'eredità di Chiara di Assisi: il duecento*. Assisi: Porziuncola, 2011; FRUGONI, Chiara. *Storia di Chiara e Francesco*. Torino: Einaudi, 2011; SANTAMBROGIO, Cristiana. *Un legame liquido: cambiamenti di stato in Chiara d'Assisi*. Assisi: Cittadella, 2010; FASSINI, D. *Forma de vida da Ordem das Irmãs Pobres*. Leitura e Comentários. Cascavel: Federação Sagrada Família dos Mosteiros da Ordem de Santa Clara no Brasil, 2009.

⁷ MANSELLI, Raoul. *La religion populaire au Moyen âge*. Problemes de method et d'histoire. Paris: Institut d'études médiévales Albert -leGrand-Libreirie J. Vrin, 1975.

⁸ Conforme a autora, os Beguinos passaram a viver em consonância com os ideais mais radicais da pobreza apostólica, assumindo a forma de laicos piedosos, lendo e relendo em comunidade as obras daquele que passou a ser considerado o seu mentor: Pedro de João Olivi. MAGALHÃES, A.P.T. A heresia como forma de resistência à exclusão social: o caso dos Beguinos (sul da França e norte da Itália - 1307-1323). *Dimensões* (UFES), v. 23, 2009, p. 182-198.

Igreja. Desta forma, a nossa hipótese gira em torno de que a Igreja tinha um projeto político para o movimento franciscano no qual incluía o mosteiro de São Damião, porém Clara e suas companheiras tinham outro modo de agir e pensar no que concerne à problemática em questão e almejavam manter os laços com os frades menores.

Ademais, enquanto Francisco teve um grande número de manuscritos atribuídos a ele, os escritos atribuídos à Clara⁹ são em número bastante reduzido, podendo ser rapidamente enumerados, o que não significa que são fáceis de entendimento. Para Bartoli¹⁰, os escritos de Clara não se configuram como um *corpus* orgânico porque não foram encontradas uma quantidade, diferentemente de Francisco de Assis. Para a nossa pesquisa interessa-nos a forma de vida de Clara, que representa os conflitos e a resistência de Clara de Assis para manter os laços com os frades, sobretudo, os primeiros companheiros de Francisco.

⁹ Dentre as edições críticas que contém as fontes que foram consultadas, destacamos as seguintes: BOCCALI, G. *Fonti Clariane*. Documentazione antica su santa Chiara di Assisi: scritti, biografie, testimonianze, testi liturgici e sermoni. Assisi: Editrici Francescane, 2015; BOCCALI, Giovanni (org.). *Fonti Clariane*. Documentazione antica su santa Chiara di Assisi: scritti, biografie, testimonianze, testi liturgici e sermoni. Assisi: Porziuncola, 2013; DALARUN, Jacques e HUEROU, Armelle Le (org.). *Claire d'Assise*. Écrits, Vies documents. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013; BERTAZZO, Luciano. *Gli scritti di Francesco e Chiara d'Assisi*. Padova: Editrici Franciscane, 2012; PAOLAZZI, Carlo. *Fonti francescane*. Padova: Editrici Francescane, ristampa 2012; CANONICI, Luciano. *Tutti gli scritti: San Francesco e Santa Chiara d'Assisi*. Assisi: Porziuncola, 2011; TEIXEIRA, Celso Márcio (org.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 2008; ACCROCCA, Felice. *La regola, le lettere e il testamento spirituale: tutti gli scritti della Santa di Assisi*. Casale Monferrato: Piemme, 2004; CAROLI, Ernesto (org.) *Fonti Francescane, nuova edizione*. Scritti e biografie di san Francesco d'Assisi. Cronache e altre testimonianze del primo secolo franciscano. Scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi. Testi normativi dell'Ordine Franciscano Secolare. Padova: Editrici Francescane, 2004; PEDROSO, José Carlos Corrêa. (org.). *Fontes Clarianas*. 4º ed. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2004; Federazione delle Clarisse S. Chiara d'Assisi di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative: sinossi cromatica*. Padova: Messaggero, 2003; MENESTÒ, Enrico e BRUFANI, Stefano. *Fontes franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995, p. 2223-2260; CREMASCHI, Giovanna; ACQUADRO, Agnese. *Scritti di Santa Chiara d'Assisi*. Vol. 1 Commento. Assisi: Porziuncola, 1994; PEDROSO, José Carlos Corrêa. *Fontes Clarianas*. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1994; ; ZOPPETTI, Giorgio e BARTOLI, Marco (org.). *S. Chiara d'Assisi*. Assisi: Editrice Francescani, 1994; ARMSTRONG, Regis J. *Clare of Assisi: early documents*. New York: Paulist Press, 1988; BECKER, Marie F. et. alii. (org.) *Chiara D'Assisi*. Scritti. Edicion bilingue. Vicenza: Edizioni LIEF, 1986; BECKER, Marie F.; GODET, Jean-François; MATURA, Thaddée. *Écrits*. Claire d'Assise. Paris: Cerf, 1985 ; DA CAMPAGNOLA, Stanislau (org.) *Fonti francescane, Scritti e biografie di San Francesco d'Assisi*. Cronache e altre testimonianze del primo secolo franciscano. Scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi. Testi normativi dell'ordine Franciscano Secolare. Assisi: Franciscane, 1977; OLGATI, Feliciano. *Gli scritti di Francesco e Chiara d'Assisi*. Padova: Messaggero, 1996 (1ª edição 1987); OMAECHEVARRIA, Ignácio. e cols. *Clara de Assis*. Escritos de Santa Clara y documentos contemporáneos. Introducciones, traducción y notas de Edicion bilingüe. Madrid, 1970; *The Franciscan Archive*. A *www Resource on St. Francis and Franciscanism*. *Historical Documents about St. Clare*. Disponível em: <<http://www.franciscan-archive.org/index2.html>> Acesso em: 10 Maio 2016; VORREUX, Damien. *Les écrits de Saint François et de Sainte Claire d'Assise*. Paris : les éditions Franciscaines, 1996, (1ª edição 1953) ; WADDING, Luca. *Annales*. Florença: Quaracchi, 1931.

¹⁰ BARTOLI, Marco. *Clara de Asís*. Madri: Editorial Franciscana Aránzazu Oñate, 1992, p. 19.

Um dos pontos mais importantes se dá nos capítulos e divisões dos temas que procuraram acentuar o caráter disciplinador feminino dentro da pobreza na clausura. Porém, não podemos esquecer que essas normas religiosas são de certa forma uma reação aos avanços da heresia, demonstra o projeto político da Cúria romana com o intuito de evangelizar, moralizar e “converter” os movimentos religiosos femininos da época, também mosteiros e corporações femininas, com o objetivo de enquadrá-los na ortodoxia da Igreja católica. Assim, encontramos nos textos uma preocupação com caráter exclusivo da fé, acentuado pelo esforço missionário de devoção e conversão. Nesse sentido, esperamos encontrar não uma simples forma de vida para monjas, mas um ideal de vida apostólica para a sociedade citadina do século XIII, foram modelos de conduta, centrado na experiência eclesiástica de uma Igreja, que pretendia concretizar um modo de vida para os fiéis daquele período.

Como metodologia da análise textual, comparamos em latim as permanências e rupturas do conteúdo da forma de vida de Clara e das formas de vida anteriores impostas ao mosteiro de São Damião, visto que esses documentos não representam uma unidade para a formação do movimento religioso feminino de seguimento franciscano. Além de ter em mente que não podemos perder de vista a contextualização do mosteiro de São Damião num momento em que as cidades estavam reflorescendo e as regras possuíam uma intersecção com as normatizações jurídicas urbanas e eclesiásticas do início do século XIII.

Quando analisamos as fontes, especialmente a forma de vida de 1253, o percurso escolhido foi o da análise comparativa do discurso e na sua análise interna foi necessário articular com a trajetória de vida de Clara. Já na análise externa dos documentos eclesiásticos enfocamos nas bulas e no conflito com a autoridade eclesiástica, Clara e Inês de Praga, porque as formas de resistências só podem ser compreendidas e explicadas dentro do contexto histórico em que estão inseridas.

Enfim, esclarecemos que não é nossa intenção escrever uma biografia de Clara, mas destacar alguns traços biográficos da sua trajetória quando necessário. A nossa análise gravitará numa abordagem jurídica do debate da pobreza a partir do mosteiro de São Damião, a especificidade desta pesquisa está relacionada com a leitura das fontes e, principalmente, da historiografia italiana e francesa. A partir destas considerações, pretendemos verificar o debate político e social no âmbito das discussões jurídicas da Igreja, da Ordem franciscana e da Ordem de São Damião. Em suma, consideramos que a construção da norma no mosteiro de São Damião deve ser pensada no sentido coletivo

e não somente como parte da individualidade de Clara de Assis; por isso o uso do termo *Sorores minores* ao longo desta tese.

CAPÍTULO I - Clara de Assis: o evangelho como forma de vida

“Claire est une femme de son temps”.

Catherine Savey

“La vida de Clara se desenvolió por entero em torno a Asís”.

Marco Bartoli

“Perché come per Francesco così per Chiara l'autorità era soprattutto un servizio”.

Maria Pia Alberzoni¹¹

1.1 Assis: a conversão de Clara e a formação de São Damião

Clara de Favarone de Offreduccio nasceu em 1193 em Assis, no coração da Úmbria¹². A cidade de Assis¹³ na qual viveu Clara¹⁴ é de origem romana, pátria do poeta Propércio. Devido a sua posição geográfica, à meia costa do Monte Subásio, situa-se num ponto de grande importância estratégica para o controle das estradas que, de Foligno, levam a Perúgia ou que chegam a Espoleto. Na segunda metade do século XII, constituía, num ponto avançado, a cunha do ducado imperial de Espoleto em direção a Perúgia que, junto com grande parte da Úmbria, estava sob a influência da Igreja romana¹⁵.

¹¹ As referências citadas sobre Clara foram retiradas de: SAVEY, Catherine. Les autorités de Claire. In: Brunel-Lobrichon, Geneviève et all. (org.) *Sainte Claire d'Assise et sa postérité: actes du colloque international organisé à l'occasion du VIIIe centenaire de la naissance de sainte Claire*, U.N.E.S.C.O. Nantes: Association Claire aujourd'hui, 1995, p. 61; BARTOLI, Marco. *Clara de Asís*. Madri: Editorial Franciscana Aránzazu Oñate, 1992, p. 31; ALBERZONI, M. P. *Santa povertà e beata semplicità*. Francesco d'Assisi e la chiesa romana. Milano: vita e pensiero, 2015, p. 251.

¹² Na região da Úmbria, os beneditinos estavam fortemente presentes de forma difusa e capilar. Giovanna Casagrande enumera 58 mosteiros beneditinos masculinos urbanos e rurais no tempo de Francisco e Clara, entre os anos 1180 e 1210. CASAGRANDE, G. *Intorno a Chiara*. Il tempo della svolta: le compagne, i monasteri, la devozione. Assisi: Porziuncola, 2011, pp. 28-31.

¹³ Sobre a cidade de Assis consultar as obras: a primeira, de autores coletivos, destacamos o quadro político do século XIII traçado por Ovidio Capitani. In: BRUFANI, S.; MENESTÒ, Enrico. *Assisi anno 1300*. Assisi: Porziuncola, 2002. Já no livro de Uribe, o autor destaca os vestígios arquitetônicos como prova da longínqua formação da cidade a partir do século IV a. C. URIBE, Fernando. *Por los caminos de Francisco de Asís*. Oñate: Franciscana Aránzazu, 1990.

¹⁴ Podemos afirmar que antes de 1953 a bibliografia crítica sobre Clara de Assis era quase inexistente, ver a obra: VILLAPADIerna, Isidoro de; MARANESI, Pietro. *Bibliografia di santa Chiara di Assisi 1930-1993*. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 1994.

¹⁵ Cf. MANSELLI, Raoul. *São Francisco*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 30.

Para situar a região da Úmbria e a cidade de Assis ver mapas 1, 2 e 3 em anexo.

A família de Clara era de linhagem nobre, pertencia à nobreza cavaleiresca, uma família *maiores* da cidade. Estes *maiores* ou *boni homines* formavam parte da aristocracia, que detinham o poder no campo, possuíam castelos e propriedades, palácios urbanos e empresas militares. A cidade de Assis tinha muitas famílias com esse poder, as quais se apoiavam em alianças, sobretudo de Perúgia, mergulhadas numa guerra em defesa da cidadania assisiense. O pai de Clara era um *miles*, um cavaleiro, pertencia à família dos descendentes de Offreduccio.

A casa de onde Clara provém era típica *domus* aristocrática de uma cidade da Itália central, em uma casa situada numa região estratégica, perto da igreja de São Rufino, na parte alta do lugar. A igreja de São Rufino era frequentada pelas famílias mais ilustres, representava o centro aristocrático da cidade, que se contrapunha à nova praça da comuna, situada numa parte mais baixa e sob influência do bispo. Essa oposição urbanística de Assis já identificava na planta arquitetônica o caráter aristocrático do lugar. A família do tio Monaldo, os Favarone, era um grupo social articulado, compacto e rigidamente organizado em torno da linhagem masculina. A mãe Ortolana teria escolhido o nome de Clara. Ela foi a sua maior influência, proveniente de família aristocrática, casada com um Favarone, uma das famílias mais importantes de Assis. O pai viajava muito, ia a Roma e Santiago de Compostela, São Miguel de Gárgano e à Terra Santa, lugares de peregrinações naquele período¹⁶.

A vida na cidade de Assis convulsionava os grupos de mulheres aristocráticas que viviam próximo a praça de São Rufino. Quando havia guerra civil, que dividia a cidade, a família de Clara formava parte dos *maiores* contra os *minores*, que constituíam a maioria da população. De 1203 a 1225, a família Favarone e a família de Clara, Offreduccio, tiveram que abandonar a cidade. O exílio foi na cidade de Perúgia, os *maiores* levaram a melhor parte. Em relação a família de Clara neste exílio nada se sabe ao certo, talvez ela encontrava-se com as mulheres jovens aristocráticas assisienses que viveram em Perúgia, estreitando os laços de amizade¹⁷.

Nos arredores de Assis, a cultura cortesã cavaleiresca representava o espaço da mulher aristocrática reduzido à casa senhorial. Para Marco Bartoli, junto dessa cultura laica, Clara conheceu a cultura hagiográfica e isso teria contribuído para a sua escolha em seguir uma vida religiosa. A vida de São Rufino, que mantinha um equilíbrio na estreita relação com o mundo dos habitantes daquela comuna, e a vida em Assis, no

¹⁶ BARTOLI, Marco. *Clara de Assis...*, pp. 33-36.

¹⁷ Idem, p. 39.

começo do século XIII, era bastante difícil somada à guerra civil que dividia os habitantes da cidade. Havia muitos relatos de curas milagrosas que ocorreram por intercessão de São Rufino, como emergente da cultura dos vencidos, dos pobres, que se reuniam no túmulo do santo. Essas histórias de curas milagrosas teriam influenciado a escolha de Clara que vivia constantemente nesta igreja¹⁸. Antes da conversão, o que sabemos da vida de Clara advém das informações provenientes do seu processo de canonização, Clara iniciou-se na *conversio*, momento de expressão presente na *Memoriale* de Tomás de Celano (1200-1265), iniciando os contatos com os frades em torno de Francisco (1182-1226)¹⁹.

Os testemunhos de suas parentes e vizinha da família Guelfuccio sobre a conversão de Clara foram importantes no processo de canonização, além das descrições da sua própria conversão, exposta em seu *Testamentum*. O tema penitencial e a conversão a Cristo assume para Clara um significado nas obras de misericórdia às que eram empenhados Francisco e seus coirmãos. Clara e suas companheiras fizeram parte do movimento religioso feminino, viveram no convento de São Damião.

Assim, o movimento feminino franciscano²⁰ nasceu praticamente com a vestição de Clara na Porciúncula no dia 28 de março de 1211 ou 18 de março de 1212²¹, momento em que os Irmãos se reuniram em torno da *fraternitas* criada por Francisco. O episódio da tonsura ocorreu em Porciúncula, quando Clara teria entrado para o estado penitencial depois de ouvir e acolher a pregação de Francisco, que sancionou a sua entrada pelo corte dos cabelos diante do altar de Santa Maria dos Anjos. Clara ficou impressionada pela opção de Francisco, ele serviu de modelo para a opção dela. Por isso, a insistência com que Clara recorda da *conversio* em seus escritos como um novo nascimento, o encontro com Francisco, uma nova vida²². No ano de 1211, quando Clara

¹⁸ BARTOLI, Marco. *Op. cit.*, pp. 44 e 45.

¹⁹ Cf. ALBERZONI, Maria Pia. Chiara e i frati. In: PARMIGIANI, A. e CANALI, P. (org.) *Chiara d'Assisi: vangelo al femminile*. Atti del Convegno di studio. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2013, pp. 70 -75; CASAGRANDE, G. *Intorno a Chiara...*, pp. 69-70.

²⁰ Nesta Tese, faremos o uso do termo movimento com o sentido empregado por David Flood, porque entendemos que a história do movimento franciscano está imbricada na história de vida de Francisco de Assis, sem a história de Francisco não haveria o movimento, porém podemos pensar o inverso, sem os companheiros, Francisco não teria praticado a *Imitatio Christi*. Dessa forma, procuramos lembrar que a elaboração da normativa e das diretrizes do franciscanismo realizaram-se numa construção coletiva, por isso justificamos o uso do termo “movimento franciscano” como o mais adequado e dinâmico. FLOOD, David. *Frei Francisco e o Movimento Franciscano*. Petrópolis: CEFEPAL, 1986, p. 65.

²¹ Existe uma divergência na historiografia em relação à data de Conversão de Clara que oscila entre 28 de março de 1211 ou 18 de março de 1212.

²² “Nam cum ipse sanctus adhuc non habens fratres nec socios, statim quasi post conversionem suam, cum ecclesiam Sancti Damiani aedificaret, ubi consolatione divina totaliter visitatus, compulsus est saeculum ex toto relinquere, prae magna laetitia et illustratione Spiritus Sancti de nobis prophetavit, quod

escolheu a vida religiosa, não se falava em Ordem e menos ainda em mosteiro, mas da fuga de uma moça de dezoito anos da casa paterna. A nascente comunidade feminina em São Damião era composta no ano de 1211, por Pacífica e Benvinda; Balbina teria entrado entre os 1211 e 1212; Cecília entrou entre os 1213 e 1214; Filipa entrou em 1215; todas viviam de modo informal em uma pequena comunidade que se assemelhava a um eremitério, talvez a uma casa de “beguinhas”²³.

Francisco era de família de mercadores enquanto Clara era de extração nobre, porém agrega a si o mesmo *status*, podemos fazer a leitura disso como uma novidade de escolha de vida religiosa, uma colocação alternativa de confronto do contexto social (crise da nobreza, paz social, tradicionalmente a alternativa para as mulheres aristocráticas era viver na clausura em mosteiros religiosos femininos). Na fase inicial, o recrutamento das companheiras advinha das próprias parentes e mulheres nobres da cidade de Assis²⁴. No século XIII, a matriz familiar aristocrática-nobre das mulheres fez parte do âmbito do monaquismo tradicional e também no quadro dos movimentos religiosos, novas ordens²⁵. A “*vita religiosa*” das mulheres era sempre organizada e subordinada aos conventos masculinos e aos seus ordenamentos monásticos, assim, a incorporação dos movimentos religiosos femininos só eram possíveis com a união às Ordens masculinas já existentes²⁶.

Para Grado Merlo, a opção pela pobreza²⁷ e pela penitência, em ligação com os frades menores, levou Clara aos primeiros momentos de experiência religiosa. Ela

Dominus postea adimplevit. [...] Et sic de voluntate Dei et beatissimi patris nostri Francisci ivimus ad ecclesiam Sancti Damiani moraturae, ubi Dominus in brevi tempore per misericordiam suam et gratiam nos multiplicavit, ut impleretur quod Dominus praedixerat per sanctum suum.”, a passagem citada do Testamentum Sanctae Clarae, MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani*. Assis: Edizioni Porziuncola, 1995, p. 2313.

²³ DALARUN, Jacques. *Governare è servire*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2015, p. 9.

²⁴ CASAGRANDE, G. *Intorno a Chiara...*, pp. 58 e 61.

²⁵ LECLERQ, J. Il monachesimo femminile nei secoli XII e XIII. In: *Movimento religioso femminile e francescanesimo nel secolo XIII*. Atti del VII Convegno Internazionale di studi francescani (Assisi, 11-13 ottobre 1979). Assisi: Porziuncola, 1980, pp. 79-83. Os conceitos de *religio* e *ordo* poderiam ser sinônimos no sentido de “Ordens religiosas”, no entanto, como a Cúria romana estava com dificuldades em incorporar os movimentos religiosos laicos na estrutura da Igreja, o cardeal Hugolino, formulou o princípio de que cada *religio*, cada forma de vida reconhecida pela Igreja, deveria ter uma regra e norma precisa, preceitos e sanções. GRUNDMANN, H. *Movimenti religiosi nel Medioevo*. Bologna: Mulino, 1974, p. 171.

²⁶ GRUNDMANN, H. *Op. cit.*, p. 172.

²⁷ Sobre o tema, Chiara Frugoni informa que Clara via a vida religiosa não como mortificação, penitência ou jejuns, nem mesmo como um silêncio severo, mas como um ideal de pobreza evangélica, imitando na existência cotidiana a vida pobre e humilde de Cristo e da Virgem. A regra era o próprio evangelho e a prática da pobreza um meio de se aproximar dos ideais religiosos de Francisco. FRUGONI, C. *Chiara d'Assisi: una solitudine abitata*. Bari: Laterza, 2006, p. 28.

dirigiu-se para o mosteiro feminino beneditino de São Paulo das Abadessas²⁸, localizado perto de Assis, no caminho para Perúgia, e participou também da vida religiosa da comunidade de senhoras de Assis, penitentes em Santo Angelo de Panço. Logo, após essas duas experiências religiosas e três anos de Conversão, Clara e suas primeiras companheiras assumiram o mosteiro de São Damião, dado por Francisco.²⁹

Para Tomás de Celano, na *Vita beati Francisci*, a conversão de Clara limita-se ao papel de restauro da igreja de São Damião desempenhado por Francisco e a promessa de obediência ao mesmo. Clara foi a pedra angular da *ordo pauperum Dominarum et sanctarum virginum*. Uma análoga interpretação deste episódio encontra-se na *Legenda sanctae Clarae virginis*, com mais detalhes do papel de Francisco endereçando a vida religiosa de Clara, colocando-a no mosteiro de São Paulo das Abadessas e Santo Angelo de Panço, uma fuga do mundo no sentido monástico, lugar de clausura, de reclusão.³⁰ A conversão de Clara teve sua origem no ideal de vida de Francisco de Assis. Dessa forma, a experiência de vida cristã remete à inspiração de seguir Cristo na experiência de “Pai Francisco”, conforme o Testamento de Clara nos informa.³¹

A passagem de Clara de São Paulo das Abadessas a Santo Angelo e depois para São Damião³² foi um percurso geográfico significativo e simbólico. Ela prometeu obediência a Francisco e com a chegada das primeiras irmãs de maneira lenta e gradual

²⁸ Para Bartoli, Clara entrou em São Paulo das Abadessas, não como monja, mas como serva, como conversa. BARTOLI, M. *Clara de Assis...*, pp. 77-79.

²⁹ MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco. História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI*. Petrópolis: Vozes; FFB, 2005, p. 87.

³⁰ ALBERZONI, M. P. Chiara e i frati..., pp. 76-77; “Paucis interiectis diebus, ad ecclesiam S. Angeli de Panso transivit; ubi cum non plene mens eius quiesceret, tandem ad ecclesiam S. Damiani, beati Francisci consilio, commigravit”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004, 5. ed. p. 142.

³¹ O testamento de Clara não foi escrito por ela, o manuscrito é um testemunho do século XIII. Werner Maleczek considera um texto apócrifo. Cf. MALECZEK, Werner. *Chiara d'Assisi. La questione dell'autenticità del privilegium paupertatis e del testamento*. Milano: Edizioni biblioteca francescana, 1996, p. 126; “Postquam altissimus Pater caelestis per misericordiam suam et gratiam cor meum dignatus est illustrare, ut exemplo et doctrina beatissimi patris nostri Francisci poenitentiam facerem, paulo post conversionem ipsius, una cum paucis sororibus quas Dominus mihi dederat paulo post conversionem meam, obedientiam voluntarie sibi promisi sicut Dominus lumen gratiae suae nobis contulerat per eius vitam mirabilem et doctrinam. [...] et ad pietatem erga nos motus, obligavit se nobis per se et per religionem suam habere semper de nobis tanquam de fratribus suis curam diligentem et sollicitudinem specialem. [...] Postea scripsit nobis formam vivendi et maxime ut in sancta paupertate semper perseveraremos.” Testamentum Sanctae Clarae. In: MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani*. Assis: Edizioni Porziuncola, 1995, p. 2313.

³² Dedicada aos santos Cosme e Damião, a Igreja originalmente devia ser composta de uma nave, um presbitério sobrelevado e uma cripta no plano inferior. O primeiro documento que se refere ao local data de 1030 encontra-se no arquivo de São Rufino. Era propriedade do bispo de Assis e foi depois cedido à Clara em 1211/1212. BOCCALI, G. “São Damião, santuário”. In: CAROLI, E. *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 682-690.

deu-se o início do processo redacional da *forma vivendi* de Francisco a *forma vitae* de Clara³³.

A experiência de Clara foi atravessada por duas tensões: uma é a vida religiosa próxima da *fraternitas*³⁴ de Francisco e a outra foi marcada pela Sé apostólica com o projeto de regulamentar o mosteiro segundo os princípios canonísticos da vida regular. Esse processo de formação da comunidade de São Damião, que se configura numa experiência única pelo estilo de vida e por vários motivos concorrentes com o monaquismo feminino, inaugurado por Hugolino em 1218, deixava Clara numa difícil posição para seguir a *fraternitas*, no esforço de manter a originária fidelidade a Francisco na *sequela Christi*³⁵ e, nas relações com os primeiros *socii* de Francisco houve muitos percalços, tensões e embates com a Cúria Romana³⁶.

De uma maneira rápida, Clara foi escolhida como a abadessa de São Damião pelas demais companheiras³⁷. Em 1219, o cardeal Hugolino, protetor da Ordem franciscana³⁸, estabeleceu ao mosteiro de São Damião uma *Forma vitae*³⁹ que recebeu o

³³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico. Volume II. Padova: Messaggero, 2005, p. 35.

³⁴ *Fraternitas* remete à existência de relações recíprocas de cada um em relação a cada um, um *alter alterius*, difere bastante do que hoje chamamos de fraternidade; no século XIII, implica consanguinidade espiritual de batizados com Cristo para um mesmo grupo. Segundo Desbonnets, a melhor definição de fraternitas seria de G. Le Bras: “A *fraternitas* é essencialmente um grupo de iguais, associados para uma obra comum, que pode ser religiosa ou profana” e de Michaud-Quantin: “A confraria medieval manifesta-se assim como um grupo, cujos membros proclamam e procuram realizar entre si os laços da fraternidade que unem os cristãos, e também encontram, na sua união, uma resposta à busca de uma solidariedade de base que os ajuda a escapar de sua condição de isolados”. DESBONNETS, Theophile. *Da intuição à instituição*. Petrópolis: Vozes, 1987, pp. 75-76.

³⁵ O seguimento de Cristo é o elemento essencial de toda forma de profissão religiosa, no “viver segundo a forma do Santo Evangelho”. No caso franciscano, significa “observar a humildade e a pobreza de Cristo”. Clara exprime da mesma forma que Francisco, na prática da pobreza cotidiana o modo de seguir Cristo. “Seguimento de Cristo”. CAROLI, E. (org.) *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 931-932.

³⁶ ALBERZONI, M. P. Chiara e San Damiano tra ordine minoritico e curia papale. *Convivium Assisiense*, n. s., anno VI – gennaio-giugno n. I, edizioni Porziuncola, 2004, p. 27.

³⁷ O número de companheiras de Clara em São Damião gravitava em torno de 24 irmãs, a única fonte de informação provém do seu processo de canonização, sendo 17 testemunhas diretas mencionadas no manuscrito. CASAGRANDE, G. *Intorno a Chiara...*, pp. 45-48.

³⁸ A função do cardeal protetor era corrigir as situações de perturbação. Ele agia como um guia disciplinador “externo”, que cuidava das intervenções coercitivas que aos poucos se tornavam necessárias. MERLO, Grado G. *Op. cit.*, p. 38. Na Ordem Franciscana, a figura de cardeal protetor existe desde 1217, data na qual inicia o processo de institucionalização do movimento franciscano. As funções do cardeal protetor estão explicitamente descritas na normativa franciscana no final do capítulo XII: “Ad haec per obedientiam iniungo ministris, ut petant a domino papa unum de sanctae Romanae Ecclesiae cardinalibus qui sit gubernator, protector et corrector istius fraternitatis, ut semper subditi et subiecti pedibus eiusdem sanctae Ecclesiae stabiles in fide catholica paupertatem et humilitatem et sanctum evangelium Domini nostri Jesu Christi quod firmiter et promissimus, observemus.”. MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani...*, p. 180.

³⁹ Para Giorgio Agamben, o sintagma “forma de vida” não é uma invenção franciscana, sendo bem anterior ao monaquismo e já estava presente na biografia tardo-antiga. A hagiografia medieval teria recebido dos antigos, como Sêneca (hanc... sanam ac salubrem *formam vitae* tenete), Cícero (nostrae

nome *a posteriori* de Constituições Hugolinas, assim, neste primeiro momento, as “Irmãs Pobres” eram obrigadas a observar a regra beneditina com alguns acréscimos de Hugolino. Embora não haja um documento endereçado a São Damião, estabelecendo a *Forma vitae* de Hugolino, é importante a análise deste texto porque muitas frases estão presentes na *forma vitae* de Clara. Ela sempre se referiu como “a plantinha do bem-aventurado pai Francisco”, prometendo obediência ao fundador de sua comunidade e como pai da sua própria opção de vida na pobreza voluntária, conforme o seu *Testamentum*, na qual fala do início de sua vida religiosa, porém o Testamento⁴⁰ não foi escrito por Clara, apesar de ser atribuído a ela, é um manuscrito importante, porque o seu conteúdo estabelece uma imagem dada pela Igreja.

A regra beneditina com os acréscimos de Hugolino não continha o ideal de pobreza franciscana, por isso Clara insistia junto ao Papa um “privilégio” para preservar a inspiração pauperística e para evitar impasses em relação à pobreza adotada pela sua comunidade. O reconhecimento do “Privilégio da Pobreza” foi dado a Clara pelo Papa Inocêncio III (1198-1216) com uma aprovação oral dada em 1214, não há um documento escrito do seu pontificado. Outros papas emitiram bulas a respeito do que seria o “Privilégio da Pobreza” das “Irmãs pobres” que trataremos mais adiante. Apenas enfatizamos que o “*Privilegium paupertatis*” foi assumido como um valor jurídico e dado a uma laica que fez a sua profissão de fé religiosa um modo de vida que havia se iniciado com um outro laico iletrado. Essa “concessão pontifícia” revela-nos os inícios da comunidade, o privilégio de viver sem privilégios, um privilégio que garantia uma vida sem garantias⁴¹.

O mosteiro de São Damião iniciava com uma originalidade nunca vista antes no monaquismo feminino Ocidental. O “Privilégio da Pobreza” passou a ser visto como o coração da comunidade e não a regra beneditina até então adotada. Dessa forma, as características básicas da nova comunidade, juridicamente assegurada, eram três: a vida

quidem rationis ac *vitae* quase quandam *formam*... vides) e Quintilhiano (nella variante certa *forma ad quam viveremus*). O valor semântico era de *imago*, exemplar, *exemplum*, *norma rerum*, enfim “exemplo, modelo”. AGAMBEN, G. *Altissima povertà*. Regole monastiche e forma de vita. Vicenza: Neri Pozza editore, 2015, 5. ed., p. 119.

⁴⁰ “Considerans igitur, ego Clara, Christi et sororum pauperum monasterii Sancti Damiani ancilla, licet indigna, et plantuncula sancti patris, cum aliis meis sororibus, tam altissimam professionem nostram et tanti patris mandatum, fragilitatem quoque aliarum, quam timebamus in nobis post obitum sancti patris nostri Francisci, qui erat columna nostra et unica con-solatio post Deum et *firmamentum* (cfr. 1Tim 3,15), iterum atque iterum voluntarie nos obligavimus dominae nostrae sanctissimae paupertati, ne post mortem meam sorores, quae sunt et quae venturae sunt, ab ipsa valeant ullatenus declinare.” *Testamentum Sanctae Clarae*, MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani*..., p. 2315.

⁴¹ BARTOLI, Marco. *Op. cit.*, pp. 110-111.

em comum, o trabalho com as próprias mãos – que não reveste um valor econômico, mas ligado à pobreza – e, sobretudo, à opção pela pobreza.⁴² Desde o início, o movimento feminino franciscano estabeleceu-se sob o prisma contemplativo de vida evangélica com base na pobreza integral, caridade e comunhão fraterna.

Essa “imitação da vida de Cristo” consistia no seguir a Cristo pobre e humilde, *sequela Christi*, premissa básica do franciscanismo, observar a pobreza e a humildade de Cristo homem, segundo o exemplo do “Pai Francisco”. Assim, a opção pela *paupertas christiana* distinguia a Ordem franciscana das demais instituições religiosas do Ocidente Medieval, porque a pobreza voluntária era vivida com tal plenitude e austeridade que se constituiu, na história da vida religiosa e na Regra dos frades menores como ponto de partida. Dessa maneira, a “Altíssima pobreza” caracterizava-se no princípio de não ter propriedade nem individual e nem em comum, viver sem nada de próprio, não possuir bens numa pobreza que deveria ser antes de tudo espiritual, com desapego pessoal a toda raiz de posse, e material, porque somente quem de tudo se despojava vivenciava o caminho para a salvação.

Segundo Chiara Cremaschi,⁴³ quanto ao nome dado à Ordem feminina franciscana ou Segunda Ordem devemos ressaltar que no início eram chamadas de “Irmãs menores”, “Pobres monjas reclusas”, “Monjas reclusas da Ordem de São Damião”, “Pobres Damas”, “pobres Senhoras”, “mulheres pobres” e algumas vezes Francisco as chamavam de “minhas Senhoras”. Clara chamava a sua família espiritual de “Irmãs do mosteiro de São Damião” ou de “Ordem das Pobres Irmãs”, o que sintetizava o binômio fraternidade e “Altíssima pobreza” como o novo estilo de vida abraçado pelo monaquismo feminino franciscano.

Uma Carta importante sobre a organização dos movimentos religiosos femininos foi dada em forma de resposta do papa Honório III (1216-1227) ao cardeal Hugolino no dia 27 de agosto de 1218. O Cardeal Hugolino de Segni foi nomeado por Honório III para organizar as comunidades femininas da região da Toscana, da

⁴² “Postea scripsit nobis formam vivendi et maxime ut in sancta paupertate semper perseveraremus. Nec fuit contentus in vita sua nos *hortari multis sermonibus* (cfr. Act 20,2) et exemplis ad amorem sanctissimae paupertatis et observantiam eiusdem, sed plura scripta nobis tradidit, ne post mortem suam ullatenus declinarem ab ipsa, sicut et Dei Filius, dum vixit in mundo ab ipsa sancta paupertate numquam voluit declinare. Et beatissimus pater noster Franciscus, *eius vestigia* (cfr. 1Pet 2,21) imitatus, sanctam paupertatem suam, quam elegit per se et per suos fratres, exemplo suo et doctrina, dum vixit, ab ipsa nullatenus declinavit.”, trecho extraído do Testamentum Sanctae Clarae. In: MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani*. Assis..., p. 2314.

⁴³ CREMASCHI, Chiara Giovanna. “Pobres Damas, irmãs pobres, clarissas”. In: CAROLI, Ernesto (org.). *Dicionário franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 578-585.

Lombardia e da Úmbria. A sua função era regulamentar a vida religiosa num período em que pipocavam heresias e movimentos religiosos femininos. Depois de conhecer Francisco, em 1217, Hugolino escreveu ao Papa informando a situação das regiões destinadas a ele. A *Litterae tuae Nobis* só ficou conhecida porque Honório III escreveu uma resposta, dando as suas orientações à situação em que recebia terrenos em nome da Igreja romana, como direito e propriedade da Igreja, e que fossem construídos templos nesses terrenos e submetidos apenas à Sé apostólica; de forma que nenhum bispo diocesano ou outra pessoa eclesiástica ou secular pudesse arrogar algum direito⁴⁴.

Outro documento que mostrou o papel exercido pelo cardeal Hugolino na fundação de cada comunidade foi emitido pela Igreja romana dirigido à abadessa e às monjas Damianitas de Santa Maria de Monticelli, em Florença, no dia 9 de dezembro de 1219: confirmando a *forma vitae* de Hugolino para as mulheres que passariam de uma vida semi-religiosa para um estado de vida regularmente reconhecido pela Santa Sé “Observando regras segundo a Ordem das mulheres de Santa Maria de São Damião⁴⁵”.

Conforme os apontamentos de Maria Alberzoni,⁴⁶ o estatuto de Ordem veio posteriormente, após a aprovação da Regra bulada dos frades menores em 1223. Por isso, Clara não foi a fundadora da Segunda Ordem franciscana, menos ainda podemos utilizar o termo “Ordem das Clarissas”, visto que somente com o Papa Urbano IV (1261-1264) e, após a formulação da Regra de Urbano, foi inventado o termo “Clarissa”, uma invenção de Urbano IV para designar os conventos de seguimento “Damianita” em 1263. Sendo assim, a fundação da Segunda Ordem teria sido motivada pelo interesse do cardeal Hugolino e pelos frades menores que queriam uma ramificação feminina dentro do movimento franciscano, mas não pelos esforços de Clara e companheiras.

⁴⁴ Na *Litterae tuae Nobis* de 27 de agosto de 1218: “*Litterae tuae Nobis exhibitae continebant, quod quamplures virgines et aliae mulieres, quibus secundum instabilitatem prosperitatis mundanae prosperum statum in seculo sua videtur nobilitas polliceri, eo, qui, ubi vult, spirat, potante vino compunctionis easdem, et manifestis revelationibus dante illis significationem, ut fugiant a facie arcus, desiderant fugere pompas et divitias hujus mundi...*” Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi. Una vita prende forma...* p. 121.

⁴⁵ O papa Honório III concedia o privilégio da isenção e de proteção da Igreja romana para as monjas de Monticelli, mais adiante para o mosteiro de Lucca, Siena e Perúgia, todos seguiam a regra de São Bento com as “observâncias regulares de São Damião”. “*Sane cum Venerabilis Frater noster H. Ostiensis Episcopus, dum in partibus vestris Legationis officio fungeretur, ab Advengnente Moniali Monasterii vestri, antequam se ad Religionem transferret, fundum quemdam, quem habebat in loco, qui Sanctum Sepulcrum de Monticello dicitur, cum omnibus pertinentiis suis in jus, et proprietatem Ecclesiae Romanae, prout mandaveramus eidem, nostro nomine recepisset; et in Monasterio vestro ibi constructo quaedam in vestrae Religionis augmentum, et favorem vestri Ordinis duxerit statuenda.*”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi. Una vita prende forma...* pp. 122-123.

⁴⁶ ALBERZONI, Maria Pia. *Chiara e il papato*. Milão: Edizioni Biblioteca Franciscana, 1995, p. 18.

A forma de viver (do latim *Forma vivendi*, literalmente a *forma que se deve viver*) que, segundo o capítulo VI da Regra de 1223, teria sido dada por Francisco a Clara e suas coirmãs. Não se conhece essa primeira *forma vivendi* e nem os termos exatos utilizados, alguns especialistas afirmam que, provavelmente, foram citações bíblicas, algo semelhante a protorregra franciscana de 1210, a *forma vivendi* de Francisco foi a única Regra que orientava Clara e suas coirmãs no convento de São Damião.⁴⁷ Clara e suas companheiras desejavam manter-se fiel à *forma vivendi* prometida a Francisco, contida na máxima da “Altíssima Pobreza” e observância rigorosa do evangelho que na leitura franciscana proibia toda e qualquer tipo de propriedade, por isso, as resistências, as imposições de Hugolino e o pedido de viver no Privilégio da Pobreza⁴⁸.

1.2 As comunidades femininas, cardeal Hugolino e a sua forma de vida

Os primeiros decênios do século XIII foram marcados por um empenho da autoridade eclesiástica em regulamentar as conversões das mulheres envolvidas em assistência aos doentes e leprosos sob influência do ideal de vida apostólica, mais tarde, denominados movimentos religiosos. As escavações arqueológicas efetuadas em São Damião, na sua posição extraurbana no subúrbio de Assis e o nome do lugar de um santo médico, levantam a hipótese de se tratar de estrutura aberta, lugar de acolhida de peregrinos e doentes. São Damião poderia ter sido um leprosário, na qual a *fraternitas* de Francisco convivia com os doentes, o lugar praticamente não continha características monásticas ou de claustro, que progressivamente foram acrescentadas, com a transformação do hospital em capela⁴⁹.

Quando Clara e companheiras se transferiram para São Damião, bastava seguir o exemplo vivo de Francisco e seus frades. A *forma vitae* dada por Francisco a Clara e companheiras, a inspiração originária em reivindicar uma vida e não uma regra, uma *forma vitae* e não um sistema mais ou menos coerente de ideias e de doutrinas,⁵⁰ reunidos no seguir o evangelho, articulado à ideia da vida de Cristo como um modelo e

⁴⁷ FASSINI, Dorvalino. *Forma de vida da Ordem das Irmãs Pobres*. Leitura e Comentários. Cascavel: Federação Sagrada Família dos Mosteiros da Ordem de Santa Clara no Brasil, 2009, p. 30.

⁴⁸ FASSINI, Dorvalino. *Op. cit.*, p. 31

⁴⁹ ALBERZONI, M. P. Chiara e San Damiano tra ordine minoritico e curia papale. *Convivium assisiense*, n. s., anno VI – gennaio-giugno n. 1, Edizioni Porziuncola, 2004, p. 30-33.

⁵⁰ AGAMBEN, G. *Altissima povertà*. Regole monastiche... p. 118.

imagem de vida, uma *sequela*⁵¹ (*Domini nostri Iesu Christi... vestigia sequi*). Dessa forma, representava vivenciar o evangelho sem fórmula jurídica, a forma de vida do cânone de São Damião. Maria Alberzoni defende que o projeto originário e simbiótico em São Damião era o mesmo da *fraternitas*, portanto o componente feminino não necessitava de uma forma de vida autônoma, mas seguia aquele simples *propositum* apresentado por Francisco e companheiros ao papa Inocêncio III⁵².

Em 1218, ao retornar à Cúria romana, a pedido de Honório III, Hugolino tomou a decisão de regulamentar um certo número de comunidades femininas de inspiração minorítica (ou franciscana), independente do componente masculino, diretamente subordinado à Igreja romana. Na verdade, São Damião foi um modelo único, quando os frades pregavam pela Itália. Clara assumiu “o governo das irmãs” e resistia às intervenções da autoridade eclesiástica, apoiada pelo carisma de Francisco. Em agosto de 1218, a solução para as exigências dessas mulheres em seguir um ideal de vida novo e as disposições conciliares tendiam a fixar a normativa dentro do quadro de *regulae e institutiones* já aprovada. A resposta de Hugolino foi dada com a carta *Prudentibus virginibus*⁵³ para o mosteiro de Santa Maria de Monticelli em Florença de 27 de julho de 1219, as religiosas foram enquadradas dentro da *Ordo monasticus* e indicada a profissão da regra beneditina que devia ser seguida junto com as *observantiae regulares* de São Damião. O documento é uma *pagina constitutionis* na qual são inseridas os pontos do projeto Hugoliniano, são eles, a saber: cláusula de regularidade, a colocação do novo mosteiro *in ius et proprietatem* da Igreja romana, a isenção da autoridade local, a eleição canônica da abadessa e a sua confirmação pelo pontífice romano, a reclusão no sentido de “*fuga mundi para reclusio perpetua*”, enfim, uma integração às novas fundações de comunidades femininas.⁵⁴ Em 1219⁵⁵, a redação

⁵¹ Na “última vontade” a Clara: Ego frater Franciscus volo sequi vitam et paupertatem altissimi Domini nostri Iesu Christi. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...* p. 209. Para Agamben, não se trata tanto de aplicar uma forma (ou uma norma) a vida, mas de viver segundo aquela forma, isto é, de uma vida que, na *sequela*, se faz dessa mesma forma. AGAMBEN, G. *Altissima povertà. Regole monastiche...* p. 124.

⁵² ALBERZONI, M. P. Chiara e San Damiano tra ordine minoritico e curia papale... p. 33.

⁵³ Esta carta foi dada a vários mosteiros: a primeira foi de 27 de julho de 1219 para o mosteiro de Santa Maria do Santo Sepulcro de Monticelli, em Florença; a segunda foi dada em 29 de julho de 1219 ao mosteiro de Santa Maria de Porta Camollia em Siena, ao mosteiro de Santa Maria de Monteluca em Perugia e ao mosteiro de Santa Maria da Caridade perto de Fonte Carpello, em Foligno; a terceira *Prudentibus virginibus* foi de 30 de julho de 1219, dado ao mosteiro de Santa Maria de Gattaiola em Lucca. Todas elas confirmam a isenção e concede a observância da *formula vitae* composta por Hugolino. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico... p. 167.

⁵⁴ ALBERZONI, M. P. Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile..., pp. 160 e 161.

da *formula vitae* de Hugolino e a fundação das *sorores*, inspiradas na experiência de São Damião, em Lucca, Siena e Perúgia, na Itália, centro-setentrional, utilizavam a normativa composta por Hugolino, enquanto Monticelli de Florença, obteve do cardeal o direito de continuar a seguir as *observantiae regulares*, “*quas juxta ordinem dominarum Sanctae Mariae de Sancto Damiano de Assisio [...] ratas habemus*”⁵⁶.

Entre os anos de 1223 e 1226, foi introduzida em São Damião a *formula vitae* do cardeal de Óstia. Hugolino, futuro papa Gregório IX, era o interlocutor entre a Cúria romana e a *fraternitas* de Francisco de Assis. Em algumas fontes há interpretações positivas entre a relação de Francisco e Hugolino, mas entendemos que há um mito historiográfico entre a relação desses dois contemporâneos, o falso mito da amizade de Francisco e o cardeal Hugolino. Desde Sabatier, a historiografia, a partir da análise da *Vita beati Francisci* ou *Vita prima* de Tomás de Celano, composta entre 1228 e 1229, comparando o papel do cardeal Hugolino, com a *Memoriale* ou *Vita secunda* de Tomás de Celano, escrita em 1246 e 1247, mostra um papel decisivamente redimensionado e quando as comparações estendem-se para as hagiografias não oficiais, como *De inceptione* e *Legenda trium sociorum*, fica mais evidente a hipótese sobre um processo de reapropriação da memória de Francisco e do mito da amizade com Hugolino⁵⁷.

É importante redefinir o papel de Hugolino de Óstia, o representante da Igreja romana, com a *fraternitas* para entender a relação política com Clara e São Damião. Alguns elementos fundamentais: pobreza e assistência, por parte dos frades, sobretudo a partir do reconhecimento jurídico da Ordem dos Menores com a aprovação da *Regula bullata* de 1223, demonstra o projeto do cardeal para com a nova Ordem⁵⁸. Hugolino

⁵⁵ No mesmo ano, o papa Honório III (1216-1227) promulgou a *Cum dilecti* que certifica os bispos sobre a catolicidade dos frades menores, é o primeiro documento oficial da Ordem. Data de 11 de junho de 1219 endereçada aos arcebispos, bispos e outros prelados, para assegurar que a *religio* dos frades menores era constituída de “homens católicos e fiéis”. SEDDA, Filippo; ACCROCCA, Felice. Papato e francescanesimo. In: *Francesco e Chiara d’Assisi*. Percorsi di ricerca sulle fonti. Atti delle giornate di studio. Milano: Editrici Francescane, 2014, p. 125.

⁵⁶ Idem, pp. 36 e 37.

⁵⁷ ALBERZONI, M. P. *Santa povertà e beata semplicità...*, pp. 145 e 146.

⁵⁸ Em 31 de julho de 1218, o bispo João de Perúgia, com a autorização do cardeal Hugolino seguindo a Sé apostólica, concede “*pro omnibus ancillis Christi conversis et convertendis que in habitu religionis debent Domino famulari in terreno concessio predicto domino episcopo et legato*”, ou seja, isenção episcopal sobre o terreno doado por Glotto de Monaldo na localidade de Montelucente, para a construção de um mosteiro “*ad honorem Dei et gloriose virginis Mariae*”. Em 29 de julho de 1219, Hugolino na carta *Prudentibus virginibus*, confirma a isenção ao mosteiro de Santa Maria de Montelucente em Perúgia, estabelecendo que segue a “*formulam nihilominus vitae vestrae, quam a Nobis humiliter recepistis, cum Beati Benedicti Regula*”. Estes documentos demonstram uma parte do projeto hugoliniano, um deles é instituir o culto mariano nos mosteiros femininos e a regra beneditina com acréscimos da *forma vitae* de Hugolino. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico... p. 153.

deu unidade jurídica a *fraternitas* e a experiência damianita fez de Clara uma figura de santidade como um espelho de vida espiritual, que interessava à Igreja naquele momento. O cardeal teve uma relação familiar com as comunidades femininas, por ordem de Honório III, organizando as comunidades no território umbro-toscano, incluindo São Damião⁵⁹.

Além disso, o cardeal de Óstia intitulava as novas comunidades femininas sob a sua jurisdição de Santa Virgem Maria, por influência do modelo cisterciense, também tinha designado este nome para São Damião,⁶⁰ como vemos na bula *Sacrosancta Romana Ecclesia* de 9 de dezembro de 1219. No seu cardenalato, a formação espiritual na Escola de Paris fica evidente devido a importância que ele dava para a vida monástica tradicional e dava uma resposta nem sempre adequada às novas tendências emergentes de espiritualidade do século XIII⁶¹. O Colégio cardinalício, que ele frequentou, dava atenção às novas expressões de religiosidade e à acolhida desses movimentos, sobretudo o feminino, junto com o projeto Inocenciano, o qual podemos definir como “monaquismo Hugoliniano” - impunha uma rígida clausura, a localização urbana dos mosteiros, a conotação pauperística e uma gestão mais prudente em recursos⁶². Dentro dessa gestão hugoliniana, o legado mais importante está na relação direta desses mosteiros femininos com a Sé apostólica, a isenção da autoridade local e a pobreza patrimonial desses mosteiros para os quais era prevista a construção de *oratoria*⁶³.

A correspondência epistolar era frequente entre Clara e o cardeal Hugolino, segundo a *Legenda*, no entanto, só se reconhece a carta *Ab illa hora*, endereçada do cardeal a Clara em 1220. A *Ab illa hora*⁶⁴ reflete o impacto recebido por Hugolino

⁵⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico... p. 51.

⁶⁰ Na *Sacrosancta Romana Ecclesia* de 9 de dezembro de 1219: “Observantias nihilominus Regulares, quas juxta Ordinem Dominarum Sanctae Mariae de Sancto Damiano de Assisio praeter generalem Beati Benedicti Regulam vobis voluntarie indixistis, ratas habemus; et eas perpetuis temporibus manere decernimus illibatas. Praeterea locum vestrum, et ea, quae in ipsius circuitu juste, ac canonice possidetis, vobis, et per vos eis, quae vobis canonice successerint, confirmamus”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma... p. 124.

⁶¹ ALBERZONI, M. P. Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile ..., pp. 149 e 152.

⁶² ALBERZONI, M. P. Idem, p. 154.

⁶³ ALBERZONI, M. P. Idem, p. 159. Na *Litterae tuae nobis*: “... desiderant fugere pompas, et divitias hujus mundi, et fabricari sibi aliqua domicilia, in quibus vivant nihil possidentes sub Caelo, exceptis Domiciliis ipsis, et construendis Oratoriis in eisdem”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico... p. 121.

⁶⁴ Na carta do cardeal Hugolino a Clara em 1220: “Et licet me usque modo sciverim et reputaverim peccatorem, intellecta meritum praerogativa tuorum et rigore religionis inspecto, modo pro certo dedici, quod tot peccatorum sum sarcina praegravatus et in tantum universae terrae Dominatorem offendi, quod

numa recente visita a São Damião durante a Páscoa, um encontro entre Clara e o cardeal que teve uma forte impressão do local. Talvez Hugolino estivesse acompanhado de Francisco, que havia regressado do Oriente, em Viterbo no dia 28 de abril de 1220, e escreveu a carta neste período. Apesar de o conteúdo do documento manifestar uma familiaridade, uma relação pessoal com estima, uma redação retórica do estilo curial⁶⁵, que aparecerá igualmente na *Legenda*⁶⁶, sabe-se que era parte da política do cardeal de Óstia para com as comunidades femininas do território umbro-toscano.

A carta *Ab illa hora* inicia “*Carissimae sorori in Christo et matri salutis suae dominae Clarae, ancillae Christi, Hugolinus, Hostiensis, miser et peccator, episcopus*”⁶⁷ com afluência poética e sua condição de pecador, mostrava a intenção dele para o mosteiro. No mais, para ele, o estilo de vida de São Damião era marcado fortemente pela penitência, contemplação dos mistérios da vida de Cristo (Páscoa), celebração dos sagrados mistérios e devoção eucarística⁶⁸. A carta de Hugolino para Clara contém pontos da visão do monaquismo feminino de Hugolino, mais tarde Gregório IX, entre eles, a vida das religiosas para atender aos interesses da Igreja deveria ser inspirado no modelo eremítico, condição que favorecia a contínuas orações⁶⁹.

O cardeal Hugolino escreveu uma “*Regula*” para as novas comunidades das irmãs pobres que nasciam na Itália, deveriam observar as normas consideradas rígidas na vida cotidiana. Para o frade espanhol, Ignacio Omaechevarria, a primeira menção a

non sum dignus electorum eius consortio aggregari et ab occupationibus terrenis avelli, nisi lacrymae et orationes tuae mihi veniam impetrent pro peccatis ... quia pro certo credo, quod apud summum iudicem impetrabis, quicquid instantia tantae devotionis et copia lacrymarum exposcit.”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...* p. 359.

⁶⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico... pp. 52 e 53.

⁶⁶ Na *Legenda sanctae Clarae* de 1255 escrita por Tomás de Celano: “Felicis recordationis dominus Papa Gregorius, vir, sicut sede dignissimus, ita et meritis venerandus, paterno affectu sanctam istam artium diligebat. [...] Non sine causa dominus Papa Gregorius in huius sanctae orationibus fidem habebat mirabilem, quarum virtutem senserat efficacem. Saepe quidem nova, ut assolet, emergente difficultate et cum esset Ostiensis episcopus et postquam ad culmen apostolicum est eVectus, supplex eidem virgini per epistolam factus, poscit suffragium, sentit auxilium”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...* pp. 149 e 162.

⁶⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico... p. 127.

⁶⁸ ALBERZONI, M. P. Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile ..., p. 163.

⁶⁹ ALBERZONI, idem, p. 166. Na *Ab illa hora* de 1220: “Et licet me usque modo sciverim et reputaverim peccatorem, intellecta meritorum praerogativa tuorum et rigore religionis inspecto, modo pro certo didici, quod tot peccatorum sum sarcina praegravatus et in tantum universae terrae Dominatorum offendi, quod non sum dignus electorum eius consortio aggregati et ab occupationibus terrenis avelli, nisi lacrymae et orationes tuae mihi veniam impetrent pro peccatis”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico... p. 128.

formula vitae atribuída a Hugolino é de 1219, porém o manuscrito mais antigo data de 12 de abril de 1228 e encontra-se no mosteiro de Santa Engracia de Olite em Pamplona. Há outras versões do manuscrito com algumas diferenças na redação, são datadas de 1238, 1239 e de 1245. Das três redações: a original de 1219, representada pelo exemplar P1; uma nova redação, representada pelo exemplar de Ascoli Piceno, de 1239, obra do mesmo Gregório IX (e por S, Z e P2), com adições como a relativa profissão da regra beneditina e omissões do escapulário; e a redação definitiva de 13 de novembro de 1245, dada por Inocêncio IV, caracterizada sobretudo pela declaração de obrigatoriedade da limitada da regra de São Bento⁷⁰. Ele não redigiu sozinho a forma de vida, contou com a ajuda de Frei Felipe Longo, que conhecia as “observâncias regulares” e, era visitador geral das Damianitas⁷¹. Mas, o texto ficou conhecido como “Regra de Hugolino” e apresenta-se articulado às prescrições de ordem prática em vários aspectos da vida monástica feminina, delineada como “lei de vida e de disciplina” para ser observada.

Para Gerard P. Freeman, por vários séculos, o texto ficou conhecido através dos *Annales Minorum* de Wadding, que não transcreveu fielmente o documento da versão registrada no vaticano ou pelo *Bullarium Franciscanum* onde se encontra um segundo exemplar desta *Regula*, proveniente de Santo Angelo em Ascoli Piceno. A obra *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios*, de Ignacio Omaechevarria, publicou nos anos 1970 a versão do manuscrito de Pamplona, 12 de abril de 1228, era a versão mais antiga e conhecida, foi reconstruída a história do texto e as várias versões. Entretanto, no ano 2000, o domenicano Simon Tugwell anunciou uma nova versão, encontrada na Biblioteca real de Bruxelas, essa transcrição da versão mais antiga, foi publicada em 2008 por Giovanni Boccali⁷².

⁷⁰ Existem vários exemplares e várias redações desta *forma vivendi* do cardeal Hugolino: Pamplona (=P1), del 12 de abril de 1228; outro de Pamplona (=P2), del 31 de enero de 1245; o de Santa Catalina de Zaragoza (=Z), de 18 de outubro de 1238; o de Ascoli Piceno (=A), 24 de maio de 1239; o de Salamanca (=S), de 7 de julho de 1245; o de Santa Clara de Valladolid de 13 de novembro de 1245; o de Registro Vaticano (=V), de 13 de novembro de 1245, transcrito com muitos erros por Wadding em seus *Anales*. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos ...* pp. 215 e 216; Simon Tugwell afirma no *Archivum franciscanum historicum* de 2000, ter descoberto uma versão da *forma vitae* do período do cardeal Hugolino, antecedente a 1228. O manuscrito está conservado na biblioteca Real de Bruxelas e em latim, mas provém da Itália. Neste testemunho, Hugolino considera São Damião como um mosteiro sob a sua jurisdição. ALBERZONI, M. P. Chiara e San Damiano tra ordine minoritico e curia papale... p. 42.

⁷¹ A versão de 1229 foi traduzida em 1970 por Ignacio Omaechevarria, publicada na primeira edição da BAC. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...* p. 212.

⁷² FREEMAN, Gerard Pieter. *Il cingolo di santa Chiara*. Nuovi contributi documentari sugli inizi del movimento clariano. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2014, pp. 58 e 59.

Os manuscritos da *forma vitae* de Hugolino, publicados até então, são o manuscrito de Bruxelas, Koninklijke bibliotheek (Bibliothèque Royale), Doc. Ms. IV. 63, contém uma tradução italiana da *formula vitae* de Hugolino (ff. 1r-8r) do século XIV e o texto latino (ff. 11r-18r) do século XIII, ambos os textos não são datados; o texto italiano desta versão porta a inscrição Regra de Santa Margarida, versão (M). Outra versão é um privilégio apostólico para as irmãs de Pamplona, 12 de abril de 1228, editado por Omaechevarría e Vázquez, versão (P). A versão para Inês de Praga, 04 de maio de 1238, publicada por G. Polli na obra *Le Clarisse a Trento*, versão conhecida como (T). A versão de Ascoli Piceno, 24 de abril de 1239, traduzida na edição do *Bullarium* e transcrita por Vázquez, Omaechevarria e por Gerard P. Freeman, versão identificada como (A). A versão de Salamanca, 07 de julho 1245, editada por Vázquez, conhecido por (S). O registro Vaticano, 13 de novembro de 1245, originalmente editado (com erros) nos *Annales Minorum* e no *Bullarium*, na edição dos registros de Berger. Vázquez transcreveu o original, versão (V). O manuscrito da *Città della Pieve*, 08 de setembro de 1252, editado por A. Brigida no *Bolla di fondazione del monastero delle clarisse di S. Lucia in Castel di Pieve*, versão (C). O pergaminho Pfullingen, 21 de outubro de 1252, publicado por Württembergisches Urkundenbuch (WUB)⁷³, edição digitalizada com algumas correções dos textos publicados, conhecido como versão (PF); e, por último, o manuscrito de Gubbio, do mosteiro de S. Donato della Foce, 14 de março de 1257, editado por P. Monacchia, versão (G)⁷⁴. Giovanni Boccali aponta sete exemplares da “*Regula*” que ainda não foram publicados, sendo três exemplares, um de Città della Pieve, um de Pfullingen e um de Gubbio, além de dois outros que não contêm a *forma vitae* de Hugolino propriamente dita. As irmãs de Pamplona receberam o *privilegium commune* em 31 de janeiro de 1245, com a regra inserida. Em Olite junto a Pamplona há um texto da regra de 06 de agosto de 1247, endereçado a todos os mosteiros da Ordem de São Damião, data da forma de vida de Inocêncio IV, o *incipit* não pode ser da *forma vitae* de Hugolino. Talvez os outros dois exemplares pudessem estar em Portugal: o mosteiro de Lamego obteve a *forma vitae* em 22 de fevereiro de 1258 e o mosteiro de Entre-os-Rios em 25 de abril de 1258, segundo um cronista do século XVII, não há notícia se ainda existem estes exemplares.

⁷³ Landesarchiv Baden-Württemberg: Württembergisches Urkundenbuch Online Band IV., Nr. 1239; Stand 17. Januar 2016. Disponível em: www.wubonline.de/?wub=1862 Acesso: 06 jun 2016.

⁷⁴ FREEMAN, Gerard Pieter. *Il cingolo di santa Chiara...*, pp. 61 e 62.

Segundo G. Freeman seguindo Boccali, o mosteiro de Saragozza recebeu a “regula” em 19 de outubro de 1238; Omaechevarria cita um exemplar para as irmãs de Valladolid de 13 de novembro de 1245, voltado a todos os mosteiros da Ordem de São Damião. A data do exemplar referido no registro do Vaticano é o mesmo. Como o exemplar do Vaticano, este documento inicia com a *Solet annuere*. Já o mosteiro de S. Donato della Foce nomeou um outro exemplar mais antigo de 15 de março de 1256. As irmãs de Buccianico (província de Chieti) obtiveram o *privilegium commune* em 12 de fevereiro de 1257, com uma carta apostólica com o início da regra *Cum omnis vera religio*⁷⁵.

A seguir, faremos uma análise comparativa da *forma vitae* de Hugolino com a *forma vitae* de Clara, vale mencionar que a forma de vida do cardeal de Óstia constituiu no primeiro texto, emanado diretamente da Sé apostólica para regulamentar a vida religiosa feminina, um texto legislativo com o propósito de reunificar os vários grupos femininos do centro da Itália que tinham escolhido uma vida comunitária⁷⁶. Ele utilizou como base para a composição do seu escrito a regra beneditina, introduziu alguns aspectos novos e específicos de identidade do novo movimento⁷⁷.

⁷⁵ Idem, pp. 63 e 64.

⁷⁶ As várias edições do Prólogo da *forma vitae* (1221) segundo G. P. Freeman:

(M) Ugo miseratione divina Ostiensis et Velletrensis episcopus, apostolice sedis legatus, dilectis in Christo filiabus monasteriorum sancti Damiani de Asisio et beate Marie de Spello, de Fuligno, de Perusio, de Aretio, de Senis, de Florentia, de Lucca, de Terdona et aliorum monasteriorum omnium eiusdem religionis abbatissis et sororibus universis, salutem in Domino.

(P) Gregorius episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus abbatissae ac monialibus monasterii sanctae Mariae de Virginibus, Pampilonen., salutem et apostolicam benedictionem.

(T) Gregorius episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus abbatissae et conventui inclusarum ancillarum Christi monasterii sancti Francisci Pragensis ordinis sancti Damiani, salutem et apostolicam benedictionem.

(A) Gregorius episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus abbatissae et monialibus monasterii sancti Angeli Asculani ordinis sancti Damiani, salutem et apostolicam benedictionem.

(S) Innocentius episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus abbatissae et conventui monialium inclusarum monasterii sancte Marie Salmantini ordinis sancti Damiani, salutem et apostolicam benedictionem.

(V) Innocentius episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus universis abbatissis et monialibus inclusis ordinis sancti Damiani, salutem et apostolicam benedictionem.

(C) Innocentius episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus ... abbatissae et sororibus inclusis monasterii sancte Lucie de Prato Castelli de Plebe Clusine diocesis ordinis sancti Damiani, salutem et apostolicam benedictionem.

(PF) Innocentius episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus ... abbatissae et sororibus inclusis monasterii sancte Cecile in Phullingen Constantiensis diocesis ordinis sancti Damiani, salutem et apostolicam benedictionem.

(G) Alexander episcopus, servus servorum Dei, dilectis in Christo filiabus ... abbatissae et sororibus monasterii Sancti Donati de Fauce Eugubini, Ordinis Sancti Damiani, salutem et apostolicam benedictionem.

FREEMAN, Gerard Pieter. *Il cingolo di santa Chiara...*, pp. 75 e 76.

⁷⁷ MARANESI, Pietro. *La clausura di Chiara d'Assisi*. Un valore o una necessità? Assisi: Porziuncola, 2012, pp. 32 e 33.

A divisão em dezesseis partes da forma de vida hugoliniana foi dada *a posteriori*, quando esta norma foi adotada nos vários mosteiros de seguimento franciscano. A divisão da forma de vida do cardeal de Óstia⁷⁸ pode variar conforme a versão do manuscrito, mas, em geral, na versão (M) e (T), são elas: preâmbulo (1), Aqui começa o prólogo. Aqui começa a fórmula de vida (2), que deve permanecer em clausura (3), como deve ser a acolhida de novos membros e as que querem professar esta vida (4), como deve celebrar o ofício divino para as letradas e iletradas (5), como manter o silêncio (6), quando se deve jejuar (7), o cuidado das doentes (8), o vestuário (9), do modo de jazer (10), quanto a tonsura e o modo de não cortar (11), quem pode entrar no claustro desta ordem religiosa (12), o capelão (13), o visitador (14), o porteiro do mosteiro (15) e que a fórmula de vida observada de maneira uniforme em todos os lugares (16)⁷⁹. Enfim, é importante ressaltar que a forma de vida de Hugolino não contém passagens bíblicas diretas ou referências de trechos bíblicos ao longo desta normativa.

1.3 Comparação entre a *forma vitae* de Hugolino e a de Clara

É necessário uma análise da *forma vitae* de Hugolino de Óstia de 1219 (?), elaborada para dar forma canônica às comunidades femininas de inspiração evangélico-pauperista que surgiram em diversos lugares como imitação ou não do mosteiro de São Damião. A *forma vivendi*, que reuniu os diversos conventos de inspiração franciscana, deveriam observar as novas ordenações e forma de organização jurídica, que representavam uma das afirmações mais explícitas e completas da necessidade de regulamentação para a vida religiosa das comunidades femininas. Dessa forma, nosso objetivo consiste em compreender os principais aspectos e significados das palavras empregadas nos textos. Para isso uma comparação para evidenciar a dependência literária entre a *forma vitae* de Hugolino e a *forma vitae* de Clara de Assis faz-se

⁷⁸ Nas versões (M) e (T) da forma de vida do cardeal de Óstia há os seguintes títulos dos capítulos, são eles, a saber: 1. Prologo, 2. Explicit prologus. Incipit formula vite; 3. Quod manere debent clause; 4. Quod ad hanc religionem venientibus priusquam habitum mutent vita ipsa nuntietur et ostendatur; 5. Qualiter divinum officium celebrare debeant litterate vel inliterate; 6. Qualiter silentium teneatur; 7. Quod omni tempore debeant ieiunare; 8. De infirmis sororibus; 9. De indumentis; 10. Qualiter iaceant; 11. Quod tonsorari non debeant sed tonderi; 12. Quibus liceat in claustrum huius religionis intrare; 13. De capellano; 14. De visitatore; 15. De ostiaria monasterii; 16. Quod suprascripta vite formula uniformiter ubique ab omnibus observetur.

FREEMAN, Gerard Pieter. *Il cingolo di santa Chiara...*, pp. 79-96.

⁷⁹ MARANESI, Pietro. *La clausura di Chiara d'Assisi...*, p. 34.

necessária, as referências advém dos textos do livro *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*⁸⁰ da Federação de Santa Clara de Assis das Clarissas da Úmbria-Sardenha e da tabela proposta por Jacques Dalarun no livro *Claire d'Assise Écrits, Vies, documents*⁸¹. Para isso, é fundamental observar a estrutura temática de cada trecho, analisando os pontos de aproximações e as diferenças verbais, estruturais e de conteúdo apresentada pelos dois textos.

A primeira constatação, em relação a comparação dos textos, é que a *forma vitae* de 1219 (?) é mais breve, enquanto a forma de vida de Clara é um pouco mais longa. A forma de vida de Hugolino é uma mescla de normas de comportamento, com princípios ascéticos e monásticos com considerações espirituais, sem passagens bíblicas ou referências a trechos evangélicos. Em segundo lugar, a *forma vitae* de 1219 (?) contém quatorze capítulos e a forma de vida de 1253 contém doze capítulos. Em termos de número de palavras a forma de vida de Clara é um pouco mais extensa, contendo vinte e cinco por cento de palavras a mais que a *forma vitae* de 1253. Em terceiro lugar, em termos de conteúdo, a *forma vitae* de Hugolino é mais jurídica, contém um memorial de princípios fundamentais da vida, acompanhados com algumas instruções sobre o meio de pôr em prática e sobre os erros a evitar. A forma de vida de Hugolino não é uma regra propriamente, senão um conjunto em forma de constituição, prevê a profissão da regra de São Bento, uma justificação jurídica, que se converteu em uma *fictio iuris*, já que as Constituições de Hugolino tinham, na verdade, o caráter de uma “regra”, sem nenhuma citação ao Evangelho, diferente da forma de vida de Clara que cita versículos do Evangelho de São Mateus⁸². No capítulo um, comparando as duas *formula vitae*, a forma e o modo de viver. Nos exemplos que se seguem, optamos pelo uso do itálico para destacar as frases e palavras idênticas, sempre partindo da “forma de vida de Clara” (FvCl, 1253) para a “forma de vida de Hugolino” (FvHug, 1219?), visto que o fio condutor desta Tese é a normativa clariana. Em negrito, seguem os excertos bem distintos da FvHug para a FvCl.

⁸⁰ Cf. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003, p. 22-115.

⁸¹ Cf. DALARUN, Jacques e HUEROU, Armelle Le (org.). *Claire d'Assise. Écrits, Vies, documents*. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013, p. 1035-1042.

⁸² URIBE, Fernando. El itinerario histórico de la Regla de Santa Clara: una prueba de fidelidad al Evangelio. *Selecciones de Franciscanismo*, vol. XXV, n. 75, 1996, pp. 405-432.

1 *Forma vitae* ordinis sororum pauperum
quam beatus Franciscus instituit haec est:

1 *formam* et modum *vivendi*, quem adhuc
in minori officio constituti, dum in
Tusciae et Lombardiae partibus legationis
officio fungeremur, universis Pauperibus
monialibus reclusis tradidimus... **Cuius
tenor est talis**

4 hanc eas **legem vitae et disciplinae**.

As primeiras frases da *forma vivendi* de Hugolino demonstra o teor que segue ao longo da normativa, uma “lei de vida e de disciplina” para observar. O objetivo de Hugolino era dar respaldo jurídico às comunidades femininas que estavam sendo incorporadas ao movimento franciscano. Embora, não haja nenhum documento curial enviado a São Damião estabelecendo a forma de vida hugoliniana, veremos frases e prescrições idênticas na “*Regula*” de Clara ao longo desta análise comparativa.

O ideal de vida regular de Hugolino é peculiar da espiritualidade do cardeal de Óstia e da Cúria romana de seu tempo. Essa nova forma de vida era pautada na separação do mundo (reclusão), numa contínua oração⁸⁴. No capítulo dois, nos trechos abaixo identificamos as frases que se distanciam bruscamente do um da FvCl para quatro da FvHug destacada em negrito, além dos trechos originais de Clara “*abbatissa sororum omnium consensum requirere teneatur*” e as palavras de inspiração das frases de Hugolino “*divina inspiratione*”.

1 Si qua *divina inspiratione* venerit ad nos
volens vitam istam accipere abbatissa
sororum omnium consensum requirere
teneatur.

4 **Omnes itaque, quae, saeculi vanitate
relicta pariter et contempta, religionem
vestram assumere voluerint et tenere,
hanc eas legem vitae et disciplinae
ferventer oportet et convenit observare.**

⁸³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 22.

⁸⁴ ALBERZONI, M. P. Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile. *Franciscan Studies* 64, 2006, p. 166.

⁸⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 26.

2 quia *divina* vobis gratia *inspirante* per
arduam viam et arctam, quae ad vitam
ducit, incedere... elegistis.

5 et virum non habet vel si habet et iam 4 Non recipiatur aliqua, quae vel *longiori*
religionem intravit auctoritate diocesani *aetate vel infirmitate aliqua seu fatua*
episcopi, voto continentiae iam emisso, simplicitate *ad huius vitae observantiam*
aetate etiam longaeva *vel infirmitate* minus sufficiens et idonea comprobatur.
aliqua seu fatuitate ad huius vitae
observantiam non impediende.

Ainda nos trechos acima mencionados, percebem-se as diferenças que permitem visualizar, na aceitação de novas irmãs para a comunidade feminina, na primeira “não tiver marido ou, tendo-o, já houver entrado na vida religiosa com autorização do bispo diocesano, e feito o voto de continência” e, na segunda, “não se receberá nenhuma que, por idade mais madura ou por alguma doença, ou enfermidade mental, comprove ser menos suficiente e idônea para a observância desta vida”⁸⁶. A disposição da perpétua clausura da *Forma et modum vivendi* era centrada na *lex vitae et disciplinae*. Essa admissão ao mosteiro e ter vestido o hábito regular significava não ter mais licença para sair do mosteiro, a não ser para fundar ou reformar algum existente. Até a sepultura era rigorosamente prescrita *intra claustrum*⁸⁷.

Hugolino definiu, com maior rigor, as normas da vida regular no sentido jurídico, porque havia a necessidade de enquadrar essas novas expressões de forma mais clara e com contornos bem definidos, entre eles, a vestimenta era um importante reconhecimento de pertença. Por isso, no capítulo dois da FvCl, observamos os distanciamentos no item seis de FvCl para o quatro de FvHug; afinidades conceituais e expressivas sobre a tonsura dos cabelos e para deixar as roupas seculares, porém diferença no número de túnicas e outras acessórios de vestimenta no item de onze de FvCl para nove e quatro de FvHug.

⁸⁶ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

⁸⁷ ALBERZONI, M. P. *Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile...*, p. 167.

6 diligenter exponatur ei tenor vitae nostrae.

11 Postea *capillis tonsis in rotundum* et *deposito habitu saeculari*, concedat ei tres *tunicas et mantellum*.

4 Omnibus autem hanc religionem assumere cupientibus et quae fuerint admittendae, priusquam habitum mutent et religionem assumant, dura eis et aspera praedicentur, per quae itur ad Deum

9 *Capillos* suos *tondeant in rotundum*; nec aliqua de cetero tonsuretur, nisi evidenti infirmitate corporis exigente.

4 Omnes vero ex more intra claustrum receptae, si aetatis intelligibilis fuerint, citius *deponant habitum saecularem*, et infra paucos dies professionem faciant abbatissae.

9 De indumentis autem hoc observetur, ut unaquaeque duas habeat *tunicas et mantellum*, praeter cilicium vel stamineam, si habuerint, sive saccum.

A unidade institucional de Hugolino, com base no direito canônico no sentido jurídico do termo, pautava-se pelo perfil institucional bem definido, sem citar trechos bíblicos no texto. Assim, no capítulo dois, do item doze de FvCl para o quatro FvHug que, bruscamente, são distintas em negrito e em itálico as palavras semelhantes que assinalamos não correspondem a um simples “jogo de palavras”, são significativas quanto ao tema da clausura. Para Hugolino, a prescrição da rígida da clausura “permanecer encerradas todo o tempo de sua vida” e “assumindo o hábito regular, a nenhuma delas será dada licença ou faculdade de sair jamais daí” senão “para plantar ou edificar a mesma religião”⁸⁹. O discurso da clausura não era uma novidade no panorama da vida religiosa feminina, embora esse discurso foi se afirmando e

⁸⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 28 e 30.

⁸⁹ *Forma vitae* de Hugolino. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

ganhando melhor definição no final da Idade Média⁹⁰.

FvCl⁹¹

12 Deinceps extra monasterium sine utili, rationabili, manifesta et probabili *causa* eidem *exire* non *liceat*.

FvHug

4 Omni namque tempore vitae suae clausae manere debent; et postquam claustrum huius religionis intraverint aliquae, regularem habitum assumentes, nulla eis conceditur *licentia* vel facultas inde ulterius *exeundi*, **nisi forte causa plantandi vel aedificandi eamdem religionem ad aliquem locum aliquae transmittantur.**

13 Finito vero anno probationis, recipiatur ad obedientiam promittens vitam et formam paupertatis nostrae in perpetuum observare.

4 **et infra palcos dies** professionem faciant abbatissae. Quod etiam de servientibus firmiter observetur.

Fica clara a linha do cardeal Hugolino que, influenciado pelos cistercienses, insere a clausura como um elemento de caracterização das comunidades que vão paulatinamente institucionalizando-se, regulamentadas pela Santa Sé que define os mosteiros de *moniales* ou *mulieres* ou *sorores*, *reclusae* ou *inclusae*. As diferenças do item treze de FvCl para o quatro FvHug mostra outro elemento fundamental, a pobreza, escrita para as *mulieres religiosae*, com vontade de viver em pobreza sob proteção da Igreja⁹². Além disso, a supressão total de passagens bíblicas em todos os capítulos da forma de vida de Hugolino foi proposital pela autoridade eclesiástica e muito importante ser observada, porque os excertos bíblicos do Evangelho de São Mateus foi a base para a escrita das regras não buladas e buladas.

Em relação às vestimentas e cabelos, constatamos muitas diferenças nas recomendações dos itens quinze, dezesseis, dezessete, dezoito e vinte e um da FvCl

⁹⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma... p. 47.

⁹¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 30 e 32.

⁹² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma... p. 48.

para os itens nove, quatro e cinco da FvHug. Em itálico, segue as palavras similares e em negrito as frases diferente no seu conteúdo. No caso do cinco da FvHug a parte “algumas jovens [...] faça com que sejam instruídas nas letras, indicando-lhes uma mestra idônea e discreta” é inexistente na FvCl⁹³.

FvCl ⁹⁴	FvHug
15 Mantellulas etiam possint sorores habere pro alleviatione et honestate servitii et laboris.	9 Habeant et scapularia ... quibus induantur cum <i>laborant</i> vel tale aliquid agunt, quod pallia congrue gestare non possint.
16 Abbatissa vero de vestimentis discrete eisdem provideat secundum <i>qualitates</i> personarum et loca et tempora et frigidas regiones, sicut necessitati viderit expedire.	9 Habeant et scapularia de levi et religioso panno, vel staminea, si voluerint, amplitudinis et longitudinis congruentis, sicut uniuscuiusque <i>qualitas</i> exigit vel mensura
17 Iuvenulae in monasterio receptae infra tempus aetatis legitimae tondeantur in rotundum et deposito habitu saeculari induantur panno religioso, sicut visum fuerit abbatissae.	4 Omnes vero ex more intra claustrum receptae, si aetatis intelligibilis fuerint
19 Et tam ipsis quam aliis novitiis abbatissa sollicite <i>magistram</i> provideat de <i>discretioribus</i> totius monasterii.	5 Quod si iuvenulae aliquae, vel etiam grandiores, capaces ingenii et humiles fuerint, si abbatissae visum fuerit, faciat eas litteris edoceri, magistram eis deputans idoneam et <i>discretam</i> .
21 In examinatione et receptione sororum <i>servientium</i> extra monasterium <i>servetur</i> forma praedicta.	4 Quod etiam <i>de servientibus</i> firmiter <i>observetur</i> .

No capítulo três da FvCl dos itens um, dois e quatro para a FvHug no capítulo cinco, notamos uma acentuada diferença em relação ao Ofício divino, das “irmãs que

⁹³ *Forma vitae* de Hugolino. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

⁹⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 32 e 34.

sabem ler”, “segundo os costumes dos frades menores” e “poderão ter breviários” da FvCl para a FvHug no cumprir o “ofício regular” e para as que “não souberem os salmos, procurem louvar o Criador com a oração dominical”. As indicações sobre os postulados e as modalidades de recitar o Ofício Divino na *forma vitae* de Hugolino são seguidas por um assíduo silêncio, um modelo mais próximo do monaquismo cisterciense.

FvCl ⁹⁵	FvHug
1 Sorores litteratae faciant divinum officium secundum consuetudinem fratrum minorum.	5 De divino vero officio tam in die quam in nocte Domino persolvendo hoc observetur, ut eae, quae psalmos legere noverint, officium faciant regulare.
2 ex quo habere poterunt breviaria, legendo sine cantu.	5 Quod si etiam canere sciunt, liceat eis horis competentibus canendo officium dicere et universorum Dominum collaudare, cum summa tamen gravitate et modéstia, cum humilitate et multa devotione, ut ad salutem aedificari valeant audientes.
4 Quae vero litteras nesciunt dicant viginti quatuor pater noster pro matutino, pro laude V, pro prima vero, tertia, sexta, nona pro qualibet istarum horarum VII, pro vesperis autem XII, pro completorio VII.	5 Quae autem psalmos nesciunt, orationem dominicam in suis horis secundum morem suo devote studeant persolvere Creatori.

Em relação ao jejum e, em seguida do regime alimentar, em geral, configuram em bastante severidade e mais árdua que na normativa dos cisterciense⁹⁶. Nesse regime alimentar muito austero, observamos algumas diferenças, no capítulo três da FvCl nos itens oito, nove e dez para o capítulo sete da FvHug. O jejum da forma de vida de

⁹⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 38.

⁹⁶ ALBERZONI, M. P. *Servus vestrum et ancillarum Christi omnium*. Gregorio IX e la vita religiosa femminile..., p. 168.

Hugolino é contínuo com dias de pão e água durante a quaresma e vigílias, “e jejuem a pão e água quatro dias por semana, e na quaresma de São Martinho, três dias”, mas essa “lei do jejum e abstinências” é dispensado para as adolescentes, as anciãs e as que são claramente enfermas e fracas de corpo. Na FvCl, também o jejum é contínuo, “as Irmãs jejuem em todo o tempo”, porém, com a diferença de que “as adolescentes, as fracas e as que servem fora do mosteiro” são dispensadas, segundo a abadessa e, em necessidade, as irmãs estão dispensadas do jejum corporal. De qualquer forma, os conteúdos se assemelham nas palavras em itálico.

FvCl⁹⁷

8 *Omni tempore sorores ieiunent.*

9 In nativitate vero Domini, quocumque die venerit, bis refici possint.

10 Cum *adolescentulis, debilibus* et servientibus extra monasterium, sicut videbitur abbatissae, *misericorditer dispensetur.*

FvHug

7 Ieiunandi autem haec observantia teneatur, ut *omni tempore ieiunent* quotidie quarta quidem et sexta feria extra quadragesimam a pulmento et vino pariter abstinentes... In quibus diebus, quarta scilicet et sexta feria, si poma aut fructus vel herbae crude adfuerint, reficiendis sororibus apponantur. In quadragesima vero maiori, quatuor diebus ; in quadragesima autem sancti Martini, tribus diebus in hebdomada, in pane et aqua ieiunent ; et omnibus vigiliis solemnibus, si de ipsarum fuerit voluntate.

7 quarta quidem et sexta feria extra quadragesimam a pulmento et vino pariter abstinentes, nisi praecipuum festum alicuius Sancti in eis occurrerit celebrandum.

7 Hanc autem ieiunii et abstinestiae legem *adolescentulae* vel anus et omnino corpore imbecilles ac *debiles* observare minime permittantur, sed secundum

⁹⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 40 e 42.

earum imbecillitatem tam in cibariis quam
ieiuniis cum eis *misericorditer*
dispensetur.

Por um lado, o uso do monaquismo cisterciense, considerado como um modelo para toda a Igreja estava sendo empregado por Hugolino para as novas fundações femininas, por outro, essa rigorosidade era característica da sua espiritualidade, que era sensível as novas correntes reformadoras, introduzindo a sublinear capacidade de sacrifício total das religiosas⁹⁸. No capítulo três da FvCl, no item quinze, “para dar a comunhão às Irmãs, sãs ou doentes, seja permitido ao capelão celebrar dentro (da clausura)” para o capítulo onze da FvHug, “mas ninguém converse pela grade de ferro pela qual recebem a Comunhão ou ouvem o Ofício”⁹⁹, ou seja, o silêncio deve ser contínuo, com exceção dada pela abadessa. Em ambos, o silêncio é contínuo, mas na forma de vida hugoliniana é mais severo. As partes abaixo em negrito correspondem a excertos bem distintos da FvCl.

FvCl¹⁰⁰

15 Pro communicandis sanis sororibus vel
infirmis capellano intus liceat celebrare.

FvHug

11 **Per cratem autem ferream, per
quam communionem accipiunt** vel
officium audiunt.

Clara não era insensível às correntes de espiritualidade da sua época, mas na sua *forma vitae*, Clara sempre atribuíu a Francisco a força para as religiosas suportarem as mais duras austeridade¹⁰¹ e não a *foma vitae* de Hugolino, apesar de inúmeros trechos similares, não são simples diferenças de conteúdo, o confronto dos trechos revelam a intencionalidade de projetos diferentes. No trecho, “para conservar a unidade do amor mútuo e da paz” no mosteiro, deve-se eleger as responsáveis no capítulo quatro da FvCl do item vinte e dois e, para a FvHug do item doze, para manter “a unidade do amor mútuo” nada deve ser escondido do visitador pela abadessa ou outras senhoras.

⁹⁸ ALBERZONI, M. P. *Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile...*, pp. 169-171.

⁹⁹ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹⁰⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 44.

¹⁰¹ ALBERZONI, M. P. *Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile...*, p. 171.

FvCI¹⁰²

22 Ad conservandam *unitatem mutuae dilectionis et pacis*, de communi consensu omnium sororum omnes officiales monasterii eligantur.

FvHug

12 caveat autem abbatissa ne a se vela ab aliis dominabus status sui monasterii in observantia religionis et *unitate mutuae caritatis* visitatori aliquatenus abscondatur.

O tema do silêncio no capítulo cinco da FvCI nos itens um, quatro e cinco confrontados com a FvHug no item seis. Na FvHug foi assinalado em negrito as frases de distanciamento em comparação a forma de vida de Clara. Na primeira, o silêncio deve ser observado, falar em voz baixa e ao falarem no locutório somente com a autorização da abadessa. Na segunda, o silêncio é contínuo e constantemente observado por todas, salvo o cargo que não pode ser executado em silêncio e avisar primeiro a abadessa “quando alguma pessoa religiosa, secular, ou de qualquer dignidade pedir para falar a alguma das senhoras”.

FvCI¹⁰³

1 Ab hora completorii usque ad tertiam sorores *silentium teneant, exceptis* servientibus extra monasterium.

FvHug

6 *Silentium vero continuum sic continue ab omnibus teneatur, ut nec sibi invicem nec alicui alii sine licentia eis loqui liceat, exceptis quibus magisterium aliquod vel opus iniunctum fuerit, quod non possit congrue cum silentio exerceri.*

4 Possint tamen semper et ubique breviter submissa voce quod necesse fuerit insinuare.

6 His quidem liceat simul loqui de iis, quae ad officium vel opus suum pertinente, **ubi, quando, et qualiter visum fuerit abbatissae.**

5 Non liceat sororibus *loqui ad locutorium* vel ad cratem sine licentia *abbatissae* vel eius vicariae.

6 Sane quando aliqua persona religiosa seu saecularis vel cuiuslibet dignitatis *loqui* petierit alicui **dominarum**, nuntietur

¹⁰²Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 54.

¹⁰³ Idem, p. 58.

primitus *abbatissae*; et, si ipsa concesserit,
accedens *ad locutorium*.

Os conteúdos e palavras usadas para os trechos a seguir sobre as formas de falar na presença de outras companheiras seja no locutório ou próximo as grades desde que autorizado da FvCI dos itens seis, sete e oito para a FvHug nos itens seis e onze. Na *forma vitae* de Hugolino “o observar essa regra sobre a maneira de falar” foi assinalado em negrito nos pontos de distanciamento em comparação a forma de vida de Clara, a saber, “ninguém converse pela grade de ferro pela qual recebem a Comunhão ou ouvem o Ofício, a não ser que isso deva ser concedido a alguém por exigência de uma causa razoável e necessária”¹⁰⁴. O assíduo silêncio e trechos sobre as religiosas não serem autorizadas a dirigir a palavra sem licença da abadessa, mostrava um árduo estilo de vida penitencial que o cardeal Hugolino almejava para os mosteiros sob a sua jurisdição.

FvCI¹⁰⁵

6 Et licentiae ad locutorium loqui non audeant, nisi praesentibus et *audientibus duabus* sororibus.

7 Ad *cratem* vero accedere non praesumant, nisi praesentibus tribus ad minus per abbatissam vel eius vicariam assignatis de illis octo discretis, quae sunt electae ab omnibus sororibus pro consilio abbatissae.

8 *Hanc* formam *loquendi* teneantur pro se *abbatissa* et eius vicaria observare.

FvHug

6 *duas* alias **ad minus** habeat semper secum, quibus iusserit abbatissa, quae ea quae sibi dicta fuerint vel ipsa alii dixerit, *audiant* universa.

11 Per *cratem* autem ferream, **per quam communionem accipiunt** vel officium audiunt, nemo loquatur, **nisi forte aliquando causa rationabili vel necessaria exigente alicui fuerit concedendum**; quod tamen rarissime fiat.

6 *Hanc* autem *loquendi* **legem** et ipsa *abbatissa* diligenter custodiat, **ut omnis omnino materia detractationis omnibus auferatur**, excepto quod cum sororibus

¹⁰⁴ *Forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹⁰⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 62.

suis, de iis, quae ad rem pertinent, horis
competentibus loqui potest publice ac
privatim, sicut visum fuerit expedire.

Os detalhes da normativa do cardeal de Óstia revelam um aspecto profundo da sua consciência da necessidade de adequar-se às formas jurídicas de claros e bem definidos contornos¹⁰⁶. Por isso, as grades no capítulo cinco da FvCl nos pontos nove, dez, onze e doze para a FvHug, no capítulo onze, apontavam recomendações de pontos em comum que estão marcados em itálico: “grades de ferro deve ser colocado um pano por dentro” e “ter portas de madeira com trancas de ferro e chave”¹⁰⁷. Em negrito o trecho aferido e constatado como distante da FvCl.

FvCl ¹⁰⁸	FvHug
9 Et hoc de <i>crate rarissime</i> . Ad portam vero nullatenus <i>fiat</i> .	11 Per <i>cratem...</i> quod tamen <i>rarissime fiat</i> .
10 <i>Ad quam cratem pannus interius apponatur</i> , qui non removeatur nisi cum proponitur verbum Dei vel aliqua alicui loqueretur.	11 <i>Quibus cratibus ferreis pannus apponatur interius</i> , ita ut nulla inde valeat exterius in capella aliquid intueri .
11 <i>Habeat etiam hostium ligneum</i> duabus diversis <i>seris ferreis</i> , valvis et vectibus optime communitum,	11 <i>Habeant et ostia ligneum</i> cum <i>seris ferreis</i>
12 ut in nocte maxime duabus <i>clavibus</i> obseretur, quarum unam habeat abbatissa, aliam vero sacrista.	11 et <i>clave</i>

Na *forma vitae* hugoliniana, verificamos uma rigorosidade no tocante à clausura que diminuirá na normativa de Inocêncio de 1247 e na forma de vida de Clara de 1253. No capítulo cinco nos pontos treze e dezessete da FvCl “e fique sempre

¹⁰⁶ ALBERZONI, M. P. *Servus vestrum et ancillarum Christi omnium*. Gregorio IX e la vita religiosa femminile..., p. 177.

¹⁰⁷ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹⁰⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 62 e 64.

fechada, menos quando se ouve o ofício divino ou pelas causas.... ou por outra necessidade manifesta” para FvHug no capítulo onze “ficarem sempre fechadas e não serem abertas, a não ser pelas causas recordadas acima”¹⁰⁹. Em ambos os trechos defrontados, marcamos em itálicos as palavras de igual correspondência.

FvCl ¹¹⁰	FvHug
13 et <i>maneant semper</i> obseratum, nisi cum <i>auditur</i> divinum officium et <i>pro causis superius memoratis</i> .	11 ut <i>maneant semper</i> clausa et non aperiantur, <i>nisi pro causis superius memoratis</i> , et ad <i>audiendum</i> aliquando verbum Dei proponendum sibi in capella per idoneam personam, fide, fama et scientia approbandam.
	11 Per <i>cratem</i> autem ferream, per quam communionem accipiunt vel officium <i>audiunt</i>
17 nisi sacerdote causa confessionais vel alterius manifestae necessitatis, quod reservetur in providentia abbatissae vel eius vicariae.	11 cum aliqua de confessione sibi loqui voluerit, per locutorium eam audiat, et per illud eidem ipsa loquatur.

É importante salientar que a renovação da vida regular feminina entrou no âmbito da tradição da Igreja e a tentativa de criação de uma unidade no sentido jurídico do termo com um esquema institucional bem definido não foi realizada com a normativa do cardeal de Óstia¹¹¹. Na verdade, os diferentes textos normativos – *formae vitae* – eram relacionados às várias realidades institucionais que continuaram nas comunidades femininas franciscanas até 1263¹¹². A parte principal da “santíssima pobreza” da FvCl encontra-se no capítulo seis e o correspondente na FvHug localiza-se

¹⁰⁹ *Forma vitae* de Hugolino Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹¹⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 64 e 66.

¹¹¹ ALBERZONI, M. P. Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile..., p. 178.

¹¹² ALBERZONI, M. P. Le Congregazioni monastiche: le Damianite. In: *Dove va la storiografia monastica in Europa?* Temi e metodi di ricerca per lo studio della vita monastica e regolare in età medievale alle soglie del terzo millennio. Atti del Convegno internazionale Brescia-Rodengo, 23-25 marzo 2000, Milano, V& P Università, 2001, p. 382.

no capítulo dois. No entanto, comparativamente são bem distintos, na FvCl a pobreza de inspiração franciscana nada tem a ver com as definições de “vida pobre” exposta na FvHug. A recusa à propriedade foi substituída por um árduo estilo de vida penitencial na *forma vitae* de Hugolino.

Além disso, as passagens bíblicas ausentes na forma de vida de Hugolino, mas essenciais na forma de vida de Clara estão concentradas nos seguintes trechos do Evangelho de São Mateus: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt. 10, 22) no capítulo seis da FvCl, “Jesus lhe respondeu: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me’” (Mt. 19, 21) no capítulo dois da FvCl, “mas se não perdoardes aos homens, vosso Pai também não perdoará vossos delitos” (Mt. 6, 15) no capítulo nove da FvCl, “O que foi semeado entre os espinhos é aquele que ouve a Palavra, mas os cuidados do mundo e a sedução da riqueza sufocam a Palavra e ela se torna infrutífera” (Mt. 13, 22) e “Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt. 5,10)¹¹³, ambos no capítulo dez da FvCl. As citações mencionadas não estão literalmente transcritas na FvCl, algumas vezes só há a citação de palavras ou um resumo do trecho bíblico que não estão presentes na FvHug.

FvCl¹¹⁴

FvHug

6 Et ut nusquam declinarem a 2 et vitam *pauperem* ducere pro aeternis sanctissima *paupertate* quam cepimus nec lucrands divitiis elegistis. etiam quae post nos venturae essent, paulo ante obitum suum iterum scripsit nobis ultimam voluntatem suam dicens.

Do capítulo sete sobre o modo de trabalhar da FvCl não há nenhum trecho que podemos comparar com a FvHug, porque são frases mais próximas da Regra não bulada de 1221 e da Regra bulada de 1223. Em poucos anos, as religiosas, que se propunham a seguir o exemplo de vida da *fraternitas* de Francisco, a saber, nas cidades de Milão, Verona, Piacenza, Novara, Trento e Praga, observavam a *forma vitae* de Hugolino, mas uma “corrente” em oposição ao projeto do cardeal de Óstia, Clara e Inês junto com Frei

¹¹³ GORGULHO, G. S.; STORNIOLO, I.; ANDERSON, A. F. *Bíblia de Jerusalém*. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Paulus, 2008, 5ª edição, pp. 1711-1739.

¹¹⁴ Idem, p. 70.

Elias, difundiam um modelo de vida minorítico de São Damião. A data de 1228 é quando os mosteiros fundados por Hugolino foram enquadrados na *Ordo monasticus*¹¹⁵, logo em seguida sofreram um “processo de franciscanização”, Clara se opôs à decisão da comunidade de São Damião fazer parte da *religio* papal, mas não pode impedir. O seguir a pobreza prometida a Francisco era o maior motivo da oposição.

No capítulo oito da FvCl nos itens quatro e doze, “as irmãs de nada se apropriem e sobre as Irmãs doentes”, há pontos que se distanciam e se aproximam da FvHug nos itens dois e oito. Conforme já mencionado, o ponto de distanciamento está no conceito de pobreza que nos dois textos são diferentes, não tem o mesmo significado e sentido. Segue em negrito o trecho em que na FvHug apresenta a “separação das irmãs doentes das sãs”, ausente na FvCl. O ponto de aproximação está em itálico, na FvCl “Quanto às Irmãs doentes, a abadessa seja firmemente obrigada a informar-se do que é exigido por sua enfermidade, tanto em conselhos como em alimentos e outras necessidades” e na FvHug “Tenha-se o maior cuidado e diligência com as doentes; procure servi-las em tudo bondosamente, no fervor da caridade, tanto nos pratos que forem exigidos por suas doenças como nas outras coisas necessárias”.

FvCl¹¹⁶

4 Haec est illa celsitudo altissimae paupertatis quae vos karissimas sorores meas heredes et reginas regni caelorum instituit, pauperes rebus fecit, virtutibus sublimavit.

12 *De infirmis* sororibus *tam in consiliis quam in cibariis et aliis necessariis quae earum requirit infirmitas* teneatur firmiter abbatissa *sollicite* per se et alias sorores inquirere.

FvHug

2 Quapropter, dilectae in Domino filiae, quia divina vobis gratia inspirante, per arduam viam et arctam, quae ad vitam ducit, incedere, et vitam pauperem ducere pro aeternis lucrandis divitiis elegistis

8 *De infirmis* vero cura et diligentia máxima habeatur, et secundum quod possibile fuerit et decuerit *tam in cibariis, quae earum requirit infirmitas, quam in aliis etiam necessariis*, in fervore caritatis, benigne ac *sollicite* eis per omnia serviatur. Quae infirmae proprium habeant

¹¹⁵ Os mosteiros femininos eram diretamente subordinados à Igreja romana, a responsabilidade ficava a cargo de um cardeal, que se preocupava em garantir a *cura* das religiosas e de garantir a sua visita canônica. ALBERZONI, M. P. Le congregazioni monastiche: le Damianite..., pp. 394-397.

¹¹⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 76 e 80.

locum, si umquam fieri potest, **ubi a sanis
maneant separatae, ne illarum ordinem
et quietem confundere valeant vel
turbare.**

O mosteiro de São Damião é um exemplo para compreender as tensões da reforma de vida religiosa com tendências jurídicas e normatizações do papado do século XIII, na qual existia um modelo e fundamento como a *forma vitae* de Hugolino. Por mais resistência ao modelo cisterciense fosse de fato sucedido, percebemos muitas partes da normativa do cardeal de Óstia influenciando a redação da “*Regula*” de Clara, por exemplo, a relação das irmãs enfermas no capítulo oito da FvCl nos itens treze, dezessete e dezoito, trechos de aproximação com a FvHug no capítulo oito. São, a saber, na FvCl “as que estão doentes deitem-se em colchões de palha e tenham à cabeça travesseiros de penas” e na FvHug “deitem-se em colchões de palha e podem ter à cabeça um travesseiro de penas”. E as partes que se diferenciam em conteúdo estão assinaladas em negrito na FvHug, a saber, “as que estiverem sofrendo de doença não muito grave” e “mas as gravemente doentes deitem-se em acolchoados, todas as doentes terão chinelos de lã, possivelmente com solas, para poderem calçá-los e usá-los quando for preciso”¹¹⁷.

FvCl¹¹⁸

13 et iuxta *possibilitatem* loci caritative et misericorditer providere.

17 Quae infirmæ *in saccis cum paleis iaceant et habeant ad caput capitalia cum pluma.*

18 et quae indigent *pedulis laneis* et *culcitris* uti possint.

FvHug

8 De infirmis vero cura et diligentia maxima habeatur, et secundum quod *possibile* fuerit et decuerit

8 **Illae vero, quae non multum gravi infirmitate laborant**, *in saccis cum paleis iaceant et habeant ad caput capitale cum pluma.*

8 **Quae autem graviter infirmantur, in culcitris iaceant, si congrue potuerint**

¹¹⁷ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹¹⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 80 e 82.

**inveniri. Sed et omnes infirmæ pedules
laneos habeant; et si potest fieri,
soleatos; quos, cum necesse eis fuerit, in
pedibus habeant atque portent.**

As complexas reformas de Hugolino deixam evidente a polêmica das origens das damianitas e talvez para os frades fosse interessante as atenções voltadas do cardeal de Óstia para São Damião que fazia parte da *fraternitas*, além da normatização geral da vida regular feminina.¹¹⁹ Quando Hugolino visitou a comunidade de São Damião antes da Páscoa de 1220, é provável que o cardeal impôs várias condições para a vida religiosa feminina, uma delas era a sua normativa que mudou substancialmente o ideal originário das *sorores Minores*¹²⁰. Nos exemplos adiante, identificamos algumas condições, no capítulo oito da FvCl “sobre a visita das irmãs enfermas” nos itens dezenove, vinte e vinte e um, em confronto com a FvHug nos capítulos seis e dez. A recomendação da FvHug “nunca falem nem entre si nem com outros, se não estiverem três juntas” a regra também inclui a abadessa, diferentemente na FvCl que prevê “as referidas enfermas, quando forem visitadas por alguém que entra no mosteiro, podem, cada uma por si, responder com algumas palavras breves aos que lhes falarem” desde que “estando presentes duas Irmãs discretas”¹²¹, a regra inclui também a abadessa.

FvCl¹²²

19 Infirmæ vero prædictæ cum ab introeuntibus monasterium visitantur, possint singulæ aliqua bona verba sibi loquentibus breviter respondere.

FvHug

6 Hoc manque firmiter observetur ab omnibus sanis pariter et infirmis, ut nec inter se nec cum aliquibus aliis minus quam tres simul loquantur

10 Nulla tamen omnino loquatur cum aliquo, nisi prædicto modo, sive infirma fuerit, sive sana.

20 Aliaæ autem sorores licentiatae

6 Hoc nanque firmiter observetur ab

¹¹⁹ ALBERZONI, M. P. Chiara e San Damiano tra ordine minoritico e curia papale. *Convivium assisiense*, n. s., anno VI – gennaio-giugno n. 1, Edizioni Porziuncola, 2004, p. 42.

¹²⁰ Idem, p. 45.

¹²¹ *Forma vitæ* de Hugolino e *forma vitæ* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹²² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 82.

monasterium intransibilibus loqui non **omnibus** sanis pariter **et infirmis**, ut nec audeant, nisi praesentibus et audientibus inter se nec cum aliquibus aliis minus duabus discretis sororibus per abbatissam quam tres simul loquantur vel eius vicariam assignatis.

21 *Hanc* formam *loquendi* teneantur pro 6 *Hanc* autem *loquendi* **legem** et ipsa se *abbatissa* et eius vicaria observare. *abbatissa* diligenter custodiat

Ao lado dos mosteiros de Perúgia e Siena, São Damião era a *religio* das mulheres pobres do vale de Espoleto e Toscana, juridicamente estavam configurando-se como as demais comunidades femininas no enquadramento do cardeal de Óstia. As pesquisas recentes apontam que o mosteiro de São Damião em Assis estava entre os mosteiros que observavam a *forma vitae* de Hugolino¹²³. No capítulo nove da FvCl sobre as irmãs que servem fora do mosteiro em verificação com o capítulo onze da FvHug, só há a menção “sem demorar-se mais” referente ao capelão, não há uma especificação para as irmãs que servem fora do mosteiro.

FvCl¹²⁴

FvHug

11 Sorores servientes extra monasterium 11 *nec moram ibi faciat longiorem longam moram non faciant, nisi causa manifestae necessitatis requirat.*

No capítulo dez da FvCl nos itens quatro, sete e oito sobre as correções e admoestações das irmãs, assim é colocado “a abadessa, porém, tenha tanta familiaridade com elas que possam falar e fazer com ela como as senhoras com sua serva na unidade do amor mútuo e as que não sabem letras não procurem aprendê-las”. Já na FvHug nos itens seis, doze e cinco as partes contrastadas, a saber, “a abadessa que pode falar com suas irmãs sobre o que for necessário, pública e privadamente, nas horas adequadas,

¹²³ O testemunho é o manuscrito IV-63 da Biblioteca Régia de Bruxelas, assinado por S. Tugwell, The original text of the Regula Hugolini (1219), in AFH 93 (2000), 511-513. Este manuscrito é proposto pelo autor como a versão mais antiga do texto hugoliniano, contém a forma de vida de Hugolino em latim e em língua vernácula. O trecho que comprova o uso da forma de vida de Hugolino por São Damião: “Ugo miseratione divina ostiensis et velletrensis episcopus apostolicae sedis legatus. Dilectis in Christo filiabus monasteriorum sancti Damiani de Asisio, et beate Marie de Spello, de Fuligno, de Perusio, de Aretio, de Senis, de Florentia, de Lucca, de Terdona, et aliorum monasteriorum omnium eiusdem religionis abbatissis et sororibus universis salutem in Domino”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Uma vita prende forma. Iter storico..., p. 61.

¹²⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 88.

como parecer melhor... não se esconda alguma coisa do visitador, sobre o estado do mosteiro, se lhe parecer bem, faça com que sejam instruídas nas letras”¹²⁵.

FvCl¹²⁶

4 Abbatisa vero tantam familiaritatem habeat circa ipsas ut dicere possint ei et facere sicut dominae ancillae suae.

7 Sint vero sollicitae semper invicem servare *mutuae dilectionis unitatem* quae est vinculum perfectionis.

8 Et nescientes litteras non curent litteras discere.

FvHug

6 Hanc autem loquendi legem et ipsa abbatisa diligenter custodiat... excepto quod cum sororibus suis, de iis, quae ad rem pertinente horis competentibus loqui potest publice ac privatim, sicut visum fuerit expedire.

12 Caveat autem abbatisa ne a se vela b aliis dominabus status sui monasterii in observantia religionis et *unitate mutuae caritatis* visitatori aliquatenus abscondatur
5 si abbatisae visum fuerit, faciat eas litteris edoceri.

A clausura é dos principais elementos de caracterização das comunidades femininas, presente no capítulo onze da FvCl nos itens um, dois, três, quatro e cinco, no capítulo treze da FvHug, nos excertos abaixo, a guarda da porta e a função da porteira aparecem igualmente nas partes em itálico, exemplificando nas duas normativas, a porteira de idade conveniente, de comportamento maduro e discreta conserva a chave junto com uma companheira idônea, devem zelar pela entrada de pessoas de maneira que a porta sempre deve estar fechada com segurança por fechaduras de ferro, batente e trincos.

FvCl¹²⁷

1 Hostiaria *sit matura moribus et discreta sitque convenientis aetatis*, quae ibidem in

FvHug

13 Ad ostium sane monasterii custodiendum aliqua talis ex sororibus

¹²⁵ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹²⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 94 e 96.

¹²⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 100.

cellula aperta sine hostio in die resideat.	deputetur, quae omnino Deum timeat, quae <i>sit matura moribus</i> , sit diligens et <i>discreta sitque convenientis aetatis</i> .
2 <i>Sit ei et aliqua socia idonea assignata quae cum necesse fuerit eius vicem in omnibus exsequatur.</i>	13 <i>Sit et alia aequae idoneae ei socia deputata, quae eius vicem in omnibus exsequatur, cum ipsa aliqua rationabili causa vel occupatione necessaria occupata fuerit ac detenta.</i>
3 <i>Sit autem hostium diversis duabus seris ferreis, valvis et vectibus optime communitum.</i>	13 <i>Sit autem ostium seris ferreis cum valvis et vectibus optime communitum</i>
4 ut in nocte maxime duabus clavibus obseretur, quarum unam habeat portanaria, aliam abbatissa.	13 Quae ipsius ostii clavem sic diligenter custodiat et conservet, ut nunquam sine ea, vel ipsa nescia, ostium aliquando valeat aperiri.
5 et in die sine custodia minime dimittatur et una clave firmiter obseretur.	13 et omnino sine custodia minime dimittatur, nec etiam ad momentum, nisi clavi firmiter obseratum.

Na forma de vida hugoliniana, verificamos uma rigorosidade no tocante à clausura que diminui na normativa de Clara de 1253. Ao fazer o cotejamento dos trechos abaixo, do capítulo onze da FvCl dos itens seis e sete com o capítulo treze e dez da FvHug, resulta que na primeira parte, são idênticas as frases para zelar a porta para que nunca fique aberta, a não ser o mínimo necessário; na segunda as partes em negrito um distanciamento significativo da FvCl, a saber, “não ser que saiba antes com segurança que é alguém a quem deva abrir sem nenhuma dúvida”; na última parte, os pontos comuns sobre a entrada de pessoas no mosteiro: “e não se abra absolutamente a quem quiser entrar, a não ser que lhe tenha sido permitido pelo Sumo Pontífice”¹²⁸.

FvCl¹²⁹

FvHug

¹²⁸ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹²⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 102.

6 *Caveant autem studiosissime et procurent ne unquam hostium stet apertum, nisi quanto minus fieri poterit congruenter.*

7 *Nec omnino aperiatur alicui intrare volenti nisi cui concessum fuerit a summo pontifice vel a nostro domino cardinali.*

13 *Caveant autem studiosissime et procurent, ne unquam ostium stet apertum, nisi tantum quantum minus fieri poterit congruenter.*

13 *Nec omni pulsante aperiatur statim, nisi prius indubitanter cognoverit, quod talis sit, cui sine dubitatione aliqua secundum mandatum, quod in eadem Forma de ingressuris superius continetur, debeat aperiri.*

10 De ingressu personarum in monasterium, firmiter ac districte praecipimus ut nulla umquam abbatissa vel eius sorores aliquam personam religiosam seu secularem ac cuiuslibet dignitatis in monasterium intrare permittant; *nec omnino hoc alicui liceat, nisi cui et de quibus concessum a summo pontifice fuerit, vel a nobbis, seu, post nos ab illo cui, sicut et nobis, sollicitudinem atque curam specialem gerendam de vobis specialiter dominus papa duxerit iniungendam.*

Em relação à entrada de bispos no mosteiro, a FvCl no capítulo onze nos itens nove e dez, em comparação a FvHug nos capítulos dez e treze, a primeira parte é praticamente idêntica “algum bispo for permitido celebrar missa dentro do mosteiro para a bênção da abadessa, para a consagração de alguma das Irmãs como monja ou por outro motivo, contente-se com o menor número possível de companheiros e ministros, e com os mais honestos”, a FvCl não contém a última frase “mas mesmo isso seja raramente concedido a alguma pessoa” da normativa hugoliniana que assinalamos em negrito.

Em relação à entrada de homens para fazer algum trabalho, “a abadessa deve

ter o cuidado de colocar na porta uma pessoa bem indicada” segundo a FvCl ou “alguma outra pessoa conveniente para guardar a porta” pela FvHug, que acrescenta a palavra “*pro aliquo*”, que significa para alguns a lei de ingresso é dispensada.

FvCl¹³⁰

9 *Si pro benedictione abbatissae vel pro aliqua sororum in monialem consecranda vel alio etiam modo concessum fuerit alicui episcopo missam interius celebrare, quam paucioribus et honestioribus poterit sit contentus sociis et ministris.*

10 *Cum autem intra monasterium ad opus faciendum necesse fuerit aliquos introire, statuatur tunc sollicite abbatissa personam convenientem ad portam.*

FvHug

10 *Quod si forte pro benedictione abbatissae vel pro aliqua sorore consecranda in monialem, vel alio etiam modo concessum alicui episcopo fuerit missam interius **aliquando** celebrare, quam paucioribus et honestioribus potuerit contentus sit sociis et ministris; **et hoc quoque ipsum rarius alicui concedatur.***

13 *Quod si aliquando intra monasterium opus aliquod fuerit faciendum, ad quod agendum saeculares aliquos vel quascumque personas alias oporteat introire, provideat abbatissa sollicite ut tunc, dum opus scilicet exercetur, aliqua alia persona conveniens ad custodiendum ostium statuatur.*

10 *Excipiuntur autem a dicta ingrediendi lege illi, quos **pro aliquo opere** necessario exercendo necessitas exegerit introire.*

Até o presente momento, enumeramos muitos pontos de aproximações e distanciamentos, isso nos leva à afirmação de que mesmo que a *forma vitae* de Hugolino tenha sido usada sutilmente no mosteiro de São Damião, ela foi importante para a construção da *forma vitae* de Clara, porque fica evidente a intertextualidade em muitos capítulos com o uso de palavras e frases idênticas. Para além dos trechos

¹³⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 104.

bíblicos do Evangelho de São Mateus que já mencionamos e não estão presentes na forma de vida de Hugolino, isso repercutiu de forma negativa nos mosteiros. Porque ficou evidente que a falta de citações bíblicas diretas ou indiretas contribuíram em muito para a recusa das monjas de São Damião a seguirem uma normativa que não se identificavam.

Neste outro excerto, fica mais claro que o principal objetivo era o de regulamentar as comunidades femininas dentro da normativa canônica de maneira mais rápida e concisa, modificando a *fraternitas* franciscana. Ao relacionar o capítulo onze da FvCl nos itens onze e doze com a FvHug do capítulo treze, ainda sobre o tema da entrada de homens, defrontamos com uma rigidez para que as irmãs não sejam vistas por seculares ou pessoas estranhas. Segundo as “constituições hugolinianas”, o mosteiro dependia de um visitador e da Santa Sé, já a igreja de São Damião dependia do bispo, enfim não se sabe com precisão quando o mosteiro de São Damião recebeu a *forma vitae* de Hugolino¹³¹.

FvCl¹³²

11 *quae* tantum illis et non aliis *ad opus deputatis aperiatur*.

12 *Caveant studiosissime* omnes sorores *ne tunc* ab ingredientibus *videantur*.

FvHug

13 *quae* sic personis *ad opus deputatis aperiatur*, quod alias penitus intrare non permittat.

13 Nam **dominae** ipsae, et *tunc* et semper, quantumcumque rationabiliter praevalent, *studiosissime caveant*, *ne* a saecularibus vel personis extraneis *videantur*.

No capítulo doze da FvCl sobre o cargo de visitador em confronto com o capítulo doze da FvHug, as partes em que se diferenciam está no cargo de visitador da FvCl, na primeira é sempre da Ordem dos frades menores com a função de “corrigir, tanto na cabeça como nos membros, os excessos cometidos contra a forma de nossa profissão”. Já a FvHug o visitador deve ter conhecimento da vida religiosa e a sua função era de interrogar todas em geral e “quando encontrar alguma coisa que precise

¹³¹ DALARUN, Jacques. Chiara e gli uomini. In: ANDENNA, G. e VETERE, B. (org.). *Chiara e la diffusione delle clarisse nel secolo XIII*. Atti del Convegno di studi in occasione dell’VIII centenario della nascita di Santa Chiara, Manduria, 14-15 dicembre 1994. Galatina: Congedo, 1997, p. 91.

¹³² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 104.

ser reformada ou corrigida, corrija e reforme com discrição, tanto na cabeça quanto nos membros, como melhor lhe parecer”¹³³, em itálico as palavras que se assemelham entre as duas *forma vitae*.

FvCI¹³⁴

1 *Visitor* noster sit semper de ordine fratrum minorum secundum voluntatem et mandatum nostri cardinalis.

2 et sit *talis de cuius honestate et moribus plena notitia habeatur*.

3 Cuius officium erit *tam in capite quam in membris corrigere* excessus commissos contra formam professionis nostrae.

FvHug

12 De *visitatore* huius religionis illud est sollicite providendum, ut quicumque vel generalis vel etiam aliquando specialis constituendus fuerit *visitor*

12 *talis* debeat constitui, *de cuius* religiosa *vita et moribus* atque fide *notitia plena* et *securitas habeatur*.

12 Sane de earum statu et observantia suae religionis ab omnibus generaliter et specialiter a singulis inquirat studiosius veritatem; et ubi aliquid reformandum vel *corrigendum* invenerit, zelo caritatis et amore iustitiae cum discretione *corrigat* et reformet *tam in capite quam in membris*, sicut melius viderit expedire.

Para o cargo de visitador e o capelão, no capítulo doze nos itens quatro e cinco em verificação com os capítulo doze e onze da FvHug. Na primeira, o texto informa que o encontro do visitador e do capelão deve ser em local aberto para poderem ser vistos pelos outros, o capelão de previdente discrição deve vir acompanhado de um companheiro clérigo e mais dois irmãos leigos honestos. Na FvHug em comum na parte do capelão ser de boa fama e de idade adequada, não muito jovem e em negrito marcamos o ponto de distanciamento do visitador ao modo de falar “em particular com alguma, mas com pelo menos duas outras sentadas não longe, à vista, para que em tudo

¹³³ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹³⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 106 e 108.

se conserve a boa fama do mosteiro”¹³⁵.

FvCl¹³⁶

4 Qui stans in loco publico ut videri ab aliis possit *cum pluribus* et singulis loqui liceat quae ad visitationis officium pertinente secundum quod melius viderit expedire.

5 *Capellandum* etiam cum uno socio clerico *bonae fama*e discretionis providae et duos fratres laicos sanctae conversationis et honestatis amatores.

FvHug

12 Modum autem loquendi custodiat supradictum, ut videlicet, aut cum omnibus aut *cum pluribus* simul loquatur, vel secrete cum una, **aliis tamen ad minus duabus in aspectu eius non longe sedentibus, ut per omnia bonae fama**e integritas conservetur.

11 Ubi proprius fuerit *capellanus*, habitu et vita religiosus ac *bonae fama*e, nec multum iuvenis, sed idoneae sit aetatis.

Ainda fazendo o exercício de verificação do conteúdo do capítulo doze da FvCl nos itens dez e onze em contrapartida com a FvHug no capítulo onze, percebemos algumas semelhanças que assinalamos em itálico. Na FvCl o capelão poderia entrar para “a confissão das enfermas que não podiam ir ao locutório, como também para sua comunhão, extrema unção ou encomendação da alma” e as pessoas suficientes poderiam adentrar no mosteiro para “as exéquias e a celebração da missa de defuntos, para cavar, abrir a sepultura, ou mesmo para ajustá-la”. Os pontos da FvHug destacado em negrito não existe na FvCl, são eles, a saber, “parecer chegar ao fim por grave enfermidade” e “mas não entre no claustro para celebrar as exéquias junto da sepultura; faça o que for necessário para esse ofício fora, na capela”. As palavras em itálico assemelham-se, nas partes “se parecer bem à abadessa que ele deva entrar para as exéquias” e “se for preciso entrar para cavar ou abrir a sepultura, ou para acomodá-la melhor depois, seja permitido que entre, ele ou outra pessoa idônea e honesta”¹³⁷.

¹³⁵ *Forma vitae* de Hugolino. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹³⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 108 e 110.

¹³⁷ *Forma vitae* de Hugolino e *forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

10 Pro confessione *infirmarum* quae ad locutorium ire non possent, pro communicandis eisdem, pro extrema unctione, pro *animae commendatione* liceat eisdem intrare.

11 Pro *exequiis* vero et missarum sollemniis defunctorum et *ad fodiendam vel aperiendam sepulturam seu* etiam *coaptandam* possint sufficientes et *idonei* de abbatissae providentia *introire*.

11 Qui capellanus, cum aliqua sororum gravi corporis *infirmidade* detenta **visa fuerit ad extrema tendere**, et necesse habuerit confiteri vel dominici corporis accipere sacramenta... Sic se etiam habeat in *animae commendatione*.

11 **Porro ad exsequias circa sepulturam agendas non ingrediatur in claustrum, sed exterius, in capella, quae ad illud officium pertinent exsequatur.** Tamen, si *abbatissae* visum fuerit, quod ad *exsequias* debeat *introire*, modo supradicto indutus intret et, sepulta mortua, exeat sine mora. Si autem necesse fuerit, ut *ad fodiendam vel aperiendam sepulturam, seu* certe postmodum *coaptandam* ingrediatur, sit ei vel alicui alii ad hoc *idoneo* et honesto licitum *introire*.

Para finalizar a nossa análise comparativa das duas *forma vitae*, na FvCl no final do capítulo doze, as irmãs eram “obrigadas a ter sempre como nosso governador, protetor e corretor o cardeal da santa Igreja romana que for designado pelo senhor Papa para os Frades menores”. Já na FvHug, a obrigatoriedade era de “quando morrer o cardeal ou bispo da Igreja Romana que for especialmente encarregado de vós, devem cuidar com solicitude de pedir que sempre seja nomeado pelo senhor Papa outro de seus irmãos”¹³⁹.

¹³⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 112.

¹³⁹ *Forma vitae* de Hugolino. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

12 Ad haec sorores firmiter teneantur semper habere illum de sanctae *romanae ecclesiae cardinalibus* pro nostro governatore, protectore et correctore, *qui fuerit a domino papa* fratribus minoribus *deputatus*.

10 Nam hoc a vobis sollicite procuretur, ut cum *cardinalis* vel episcopus *Ecclesiae romanae, qui* vobis specialiter *fuerit deputatus*, ex ha cvita migraverit, alium semper *a domino papa* de ipsis suis fratribus postuletis; ad quem, cum necesse habueritis, vel per visitatorem vel per nuntium proprium specialiter recurrere debeatis.

Como vimos, a *forma vitae* de Hugolino teve uma influência literária sobre a *forma vitae* de Clara apenas em alguns aspectos ascéticos, que se relacionam com a organização do mosteiro, embora não seja desprovido de significado, há uma certa configuração para a vida religiosa dos mosteiros. Em qualquer caso, foram eleitos alguns elementos por Clara, são eles, a saber: o impedimento em aceitar esta forma de candidatas em idade avançada ou por ter alguma doença ou deficiência mental (FvHug quatro = FvCl dois, cinco); a prescrição de jejum em qualquer época do ano e dispensa do jejum para pessoas muito jovens (FvHug sete = FvCl três, oito a dez); a obrigação por parte da abadessa de observar as regras para ir para o locutório (FvHug seis = FvCl cinco, oito; oito, vinte e um); as disposições sobre o portão e a porta do mosteiro (FvHug onze = FvCl cinco, nove a treze; doze, onze); o cuidado das irmãs doentes e também referente aos colchões, travesseiros e escarpinas de lã (FvHug oito = FvCl oito, doze, dezessete-dezoito); as qualidades que devem ter a porteira e a possibilidade de ter uma companheira idônea neste ofício, os bloqueios que devem ter a porta que deve estar sempre fechada e só pode ser aberta com a permissão do Sumo Pontífice e quando necessários trabalhos especiais devem ser executados dentro mosteiro (FvHug treze = FvCl onze, um-três; dez-onze); as condições de acesso aos bispos no mosteiro (FvHug dez = FvCl onze, sete a nove); as qualidades que devem ter o visitador do mosteiro (FvHug doze = FvCl doze, dois-três). Conforme Fernando Uribe, primeiramente, a *forma vitae* de Hugolino não oferece uma forma doutrinal e espiritual de vida para as irmãs; em segundo lugar é incompleta, uma vez que incide, quase exclusivamente, em

¹⁴⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., p. 114.

certas estruturas externas da vida (a clausura, a entrada de estranhos no mosteiro, o capelão, o visitante, as porteiras) não trata de elementos importantes, tais como as relativas ao governo do mosteiro, à forma de eleição, etc.; em terceiro, a ênfase é para observâncias ascéticas e penitenciais (jejum e abstinência, o silêncio, o comportamento com estranhos, vestimentas), reservando um espaço muito pequeno para a oração e não menciona a prática sacramental; por último, o tema da fraternidade é praticamente inexistente, quando se refere ao cuidado dos doentes, e não menciona a questão da pobreza relativa à posse e administração dos bens materiais¹⁴¹.

O modelo cisterciense influenciou bastante as “Constituições hugolinianas” que aos poucos serviu de base para a construção de outras *forma vitae* para o mosteiro de São Damião. No entanto, a forma de vida hugoliniana teve um tempo relativamente curto de duração nos conventos femininos de inspiração evangélico-pauperista, sendo depois substituído paulatinamente pela forma de vida de Inocêncio IV de 1247. Como já foi dito, a *forma vitae* de Hugolino não foi escrita somente por ele, há indicações históricas de que Frei Felipe Longo, um dos companheiros de Francisco, foi um colaborador na redação do texto, porque ele era o visitante das Irmãs pobres. O tempo de uso da *forma vitae* de Hugolino nos mosteiros, sob a jurisdição do cardeal de Óstia foi de 1219 até 1247, quando foi substituída pela *forma vitae* de Inocêncio IV (1243-1254). Além da resistência à imposição da regra de São Bento e às exigências do cardeal protetor em relação ao jejum e ao silêncio, Clara e as irmãs resistiram às outras imposições alheias ao modelo evangélico-pauperista que havia prometido a Francisco. A rigidez de Hugolino, por meio de “leis” e preceitos incomuns ao seguimento franciscano feminino provocaram insatisfações não somente ao mosteiro de São Damião, conforme atestamos através das Cartas e de inúmeros pedidos para garantir o “Privilégio da pobreza” e uma ligação mais estreita com os Menores. A forma de vida de Hugolino representa um enquadramento rápido do seguimento feminino, como resultado de um projeto político da Igreja, que destoava da interpretação da pobreza de Clara de Assis e demais companheiras. Por isso, tantos pedidos de aproximação com os frades menores que eram negados pela Igreja ou contornados de maneira que não atendia as demandas dos mosteiros.

Em suma, a ausência de citações bíblicas diretas ou indiretas no texto de Hugolino contribuiu em boa parte para a recusa em adotar a sua normativa. A forma de

¹⁴¹ URIBE, Fernando. El itinerario histórico de la Regla de Santa Clara: una prueba de fidelidad al Evangelio..., pp. 415-420.

vida de Clara contém muitas passagens do Evangelho de São Mateus conforme mencionamos, são eles, a saber, “perseverar até o fim” (Mt. 10, 22) no capítulo seis da FvCl, “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me” (Mt. 19, 21) no capítulo dois da FvCl, “se não perdoardes aos homens, não será perdoado” (Mt. 6, 15) no capítulo nove da FvCl, “ouve a Palavra, a sedução da riqueza sufocam a Palavra” (Mt. 13, 22) e “perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt. 5,10)¹⁴², ambos no capítulo dez da FvCl. Entre outros trechos bíblicos destacam-se as seguintes passagens no texto da FvCl, a saber, Lc 2,7.12 no capítulo dois; Esd 2,34-35 no capítulo três; Hb 13,17 e Sl 31,7 no capítulo quatro; 1Ts 5,19 no capítulo sete; Sl 38,13; 1Pd 2,11; 2Cor 8,9; 2Cor 8,2; Tg 2,5; Sl 141,6; 1Ts 2,7; no capítulo oito; Lc 12,15; Lc 21,34; Cl 3,14 no capítulo dez; como vimos as referências evangélicas são fundamentais e serviram de base para a composição da normativa clariana.

1.4 O carisma de Clara

Clara sempre insistiu que Francisco de Assis foi o fundador do modo de vida das irmãs pobres em São Damião, para Lezlie Knox esse argumento serviu de estratégia e deu poder para a autoridade eclesiástica na regulamentação da vida feminina franciscana¹⁴³. Porque Clara foi a voz mais convicta no embate da profunda unidade (masculina e feminina) da experiência minorítica¹⁴⁴, reivindicou para si mesma o título de *plantula beati Francisci* e lutou sem cessar para poder seguir a forma de vida que Francisco havia dado a ela e a São Damião¹⁴⁵. Antes de tudo, São Damião funcionava como uma comunidade mista, para irmãos e irmãs que mantinham laços de convivência mútua na *fraternitas*. Embora, a autoridade eclesiástica iniciasse um processo de institucionalização que não conseguiria ser uniforme, algumas vozes desejavam manter

¹⁴² GORGULHO, G. S.; STORNILO, I.; ANDERSON, A. F. *Bíblia de Jerusalém...*, pp. 1711-1739.

¹⁴³ KNOX, Lezlie S. *Creating Clare of Assisi: female Franciscan identities in later medieval Italy*. Leiden/Boston: Brill, 2008, p. 21.

¹⁴⁴ A palavra “franciscanismo”, “menorita” ou “minoritas” são palavras e conceitos de origens recentes e são válidos exclusivamente para o plano historiográfico e não para o histórico: são paradigmas interpretativos, não abstrações racionais realizadas no século XIII. São conceitos peculiares de um discurso especialista, “estudo franciscano”. Sánchez Gil define o “franciscanismo” como categoria historiográfica elaborado no século XIX para definir o “movimento franciscano”, um complexo fenômeno plurissecurar, mais institucionalizado, bastante diversificado, a partir da “herança rica e difícil” de Francisco de Assis. MERLO, G. G. La minorità de frate Francesco e il minoritismo dei frati Minori. *Sémata*, Ciencias sociais e Humanidades, 2014, vol. 26, pp. 36 e 38.

¹⁴⁵ ALBERZONI, M. P. *Santa povertà e beata semplicità...* p. 180.

plenamente vivo (e talvez institucionalmente) os laços entre os *fratres* e as *sorores minores*, pertencentes a uma mesma comunidade.¹⁴⁶

As palavras *sorores minores* foram utilizadas de forma isolada por Jacques de Vitry, não se encontra em outros documentos o uso de tal terminologia. A autoridade eclesiástica tinha uma tendência de regulamentação unitária, Honório III e o cardeal de Óstia tentavam dar uma vida a uma nova Ordem religiosa feminina, nos moldes da Ordem cisterciense¹⁴⁷, precisavam responder aos novos pedidos de acesso à vida religiosa por parte das mulheres na Itália central, essas mulheres renunciavam a riqueza e a propriedade, viviam em pobreza, sem seguir uma regra precisa e não estavam em uma Ordem, mas de uma certa forma estavam inseridas no movimento pauperístico. Sendo assim, a Igreja romana estava empenhada em uma grande obra de regulamentação da vida religiosa e do monaquismo feminino em particular. O contexto institucional na qual Clara estava inserida após o IV Concílio de Latrão (1215), imperava uma normatização as várias expressões da vida religiosa, sendo que todas deveriam assumir uma regra ou *institutiones* aprovadas, que se reduziam na prática a regra de Agostinho, a Beneditina ou aquela de Basílio para o monaquismo oriental. Para as comunidades femininas o modelo era da Ordem cisterciense que se conhecia pela introdução da reclusão, uma separação bem mais rígida do que a clausura, também praticada pelas monjas cistercienses, com contínuo silêncio¹⁴⁸.

Francisco sempre viveu próximo a comunidade de Clara e em São Damião, mas era o único mosteiro feminino que ele havia “fundado”, ele determinou o nascimento, o pertencimento a Ordem e o reconhecimento. Nenhum outro pode ser associado à fundação de Francisco ou favorecido pelos frades¹⁴⁹. Clara expressava em várias situações o desejo de pertencer à versão feminina da vida minorítica e teve o apoio dos frades num primeiro momento, no início da *fraternitas*, quando era evidente a origem comum dos dois grupos de franciscanismo. O termo *fraternitas* não tem um correspondentes feminino, nem em latim (*sororitas?*), nem em italiano, nem em

¹⁴⁶ O nome *fratres Minores* correspondia a uma realidade precisa e manteve-se invariavelmente e de modo definitivo após a aprovação da regra pelo papa Honório III, o mesmo não aconteceu com o indicativo de Jacques de Vitry *sorores Minores* (termo usado em 1216), porque havia diversas denominações no período e uma dificuldade em traçar as características do franciscanismo feminino obstinadamente considerado um fenômeno unitário. ALBERZONI, M. P. *Sorores minores e autorità ecclesiastica fino al pontificato di Urbano IV*. In: ANDENNA G. e VETERE, B. (org.). *Chiara e la diffusione delle clarisse nel secolo XIII*. Atti del Convegno di studi in occasione dell'VIII centenario della nascita di Santa Chiara, Manduria, 14-15 dicembre 1994. Galatina: Congedo, 1997, p. 169.

¹⁴⁷ Idem, p. 171.

¹⁴⁸ ALBERZONI, M. P. *Santa povertà e beata semplicità...* p. 181.

¹⁴⁹ GRUNDMANN, H. *Movimenti religiosi nel Medioevo ...*, p. 199.

português. O estilo de vida das *sorores minores* talvez fosse igual à primitiva *fraternitas*, constituía um único corpo com os *fratres minores*: ficava próximo aos albergues, vivia com o trabalho das próprias mãos, prestava serviços de acolhida aos necessitados, aos peregrinos e aqueles excluídos da sociedade, em particular os leprosos. O nome *sorores* era uma escolha habitual para as mulheres empenhadas nas obras de caridade e assistência¹⁵⁰. Na verdade, no início do século XIII eram numerosos as comunidades de homens e mulheres que abraçavam o estilo de vida penitencial, sem seguir uma regra precisa, convivendo com os excluídos da sociedade¹⁵¹.

Toda a experiência de Clara foi marcada pelo confronto com a Igreja romana, pelo desejo de seguir Francisco em tudo, o seu modelo e exemplo de vida¹⁵². Francisco teve um influxo determinante na sua forma de vida, não podemos sintetizar como uma questão de admiração sentimental, nem somente de compreensão do seu ideal de vida. O carisma¹⁵³ de Francisco e Clara foi de uma notável afinidade, algumas correntes definem o carisma de Clara como um “franciscanismo ao feminino”, interpretando como uma simples tradução ao feminino da inspiração do santo de Assis da qual discordamos, Clara não é um “clone feminino” de Francisco; outra corrente defende que a importância de Clara foi necessária e que sem ela o desenvolvimento de Francisco seria impossível. Nem uma e nem a outra, sintetizam a complexidade dos aspectos e sentidos da relação entre Clara e Francisco¹⁵⁴. Para além desta dicotomia, o ideal de pobreza de Francisco era o ideal de pobreza de Clara, porém Clara tem a sua especificidade. Em resumo, a autoridade de Francisco não é do tipo jurídico, mas de um “pai espiritual”, um exemplo e fonte de inspiração para o seguir Cristo pobre¹⁵⁵.

¹⁵⁰ ALBERZONI, M. P. “Et ego manibus meis laborabam” Francesco d’Assisi e il lavoro come espressione di carità. *Sémata*, Ciências sociais e Humanidades, 2014, vol. 26, p. 60.

¹⁵¹ ALBERZONI, M. P. *Santa povertà e beata semplicità*... p. 182 e 185.

¹⁵² No capítulo um da regra de Clara: “Forma vitae Ordinis Sororum Pauperum, quam beatus Franciscus instituit, haec est... Clara indigna ancilla Christi et plantula beatissimi patris Francisci promittit oboedientiam (BF observantiam) et reverentiam Domino Papae Innocentio... Et sicut in principio conversionis suae una cum sororibus suis promisit oboedientiam beato Francisco, ita eandem promitti... Et aliae sorores teneantur semper successoribus beati Francisci, et sorori Clarae...”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos* ... p. 273.

¹⁵³ Entendemos aqui por carisma como indivíduos que estão investidos de um dom persuasivo pautado por uma proposta e caminho a que se deve percorrer, no caso de Clara, a sua fidelidade a Francisco e ao Evangelho com uma forte convicção conseguia atrair um número grande de fiéis que se identificavam com a proposta franciscana, e mesmo na clausura, Clara continuava tendo diálogo com suas irmãs de outras regiões, por exemplo, Inês de Praga, mesmo com a distância conseguia manter o seu carisma. O carisma franciscano também está relacionado com as palavras dom e graça. “Graça, dom, carisma”. In: CAROLI, E. (org.). *Dicionário franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, 2ª edição, pp. 853-856.

¹⁵⁴ URIBE, Fernando. *Leggere Francesco e Chiara d’Assisi*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2013, pp. 110 e 111.

¹⁵⁵ No capítulo seis da regra de Clara: “Postquam altissimus Pater caelestis per gratiam suam cor meum dignatus est illustrare, ut, exemplo et doctrina beatissimi patris nostri sancti Francisci, poenitentiam

Os escritos de Clara são menores em quantidade que os escritos de Francisco, contudo não são textos de mais fácil definição. Esses textos possuem paralelos em termos de vocabulário e passagens bíblicas, algumas ideias e expressões são similares, isso fica mais evidente quando compararmos as regras bulada e não bulada com a forma de vida de Clara. Em ordem cronológica, os escritos de Clara são, a saber: Epistola prima ad agnetem de Praga; Epistola secunda ad Agnetem de Praga; Epistola tertia ad Agnetem de Praga; Epistola quarta ad Agnetem de Praga; Epistola ad Ermentrudem; Regula sanctae Clarae; Testamentum sanctae Clarae; Benedictio sanctae Clarae¹⁵⁶. Dentre eles, o Testamento é do século XIII, um escrito atribuído a Frei Leão após a morte de Clara segundo Attilio Bartoli Langeli¹⁵⁷. A *Benedictio sanctae Clarae* teria sido pronunciada talvez próxima a morte de Clara e é considerada com contestação como parte de seus escritos. A *Epistola ad Ermentrudem*¹⁵⁸ e a *Benedictio* são amplamente discutidos, vistos como exceções e gera muita polêmica sobre a questão de “autenticidade” desses documentos entre os historiadores.

No entanto, é necessário refletir sobre o significado da locução “escrito de”. Quando falamos dos “Escritos de Clara”, estamos nos referindo aos seus textos escritos por ela pessoalmente, como fazemos com os “Escritos de Francisco”? Ou ainda, aos

facerem, paulo post conversionem ipsius, una cum sororibus meis oboedientiam voluntarie sibi promisi... ‘Ego frater Franciscus parvulus volo sequi vitam et paupertatem altissimi Domini nostri Iesu Christi et eius sanctissimae Matris’... Et sicut ego semper sollicita fui, una cum sororibus meis, sanctam paupertatem, quam Domino Deo et beato Francisco promissimus, custodire...”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos ...* pp. 282-284. No capítulo doze da regra de Clara: “Visitor noster sit semper de Ordine fratrum minorum, secundum voluntatem et mandatum nostri cardinalis... in subsidium paupertatis nostrae, sicut misericorditer a praedicto Ordine fratrum minorum semper habuimus, intuitu pietatis Dei et beati Francisci ab eodem Ordine de gratia postulamus”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos ...* pp. 292 e 293.

¹⁵⁶ URIBE, Fernando. *Leggere Francesco e Chiara d’Assisi...*, p. 120; As quatro cartas à Inês de Praga e a forma de vida são considerados escritos de Clara sem contestação. MARINI, Alfonso. Introduction. In: DALARUN, Jacques e HUEROU, Armelle Le (org.). *Claire d’Assise. Écrits, Vies, documents...*, p. 65; MALECZEK, Werner. *Chiara d’Assisi. La questione dell’autenticità del privilegium paupertatis e del testamento...*, p. 126; Para um exame mais atualizado sobre a autenticidade, ver L. Lehmann que confronta as cartas de Clara e o Testamento, a partir do seu vocabulário e dos conceitos nos escritos de Clara. LEHMANN, Leonard. *L’autenticità del Testamento di Santa Chiara: un confronto con le sue lettere*. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 2013, pp. 9 e 10; PAOLI, Emore. Introduzione. In: MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani...*, p. 2223.

¹⁵⁷ LANGELI, Attilio Bartoli. *Gli autografi di frate Francesco e di frate Leone*. Turnhout: Brepols, 2000, pp. 104-130; O autor segue a hipótese de que Frei Leão era o mediador das últimas vontades de Clara, ele escrevia o que ela ditava. Frei Leão conservou o pensamento e o estilo falado de Clara. Porém, o códice de Messina não pode ser usado como prova de que o Testamento foi escrito por Frei Leão. LEHMANN, Leonard. *L’autenticità del Testamento di Santa Chiara...*, p. 59.

¹⁵⁸ A carta de Clara à Ermentrudes de Bruges é testemunhada unicamente por Wadding. É impossível determinar uma data exata, se é autêntica ou apócrifa, apesar de ter afinidades com os conteúdos das cartas à Inês da Praga. PAOLI, Emore. Introduzione. In: MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani...*, p. 2231.

textos ditados por Clara? Ou podemos referir aos textos atribuídos a ela? ¹⁵⁹ Nesta Tese, entendemos que os “escritos de Clara” refere-se aos textos atribuídos a ela, porque, na Idade Média, a autoria é um problema complexo e, no caso dos nosso *corpus* documental, fica mais apropriado o uso de “escritos atribuídos”.

Nos escritos de Clara, é possível identificar uma certa resistência na relação entre Clara e o cardeal de Óstia, Clara não hesitou entrar em confronto com a autoridade eclesiástica para defender a sua identidade originária. A *forma vitae* proposto por ela pode ser considerada o início da vida autônoma de uma identidade carismática. Desse modo, a imagem de Clara a partir das Cartas, forma de vida e do Processo de canonização são bastante diferentes da literatura hagiográfica e da documentação proveniente da Igreja romana.¹⁶⁰ Podemos perceber as diferenças dos modelos de Clara de Assis quando comparamos o Processo de canonização (1253) e a hagiografia, *Legenda sanctae Clarae* (1255), escrita por Tomás de Celano.

A identidade carismática pode ser analisada a partir dos testemunhos, um exemplo é o testemunho da Irmã Pacífica de Guelfuccio no Processo de canonização¹⁶¹, que informa sobre a ascensão de Clara no “*lo regimento et governo delle sore*” em 1214-1215, que ela assumiu a pedido de Francisco, para guiar a comunidade de São Damião, torna-se a abadessa, o equivalente feminino de *abate*. Para Clara governar significava serviço, conforme o título de *ancilla Christi* que ela atribui a si mesma na sua *forma vitae*, “*Clara, indigna ancilla Christi e plantula beati Francisci*”¹⁶². Jacques Dalarun vai mais além, ele recorda o episódio do Processo de canonização em que Clara “lavava os pés das irmãs e as servia”¹⁶³. A força do seu carisma estava na humildade, o

¹⁵⁹ ALBERZONI, M. P. Le fonti clariane. Status quaestionis. In: *Francesco e Chiara d'Assisi*. Percorsi di ricerca sulle fonti. Padova: Editrici Francescane, 2014, p. 261.

¹⁶⁰ ALBERZONI, M. P. Chiara d'Assisi. Il carisma controverso. In: ANDENNA, G.; BREITENSTEIN, M.; MELVILLE, G. (Orgs.). *Charisma und religiöse Gemeinschaften im Mittelalter*, Akten des 3. Internationalen Kongresses des Italienisch-deutschen Zentrums für Vergleichende Ordensgeschichte. Münster: LIT Verlag, 2005, p. 319 e 333.

¹⁶¹ Em 1920, na cidade de Florença P. Zeferino Lazzeri tornou público o Processo de canonização de 1253, redigido três meses após a morte de Clara, foi um contato direto com as primeiras companheiras. As testemunhas do mosteiro de São Damião são, a saber, Pacífica de Guelfuccio de Assis, Benvinda de Perúgia, Filipa, Amata, Cristiana, Benvinda de Opórtulo de Alessandro, Cristiana de Bernardo de Suppo, Francisca, Beatriz de Favarone de Assis, Cecília, Balbina, Inês, Lúcia. Formaram o tribunal Bartolomeu, bispo de Espoleto, a pedido do papa Inocêncio IV em virtude de uma bula de 18 de outubro de 1253, e na presença das seguintes testemunhas, Leonardo, o arqui-diácono de Espoleto; Tiago, arcepreste de Trevi; e três frades menores; Frei Marcos, capelão do mosteiro; Frei Angelo de Rieti e Frei Leão. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos ...* pp. 60-63.

¹⁶² ALBERZONI, M. P. *Santa povertà e beata semplicità...* p. 250.

¹⁶³ Depoimento da primeira testemunha Irmã Pacífica de Guelfuccio de Assis: “Também disse que a bem-aventurada madre era humilde, benigna e amável para com suas Irmãs, e tinha compaixão das doentes; e que, enquanto ela teve saúde, as servia e lhes lavava os pés e derramava água em suas mãos; e, algumas

rito não era uma recordação de Cristo, nem um símbolo, era uma comemoração, uma representação viva, a potência atualizada da memória (memória da última Ceia na qual Jesus lavou os pés dos discípulos), como abadessa, o seu gesto é ritual, prescrito, previsto. Diferentemente, na Legenda, o mesmo ritual do lava pés, narrado por Tomás de Celano, não coloca Clara como um *alter Christus*, Clara é posta como um modelo feminino, a exemplo da Virgem Maria, Clara não poderia ser assemelhada a Cristo, porque é a esposa prometida a ele, no lugar aparece o gesto de amor de uma pecadora¹⁶⁴. Na bula *Gloriosus Deus* de 18 de outubro de 1253, Inocêncio IV dava a Bartolomeu, bispo de Espoleto a abertura de investigação para canonizar a santa, neste documento Clara é vista como a “virgem consagrada” que tinha feito do *contemptus mundi* o modo de seguir e “esposar” Cristo¹⁶⁵.

Em resumo, no Processo de canonização, o testemunho das três primeiras irmãs, Pacífica de Guelfuccio, Benvinda de Perúgia e de Filipa, também da décima testemunha irmã Inês de Assis, sobre a mesma cena, na qual é necessário examinarmos o conteúdo “Clara lavava os pés das outras irmãs”, provalvemente de irmãs doentes, segundo Pacífica; lavava das irmãs em geral, segundo Benvinda; das serviçais, segundo

vezes, lavava as cadeiras sanitárias das enfermas. – Interrogada sobre como sabia disso, respondeu que ela mesma o viu diversas vezes”.

Depoimento da segunda testemunha Irmã Benvinda de Perúgia: “E a testemunha disse que, desde que a madre Santa Clara entrou na Religião, foi de tanta humildade que lavava os pés das Irmãs. E que uma vez, lavando os pés de uma serviçal, inclinou-se, querendo beijar-lhe os pés. E a serviçal, puxando o pé, bateu desajeitadamente com ele na boca da bem-aventurada madre. Além disso, a bem-aventurada Clara derramava água nas mãos das Irmãs e, de noite, cobria-as por causa do frio”.

Depoimento da terceira testemunha Irmã Filipa: “Também disse que foi tanta a humildade da bem-aventurada madre que desprezava completamente a si mesma. Punha as outras Irmãs à sua frente, fazendo-se inferior a todas, servindo-as, derramando água em suas mãos e até lavando os pés das serviçais. Foi assim que, uma vez, lavando os pés de uma serviçal do mosteiro, quis beijar-lhe os pés, mas ela tirou o pé pouco discretamente e, ao puxá-lo, bateu com ele na boca da santa madre. Apesar disso, por sua humildade, ela não se incomodou, mas beijou a planta do pé da referida serviçal. – Interrogada sobre como sabia dessas coisas, respondeu que as vira, pois estivera presente”.

Depoimento da décima testemunha Irmã Inês, filha do falecido Messer Opórtulo de Bernardo de Assis: “Também falou sobre a humildade da senhora, tão grande que ela chegava a lavar os pés das Irmãs e das que faziam o serviço externo. Uma vez, lavando os pés de uma dessas serviçais, foi beijá-los, como costumava, mas a Irmã bateu involuntariamente em sua boca com o pé. A senhora alegrou-se por isso e beijou-lhe a planta do pé. – Interrogada sobre o tempo em que aconteceu isso, respondeu: “Na quaresma”. – Interrogada sobre o dia, respondeu: “Uma quinta-feira”.

TEIXEIRA, C. M. (org.) *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 1831, 1834, 1840 e 1861.

¹⁶⁴ DALARUN, Jacques. *Governare è servire...*, p. 31.

¹⁶⁵ GUIDA, Marco. *Una leggenda in cerca d'autore: la Vita di santa Chiara d'Assisi*. Studio delle fonti e sinossi intertestuale. Bruxelles: Société des Bollandistes, 2010, p. 18. Marco Bartoli analisa as omissões de Tomás de Celano sobre a vida de Clara, apesar de ter conhecimento do Processo de canonização, na sua hagiografia há muitas omissões que não são inocentes, a Igreja estava construindo um modelo de santidade. BARTOLI, M. Il processo di canonizzazione di Chiara d'Assisi. In: ANDENNA G. e VETERE, B. (org.). *Chiara e la diffusione delle clarisse nel secolo XIII*. Atti del Convegno di studi in occasione dell'VIII centenario della nascita di Santa Chiara, Manduria, 14-15 dicembre 1994. Galatina: Congedo, 1997, p. 135.

Filipa; das irmãs e das serviçais, segundo Inês, que parece ser a mais completa. Ainda sobre a mesma cena, enquanto Clara lavava os pés de uma das serviçais, Clara abraçou o pé entre as mãos, mas na tentativa de retirar o pé, a irmã bateu a sua boca; Inês acrescenta que era comum Clara beijar os pés que lavava; Benvinda diz que para Clara lavar os pés ela se inclinava; a serviçal devia ser brusca e desajeitada, porque retirou o pé de forma “desajeitadamente” ou “discretamente”, segundo Benvinda e Filipa. Inês é mais indulgente, a irmã bateu o pé “involuntariamente”. Somente Filipa e Inês continuam a cena, “por humildade não se incomodou” ou “alegrou-se” e beijou a planta do pé. Talvez Inês tivesse a consciência do status social no interior da comunidade feminina quando distingue que Clara “lavava os pés das irmãs e das serviçais” e por isso coloca “a humildade da senhora”, humildade frente as demais mulheres presentes no mosteiro. Para Pacífica, Benvinda e Filipa, Clara é a “santa madre” e Inês a chama de “senhora”, a nobre dama. Talvez a condição de humildade e virtude está no fato de uma nobre lavar o pé de uma serviçal. Filipa menciona que Clara “desprezava completamente a si mesma” e “punha as outras Irmãs à sua frente, fazendo-se inferior a todas, servindo-as”, testemunhando que entre todas as irmãs, Clara era a mais santa. E a virtude da santa continua no testemunho de Pacífica, “algumas vezes, lavava as cadeiras sanitárias das enfermas”.

Se compararmos a mesma cena na hagiografia de Celano, veremos algumas diferenças. Em primeiro lugar, Tomás de Celano é um frade, um hagiógrafo franciscano por excelência. Em segundo lugar, Celano é nobre por nascimento, possuía uma elevada cultura e conhecimento bíblico. Em terceiro lugar, sob a encomenda do papa Alexandre IV (1254-1261), compôs a Legenda oficial de Clara de Assis a partir dos testemunhos do Processo de canonização¹⁶⁶ e da bula de canonização *Clara claris praeclara*. Além disso, como todas as *legendae* medievais, são obras complexas e articuladas, apresentam características do gênero literário de hagiografia, entre elas, a utilização de fontes anterior a Legenda sobre a santa, o emprego de textos hagiográficos anteriores e da Sagrada Escritura, o uso de modelos típicos do gênero hagiográfico¹⁶⁷.

¹⁶⁶ DALARUN, Jacques. *Governare è servire...*, pp. 5 e 6.

¹⁶⁷ GUIDA, Marco. *Una leggenda in cerca d'autore...*, p. 8. Na apresentação da Legenda, Tomás de Celano: “Mulher admirável por seu nome, Clara de palavra e virtude, natural de Assis, de família muito preclara, foi concidadã do bem-aventurado Francisco na terra e, depois, foi reinar com ele na glória. O pai era militar, e a família, de cavaleiros, dos dois lados. A casa era abastada, e as riquezas, para o padrão local, copiosas”. TEIXEIRA, C. M. (org.) *Fontes Franciscanas e Clarianas...*, p. 1789.

A “santa humildade” é a primeira virtude que Tomás de Celano destaca na *Legenda*¹⁶⁸. Dalarun tem recentemente mostrado que a função de um hagiógrafo é reconciliar os discípulos em torno da memória do fundador, reconciliar a intuição e a instituição, reconciliar o projeto inicial e a realidade que nasceu a partir daquilo, reconciliar o passado das origens e o presente da escritura, a morte e a vida, Deus e o homens. Assim, reconhecer a santidade de Clara de acordo com o seu tempo e em temas comuns como o “lava os pés” significa uma inversão continua, a mudança de tom, de modalidade, de registro, de timbre, de ritmo, de tempo, quase um canône inverso¹⁶⁹. E isso é importante, a abadessa que se faz serva, a serva das servas, Clara lavava os pés das serviçais, uma necessidade real, só elas saiam do mosteiro e a ideia do gesto desajeitado muda para “a humildade de Clara era tão grande” que a Irmã não suportou e bateu com seu pé no rosto de Clara. Para Dalarun, Tomás de Celano inventa um novo testemunho da humildade de Clara, a *serviente servita*.

Enfim, ao longo do tempo o carisma de Clara misturou-se aos desenhos e imagens elaborados por Gregório IX, como veremos a seguir no próximo capítulo, o papa Gregório IX sempre colocava Clara como a legítima “herdeira ao feminino” do carisma de Francisco, uma complicada tradução ao feminino da inspiração do santo de Assis, que culminará na produção da imagem oficial forjada pela Igreja, da hagiografia acima descrita.

¹⁶⁸ “Ela, pedra primeira e nobre fundamento de sua Ordem, tratou de levantar desde o começo o edificio de todas as virtudes sobre a base da santa humildade. De fato, prometeu santa obediência ao bem-aventurado Francisco e não se desviou em nada prometido. Três anos depois da conversão, recusando o nome e o cargo de abadessa, preferiu humildemente submeter-se a presidir, servindo entre as servas de Cristo e não sendo servida. Por fim, obrigada por São Francisco, assumiu o governo das senhoras... Custava-lhe dar uma ordem, mas estava pronta a fazer por si. Preferia fazer ela mesma a mandar as Irmãs. Lavava pessoalmente as cadeiras das doentes e as enxugava com seu espírito nobre, sem fugir à sujeira nem ter medo do mau cheiro. Com frequência, lavava e beijava os pés dos serviçais, quando voltavam de fora. Uma vez, estava lavando os pés de uma delas e, quando foi beijá-los, a Irmã não suportou tanta humildade, puxou o pé de repente e bateu com ele no rosto de sua senhora. Esta voltou a tomar o pés da serviçal com ternura e lhe deu um beijo apertado sob a planta”. TEIXEIRA, C. M. (org.) *Fontes Franciscanas e Clarianas...*, pp. 1796 e 1797.

¹⁶⁹ DALARUN, Jacques. *Governare è servire...*, pp. 7 e 8.

CAPÍTULO II - Papa Gregório IX: a pobreza franciscana

“Santa Clara es una santa muy moderna”.

Ignacio Omaechevarria

“François est à jamais flanqué d'une compagne spirituelle,
sa contemporaine, sa concitoyenne: Claire d'Assise”.

Jacques Dalarun

“Certainly Clare has become the best known of all medieval Franciscan women”.

Lezlie S. Knox¹⁷⁰

2.1 Comparação entre a Regra não bulada e a *forma vitae* de Clara

O enquadramento institucional do movimento franciscano iniciou-se com a criação do cargo de cardeal protetor do grupo, e o ano de 1217 assinalou a preparação para um adequamento às normativas canônicas da Igreja e, principalmente, a criação de uma organização dentro de um movimento que estava desordenado. A função do cardeal protetor (Hugolino) era corrigir as situações de perturbação. Ele agia como um guia disciplinador “externo”, que cuidava das intervenções coercitivas que, aos poucos, tornavam-se necessárias, também exercia influência para a formulação de uma regra definitiva, mais articulada e orgânica, para ser submetida à aprovação pontifícia¹⁷¹.

Em 1218, o cardeal Hugolino propôs regularizar o movimento religioso feminino, na Itália central e setentrional, que estava sob várias formas, reclusas, penitentes, comunidade, grupo informais, etc. Foi redigido a “forma de vida” que transformou esses grupos em conventos dirigidos por abadessas, sob a proteção da Virgem Maria. De 1219 a 1220, a situação de Frei Felipe não estava muito clara, “o zelador das Pobres Damas” (*zelator dominarum papuperum*). Ele pedia à Sé apostólica cartas de proteção em favor das próprias monjas, cartas que eram revogadas a pedido de Frei Francisco, logo após o seu retorno à Itália. Um dos motivos que levaram Hugolino

¹⁷⁰ As referências citadas sobre Clara foram retiradas: OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...*, p. 3; DALARUN, Jacques. *François d'Assise: un passage. Femmes et féminité dans les écrits et les légendes franciscaines*. Arles: Actes sud, 1997, p. 19; KNOX, Lezlie S. *Creating Clare of Assisi: female Franciscan identities...*, p. 4.

¹⁷¹ MERLO, G. G. *Em nome de São Francisco...*, p. 38.

a ser o cardeal protetor seria por conta de atender ao pedido de Frei Francisco¹⁷², isso não significa que eles tinham amizade. Iniciaram momentos de tensão, poucos avanços e muitos recuos na busca e na concretização da inspiração originária franciscano-clariana, assentada, principalmente, na pobreza evangélica do seguir Cristo pobre em estreitas relações com os frades menores.

De 1219 a 1223, situam-se algumas premissas conflitantes da história da Ordem; além das pressões curiais, parecem surgir as primeiras divergências entre os frades. No ano de 1220, no dia 29 de setembro, Francisco renuncia à direção do movimento, passando-a a Pedro Cattani, o “prelado” da Ordem. Pedro morre no ano seguinte, sendo substituído por Frei Elias. A Ordem havia crescido e já se modificava muito em relação ao pequeno grupo das origens (*fraternitas*). Neste mesmo ano, Hugolino passou uma semana em São Damião, onde impôs a vida comunitária a Clara e as suas companheiras. A institucionalização em curso da Ordem franciscana não constituía em algo homogêneo, dentro deste contexto, Clara tinha uma boa relação com Frei Elias, ministro da Ordem, que havia entrado em conflito com o papado por desvirtuar o projeto de Francisco. A partir de 1225, São Damião ainda não constituía uma ordem estruturada e, até 1228, a Cúria romana tratava com especificidade o lugar, Clara nunca era tratada por abadessa e as religiosas eram chamadas de “servas de Cristo” e não monjas.¹⁷³

A base do movimento Franciscano são as regras, sobretudo a Regra de 1223. Fontes importantes, não somente por serem os principais documentos legislativos da Ordem, mas também porque serviram de suporte para a composição das primeiras hagiografias e demais fontes relativas a Francisco. A relação da dependência literária direta da Regra não bulada¹⁷⁴ com a forma de vida de Clara de Assis é fundamental para entendermos a especificidade do mosteiro de São Damião. Para fazer esta análise utilizamos como referências os textos do livro *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*¹⁷⁵ da Federação de Santa Clara de Assis das Clarissas da Úmbria-Sardenha e a tabela proposta por Jacques Dalarun no livro *Claire d'Assise Écrits, Vies, documents*¹⁷⁶. É importante observar a estrutura temática de cada trecho comparado,

¹⁷² MERLO, G. G. *Em nome de São Francisco...*, pp. 89 e 90.

¹⁷³ VAUCHEZ, André. *Francesco d'Assisi*. Tra storia e memoria. Torino: Einaudi, 2010, p. 181.

¹⁷⁴ DESBONNETS, T. *Da Intuição à Instituição*. Petrópolis: CEFEPAL, 1987, p. 31.

¹⁷⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003, p. 22-115.

¹⁷⁶ DALARUN, Jacques e HUEROU, Armelle Le (org.). *Claire d'Assise. Écrits, Vies, documents*. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013, p. 1035-1042.

analisando os pontos de aproximações e as diferenças verbais, estruturais e de conteúdo apresentada pelos dois textos. A primeira constatação em relação à comparação dos textos é que a *forma vitae* de 1253 é mais breve, concisa e enxuta, enquanto a Regra não bulada de 1221 é mais longa, uma mescla de exortações, considerações espirituais e normas de comportamento com muitas passagens bíblicas. Em segundo lugar, a Regra não bulada de 1221 contém 23 capítulos (ou 24 capítulos) e a forma de vida de 1253 contém 12 capítulos. Em termos de número de palavras, a Regra de 1221 é bem mais extensa, contendo um pouco mais que o dobro de frases que a *forma vitae* de 1253. Em terceiro lugar, em termos de conteúdo, ambos não são tão jurídicos, mas um memorial de princípios fundamentais da vida, acompanhados com algumas instruções sobre o meio de pôr em prática e sobre os erros a evitar. Assim, a Regra de 1221 contém mais citações bíblicas evangélicas, ao longo dos capítulos, é uma *regula* atípica e insuficiente aos olhos dos canonistas, não foi aceita pelo papado que se recusou a promulgá-la, por isso o nome de *regula non bullata* (regra não promulgada).¹⁷⁷

Nos exemplos que se seguem, optamos pelo uso do itálico para destacar as frases e palavras idênticas, sempre partindo da forma de vida de Clara (1253) para a Regra não bulada (1221), visto que o fio condutor desta Tese é a normativa clariana. Em negrito, segue a palavra distinta da RnB (Regra não bulada) para a FvCl (forma de vida de Clara), palavra importante na definição. No capítulo um da FvCl a forma e modo de viver um e dois para a RnB do capítulo um e do versículo um se diferenciam, na primeira a fórmula de vida que Clara instituiu é observar o Santo evangelho, na RnB é “seguir a doutrina e os vestígios de Cristo”, uma mudança sutilmente jurídica, do verbo *sequor* para *observare*; o significado do primeiro é seguir e do segundo é, logo se vê, evidentemente, observar. Além da diferença fundamental em que a primeira é classificada como *forma vitae* e a segunda como *regula*. Apesar dos três votos serem idênticos, a ordem é alterada, viver em obediência, sem nada de próprio e em castidade ou em castidade e sem nada de próprio.

FvCl¹⁷⁸

RnB

1 Forma *vitae* ordinis sororum pauperum 1,1 **Regula**¹⁷⁹ et *vita* istorum fratrum *haec* quam beatus Franciscus instituit *haec est: est*

¹⁷⁷ VAUCHEZ, André. *Francesco d'Assisi*. Tra storia..., pp. 111 e 112.

¹⁷⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 22 e 23.

2 Domini nostri Ihesu Christi sanctum 1,1 *vivere in obedientia, in castitate et*
 evangelium observare, *vivendo in sine proprio*, et Domini nostri Jesu Christi
obedientia, sine proprio et in castitate. doctrinam et vestigia sequi.

O capítulo um contém mais trechos idênticos assinalados em itálico, são eles, a saber: “prometer obediência e reverência ao senhor Papa e a seus sucessores” e “estejam obrigados a obedecer”, o que se sobressai é um notável rearranjo jurídico e estilístico das palavras. E as diferenças na RnB (1221) no Prólogo três e quatro, o obedecer de Frei Francisco ao papa Inocêncio III (1198-1216) que tinha dado aprovação oral para a *fraternitas* e obedecer aos respectivos sucessores. Na FvCI nos trechos três e cinco, o obedecer de Clara ao papa Inocêncio IV (1243-1254) que emitiu a bula¹⁸⁰ de aprovação da *forma vitae* de Clara em 1253, aos seus sucessores “canonicamente eleitos”, além de obedecer aos sucessores de São Francisco, as irmãs devem à Clara e as outras abadessas “canonicamente eleitas”.

FvCI¹⁸¹

RnB

3 Clara, indigna ancilla Christi et plantula Prol. 3 Frater Franciscus et quicumque erit
 beatissimi patris Francisci, *promittit* caput istius religionis *promittat*
obedientiam et reverentiam domino papae obedientiam domino Innocentio papae et
 Innocentio et *successoribus* eius canonice *reverentiam et suis successoribus.*
 intransibus et ecclesiae romanae.

5 *Et aliae sorores teneantur* semper Prol. 4 *Et omnes alii fratres teneantur*
 successoribus beati Francisci et sorori *obedire* fratri Francisco *et eius*

¹⁷⁹ O termo “Regra” é utilizado com insistência não só nos primeiros biógrafos franciscanos, mas está presente nos Escritos de São Francisco. Nos Escritos o termo ocorre 26 vezes e indica: 20 vezes a Regra bulada (dez no Testamento; quatro na Carta a toda a Ordem; um na Carta a Santo Antônio; um na bula *Solet annuere* de Honório III), três vezes na Regra não bulada (dois na Carta a um Ministro, um na Regra não bulada), uma vez um fragmento da Regra, duas vezes o mesmo termo indica o Evangelho como “norma de vida” que Francisco e os seus frades pretendiam seguir (RnB, 1,1:1; RB 1,2: 75). A mesma situação encontra-se nos primeiros documentos de vida franciscana. Na maior parte dos casos, o termo indica a Regra bulada (1Cel = dez vezes; Juliano de Espira = uma vez; São Boaventura = seis vezes; LTC = três vezes; AP = onze vezes; LP = vinte sete vezes; EP = trinta e uma vezes), a primitiva *Forma vitae* ou protorregra (Cel sete vezes; Juliano de Espira = quatro vezes; São Boaventura = sete vezes; LTC = cinco vezes; AP = quatro vezes; LP = uma vez; EP = uma vez) e a Regra não bulada (Cel = oito vezes; Juliano de Espira = uma vez; São Boaventura = uma vez; LP = uma vez; EP = seis vezes); outras vezes, uma “norma de vida” (1 Cel 1: 319; LM 3,1. 3:1051.1054; LM 2,1:2 1339; LTC 29: 1431; AP 11: 1497) ou as distintas “formas de vida” dadas pelo próprio Francisco às três Ordens por ele fundadas (LM 2,8: 1050). Cf. Juliano de Espira, Vita, 15, AF X, p. 346.

¹⁸⁰ A forma de vida aprovada mediante a bula *Solet annuere* dada pelo papa Inocêncio IV no dia 9 de agosto de 1253.

¹⁸¹ Idem, pp. 22-25.

Clarae et aliis abbatissis canonice electis *successoribus.*
ei succedentibus obedire.

No capítulo dois da FvCl, nos itens um e dois, sobre a licença concebida pela abadessa, a partir da concessão de todas as irmãs para abraçar a vida na comunidade que deve contar também com a concessão do cardeal protetor, denotam modificações práticas, devido ao aumento do número de candidatas, o recrutamento de novas mulheres deveria ser mais seletivo e restrito, levando em consideração o tamanho dos mosteiros. Já na RnB, no item um do capítulo dois “receber esta vida, vier aos nossos frades, seja benignamente recebido por eles”, 1221 é um outro momento em que o crescimento do movimento franciscano começa a se expandir, por isso, para entrar no movimento franciscano, bastava ter a divina inspiração e procurar os irmãos que o encaminhariam ao ministro, que receberia o candidato benignamente. Os pontos em comum são, a saber: a parte “por divina inspiração”, o sentido do verbo *accipere*, aceitar esta vida e o sentido do verbo *recipere*, receber os novos candidatos.

FvCl ¹⁸²	RnB
1 Si qua divina inspiratione venerit ad nos volens vitam istam accipere abbatissa sororum omnium consensum requirere teneatur.	2,1 Si quis divina inspiratione volens accipere hanc vitam venerit ad nostros fratres.
2 et si maior pars consenserit, habita licentia domini cardinalis protectoris nostri possit eam recipere.	2,1 benigne recipiatur ab eis.

No capítulo dois, nos itens seis, sete e oito, em comparação com a RnB nos trechos três, quatro e onze do capítulo dois, um ponto em comum está no compromisso de praticar a pobreza que começa por renunciar a ter propriedades. As partes apresentam mais semelhanças do que diferenças, por exemplo, a frase “expor diligentemente o teor de nossa vida” e vender tudo o que é seu e dar aos pobres, a FvCl faz a citação direta do evangelho de São Mateus 19, 21, *vadat et vendat omnia sua et ea studeat pauperibus erogare*. As diferenças da FvCl que menciona “boa vontade”,

¹⁸² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 26 e 27.

enquanto a RnB cita “vontade espiritual”.

FvCl ¹⁸³	RnB
6 <i>diligenter exponatur ei tenor vitae nostrae.</i>	2,3 <i>vitae nostrae tenorem sibi diligenter exponat.</i>
7 Et si idonea fuerit, dicatur ei verbum sancti evangelii, quod vadat et vendat omnia sua et ea studeat pauperibus erogare.	2,4 Quo facto, praedictus, si vult et potest spiritualiter sine impedimento, omnia sua vendat et ea omnia pauperibus studeat erogare.
8 Quod si facere non poterit, sufficit ei bona voluntas.	2,11 Si autem aliquis venerit qui sua dare non potest sine impedimento et habet spiritualement voluntatem, relinquat illa, et sufficit sibi.

Nos excertos abaixo, ainda no capítulo dois nas partes nove e onze correspondentes as partes dois, cinco e oito do capítulo dois da RnB, pontos sutilmente diferentes, são eles: a abadessa deve “evitar de preocupar-se com coisas temporais” e os frades e ministros dos frades devem evitar se intrometerem em “negócios temporais”, mas em termos de conteúdo são iguais, o mesmo vale para as vestimentas, diferenciam-se no número de túnicas. Na FvCl há a menção que após deposta as roupas seculares é entregue o manto e túnicas, já na RnB tem os panos da provação por um ano¹⁸⁴, cingulo, caparão e bragas. Além disso, o hábito representava um poder, um pertencimento a uma Ordem que estava em plena expansão e o hábito dava prestígio social. Na FvCl ainda menciona o corte de cabelos em círculo, ausente na RnB.

FvCl ¹⁸⁵	RnB
9 Et caveat abbatissa et eius sorores ne sollicitae sint de rebus suis temporalibus, ut libere faciat de rebus suis quicquid Dominus inspiraverit ei.	2,2 multum caveant sibi fratres, ne de suis temporalibus negotiis se intromittant 2,5 Caveant sibi fratres et minister fratrum, quod de negotiis suis nullo modo

¹⁸³ Idem, pp. 28 e 29.

¹⁸⁴ Os hábitos eram concedidos depois de um ano de provação, seguindo a recomendação da bula *Cum secundum*, de 22 de setembro de 1220, de Honório III.

¹⁸⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 28-31.

	intromittant se
11 Postea capillis tonsis in rotundum et depositio habitu saeculari, <i>concedat ei tres tunicas</i> et mantellum.	2,8 Et cum reversus fuerit, minister <i>concedat ei</i> pannos probationis usque ad annum, scilicet duas <i>tunicas</i> sine caputio et cingulum et braccas et caparonem usque ad cingulum.

Ainda no capítulo dois da FvCl, nos itens doze e treze em comparação com o capítulo dois da RnB nos itens dez e nove sobre o término do ano de provação, as diferenças são tênues, as alusões explícitas da FvCl “não lhes seja permitido sair do mosteiro sem um motivo útil, razoável, manifesto e aprovado”, adaptações às condições de uma forma de vida em clausura para mulheres, na RnB são referências mais incisivas “depois não lhe será lícito entrar em outra religião nem vagar fora da obediência” de uma normativa voltada para homens, observamos uma medida normativa da Igreja para coibir a saída dos frades da Ordem religiosa em que entravam, mudança não muito significativa do verbo *evagari* da RnB para *exire* na FvCl.

FvCl ¹⁸⁶	RnB
12 Deinceps extra monasterium sine utili, <i>manifesta et probabili causa</i> eidem exire non liceat.	2,10 Postea non licebit ei ad aliam religionem accedere neque extra obedientiam evagari.
13 <i>Finito vero anno probationis, recipiatur ad obedientiam</i> promittens vitam et formam paupertatis nostrae in perpetuum observare.	2,9 <i>Finito vero anno et termino probationis recipiatur ad obedientiam.</i>

Também no capítulo dois da FvCl, nos itens vinte e três e vinte e quatro em comparação com a RnB nos itens doze e quatorze do capítulo dois, há referência a respeito da norma disciplinar referida, aquelas que almejam fazer parte do mosteiro somente são aceitas se fizeram a profissão de fé e na regra não bulada “ninguém seja recebido contra a forma e a instituição da santa Igreja”, preocupação por parte da Igreja

¹⁸⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 30 e 33.

com as heresias. O que há de comum nas partes selecionadas refere-se ao “vestuário vil” e a fidelidade a Igreja que ora é demonstrada pela obediência ao papa, pela presença do cardeal protetor, fidelidade à hierarquia eclesiástica e à fé católica, tendo em vista os movimentos populares do período, era significativo o exame da fé católica.

FvCl¹⁸⁷

RnB

23 Nulla nobiscum residentiam faciat in 2,12 Nullus recipiatur contra formam et monasterio, nisi recepta fuerit secundum institutionem sanctae Ecclesiae.

formam professionis nostrae.

24 Et amore sanctissimi et dilectissimi 2,14 Et omnes fratres *vilibus* vestibus pueri pauperculis panniculis involuti in *induantur*.

praesepio reclinati et sanctissimae matris

eius moneo, deprecor et exhortor sorores

meas ut vestimentis semper *vilibus*

induantur.

No capítulo três da FvCl, nas partes um e dois, e a RnB nas partes de três, quatro, sete, oito e nove do capítulo três, acenam sobre o ofício divino e o jejum. Na FvCl, as irmãs que sabem ler é permitido rezar o ofício divino, conforme o costume dos frades menores, se não puderem ler, rezem o Pai-nosso. Na RnB, a situação é outra, todos os irmãos poderiam dizer o ofício divino desde que soubessem lê-los; os clérigos o fariam segundo o costume dos clérigos e poderiam ter os livros necessários para isso; os leigos que soubessem ler, também os leigos que não soubessem ler teriam um ofício composto essencialmente de Pais-nossos. Assim, o ofício divino era acessível a todos, desde que soubessem ler; não se tratava de uma definição canônica (clérigos-leigos), mas de uma diferenciação cultural (os que sabem ler e os que não sabem ler).

FvCl¹⁸⁸

RnB

1 Sorores litteratae *faciant divinum* 3,3-4 Propter hoc omnes fratres sive *officium* secundum consuetudinem clerici sive laici *faciant divinum officium*, fratrum minorum. laudes et orationes, secundum quod

¹⁸⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 36 e 37.

¹⁸⁸ Idem, pp. 38 e 39.

<p>2 ex quo habere poterunt breviaria, <i>legendo</i> sine cantu.</p>	<p>debent facere. Clerici faciant officium et dicant pro vivis et pro mortuis secundum consuetudinem clericorum.</p> <p>3,7-9 Et libros tantum necessários ad implendum eorum officium possint habere. Et laicis etiam scientibus <i>legere</i> psalterium liceat eis habere illud. Aliis vero nescientibus litteras librum habere non liceat.</p>
---	--

Ainda no capítulo três nos itens quatro e cinco em comparação ao capítulo três da RnB, o tema das horas canônicas ou as divisões do tempo em sete horas advém da regra beneditina, na FvCl, as irmãs que não sabiam ler pronunciavam o Pai-nosso e na RnB o trecho selecionado corresponde aos leigos que diriam um ofício composto essencialmente de Pais-nossos, porque não sabiam ler, os que sabiam tinham livros. Obviamente, a estrutura do ofício dos leigos era simplificada e a dos clérigos, segundo a ordem da Santa Igreja romana, era mais complexa.

FvCl ¹⁸⁹	RnB
<p>4 Quae vero litteras nesciunt dicant viginti quatuor pater noster pro matutino, pro laude V, pro prima vero, tertia, sexta, nona pro qualibet istarum horarum VII, pro vesperis autem XII, pro completorio VII.</p> <p>5 Pro defunctis etiam dicant in vesperis VII pater noster cum requiem aeternam, pro matutino XII.</p>	<p>3,10 Laici dicant Credo in Deum et viginti quattuor Pater noster cum Gloria Patri pro matutino; pro laudibus vero quinque; pro prima Credo in Deum et septem Pater noster cum Gloria Patri; pro tertia, sexta et nona et unaquaque hora septem; pro vesperis duodecim; pro completorio Credo in Deum et septem Pater noster cum Gloria Patri.</p> <p>3,10 pro mortuis septem Pater noster cum Requiem aeternam; et pro defectu et negligentia fratrum tria Pater noster omni die.</p>

¹⁸⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 38 e 41.

O capítulo três, nas partes sete, oito e nove com o correspondente do mesmo capítulo nas partes seis, onze, doze e treze sobre a reza aos defuntos e o jejum, acena para as diferenças, na FvCl coloca cinquenta Pai-nossos quando uma irmã do mosteiro morrer e a RnB não menciona a quantidade; diferença em relação ao jejum, como vemos abaixo, as irmãs devem jejuar o tempo todo, a FvCl o jejum é mais rígido, influência da forma de vida de Hugolino.

FvCl ¹⁹⁰	RnB
7 Quando vero soror monasterii nostri migraverit, <i>dicant</i> L <i>pater noster</i> .	3,6 et pro fratribus defunctis <i>dicant</i> De profundis cum <i>Pater noster</i> .
8 Omni tempore sorores ieiunent.	3,11 Et similiter omnes fratres ieiunent a festo omnium Sanctorum usque ad Natale et ab Epiphania, quando Dominus noster Jesus Christus incepit ieiunare usque ad Pascha.
9 In nativitate vero Domini, quocumque die venerit, bis refici possint.	3, 12-13 Aliis vero temporibus non teneantur secundum hanc vitam nisi sexta feria ieiunare. Et liceat eis manducare de omnibus cibis, qui apponuntur eis, secundum evangelium.

Ainda no capítulo três nos itens onze e doze sobre o jejum e a confissão, em paralelo ao capítulo nove da RnB nas partes treze e dezeseis, e também no capítulo vinte no item um. Nas partes que selecionamos há diferenças bastante significativas, fruto não apenas do período de composição, mas em virtude dos objetivos de projeto redacional Na FvCl em caso de doença, as adolescentes e as que serviam fora dos mosteiros eram dispensadas do jejum corporal e, com a concessão da abadessa, a confissão seria de doze vezes ao ano. Na RnB aos frades era lícito utilizar qualquer tipo de alimento, não há restrições a carnes ou peixes como na FvCl, pois “a necessidade não tem lei”. Sobre a confissão na RnB era confessado aos sacerdotes sem distinção entre os clérigos e leigos, sem menção quanto ao número de vezes.

¹⁹⁰ Idem, pp. 40 e 41.

FvCI¹⁹¹

RnB

11 *Tempore vero manifestae necessitatis*
non teneantur sorores ieiunio corporali.

9,13 Et quandocumque *necessitas*
supervenerit, liceat universis fratribus,
ubicumque fuerint, uti omnibus cibis,
quos possunt homines manducare.

9,16 Similiter etiam *tempore manifestae*
necessitatis faciant omnes fratres de
eorum necessariis, sicut eis Dominus
gratiam largietur, quia *necessitas* non
habet legem.

12 Duodecim vicibus ad minus de
abbatissae licentia *confiteantur* in anno

20,1 Et fratres mei benedicti tam clerici
quam laici *confiteantur* peccata sua
sacerdotibus nostrae religionis.

O capítulo três, no item quatorze na FvCI, é comparável com o capítulo vinte da RnB no item cinco, sobre a comunhão, as irmãs recebem uma indicação de sete vezes ao ano, nas datas do natal do Senhor, na Quinta-feira santa, na Ressurreição do Senhor, no dia de Pentecostes, na Assunção de Nossa Senhora, na festa de São Francisco e na festa de todos os santos, enquanto na RnB não há menção desta recomendação, já que poderiam confessar a um irmão, o que mais tarde poderia consolidar uma prática de confissão individual a um frade ao invés de se recorrer aos ministros provinciais que tinham o encargo exclusivo da absolvição.

FvCI¹⁹²

RnB

14 Septem vicibus communicent, videlicet
in nativitate Domini, in quinta feria
maioris ebdomadae, in resurrectione
Domini, in pentecoste, in assumptione
beatae Virginis, in festo sancti Francisci et
in festo omnium sanctorum.

20,5 Et sic contriti et confessi sumant
corpus et sanguinem Domini nostri Jesu
Christi

¹⁹¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 42 e 43.

¹⁹² Idem, pp. 44 e 45.

O capítulo quatro da FvCl, no item sete sobre o ofício da abadessa e no tocante a eleição pode ser comparado com o capítulo cinco da RnB nos itens três e quatro, correção dos frades em pecado. Na FvCl consta que se a abadessa não é suficiente para o serviço e a utilidade comum delas, todas as irmãs devem eleger quanto antes outra para ser sua abadessa e mãe. Já na RnB informa que todos os frades que estão sob os ministros e servos, considerem os feitos dos ministros e servos racional e diligentemente, e se virem que algum deles caminha carnal e não espiritualmente, se não se emendar depois da terceira admoestação, denunciem-no no capítulo de Pentecostes ao ministro e servo de toda a fraternidade, se não se emendar depois da terceira admoestação, denunciem-no no capítulo de Pentecostes ao ministro e servo de toda a fraternidade. Em negrito sublinhamos as partes que se diferenciam bastante da FvCl, “se virem que algum deles caminha carnal e não espiritualmente, em vez da retitude de nossa vida”¹⁹³.

FvCl ¹⁹⁴	RnB
7 Et si aliquo tempore appareret universitati sororum praedictam non esse sufficientem ad servitium et communem utilitatem ipsarum, teneantur praedictae sorores iuxta formam praedictam quam citius possunt aliam sibi in abbatissam et matrem eligere.	5,3-4 Verumtamen omnes fratres qui sunt sub ministris et servis, facta ministrorum et servorum considerent rationabiliter et diligenter, et si viderint aliquem illorum carnaliter et non spiritualiter ambulare pro rectitudine vitae nostrae , post tertiam admonitionem, si non se emendaverit, in capitulo Pentecostes renuntient ministro et servo totius fraternitatis nulla contradictione impediante.

Ainda no capítulo quatro no excerto oito da FvCl é comparável ao capítulo quatro no excerto seis da RnB e capítulo dezesseis no final do excerto quatro, o sentido

¹⁹³ *Forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

¹⁹⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 48 e 49.

é idêntico. Na FvCl a abadessa eleita deveria pensar no ônus que assumiu e naquele a quem prestaria contas, o poder aqui está no sentido de serviço. Na RnB a mesma recomendação, os ministros e servos recebem a recomendação de Cristo "Não vim para ser servido mas para servir" (Mt 20,28) e se algo se perder por culpa dos ministros e pelo mau exemplo dado por eles, no dia do juízo terão que dar contas (cfr. Mt 12,36), diante do Senhor Jesus Cristo; no capítulo dezesseis "pois deverá prestar contas a Deus" (cfr. Lc 18,2) se nisso ou em outras coisas proceder indiscretamente.

FvCl ¹⁹⁵	RnB
8 Electa vero cogitet quale onus in se suscepit et cui <i>redditura</i> est <i>rationem</i> de grege sibi <i>commisso</i> .	4,6 Et recordentur ministri et servi... quod dicit Dominus : ‘Non veni ministrati sed ministrare’ et quia <i>commissa</i> est eis cura animarum fratrum, de quibus, si aliquid perderetur propter eorum culpam et malum exemplum, in die iudicii oportebit eos <i>reddere rationem</i> coram Domino Jesu Christo. 16,4 nam tenebitur Domino <i>reddere rationem</i> , si in hoc vel in aliis processerit indiscrete.

Nos trechos abaixo no capítulo quatro do item quinze da FvCl em paralelo com a RnB no capítulo dezoito no item um trata do Capítulo, das reuniões dos frades e das irmãs, no caso das irmãs aconteceria pelo menos uma vez por semana e ficava a cargo da abadessa fazer a convocação, ficando circunscrito ao mosteiro; já os irmãos, cada ministro poderia reunir-se a cada ano com seus frades, onde quer que lhes aprover, na festa de São Miguel arcanjo, para tratar das coisas que pertencem a Deus.

FvCl ¹⁹⁶	RnB
15 Semel in ebdomada ad minus abbatisa sorores suas teneatur ad capitulum cum fratribus suis possit convenire,	18,1 quolibet anno unusquisque minister cum fratribus suis possit convenire,

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 52 e 53.

convocare.

ubicumque placuerit eis, in festo sancti Michaelis archangeli de his quae ad Deum pertinente, tractaturus.

No capítulo cinco não há nenhum trecho que podemos comparar com a Regra não bulada, porque são frases mais próximas da *forma vitae* de Hugolino (1219?) no tocante à norma disciplinar e no sentido jurídico da *forma vitae* de Inocêncio IV (1243-1254) que analisaremos no próximo capítulo. O capítulo cinco diz respeito ao silêncio, locutório e as grades do mosteiro.

No capítulo seis da FvCl, trecho doze, em paralelo ao capítulo dois da RnB nos trechos cinco e seis, sobre não ter propriedades, na FvCl, a pobreza é de inspiração no exemplo de Cristo e dos apóstolos, no sentido de praticar a pobreza tanto individual quanto coletiva, renunciando a ter propriedades, “isto é, a não aceitar nem ter posse ou propriedade nem por si, nem por pessoa intermediária”, entre outras medidas da pobreza adotada em São Damião, Clara escolheu o título de “irmãs pobres” para a sua comunidade, os hábitos simples, a decisão de não usar calçados e a prática da mendicância. Na RnB, os frades e ministros dos frades “não recebam pecúnia alguma nem por si nem por pessoa intermediária”. Em itálico, as palavras idênticas foram marcadas para demonstrar a dependência literária da Regra não bulada na *forma vitae* de Clara.

FvCl¹⁹⁷

12 videlicet in non recipiendo vel habendo possessionem vel proprietatem *per se neque per interpositam personam.*

RnB

2,5-6 Caveant sibi fratres et minister fratrum, quod de negotiis suis nullo modo intromittant se neque *recipiant aliquam pecuniam neque per se neque per interpositam personam.*

No capítulo sete da FvCl, itens um, dois e quatro, em comparação com o capítulo sete da RnB, itens três, onze, doze, sete e oito, sobre o modo de trabalhar. Na FvCl as irmãs trabalham com fidelidade e devoção, depois da hora de Terça, em um trabalho que seja conveniente à honestidade e ao bem comum, afastando o ócio, inimigo

¹⁹⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 72 e 73.

da alma, *não extingam o espírito* da santa oração e devoção, ao qual as outras coisas temporais devem servir, e alguém enviar alguma esmola para as necessidades das Irmãs, a recomendação visa ao bem em comum da comunidade de São Damião. Na RnB, a recomendação é que os frades trabalhem e exerçam o mesmo ofício que sabem, também está presente a máxima beneditina "A ociosidade é inimiga da alma" (Reg 48,1), os frades devem insistir sempre na oração ou em alguma obra boa, sendo importante que cada um fique na arte e ofício em que foi chamado, pelo trabalho possam receber tudo que for necessário, exceto dinheiro.

FvCl¹⁹⁸

RnB

1 Sorores quibus dedit Dominus gratiam *laborandi* post horam tertiae *laborent* et de laborerio quod pertinet ad *honestatem* et communem utilitatem, fideliter et devote.

2 ita quod excluso *otio animae inimico* sanctae orationis et devotionis spiritum non extinguant, cui debent cetera temporalia deservire.

4 Idem fiat si aliqua *elemosina* sororum *necessitatibus* ab aliquibus mitteretur ut in communi pro eisdem recommendatio fiat.

7,3 *Et fratres, qui sciunt laborare, laborent* et eandem artem exerceant, quam noverint, si non fuerit contra salutem animae et *honeste* poterit operari.

7,11-12 Et iterum : ‘*Otiositas inimica est animae*’. Ideo servi Dei semper orationi vel alicui bonae operationi insistere debent.

7,7-8 Et pro labore possint recipere omnia necessaria praeter pecuniam. *Et cum necesse fuerit, vadant pro eleemosynis sicut alii pauperes.*

No capítulo oito da FvCl, trechos um, dois e três, podemos cotejar com a RnB no capítulo sete, trechos treze e oito, também o capítulo nove nos trechos três e quatro, sobre a pobreza o conteúdo é o mesmo conforme assinalamos em itálico, a leitura do Cristo pobre, pela primeira vez na história das Ordens religiosas o compromisso assumido é não ter propriedades de forma alguma no sentido concreto do termo e também estimula-se o pedir esmolas. Na FvCl diz que “as Irmãs não se apropriem de nada, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma. E como peregrinas e forasteiras neste mundo, servindo ao Senhor na pobreza e na humildade, mandem pedir esmola

¹⁹⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 74 e 75.

confiadamente, e não precisam ficar com vergonha, porque o Senhor se fez pobre por nós neste mundo”. Na RnB informa que “Guardem-se os frades, onde quer que estejam, em eremitérios ou outros lugares, de apropriar-se de lugar algum ou de impedi-lo a alguém. E quando for necessário, vão pela esmola como os outros pobres. E não se envergonhem, antes lembrem que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo onipotente, pôs sua face como uma pedra duríssima, e não se envergonhou”¹⁹⁹. A diferença é que as irmãs teriam alguém (frade) para esmolar por elas, visto que viviam enclausuradas.

FvCI ²⁰⁰	RnB
1 Sorores nichil sibi approprient nec domum nec locum nec aliquam rem.	7,13 Caveant sibi fratres, ubicumque fuerint, in eremis vel in aliis locis, quod <i>nullum locum sibi approprient nec</i> alicui defendant.
2 et tanquam peregrinae et advenae in hoc saeculo in paupertate et humilitate Domino famulantes mittant <i>pro elemosina</i> confidenter.	7,8 Et cum necesse fuerit, vadant <i>pro eleemosynis</i> sicut alii pauperes. 9,3 Et cum necesse fuerit, vadant <i>pro ellemosynis</i> .
3 nec oportet eas verecundari, quia Dominus pro nobis se fecit pauperem in hoc mundo.	9,4 Et non verecundentur et magis recordentur quia Dominus noster Jesus Christus, Filius Dei vivi omnipotentis, posuit faciem suam ut petram durissimam, nec verecundatus fuit

Ainda no capítulo oito da FvCI, itens quatro e seis, em confronto com a RnB no capítulo nove, itens oito, um e cinco, sobre a altíssima pobre e o ato de esmolar. A FvCI define que a altíssima pobreza que fez as irmãs pobres, herdeiras e rainhas do reino dos céus, pobres em coisas materiais, mas sublimadas em virtudes, isso é uma condição da comunidade, nada deveriam querer possuir em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe. Na Regra sem bula, a esmola é vista como

¹⁹⁹ *Regula non bullata*. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

²⁰⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 76 e 77.

herança e justiça que se deve aos pobres, e foi adquirida pelos frades por meio do Senhor Jesus Cristo. Assim, todos os frades deveriam seguir a humildade e a pobreza de Cristo e lembrar que não tinham nada, como diz o apóstolo, tendo alimentos e com que nos cobrir, com isso estamos contentes porque Cristo foi pobre e hóspede e viveu de esmolas, ele e a bem-aventurada Virgem e os seus discípulos. Apesar da diferença de alguns verbos empregados – *debetur, instituit, habere*, - em termos de conteúdo, os excertos escolhidos são próximos entre a FvCl e a RnB, Cristo não tinha nada, sempre foi pobre.

FvCl ²⁰¹	RnB
4 Haec est illa celsitudo altissimae paupertatis quae vos karissimas sorores meas <i>heredes</i> et reginas regni caelorum instituit, pauperes rebus fecit, virtutibus sublimavit.	9,8 Et eleemosyna est <i>hereditas</i> et iustitia, quae debetur pauperibus, quam nobis acquisivit Dominus noster Jesus Christus.
6 Cui, dilectissimae sorores, totaliter inhaerentes nichil aliud pro nominae <i>Domini nostri Ihesu Christi</i> et eius sanctissimae Matris in perpetuum sub caelo habere velitis.	9,1.5 Omnes fratres studeant sequi humilitatem et paupertatem <i>Domini nostri Jesu Christi</i> et recordentur, quod nihil aliud oportet nos habere de toto mundo ... Et fuit pauper et hospes et vixit de eleemosynis ipse et beata Virgo et discipuli eius.

No capítulo oito da FvCl, itens onze e doze, cotejados com o capítulo oitavo da RnB no item três, sobre o dinheiro e os doentes. A FvCl informa que se for mandado algum dinheiro para o mosteiro, a abadessa, com o conselho das discretas, deveria provê-las do que tivessem necessidade. No tocante às irmãs doentes, a abadessa é obrigada a informar-se por si mesma ou por outras irmãs, do que é exigido pela enfermidade das doentes, tanto em conselhos como em alimentos e outras necessidades. A RnB informa que nenhum dos frades, onde quer que estejam e onde quer que vão, de modo algum recebam nem façam receber pecúnia ou dinheiro nem por pretexto de roupas nem de livros nem pelo preço de algum trabalho, mesmo em

²⁰¹ Idem.

nenhuma ocasião, a não ser por manifesta necessidade dos frades doentes. As indicações do uso do dinheiro em necessidade, as irmãs definindo o uso no conselho das discretas e os frades pela necessidade dos doentes, possuem diferenças tênues, mas marcamos em negrito as partes inexistentes na FvCl.

FvCl ²⁰²	RnB
11 Si vero ei aliqua pecunia transmissa fuerit, abbatissa de consilio discretarum in hiis quae indiget illi faciat provideri.	8,3 Unde nullus fratrum, ubicumque sit et quocumque vadit, aliquo modo tollat nec recipiat nec recipi faciat pecuniam aut denarios neque occasione vestimentorum nec librorum nec pro pretio alicuius laboris, immo nulla occasione, nisi propter manifestam necessitatem infirmorum fratrum.
12 De infirmis sororibus tam in consiliis quam in cibariis et aliis <i>necessariis</i> quae earum requirit <i>infirmitas</i> teneatur firmiter abbatissa sollicite per se et alias sorores inquirere.	8,3 nisi propter manifestam <i>necessitatem infirmorum</i> fratrum.

No capítulo oito da FvCl, excertos quatorze, quinze e dezesseis, confrontados com os capítulos seis, excerto dois, dez, um e nove, excertos dez e onze da Regra não bulada, sobre os enfermos. Na FvCl a norma é semelhante, a Regra não bulada na parte em que todas devem prover e servir suas irmãs enfermas, como gostariam de ser servidas, se tivessem alguma doença. Manifeste com segurança, uma à outra, sua necessidade, porque se uma mãe ama e nutre sua filha carnal, deve uma irmã amar e nutrir sua irmã espiritual. Na RnB o que muda são as escolhas de um frade para servir ao frade enfermo, ou mais, se for necessário, que o sirvam, como quereriam ser servidos e o ministro procure provê-los de tal maneira, como ele mesmo quisera que se lhe fizesse, se estivesse em caso semelhante. Em *itálico* seguem as palavras e frases idênticas que dão indicações para que o grupo se mobilize na ajuda dos irmãos enfermos ou irmãs enfermas.

²⁰² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 78-81.

- 14 Quia omnes tenentur *providere* et 6,2 Minister vero taliter eis studeat
servire sororibus suis infirmis *sicut vellent* *providere, sicut* ipse *vellet sibi* fieri, si in
sibi serviri si ab infirmitate aliqua consimili casu esset.
tenerentur.
- 10,1 Si quis fratrum in infirmitate
ceciderit, ubicumque fuerit, alii fratres
non dimittant eum, nisi constituatur unus
de fratribus vel plures, si necesse fuerit,
qui serviant ei, *sicut vellent sibi serviri*
- 15 *Secure manifestet una alteri* 9,10 Et *secure manifestet unus alteri*
necessitatem suam, *necessitatem suam,* ut sibi necessária
inveniat et ministret.
- 16 et si *mater diligit et nutrit filiam suam* 9,11 Et quilibet diligit et nutriet fratrem
carnalem, quanto diligentius debet soror suum, sicut *mater diligit et nutrit filium*
diligere et nutrire sororem suam *suum,* in quibus ei Deus gratiam largietur.
spiritualem.

No capítulo nove da FvCl, itens um, dois e três, em comparação com a RnB nos capítulos treze item um e capítulo cinco nos itens cinco e seis, sobre a penitência aos que pecam e as formas de punição. De forma mais rígida, a FvCl diz que a irmã que pecar contra a forma de nossa profissão será admoestada duas ou três vezes pela abadessa ou por outras irmãs e, se não emendar-se, deverá comer pão e água, no chão, diante de todas as irmãs, por quantos dias forem contumazes e, se assim parecer à abadessa, seja submetida à pena mais grave. Já na RnB o trecho “Se algum dos frades, instigando o diabo, fornicar, seja despojado do hábito, que perdeu por sua torpe iniquidade, e o deixe totalmente e seja absolutamente expulso de nossa religião”, não tem paralelo com a FvCl, exceto a “instigação do inimigo/diabo”. Nos trechos abaixo do capítulo cinco da RnB, entre os frades, se houver algum frade que queira andar carnal e não espiritualmente, os frades avisem-no, instruem e corrijam humilde e diligentemente. E se ele, depois da terceira admoestação, não quiser se emendar, mandem-no o mais depressa que puderem ou avisem seu ministro o qual faça dele como melhor lhe parecer

²⁰³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 80 e 81.

conveniente. Apesar da repetição de algumas palavras, os trechos são distintos em conteúdo, com soluções diferentes para a punição do pecador.

FvCl ²⁰⁴	RnB
1 <i>Si qua</i> soror contra formam professionis nostrae mortaliter inimico instigante peccaverit, per abbatissam vel alias sorores bis vel <i>ter ammonita</i> .	13,1 <i>Si quis</i> fratrum diabolo <i>instigante</i> fornicaretur 5,5-6 Si vero inter fratres ubicumque fuerit aliquis frater volens carnaliter et non spiritualiter ambulare, fratres, cum quibus est, moneant eum, instruunt et corripiant humiliter et diligenter. Quod si ille <i>post tertiam admonitionem</i> noluerit se emendare
2 si non se emendaverit, quot diebus contumax fuerit tot in terra panem et aquam coram sororibus omnibus in refectório comedat	5,6 Quod si ille post tertiam admonitionem noluerit se emendare, quam citius possunt mittant eum vel significant suo ministro et servo, qui minister et servus de eo faciat sicut sibi secundum Deum melius videbitur expedire.
3 et graviori poenae subiaceat si visum fuerit abbatissae.	5,6 quam citius possunt, mittant eum vel significant suo ministro et servo, qui minister et servus de eo faciat sicut sibi secundum Deum melius videbitur expedire.

Ainda no capítulo nove, trechos quatro, cinco e seis da FvCl, sobre o tema da penitência, às irmãs é recomendado rezar e tomar cuidado para não se irar nem se perturbar pelo pecado de alguém, porque a ira e a perturbação impedem a caridade em si e nos outros. Já, na RnB, os trechos possíveis de comparação estão no capítulo três no item cinco, no capítulo cinco no item sete, no capítulo oito no item sete e no capítulo onze no item um e no início do item três. As recomendações pela penitência aos frades é rezar todo dia *Miserere mei Deus* (Sl 50) junto com o Pai nosso. E

²⁰⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 84-87.

guardem-se todos os frades, de perturbar-se ou irar-se pelo pecado ou mal do outro, porque o diabo quer corromper muitos pelo delito de um. E se por acaso, longe disso, acontecer de algum frade recolher ou ter dinheiro, todos os frades guardem-se de caluniar e de contender com palavras e nem litiguem entre si nem com outros. Muitas dessas disposições da Regra não bulada foram emanadas dos diversos Capítulos (reuniões) e foram inseridas de vez em quando nos lugares correspondentes ao texto da Regra.

FvCl²⁰⁵

RnB

4 Interim dum contumax fuerit oretur ut Dominus ad poenitentiam cor eius illuminet.	3,5 et pro defectu et negligentia fratrum dicant omni die Miserere mei Deus cum Pater noster.
5 Abbatissa vero et eius sorores cavere debent ne <i>irascantur vel</i> conturbentur <i>propter peccatum</i> alicuius, <i>quia</i> ira et conturbatio in se et in aliis impediunt caritatem.	5,7 Et <i>caveant</i> omnes fratres tam ministri et servi quam alii, quod <i>propter peccatum</i> alterius vel malum non <i>turbentur vel irascantur, quia</i> diabolus propter delictum unius multos vult corrumpere.
6 <i>Si contingeret, quod absit</i> , inter sororem et sororem verbo vel signo occasionemurbationis vel scandali aliquando suboriri.	8,7 Et <i>si forte, quod absit</i> , aliquem fratrem <i>contigerit</i> pecuniam vel denarios colligere vel habere. 11,1.3 Et omnes fratres caveant sibi, ut non calumnientur neque contendant verbis... Neque litigent inter se neque cum aliis.

No capítulo nove, excertos nove e treze da FvCl, em comparação com a RnB no capítulo vinte e um nos excertos cinco e seis, e no capítulo doze, excertos um e dois sobre o pecado. Na FvCl a citação bíblica “Se não perdoardes de coração também o Pai do céu não vos perdoará (cfr. Mt 6,15; 18,35)”, o Evangelho de Mateus citado fala da fragilidade humana, a obediência à palavra, recria a ideia de comunidade, seguido da admoestação das irmãs que servem fora do mosteiro, que não devem ter relacionamentos ou encontros suspeitos com alguém. Na RnB as citações bíblicas

²⁰⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 86 e 87.

“Perdoai e vos será perdoado (cfr. Lc 6,37). E se não perdoardes aos homens os seus pecados (Mt 6,14), o Senhor não perdoará os vossos pecados (Mc 11,25); confessai todos os vossos pecados (cfr. Tg 5,16)”, em ambos os textos as passagens eleitas criam a ideia de fraternidade e de reconciliação pela memória da palavra do Senhor.

FvCI²⁰⁶

9 Illa vero memor illius verbi Domini: nisi ex corde dimiseritis, nec Pater vester caelestis dimittet vobis.
13 Et firmiter *caveant* ne habeant suspecta consortia vel concilia aliquorum.

RnB

21,5-6 Dimittite et dimittetur vobis. Et si non dimiseritis hominibus peccata eorum, Dominus non dimittet vobis peccata vestra
12,1-2 Omnes fratres, ubicumque sunt vel vadunt, *caveant* sibi a malo visu et frequentia mulierum. Et nullus cum eis *consilietur* aut per viam vadat solus aut ad mensam in una paropside comedat.

No capítulo dez, itens um, três e cinco da FvCI, sobre a correção e admoestações às irmãs, a abadessa deve visitar as irmãs e corrigi-las. As irmãs devem obedecer a suas abadessas em tudo que prometeram ao Senhor observar e que não é contrário à alma e à profissão delas. A abadessa é servidora de todas as irmãs, não é um simples instrumento de governo, ela tem a responsabilidade do ofício e a visita tem o sentido “pastoral”, próximo ao bom pastor do evangelho, aquele que percorre uma por uma e procura quem está perdido²⁰⁷. Na RnB no capítulo quatro, itens dois e três, a mesma atitude de visitação exercida pelos ministros que colocam os frades nas províncias e lugares em que estiverem, e devem visitá-los, admoestá-los e confortá-los. Os trechos assimilados pela FvCI, e todos os frades obedçam ao que diz respeito à salvação da alma e não é contrário à nossa vida, seguido pela citação bíblica "não vim para ser servido mas para servir" (Mt 20,28).

FvCI²⁰⁸

RnB

²⁰⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 88-91.

²⁰⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara nella sua Regola. Volume III. Padova: Messaggero, 2007, p. 413.

²⁰⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 94-97.

1 Abbatissa <i>moneat et visitet</i> sorores suas et humiliter et caritative corrigat eas, non praecipiens aliquid eis quod sit contra animam suam et nostrae professionis formam.	4,2 Omnes fratres, qui constituuntur ministri et servi aliorum fratrum, in provinciis et in locis, in quibus fuerint, collocent suos fratres, quos saepe <i>visitent et spiritualiter moneant</i> et confortent.
3 Unde firmiter suis abbatissis <i>obedire</i> teneantur in omnibus quae observare Domino promiserunt <i>et non sunt</i> animae <i>contraria</i> et <i>nostrae</i> professioni.	4,3 Et omnes alii fratres mei benedicti diligenter <i>obediant</i> eis in his quae spectant ad salutem animae <i>et non sunt contraria vitae nostrae</i> .
5 Nam ita debet esse quod abbatissa sit omnium sororum ancilla.	4,6 Et recordentur ministri et servi, quod dicit Dominus: Non veni ministrari sed ministrare.

No capítulo dez, trechos seis e sete da FvCl, sobre a admoestações às irmãs, que se guardem de toda soberba, vanglória, inveja, avareza (cfr. Lc 12,15), cuidado e solicitude deste mundo (cfr. Mt 13,22; Lc 21,34), da detração e da murmuração, da dissensão e da divisão, solícitas em conservar, umas com as outras, a unidade do amor mútuo, que é o vínculo da perfeição. A renúncia à própria vontade e à exortação da unidade na caridade são valores centrais. Na RnB no capítulo dezessete, trechos nove e dez, trechos próximos a FvCl, “guardemo-nos, pois, todos os frades, de toda soberba e vanglória; e guarde-mo-nos da sabedoria deste mundo e da prudência da carne (Rm 8,6)”;

no capítulo oito, itens um e dois, “manda o Senhor no evangelho: Olhai, guardai-vos de toda malícia e avareza (cfr. Lc 12,15) e: Guardai-vos da solicitude deste século e dos cuidados desta vida (cfr. Lc 21,34)”;

no capítulo, nos trechos cinco e seis, “E amem-se mutuamente como diz o Senhor: "Este é o meu preceito, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei" (Jo 15,12). E mostrem pelas obras (cfr. Tg 2,18) o amor que têm mutuamente”²⁰⁹. O amor recíproco citado na Regra sem bula combinado com reminiscências bíblicas, Jesus é o espelho que deve ser olhado. Nas passagens a seguir, estão em *itálico* as palavras e frases idênticas, é evidente que a FvCl tem dependência literária da RnB em vários capítulos.

²⁰⁹ *Regula non bullata e forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

- 6 Moneo vero et exhortor in Domino Ihesu Christo, ut caveant sorores *ab omni superbia, vanagloria, invidia, avaritia, custodiamus nos a sapientia huius mundi cura et sollicitudine huius saeculi, detractioe et murmuratione, dissessione et divisione.* 17,9-10 Omnes ergo fratres caveamus *ab omni superbia et vana gloria et* custodiamus nos a sapientia huius mundi et a prudentia carnis
- 7 Sint vero sollicitae semper *invicem* 11,5-6 Et *diligant se ad invicem* sicut dicit Dominus : Hoc est praeceptum meum, ut *diligatis invicem*, sicut dilexi vos. Et ostendant ex operibus *dilectionem*, quam habent *ad invicem*.

No capítulo dez, itens nove e dez da FvCI, a continuação do discurso completa-se na caridade e concórdia da comunidade, “mas lembrem que, acima de tudo, devem desejar ter o espírito do Senhor e sua santa operação, orar sempre a ele com coração puro e ter humildade, paciência na tribulação e na doença”²¹¹. Na RnB no capítulo dezessete, trechos dezesseis, quinze e oito, informa que “todas as coisas deseja o divino temor e a divina sabedoria e o divino amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E se esforça pela humildade e paciência e pura e simples e verdadeira paz de espírito. E mais, devemos nos alegrar quando cairmos em várias tentações (cfr. Tg 1,2) e quando suportarmos quaisquer angústias da alma ou do corpo ou tribulações neste mundo por causa da vida eterna”, a humildade é uma virtude junto com a pobreza e a caridade.

- 9 sed attendant quod *super omnia* 17,16 Et semper *super omnia desiderat desiderare* debent habere Spiritum divinum timorem ed divinam sapientiam

²¹⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 96 e 97.

²¹¹ *Regula non bullata e forma vitae* de Clara. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/fontes> Acesso em: 05 jun. 2016.

²¹² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 96 e 97.

Domini et sanctam eius operationem.

et divinum amorem Patris et Filii et Spiritus Sancti.

10 orare semper ad eum puro corde et habere *humilitatem*, *patientiam* in *tribulatione* et infirmitate.

17,15 Et studeat ad *humilitatem* et *patientiam* et *puram* et simplicem et veram pacem spiritus.

17,8 Et magis debemus gaudere, cum in tentationes varias incideremus et cum sustinueremus quascumque animae vel corporis angustias aut *tribulationes* in hoc mundo propter vitam aeternam.

No capítulo dez, trechos onze, doze e treze da FvCl, informa que as irmãs devem “amar os que nos perseguem (cfr. Mt 5,44), repreendem e acusam, porque, diz o Senhor: bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, porque deles é o reino dos céus (Mt 5,10). E quem perseverar até o fim, esse será salvo (Mt 10,22)”. Na RnB no capítulo vinte e dois, itens três e quatro, “são amigos nossos todos aqueles que injustamente nos causam tribulações e angústias, vergonhas e injúrias, dores e tormentos, martírio e morte; aos quais devemos amar muito, porque temos a vida eterna por aquilo que nos causam”. No capítulo dezesseis, itens doze e vinte, “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,10). Pois em vossa paciência possuireis vossas almas (Lc 21,19)”. Em ambos os textos, o amor pelo inimigo com citações evangélicas explícitas recorda a memória da palavra do Evangelho, referência importante para Francisco e Clara, de autoridade do discurso.

FvCl²¹³

RnB

11 et *diligere* eos qui nos persecuntur, reprehendunt et arguunt.

22,3-4 Amici igitur nostri sunt omnes illi qui nobis iniuste inferunt tribulationes et angustias, verecundias et iniurias, dolores et tormenta, martyrium et mortem; quos multum *diligere* debemus, quia ex hoc quod nobis inferunt, habemus vitam

²¹³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 98 e 99.

aeternam.

12 quia dicit Dominus: *Beati qui persecutionem patiuntur propter iustitiam, quoniam ipsorum est regnum caelorum.* 16,12 *Beati qui persecutionem patiuntur propter iustitiam, quoniam ipsorum est regnum caelorum.*

13 *Qui autem perseveraverit usque in finem hic salvus erit.* 16,20 *et qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.*

No capítulo onze não há nenhum trecho que possa ser comparado com a Regra não bulada, porque o conteúdo é mais próximo da *forma vitae* de Hugolino (1219?), do modelo cisterciense e da *forma vitae* de Inocêncio IV (1243-1254) que analisaremos no próximo capítulo. O capítulo onze da FvCl diz respeito a observância da clausura que não tem paralelo algum com a Regra não bulada e Regra bulada.

No capítulo doze, excerto treze, diz que as irmãs, “submissas e subordinadas aos pés da mesma santa Igreja, firmes na fé católica, observemos para sempre a santa pobreza e humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e o Santo Evangelho, que prometemos firmemente. Amém”, termina com o observar o Evangelho como se iniciou no primeiro capítulo. Na RnB no capítulo dezenove, trecho um, diz que “Todos os frades sejam católicos, vivam e falem catolicamente”. Apesar das diferenças gramaticais, os textos possuem paralelos, na obediência a Igreja católica.

FvCl²¹⁴

RnB

13 ut semper subdita et subiecta pedibus eiusdem sanctae ecclesiae stabiles in fide *catholica*, paupertatem et humilitatem Domini nostri Ihesu Christi et eius sanctissimae Matris et sanctum evangelium, quod firmiter promisimus, in perpetuum observemus. Amen. 19,1 Omnes fratres sint *catholici*, vivant et loquantur *catholice*.

Uma comparação minuciosa do texto da *forma vitae* de Clara (1253), seja com a Regra não bulada (1221), seja com a Regra bulada (1223), tal como acreditamos tê-lo podido reconstruir, em seus elementos essenciais, é importante, sob mais de um ponto

²¹⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 114 e 115.

de vista. Ela mostra a dependência literária da forma de vida de Clara que tem a ver com a experiência de vida de quarenta anos dela no mosteiro de São Damião, uma maneira de viver mais que uma modificação profunda de espírito, influenciada pelas regras jurídicas franciscanas. Antes de tudo, notamos que é difícil calcular uma porcentagem com exatidão da influência da Regra não bulada para a *forma vitae* de Clara. Porque tem muitas passagens idênticas em palavras e frases, em outras o conteúdo se aproxima, outras por sua vez, possuem diferenças muito tênues dos significados, além das ausências que não assinalamos, mas também é significativa.

2.2 Comparação entre a Regra bulada de 1223 e a *forma vitae* de Clara

A Regra de 1221 não foi seguida por muito tempo pelos frades menores. Ao oficializar a Ordem Franciscana em 29 de novembro de 1223 com a bula *Solet annuere*, Honório III (1216-1227) e a Igreja tornaram pública a *imitatio Christi* e a pobreza franciscana, marcando o segundo momento de enquadramento do movimento franciscano com a definitiva consolidação da institucionalização. A versão de 1223 não foi redigida por Francisco de Assis, porque o latim do texto é excelente e comporta certas expressões jurídicas inteiramente estranhas ao seu vocabulário e à sua mentalidade²¹⁵.

Para fazer a relação de partes importantes entre a forma de vida de Clara e a Regra bulada de 1223 utilizamos como referências os textos do livro *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*²¹⁶ da Federação de Santa Clara de Assis das Clarissas da Úmbria-Sardenha e a tabela proposta por Jacques Dalarun no livro *Claire d'Assise Écrits, Vies, documents*²¹⁷. Numa comparação minuciosa, é importante observar a estrutura temática de cada trecho comparado, analisando os pontos de aproximações e as diferenças verbais, estruturais e de conteúdo apresentada pelos dois textos. A primeira constatação em relação à comparação dos textos é que a *forma vitae* de 1253 é tão breve, concisa e enxuta, quanto a Regra bulada de 1223. Em segundo lugar, a Regra não bulada de 1223 contém doze capítulos e a forma de vida de 1253 igualmente contém doze capítulos. Em termos de número de palavras, a Regra de 1223 é menos extensa, contendo um pouco

²¹⁵ VAUCHEZ, André. *Francesco d'Assisi*. Tra storia..., p. 128.

²¹⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica. Padova: Messaggero, 2003, p. 22-115.

²¹⁷ DALARUN, Jacques e HUEROU, Armelle Le (org.). *Claire d'Assise. Écrits, Vies documents*. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013, p. 1035-1042.

menos de frases que a *forma vitae* de 1253. Em terceiro lugar, em termos de conteúdo, ambos possuem partes jurídicas idênticas, são normas acompanhadas com algumas instruções sobre o meio de pôr em prática e sobre os erros a evitar. Assim, a Regra de 1223, é uma *regula* típica e foi aceita pelo papado. Nos exemplos que se seguem, optamos pelo uso do itálico para destacar as frases e palavras idênticas, sempre partindo da forma de vida de Clara (1253) para a Regra bulada (1223), visto que o fio condutor desta Tese é a normativa clariana. Em negrito, segue a palavra distinta da Rb (Regra bulada) para a FvCl (forma de vida de Clara).

No capítulo um, observamos as seguintes passagens e assinalamos em itálico as frases da forma de vida de Clara que são idênticas ou inspiradas nos trechos da Regra bulada. Muitas vezes as partes da FvCl são adaptações do texto correspondente. Na FvCl, trechos um, dois e três em comparação com a Rb no capítulo um, trechos um e dois, possuem uma simetria estrutural da construção do ideal e vida evangélica, observância ao evangelho, obediência ao papa e à Igreja romana, ligação com a Ordem dos frades menores na obediência a um ministro geral. As palavras iniciais são definidoras do restante da forma de vida e do *propositum* fundamental, a “regra e vida” na Rb transforma-se em “a forma de vida instituída por São Francisco”, a denominação “dos frades menores” (*minorum fratrum*, nome definido) está em paralelo para “da Ordem das Irmãs Pobres” (*sorum pauperum*, nome definido), Francisco é nomeado várias vezes, a ele é atribuído a instituição do gênero de vida das Irmãs pobres ²¹⁸. A FvCl sob o ponto de vista canônico não é uma *regula* neste ponto de vista específico, não tem as sutilezas jurídicas que define a Regra bulada, mas é um texto normativo de identidade de São Damião que tem como inspiração a *sequela Christi* de Francisco no seguir Cristo pobre.

FvCl ²¹⁹	Rb
1 Forma <i>vitae</i> ordinis sororum pauperum	1,1 Regula et <i>vita</i> minorum fratrum <i>haec</i>
quam beatus Franciscus instituit <i>haec est:</i>	<i>est</i>
2 Domini nostri Ihesu Christi sanctum	1,1 scilicet Domini nostri Jesu Christi
evangelium observare, vivendo in	sanctum evangelium observare vivendo in

²¹⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 80 e 81.

²¹⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 22 e 23.

<i>obedientia, sine proprio et in castitate.</i>	<i>obedientia, sine proprio et in castitate.</i>
3 Clara, indigna ancilla Christi et plantula	1,2 Frater Franciscus promittit
beatissimi patris Francisci, promittit	<i>obedientiam et reverentiam domino papae</i>
<i>obedientiam et reverentiam domino papae</i>	Honorio ac <i>successoribus eius canonice</i>
Innocentio et <i>successoribus eius canonice</i>	<i>intransibus et Ecclesiae romanae.</i>
<i>intransibus et ecclesiae romanae.</i>	

No capítulo um, trecho cinco da FvCl, em confronto com o capítulo um da Rb, item três, após a abertura da *forma vitae* com o propósito evangélico da irmãs pobres, em paralelo com a Regra bulada, delineiam-se as relações institucionais que estruturam juridicamente o mosteiro de São Damião, há uma hierarquia de obediência. A obediência ao Evangelho, obediência à Igreja católica, obediência a São Francisco, obediência ao ministro geral dos frades menores e a Clara e as suas sucessoras, em paralelo a Regra bulada que passa pela mesma relação, obediência ao Evangelho, obediência à Igreja, fidelidade ao papa, obediência a São Francisco e seus sucessores, obediência ao ministro geral, apesar do longo período de tempo entre os textos, é possível pensar numa identidade institucional em comum, uma incorporação jurídica e uma promessa a Francisco, talvez o ideal primitivo da *fraternitas* minorítica ou pertencimento ao ideal da pobreza primitiva.²²⁰

FvCl ²²¹	Rb
5 <i>Et aliae</i> sorores <i>teneantur</i> semper	1,3 <i>Et alii</i> fratres <i>teneantur</i> fratri
<i>successoribus</i> beati Francisci <i>et</i> sorori	Francisco <i>et eius successoribus obedire.</i>
Clarae et aliis abbatissis canonice electis	
<i>ei succedentibus obedire.</i>	

Os trechos a seguir contêm semelhanças e diferenças, no capítulo dois da FvCl, Regra bulada. Em resumo, na FvCl, trechos em comum com a Rb começa com a acolhida, a licença do cardeal protetor e no caso da Rb licença dos ministros provinciais, o exame da fé católica e os sacramentos da Igreja, a exposição do teor da vida, a distribuição dos bens aos pobres. As diferenças marcantes aparecem mais adiante,

²²⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 104-109.

²²¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 24 e 25.

elementos da vida penitencial das Irmãs pobres: a tonsura, a proibição de sair do mosteiro desde o ano do noviciado, usar mantos para o trabalho, disposições sobre as vestes, entre outros.

FvCI ²²²	Rb
1 Si qua divina inspiratione <i>venerit</i> ad nos volens <i>vitam</i> istam <i>accipere</i> abbatissa sororum omnium consensum requirere teneatur.	2,1 Si qui voluerint hanc <i>vitam accipere</i> et <i>venerint ad</i> fratres nostros, mittant eos ad suos ministros provinciales, quibus solummodo et non aliis recipiendi fratres licentia concedatur.
2 et si maior pars consenserit, habita <i>licentia</i> domini cardinalis protectoris nostri possit eam recipere.	2,1 et non aliis recipiendi fratres <i>licentia</i> concedatur.
3 Et si recipiendam viderit, <i>diligenter examinet eam</i> vel examinari faciat <i>de fide catholica et ecclesiasticis sacramentis</i> .	2,2 Ministri vero <i>diligenter examinent eos de fide catholica et ecclesiasticis sacramentis</i> .
4 Et si haec omnia credat et velit ea <i>fideliter</i> confiteri et usque in finem <i>firmiter</i> observare.	2,3 Et si haec omnia credant et velint ea <i>fideliter</i> et usque in finem <i>firmiter</i> observare.

No capítulo dois, trechos cinco e sete da FvCI em comparação com o capítulo dois, itens três, quatro e cinco da Regra bulada, a passagem da acolhida vocacional, os exames sobre a fé católica e os sacramentos da Igreja são quase literais, a liberdade do vínculo matrimonial, a possibilidade de separar com autorização do bispo diocesano e abraçar a vida religiosa é antigo na Igreja. As normativas abaixo estão inseridas no direito canônico medieval, o voto de continência, o teor da nossa vida e o ano de noviciado pode ter saído da regra beneditina, claro que adaptado a realidade de São Damião.²²³

²²² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 26 e 27.

²²³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 119-123.

5 <i>et virum non habet vel si habet et iam religionem intravit auctoritate dioecani episcopi, voto continentiae iam emisso, aetate etiam longaeva vel infirmitate aliqua seu fatuitate ad huius vitae observantiam non impediende.</i>	2,3-4 <i>et uxores non habent vel, si habent, et iam monasterium intraverint uxores, vel licentiam eis dederint auctoritate dioecani episcopi, voto continentiae iam emisso, et illius sint aetatis uxores, quod non possit de eis oriri suspicio.</i>
7 <i>Et si idonea fuerit, dicatur ei verbum sancti evangelii, quod vadat et vendat omnia sua et ea studeat pauperibus erogare.</i>	2,5 <i>dicant illis verbum sancti evangelii, quod vadant et vendant omnia sua et ea studeant pauperibus erogare.</i>

Ainda no capítulo dois, itens oito, nove e dez da FvCI em comparação com a Regra bulada também no capítulo dois, itens seis, sete e oito, o seguir a pobreza inclui o vender tudo e dar aos pobres, mas senão é possível fazer, “basta a boa vontade”, esse gesto evangélico já estava presente na regra não bulada. A recomendação da abadessa e das irmãs não se preocuparem com coisas temporais tem paralelo com a regra bulada, mas enquanto na FvCI é “a abadessa e suas irmãs”, na bulada é “os frades e seus ministros”, a ordem dos sujeitos são invertidas, e o verbo do singular (caveat) passa para o plural (caveant).²²⁵

8 <i>Quod si facere non poterit, sufficit ei bona voluntas.</i>	2,6 <i>Quod si facere non potuerint, sufficit eis bona voluntas.</i>
9 <i>Et caveat abbatissa et eius sorores ne sollicitae sint de rebus suis temporalibus, ut libere faciat de rebus suis quicquid Dominus inspiraverit ei.</i>	2,7 <i>Et caveant fratres et eorum ministri ne solliciti sint de rebus suis temporalibus, ut libere faciant de rebus suis quidquid Dominus inspiraverit eis.</i>
10 <i>Si tamen consilium requiratur, mittant</i>	2,8 <i>Si tamen consilium requiratur,</i>

²²⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 26-29.

²²⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 128 e 129.

²²⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 28 e 29.

eam ad aliquos discretos et Deum licentiam habeant ministri mittendi eos ad timentes, quorum consilio bona sua aliquos Deum timentes, quorum consilio pauperibus erogentur. bona sua pauperibus erogentur.

No capítulo dois, trechos onze e doze da FvCl em comparação com o capítulo dois, itens nove, doze e treze da Regra bulada, sobre os sinais de ingresso no mosteiro, do estado secular para entrar no estado penitencial, marcado pela deposição do hábito secular, o corte dos cabelos e as vestes fornecida no ano de provação depois o recebimento do hábito religioso no momento da profissão. Os trechos abaixo estão mais próximos da *forma vitae* de Hugolino do que da Regra bulada.

FvCl ²²⁷	Rb
11 <i>Postea</i> capillis tonsis in rotundum et deposito habitu saeculari, <i>concedat ei</i> três <i>tunicas</i> et mantellum.	2,9 <i>Postea concedant eis</i> pannos probationis, videlicet duas <i>tunicas</i> sine caputio et cingulum, et braccas et caparonem usque ad cingulum
12 Deinceps extra monasterium sine utili, rationabili, manifesta et probabili causa eidem <i>exire</i> non <i>liceat</i> .	2,12-13 Et nullo modo <i>licebit</i> eis de ista religione <i>exire</i> iuxta mandatum domini papae, quia secundum sanctum Evangelium nemo mittens manum ad aratrum et aspiciens retro aptus est regno Dei.

No capítulo dois, itens treze e dezesseis da FvCl em confronto com o capítulo, onze e o capítulo quatro do item dois da Rb, terminado o ano de provação as irmãs são recebidas prometendo obediência e prometendo observar a pobreza, usando roupas com discrição, passagens idênticas na Rb foram assinaladas em itálico para mostrar a dependência literária. A Regra bulada distingue as roupas do noviciado das do hábito de profissão, *pannos probationis*, a túnica com capucho e sem o capucho. A *forma vitae* de Hugolino não preve o ano de provação, a *forma vitae* de Clara segue a Rb e institui o ano de provação, o noviciado, somente após o período as irmãs são recebidas

²²⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 30 e 31.

na obediência²²⁸.

FvCl²²⁹

Rb

13 *Finito vero anno probationis, recipiatur ad obedientiam promittens vitam et formam paupertatis nostrae in perpetuum observare.*

16 Abbatisa vero de vestimentis discrete eisdem provideat secundum qualitates personarum et loca et tempora et frigidas regiones, sicut necessitati viderit expedire.

Ao cotejar o capítulo dois, itens vinte e dois e vinte e quatro da FvCl com o capítulo dois, itens quinze, dezesseis e dezessete da Regra bulada, as irmãs que trabalham fora do mosteiro podem usar calçados, o uso de calçados vem da Rb, os irmãos que por manifesta necessidade devem usar calçados²³⁰. Na FvCl tem uma distinção entre as irmãs que servem fora do mosteiro e as irmãs que vivem na clausura. A forma de pobreza é o objeto central do texto de Clara mais próximo da definição da Regra bulada. A vestimentis *vilibus* do adjetivo *vilis*, o oposto de *nobilis*, o hábito vil é um sinal de escolha de seguir Cristo pobre.²³¹

FvCl²³²

Rb

22 quae possint portare calciamenta.

2,15 Et qui necessitate conguntur possint portare calciamenta.

24 Et amore sanctissimi et dilectissimi pueri pauperculis panniculis involuti in praesepio reclinati et sanctissimae matris eius moneo, deprecor et exhortor sorores

2,16-17 Et fratres omnes vestimentis vilibus induantur et possint ea repeciare de saccis et aliis peciis cum benedictione Dei. Quos moneo et exhortor, ne

²²⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 138 e 139.

²²⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 32-35.

²³⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 152 e 153.

²³¹ Idem, pp. 156 e 157.

²³² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 36 e 37.

meas ut vestimentis semper vilibus despiciant neque iudicent homines, quos induantur. vident mollibus vestimentis et coloratis indutos, uti cibis et potibus delicatis, sed magis unusquisque iudicet et despiciat semetipsum.

No terceiro capítulo, itens um e dois da FvCl em paralelo com a Rb no capítulo três, itens um e dois, sobre o ofício divino segundo o costume dos frades menores. As irmãs que sabem ler podem rezar o ofício divino, podem ter breviários, uma obrigação consagrada pelo verbo imperativo *faciant*. A vida evangélica assume um valor litúrgico com um valor jurídico-institucional de adoção da liturgia dos frades menores dependente da Cúria romana, “segundo o costume dos frades menores”. A precisão da Rb na *excepto psalterio* reporta ao saltério gallicano que Francisco tinha preferido.²³³ Interessante observar a afirmação de Margaret Carney sobre o Ofício na FvCl ser lido “sem canto”, a possibilidade de ter sido uma tradição beneditina incorporada, como o princípio do mosteiro de São Damião era o de um espírito fraterno com igualdade entre os membros, talvez o canto despertasse divisões²³⁴.

FvCl ²³⁵	Rb
1 Sorores litteratae <i>faciant divinum officium</i> secundum consuetudinem fratrum minorum.	3,1 Clerici <i>faciant divinum officium</i> secundum ordinem sanctae romanae Ecclesiae excepto psalterio
2 ex quo habere poterunt breviaria, legendo sine cantu.	3,2 ex quo habere poterunt breviaria.

Nas frases abaixo, ainda sobre o tema do ofício divino, o capítulo três, itens quatro e cinco da FvCl em comparação com a Rb do capítulo três, itens três e quatro. Para as irmãs, que não sabem ler, substitui-se o Ofício pela recitação de um determinado número de *Pater noster* como os frades leigos, diferente das irmãs que

²³³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 160-162.

²³⁴ CARNEY, Margaret. *Chiara d'Assisi*. La prima donna francescana e la sua forma di vita. Roma: Borla, 1994, p. 150.

²³⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 38 e 39.

sabem ler e poderiam ter as mesmas obrigações litúrgicas prescritas aos clérigos na Regra bulada. A Regra bulada faz a diferenciação entre os clérigos e leigos, entre os *litteratae* e *illiteratae*, a *forma vitae* de Hugolino também faz esta distinção. Na FvCl essa distinção é no sentido funcional, quem sabe e quem não sabe ler, não é a divisão da comunidade em duas categorias, neste ponto se difere dos mosteiros tradicionais. A expressão *ex quo habere poterunt breviaria* é controversa, porque é diferente do sentido da Rb, dado o custo de ter um breviário, a determinação do uso e posse dos livros é complexa, além da preocupação de armazenar esses livros custosos e a questão da pobreza²³⁶. Um breviário poderia ter muitas páginas e era muito caro, após a promulgação da Regra bulada, a posse passou a ser indispensável, sendo uma exceção em relação à pobreza evangélica quando se tratava do *usus* do Breviário.²³⁷ A forma de vida de Clara estabelece um número preciso de *Pater noster* para os defuntos, influência da Regra não bulada, que pede aos laicos para recitarem sete vezes o Pai nosso²³⁸.

FvCl²³⁹

4 Q.uae vero litteras nesciunt dicant
viginti quatuor pater noster pro matutino,
pro laude V, pro prima vero, tertia, sexta,
pro prima, tertia, sexta, nona, pro
nona pro qualibet istarum horarum VII,
pro vesperis autem XII, pro completorio
VII.

5 Pro defunctis etiam dicant in vesperis
VII pater noster cum réquiem aeternam,
pro matutino XII.

Rb

3,3 Laici vero dicant viginti quatuor Pater
noster pro matutino, pro laude quinque,
pro prima, tertia, sexta, nona, pro
qualibet istarum septem, pro vesperis
autem duodecim, pro completorio septem.

Como adiante veremos no capítulo três, trechos oito, nove e onze da FvCl em

²³⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 163-166.

²³⁷ STEFANI, Wagner Aparecido. A instrumentalização da *Ordo Fratrum Minorum* como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230). Tese (Doutorado em História Social), São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2015, pp. 155 e 156.

²³⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., p. 175.

²³⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 38-41.

confronto com o capítulo três da Rb, trechos cinco, seis, sete, oito e nove, sobre o jejum. A frase “as irmãs jejuem sempre” é influência da *forma vitae* de Hugolino de tradição mais ascética, o jejum contínuo já comentamos no capítulo um desta Tese de doutorado. Na Regra bulada o jejum não é contínuo, os frades não são obrigados a jejuar, somente na festa de Todos os Santos até o Natal do Senhor, o jejum é voluntário nos quarenta dias de quaresma e em manifesta necessidade os frades estão dispensados do jejum. Já na FvCl as irmãs podem se alimentar duas vezes no dia de Natal e quando manifestarem necessidade não sejam obrigadas ao jejum corporal, na Regra não bulada “a necessidade não conhece lei”, refere-se ao fato da precariedade física e moral. Essa prática penitencial de jejum mais severa está mais próxima da forma de vida de Hugolino, diferente da Rb que prevê um jejum mais moderado, restrito na sexta e em algumas datas específicas que já mencionamos anteriormente.²⁴⁰

FvCl ²⁴¹	Rb
8 Omni tempore sorores <i>ieiunent</i> .	3,5-7 Et <i>ieiunent</i> a festo omnium Sanctorum usque ad Nativitatem Domini. Sanctam vero quadragesimam, quae incipit ab Epiphania usque ad continuos quadraginta dies, quam Dominus suo santo ieiunio consecravit, qui voluntarie eam <i>ieiunant</i> benedicti sint a Domino, et qui nolunt non sint astricti. Sed aliam usque ad Resurrectionem Domini <i>ieiunent</i> . Aliis autem temporibus non teneantur nisi sexta feria ieiunare.
9 In nativitate vero Domini, quocumque die venerit, bis refici possint.	3,8 Aliis autem temporibus non teneantur nisi sexta feria ieiunare.
11 Tempore vero manifestae necessitatis non teneantur sorores ieiunio corporali.	3,9 <i>Tempore vero manifestae necessitatis non teneantur fratres ieiunio corporali.</i>

²⁴⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 179 e 181.

²⁴¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 40-43.

A seguir, no quarto capítulo da FvCl, excertos seis e sete em comparação com a Rb no capítulo oito, excertos dois e quatro, sobre a eleição e o ofício de abadessa. Na primeira parte da FvCl temos as normas para a eleição da abadessa e o rompimento do exercício do cargo, a diferença básica entre a FvCl e a eleição do ministro geral exposta na Rb está no fato de uma regra para uma Ordem centralizada e uma forma de vida para um mosteiro autônomo, diferenças de estrutura jurídica e de tamanho de organização. No caso de morte, a substituição da abadessa é algo mais simples do que o caso do ministro geral da Ordem dos Menores, é claro que dentro da forma canônica da Igreja. A FvCl segue as indicações do IV Concílio de Latrão de 1215, seguindo o princípio da *Omnes*, isto é, a unanimidade que deve atender *ad omnimodam concordiam*, a plena concórdia. As partes em itálico assemelham-se, na questão do rompimento de mandato caso de comum acordo com a comunidade se não é “suficiente para o serviço e a utilidade comum”²⁴².

FvCl ²⁴³	Rb
6 <i>Qua decedente electio alterius abbatissae fiat.</i>	8,2 <i>Quo decedente, electio successoris fiat a ministris provincialibus et custodibus in capitulo Pentecostes, in quo provinciales ministri teneantur semper insimul convenire, ubicumque a generali ministro fuerit constitutum.</i>
7 <i>Et si aliquo tempore appareret universitati sororum praedictam non esse sufficientem ad servitium et communem utilitatem ipsarum, teneantur praedictae sorores iuxta formam praedictam quam citius possunt aliam sibi in abbatissam et matrem eligere.</i>	8,4 <i>Et si aliquo tempore appareret universitati ministrorum provincialium et custodum, praedictum ministrum non esse sufficientem ad servitium et communem utilitatem fratrum, teneantur praedicti fratres, quibus electio data est, in nomine Domini alium sibi eligere in custodem.</i>

Nas partes abaixo, selecionadas do capítulo quatro, trechos quinze e vinte e um

²⁴² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 195-199.

²⁴³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 46-49.

da FvCl em comparação a Rb nos capítulos oito na parte cinco e no capítulo onze na parte três, sobre as reuniões no capítulo geral. O dever jurídico de convocação dos capítulos semanais pela abadessa tinham por objetivo a confissão comum e pública das ofensas e negligências, próprio da observância da vida comunitária. O *capitulum* é influência da Rb, era um encontro ordinário, constitutivo do ritmo comunitário de vida, sem distinção da maior ou menor importância das coisas do bem comum, a abadessa participa como “*prima inter pares*” na qual ela divide a tarefa de seu governo.²⁴⁴ Por motivo econômico, Clara proíbe o recebimento de depósitos no mosteiro, a comunidade de São Damião deve evitar “perturbações e escândalos”, porque poderia perturbar a paz interna da comunidade.²⁴⁵

FvCl ²⁴⁶	Rb
15 <i>Semel in ebdomada ad minus abbatissa sorores suas teneatur ad capitulum convocare.</i>	8,5 Post capitulum vero Pentecostes ministri et custodes possint singuli, si voluerint et eis expedire videbitur, eodem anno in suis custodiis <i>semel</i> fratres suos <i>ad capitulum convocare.</i>
21 <i>saepe enim de huiusmodi turbationes et scandala oriuntur.</i>	11,3 nec fiant compadres virorum vel mulierum nec hac occasione inter fratres vel de fratribus <i>scandalum oriatur.</i>

No capítulo cinco não há nada que poderíamos dizer similar a *Regula bullata*, porque o conteúdo é mais próximo da *forma vitae* de Hugolino (1219?) e da *forma vitae* de Inocêncio IV (1243-1254) que analisaremos no próximo capítulo. O capítulo cinco da FvCl diz respeito ao silêncio, ao locutório e à grade que não tem paralelo algum com a Regra não bulada e Regra bulada.

No capítulo sexto, partes seis e doze da FvCl em comparação com o capítulo cinco, trecho quatro e o capítulo quatro, item um da Rb, sobre não ter propriedades e nem posses. A santíssima pobreza prometida a São Francisco significa para Clara seguir Cristo pobre e viver segundo a forma do Santo Evangelho com o propósito de

²⁴⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 220-227.

²⁴⁵ Idem, p. 231.

²⁴⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 52-55.

perseverar a *sequela Christi*. O uso da palavra *videlicet*, “isto é” e a proibição de ter propriedade individualmente e em comum, em termos jurídicos, a FvCI distingue a *possessio* e a *proprietas*, áreas semânticas com significados diferentes, o termo *possessio*, no sentido objetivo, indica uma propriedade real, ausente na regra franciscana. *Proprietas* em geral designa não o objeto, mas a relação com o objeto, ser proprietário significa excluir a divisão dos bens com os outros. Na FvCI²⁴⁷ os verbos usados *recipere* e *habere* indicam a posse, eventualmente, o mosteiro poderia receber doações, os artifícios jurídicos empregados dão legítima propriedade para refutar o título de proprietário, então, não é uma simples distinção entre a propriedade ou uso, ou ainda uma simples renúncia a cada direito de propriedade comum, a reproposição não ter nada nem por pessoa intermediária sustentava a observância literal da regra bulada e do testamento de Francisco²⁴⁸. As palavras *interposta personam* são uma terminologia presente nas Regras bulada e não bulada, a proibição em receber dinheiro e de ter a posse de bens imóveis, nem por si e nem por pessoa intermediária, embora no isolamento do mosteiro de São Damião e como forma de sustentação no cotidiano era permitido nas terras em torno do mosteiro as irmãs produzirem em suas hortas o suficiente para garantir a sobrevivência²⁴⁹.

FvCI²⁵⁰

Rb

6 Et ut nusquam declinarem a 5,4 sicut decet servos Dei et *paupertatis sanctissima paupertate* quam cepimus nec *sanctissimae* sectatores.

²⁴⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 302-306.

²⁴⁸ Gregório IX com a bula *Quo elongati* de 28 de setembro de 1230, proibia a posse em comum e individual, no entanto, a Ordem poderia usufruir dos bens que pertenciam à Igreja romana, ele fez a distinção entre a posse e o uso das coisas. A bula *Ordinem vestrum* de Inocêncio IV de 14 de novembro de 1245 permitia recorrer aos “amigos espirituais” que recebiam dinheiro não só para as coisas urgentes e necessidade (*de necessitate*), mas para as coisas simplesmente úteis e agradáveis para evitar incômodos (*commoda fratrum*), todos os bens móveis e imóveis pertenciam à Igreja, contudo o papa colocou um número tão grande de mitigações que o conceito de pobreza franciscana estava completamente comprometido. O que gerou uma nova interpretação da regra franciscana por Nicolau III com a decretal *Exiit qui seminat* em 14 de agosto de 1279 que trouxe as sutilezas jurídicas do uso moderado das coisas (*usus moderatus*) e o uso pobre (*usus pauper*) de Olivi. Por fim, o papa Clemente V por meio da decretal *Exivi de Paradiso* de 6 de maio de 1312 fez um reconhecimento de que a Ordem franciscana tinha permitido muitas concessões no uso das coisas, discussão que se transformou num processo jurídico. AGUIAR, V. A. S. *A construção da norma no movimento franciscano: Regulae e Testamentum* nas práticas jurídicas mendicantes (1210-1323). Dissertação de mestrado em História Social, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2010, pp. 105-159.

²⁴⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 307-310.

²⁵⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 70-73.

etiam quae post nos venturae essent, paulo
ante obitum suum iterum scripsit nobis
ultimam voluntatem suam dicens.

12 videlicet in non *recipiendo* vel habendo 4,1 Praecipio firmiter fratribus universis,
possessionem vel proprietatem *per se* ut nullo modo denarios vel pecuniam
neque *per interpositam personam*. *recipiant per se* vel *per interpositam*
personam.

No capítulo sétimo, trechos um, dois e quatro da FvCl em comparação com a Rb os trechos um, dois, três e quatro, sobre o modo de trabalhar. O trabalho manual era um dos emblemas da origem da *fraternitas* na *sequela* de Cristo pobre, o trabalho é “graça”, *gratia laborandi* ou *gratia laboris*, algo que não era novo na espiritualidade cristã, mas ganhou no texto legislativo franciscano um horizonte mais vasto na concepção tradicional do trabalho, visto como um meio de sustentação ou empenho ascético, uma realidade positiva que na FvCl é inserido o horário do trabalho, *post horam tertiae* (“após a terceira hora”), elemento da estrutura monástica tradicional que, na forma de vida de Clara, mantém após a terceira hora como um momento de passagem do tempo de repouso contemplativo para o tempo de atividade. Além de inserir um objeto de trabalho, a sua qualidade e a sua finalidade, “de um trabalho que seja conveniente a honestidade e a utilidade comum”, já na Regra bulada o modo de trabalhar “com fidelidade e devoção”. Em ambos os textos, o trabalho manual ressalta a qualidade de humilde, servil, de trabalho aos pobres, *honestum* no sentido do trabalho que deixa resplandecer a identidade de pobre/menor, a ideia da “comum utilidade”, de cumprir o serviço para o bem comum, sem perder de vista a recíproca filiação²⁵¹. Em ambos os textos está presente a frase *excluso otio animae*, o ócio é inimigo da alma que vem do capítulo quarenta e oito da regra beneditina, mas essa máxima no movimento franciscano coloca o trabalho como *expressione da minoritas* e de compartilhamento da vida dos pobres, a exigência de comunhão e de compartilhamento da *fraternitas*. Esses elementos nos levam a pensar que as relações entre a Ordem dos frades menores e da

²⁵¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 311-321.

comunidade de São Damião não se limitam a um compartilhamento carismático e jurídico, mas um vínculo de história de décadas.²⁵²

FvCl²⁵³

Rb

1 Sorores *quibus dedit Dominus gratiam laborandi* post horam tertiae laborent et de laborerio quod pertinet ad honestatem

et communem utilitatem, *fideliter et devote.*

5, 1 Fratres illi, *quibus gratiam dedit Dominus laborandi, laborent fideliter et devote.*

2 ita quod excluso otio animae inimico sanctae orationis et devotionis spiritum non extinguant, cui debent cetera temporalia deservire.

5,2 ita quod, excluso otio animae inimico, sanctae orationis et devotionis spiritum non extinguant, cui debent cetera temporalia deservire.

4 Idem fiat si aliqua elemosina pro sororum *necessitatibus* ab aliquibus mitteretur ut in communi pro eisdem recommendatio fiat.

5, 3-4 De mercede vero laboris pro se et suis fratribus corporis *necessaria* recipiant praeter denarios vel pecuniam et hoc humiliter, sicut decet servos Dei et paupertatis sanctissimae sectatores.

Como adiante veremos no capítulo oito, trechos um, dois e três da FvCl em confronto com o capítulo seis, trechos um, dois e três da Rb, a norma de que as irmãs de nada se apropriem e os frades de nada se apropriem. Como assinalamos em itálico, as frases são idênticas palavra por palavra, seguem a lógica evangélica das relações entre expropriação, comunhão, pobreza e caridade. Na FvCl o estilo de vida da comunidade penitencial-claustral, o *sine proprio* segue o tema da *fraternitas*. O “não se apropriar de nada” é contraditório numa comunidade estável, porque se possui o mosteiro e o terreno em volta dele, assim como as palavras “nem de lugar”, *loci* eram os lugares que os frades escolhiam como pobres habitações, caracterizado pela provisoriedade. Para Francisco, o “não apropriar-se de nada” (*nihil sibi approprient*) também é um ponto importante de comparação, porque nos seus Escritos a palavra *proprius* foi usada no

²⁵² GUIDA, Marco. Il vangelo come forma di vita: considerazioni sulla regola di Chiara di Assisi. In: *Studi Francescani*, 107, 2010, p. 253; Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 322-326.

²⁵³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 74 e 75.

sentido negativo e a palavra *proprietas* sempre como proibição, porque ele era absolutamente contrário a qualquer forma de apropriação, a distinção entre o uso e a propriedade dos bens encontrou muitos conflitos que foram acirrados com a *Quo elongati* de 1230 de Gregório IX, a pobreza e a definição jurídica sobre o direito de propriedade móveis e imóveis não foi resolvida por este papa. Prova disso, são as interpretações posteriores como a *Ordinem vestrum* de Inocêncio IV de 1245, que alargou a questão da pobreza, a *Exiit qui seminat* de Nicolau III de 1279 e a bula *Exivi de Paradiso* de Clemente V, todas anulando as interpretações anteriores. A forma de vida de Clara se apoia na condição de “pelegrinos e estrangeiros” que vem da Regra bulada de ressonância bíblica, uma dimensão espiritual e de itinerância, segue a ideia de pobreza e de mendicância-esmolar como meio alternativo de sustentação quando não bastasse o trabalho com as próprias mãos ²⁵⁴.

FvCl²⁵⁵

1 Sorores *nichil sibi approprient nec domum nec locum nec aliquam rem*
 2 *et tanquam peregrinae et advenae in hoc saeculo in paupertate et humilitate Domino famulantes mittant pro elemosina confidenter.*
 3 *nec oportet eas verecundari, quia Dominus pro nobis se fecit pauperem in hoc mundo.*

Rb

6,1 Fratres *nihil sibi approprient nec domum nec locum nec aliquam rem.*
 6,2 *Et tamquam peregrini et advenae in hoc saeculo in paupertate et humilitate Domino famulantes vadant pro eleemosyna confidenter.*
 6,3 *nec oportet eos verecundari, quia Dominus pro nobis se fecit pauperem in hoc mundo.*

Abaixo no capítulo oito, versículos quatro cinco e seis da FvCl em comparação com o capítulo seis, versículos quatro, cinco e seis da Rb, no tocante a pobreza. A renúncia a bens materiais e a mendicância voluntária são os pontos mais altos da “Altíssima pobreza”, as irmãs estão privadas de um direito a uma hereditariedade material, a privação de bens como os frades menores prossegue com uma exortação que descreve a união “esponsal” entre as irmãs e a Altíssima pobreza (*totaliter*

²⁵⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 338-346.

²⁵⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 76 e 77.

inhaerentes), uma forma de seguir Cristo pobre. O paralelismo antitético *nihil aliud/pro nomine* reporta a uma totalidade de ausência, que pode ser justificada por uma totalidade de presença²⁵⁶. Na Rb “em nome do Senhor Jesus Cristo” aparece na FvCl com o acréscimo de “pela Santíssima Mãe” ou “pela Virgem Maria”, provável influência da *forma vitae* de Hugolino.

FvCl ²⁵⁷	Rb
4 <i>Haec est illa celsitudo altissimae paupertatis quae vos karissimas sorores meas heredes et reginas regni caelorum instituit, pauperes rebus fecit, virtutibus sublimavit.</i>	6,4 <i>Haec est illa celsitudo altissimae paupertatis, quae vos, carissimos fratres meos, heredes et reges regni caelorum instituit, pauperes rebus fecit, virtutibus sublimavit.</i>
5 <i>Haec sit portio vestra quae perducit in terram viventium.</i>	6,5 <i>Haec sit portio vestra, quae perducit in terram viventium.</i>
6 <i>Cui, dilectissimae sorores, totaliter inhaerentes nichil aliud pro nomine Domini nostri Ihesu Christi et eius sanctissimae Matris in perpetuum sub caelo habere velitis.</i>	6,6 <i>Cui, dilectissimi fratres, totaliter inhaerentes nihil aliud pro nomine Domini nostri Jesu Christi in perpetuum sub caelo habere velitis.</i>

No capítulo oito, versículos onze e doze da FvCl em relação ao capítulo quatro, versículos um, dois e três da Rb, refere-se ao princípio de não receber pecúnia que sublinhamos em negrito por se diferenciar bastante da *forma vitae* de Clara. O tema dinheiro é um assunto problemático, porque é sinônimo de acúmulo, reinvestimento e poder, na primeira metade do século XIII. Na *forma vitae* de Clara o contexto de vida em comunidade claustral é diferente do contexto da redação da Regra bulada, por isso no trecho “*aliqua pecunia transmissa fuerit*” significa que o dinheiro poderia ser aceito conforme a necessidade da comunidade e das irmãs enfermas, diferentemente a Rb proíbe que os frades recebam dinheiro e podem recorrer aos “amigos espirituais” para as necessidades. Uma parte considerável do capítulo oito é dedicado sobre o cuidado

²⁵⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 349-353.

²⁵⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 76 e 77.

com as irmãs enfermas. Clara segue o texto da Rb, acrescentando algumas frases da *forma vitae* de Hugolino, por exemplo, *de infirmis* e da *forma vitae* de Inocêncio IV, por exemplo, *infirmis sororibus*, além do uso do verbo impessoal *habeatur* (“ter o máximo de cuidado e diligência” da *forma vitae* de Hugolino) é substituído pelo sujeito pessoal da abadessa na norma de Clara “a abadessa seja firmemente obrigada a informar-se sollicitamente por si mesma ou por outras Irmãs, do que é exigido”.²⁵⁸

FvCI ²⁵⁹	Rb
11 Si vero ei aliqua pecunia transmissa fuerit, abbatissa de consilio discretarum in hiis quae indiget illi faciat provideri.	4, 1-3 Praecipio firmiter fratribus universis, ut nullo modo denarios vel pecuniam recipiant per se vel per interpositam personam. Tamen pro necessitatibus infirmorum et aliis fratribus induendis... eo semper salvo, ut, sicut dictum est, denarios vel pecuniam non recipiant.
12 De infirmis sororibus tam in consiliis quam in cibariis et aliis necessariis quae earum requirit infirmitas teneatur firmiter abbatissa sollicitate per se et alias sorores inquirere.	4,2 Tamen pro <i>necessitatibus infirmorum</i> et aliis fratribus induendis, per amicos spirituales, ministri tantum et custodes <i>sollicitam</i> curam gerant.

No capítulo oito, itens quatorze, quinze e dezesseis da FvCI em confronto com o capítulo seis, itens oito e nove da Rb reporta aos irmãos enfermos. Na sociedade medieval o número de remédios possíveis para curar os doentes eram limitados, no mosteiro de São Damião, sendo assim, o sentido de “servir como gostariam de ser servidos” (*servire sicut vellent sibi serviri*) para além da inspiração evangélica revela uma necessidade prática. Primeiro, o verbo *tenentur* refere-se à abadessa, depois mais adiante as palavras *omnes tenentur* que significa todas devem provir e servir às irmãs enfermas. A citação desta passagem “E se uma mãe ama e nutre sua filha carnal,

²⁵⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 359-365.

²⁵⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 78-81.

quanto mais diligentemente deve uma Irmã amar e nutrir sua irmã espiritual?” da Regra bulada retoma a ideia de maternidade para dar a segurança nas relações fraternas na comunidade, a “segurança” substancial, assim como o termo *nutrire* remete à visão Paulina de missão materna do apóstolo e a iconografia cristã de Maria com o menino Jesus. *Diligere* com segurança e sem temor, cada irmã precisa fazer-se de filha, como o menino Jesus com a mãe, além disso, a palavra *necessitas* é um termo que aparece quatro vezes nos escritos de Clara, no mosteiro cada irmã deve ser livre para manifestar a sua necessidade, sem temor de ser julgada.²⁶⁰

FvCl²⁶¹

Rb

14	Quia omnes tenentur providere et <i>servire</i> sororibus suis infirmis <i>sicut vellent sibi serviri</i> si ab infirmitate aliqua tenerentur.	6,9	Et, si quis eorum in infirmitate ceciderit, alii fratres debent ei <i>servire, sicut vellent sibi serviri.</i>
15	<i>Secure manifestet una alteri necessitatem suam.</i>	6,8	Et <i>secure manifestet unus alteri necessitatem suam.</i>
16	et si mater diligit et nutrit <i>filiam suam carnalem, quanto diligentius debet diligere et nutrire sororem suam spiritualem.</i>	6,8	quia, si mater nutrit et diligit <i>filium suum carnalem, quanto diligentius debet quis diligere et nutrire fratrem suum spiritualem.</i>

No capítulo nove, versículos um e cinco da FvCl em comparação com o capítulo sete, versículos um e três da Rb relaciona-se a penitência a impor-se sobre as irmãs que pecam e os frades que pecam. É possível verificar que a FvCl continua seguindo a estrutura da Rb, algumas expressões fundamentais presentes no método de correção e reconciliação fraterna na comunidade, demonstram a influência pesada da Regra bulada. No caso de um pecado público grave devido ao *inimico instigante* seguido pelo “pecar mortalmente” (*mortaliter peccaverit*) de forma precisa no objeto do pecado na Rb, “contra a forma da nossa profissão”, igualmente na FvCl o pecado é especificado, o que não acontece na Regra não bulada, o pecado é dito difusamente. Em toda a forma de vida de Clara são previstos somente dois casos de punição, o pecado mortal contra a

²⁶⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 366-369.

²⁶¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 80 e 81.

forma da profissão o que diz respeito a toda comunidade e às faltas das irmãs que prestam serviço fora do mosteiro. No primeiro caso, a irmã foi instigada, assediada e persuadida pelo “inimigo do homem”, a forma de intervenção imediata é a admoestação, a irmã que comete pecado deve ser advertida duas ou três vezes pela abadessa ou pelas irmãs, se acaso não se emendar, recorre-se à punição pública que consiste em comer pão e água no chão do refeitório (punição corporal) diante de toda a comunidade, essa penitência faz parte de uma antiga disciplina da Igreja e é a única punição mencionada explicitamente na FvCl. E ainda a abadessa pode julgar uma pena mais grave para a irmã culpada, porque o pecado toca a todos da realidade comunitária, contudo não existe um “cárcere” em São Damião, algo comum nos mosteiros, também não há a informação de outras penas corporais e nem o que seria uma pena mais grave. O não se disturbar pelo pecado da outra irmã está em paralelo com a Regra bulada com frases idênticas que assinalamos em itálico.²⁶²

FvCl²⁶³

1 *Si qua* soror contra formam professionis nostrae mortaliter inimico instigante peccaverit, per abbatissam vel alias sorores bis vel ter ammonita.

5 Abbatissa vero et eius sorores cavere debent ne irascantur vel conturbentur propter peccatum alicuius, quia ira et conturbatio in se et in aliis impediunt caritatem.

Rb

7,1 *Si qui* fratrum, instigante inimico, mortaliter peccaverint, pro illis peccatis, de quibus ordinatum fuerit inter fratres, ut recurratur ad solos ministros provinciales, teneantur praedicti fratres ad eos recurrere quam citius poterint, sine mora.

7,3 Et cavere debent, ne irascantur et conturbentur propter peccatum alicuius, quia ira et conturbatio in se et in aliis impediunt caritatem.

No capítulo nove, itens doze, treze e dezessete da FvCl em relação ao capítulo três, versículos dez e onze da Rb, também no capítulo onze versículo um e capítulo sete, versículo dois da Regra bulada, refere-se às irmãs que servem fora do mosteiro.

²⁶² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 374-384.

²⁶³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 84-87.

As frases abaixo correspondem e tem dependência literária das *forma vitae* de Hugolino e de Inocência IV. Hugolino faz a distinção de duas categorias de irmãs, as *dominae* e as *servientes*, mas não considera a possibilidade de as irmãs saírem do mosteiro devido a sua forte imposição claustral. Já Inocência IV substitui o termo *dominae* por *sorores*, reservando o serviço externo somente às *servientes*, sendo identificadas pelo cinto de lã e não de corda, devem usar um véu branco na cabeça e todas devem usar calçados. A FvCl é uma exceção e única legislação neste aspecto de ter irmãs de igual vínculo de profissão, que saem do mosteiro para servir “fora”, *extra monasterium*. A recomendação de caminhar com decoro e falar pouco, a *conversatio* honesta, na Rb refere-se aos frades que vão pelo mundo, no caso das irmãs devem “pregar com obras”, evitar o escândalo, não perturbar o silêncio do mosteiro com coisas do mundo, a proibição “rumores de saeculo” não se explica o motivo desta proibição talvez uma ascética *fuga mundi*, manter a discrição e o silêncio.²⁶⁴

FvCl ²⁶⁵	Rb
12 et <i>honeste</i> debeant ambulare et parum loqui, ut aedificari semper valeant intuitus.	3,10-11 Consulo vero, moneo et exhortor fratres meos in Domino Jesu Christo, ut quando vadunt per mundum ... mansueti et humiles, <i>honeste loquentes</i> omnibus, sicut decet.
13 Et <i>firmiter</i> caveant ne habeant suspecta consortia vel consilia aliquorum.	11,1 Praecipio <i>firmiter</i> fratribus universis, ne habeant suspecta consortia vel consilia mulierum.
17 Quod si aliqua simpliciter in hiis duobus offenderit, sit in providentia abbatis <i>misericorditer poenitentiam</i> sibi iniungere.	7,2 Ipsi vero ministri, si presbyteri sunt, cum <i>miserecordia iniungant</i> illis <i>poenitentiam</i> .

No capítulo dez, versículos um, dois e três da FvCl em comparação com o capítulo dez, versículos um, dois e três da Rb reporta às admoestações nas relações entre a abadessa e as irmãs, as tarefas da abadessa, a obediência das irmãs, as correções das

²⁶⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 390-409.

²⁶⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 90 e 91.

irmãs e frades menores respectivamente. As passagens são literalmente idênticas, as diferenças estão na FvCl, a abadessa admoesta e visita as irmãs, enquanto na Rb os ministros da Ordem visitam os frades e admoestam, nos trechos, a inversão do verbo admoestar e visitar, a visita é um instrumento de governo, a correção das irmãs com humildade e caridade é “pastoral”, próximo da ideia do bom pastor, a abadessa é serva, porque o poder é servir, significa serviço. A *forma professionis* no sentido de regra, a ação da correção da abadessa vem descrita, a abadessa não é a lei, o comando vem da lei de Deus que é o Evangelho (a inspiração bíblica), a forma de vida é a escolha de uma posição de não poder, de não comandar. Continua o paralelo com a Regra bulada, as *subditi/subdite*, as menores, as submissas, as irmãs, estão numa condição interior de ser submissas, o poder dos sem poder, pela concórdia da comunidade leva a renúncia da própria vontade, uma condição de discípulo e servidora de Cristo. A renúncia faz parte da vida monacal tradicional, valor central daquele que segue a Cristo, ressignificado no movimento franciscano dentro da Altíssima pobreza com o *sine proprio*, “por isso, devem obedecer firmemente a suas abadessas em tudo que prometeram ao Senhor observar” para o bem comum da comunidade.²⁶⁶

FvCl²⁶⁷

Rb

1 Abbatissa <i>moneat et visitet sorores suas et humiliter et caritative corrigat eas, non praecipiens aliquid eis quod sit contra animam suam et nostrae professionis formam.</i> 2 Sorores vero <i>subdita</i>e recordentur quod propter Deum abnegaverunt proprias voluntates. 3 Unde firmiter suis abbatissis obedire teneantur in omnibus quae observare Domino promiserunt et non sunt animae	10,1 Fratres, qui sunt ministri et servi aliorum fratrum, <i>visitent et moneant fratres suos et humiliter et caritative corrigant eos, non praecipientes eis aliquid quod sit contra animam suam et regulam nostram.</i> 10,2 Fratres vero, qui sunt <i>subditi</i>, recordentur quod propter Deum abnegaverunt <i>próprias</i> voluntates. 10,3 Unde firmiter praecipio eis ut obediant suis ministris in omnibus quae promiserunt Domino observare et non

²⁶⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 412-418.

²⁶⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 94 e 95.

contraria et nostrae professioni.

sunt contraria animae et regulae nostrae.

No capítulo dez, trechos quatro, cinco e seis da FvCI em confronto com o capítulo dez, trechos cinco, seis e sete da Regra bulada refere-se à familiaridade da abadessa para as irmãs, a luta contra o pecado e a exortação da unidade. Em paralelo com a Regra bulada, a FvCI contém muitas passagens idênticas, na Rb os frades devem recorrer aos ministros se não puderem observar espiritualmente a regra, alude à condição de vida itinerante dos frades e à dificuldade de manter o teor da vida mendicante. Já a palavra *familiaritas*, usada na forma de vida de Clara, difere em alguns aspectos do sentido dos textos patrísticos que têm uma atitude positiva, frequentemente unida à expressão *amicitia* em relação a particular comunhão, e quando referida na relação com Deus é negativa, pessoas de dúvida virtude. Para Clara, é no sentido de *benigna et communis*, a familiaridade, a simplicidade e a confiança entre mãe e filha carnal, o *Dominus* que fez *servus*, a comunhão. Na FvCI a concepção de autoridade é sinônimo de serviço, a abadessa é “serva”, na imagem da Virgem Maria, da anunciação e da *Magnificat*, se Maria é *ancilla Domini*, a serva do Senhor, Clara seria *omnium sororum ancilla*, a serva de todas as irmãs, a serva de Cristo e das Irmãs pobres. A *Moneo vero et exhortor in Domino Ihesu Christo* é uma exortação a todo o grupo que vem da Regra bulada, as irmãs devem se guardar das obras da carne, (soberba, vanglória, inveja, avareza), referimento bíblico, os pecados rompem com a harmonia na relação com Deus e a comunidade porque gera “discórdia e divisão” seguido dos termos “detração e murmuração”, ideia que vem da patrística, na qual o pecado e a presença do Espírito não podem coexistir no coração das seguidoras de Cristo.²⁶⁸

FvCI²⁶⁹

Rb

4 Abbatissa vero tantam familiaritatem habeat circa ipsas ut dicere possint ei et facere sicut dominae ancillae suae.

10,5 Ministri vero caritative et benigne eos recipiant et tantam familiaritatem habeant circa ipsos, ut dicere possint eis et facere sicut domini servis suis

²⁶⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 423-429.

²⁶⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 94-97.

5 <i>Nam ita debet esse quod abbatissa sit omnium sororum ancilla.</i>	10,6 <i>nam ita debet esse, quod ministri sint servi omnium fratrum.</i>
6 <i>Moneo vero et exhortor in Domino Ihesu Christo, ut caveant sorores ab omni supervia, vanagloria, invidia, avaritia, cura et sollicitudine huius saeculi, detractio et murmuratione, dissensione et divisione.</i>	10,7 <i>Moneo vero et exhortor in Domino Jesu Christo, ut caveant fratres ab omni superbia, vana gloria, invidia, avaritia, cura et sollicitudine huius saeculi, detractio et murmuratione</i>

No capítulo dez, versículos oito, nove e dez da FvCl em paralelo com o capítulo dez, versículos oito e nove da Rb reporta-se ao tema da correção das irmãs em passagens idênticas à Regra bulada. O sentido de *nescientes litteras non curent litteras discere* no contexto da redacional da *forma vitae* de Clara não refere-se apenas no sentido literal do quem sabe ou não ler, vem da Regra bulada na relação do saber enquanto poder, é a oposição à simplicidade, à tentação de aprender a ler e ao desejo de paridade intelectual visto como uma reivindicação de poder no contexto do período, não era visto no sentido de crescimento espiritual, era uma percepção no sentido negativo fazendo parte da luta contra os vícios e pecados, a tentação de interpretar as Escrituras vista de forma negativa pela Igreja. As palavras *super omnia* indica que a comunidade como um todo segue uma orientação em comunhão na decisão, na ação e no pensamento das tarefas do mosteiro. A substituição das palavras “*patientiam in persecutione*” (paciência na perseguição) por “*patientiam in tribulatione*” (paciência na tribulação) refere-se ao contexto do cotidiano do mosteiro, diferentemente dos frades itinerantes, a clausura impõe a ressignificação de palavras, conceitos e adaptações da Regra bulada a *forma vitae* de Clara, não é só uma questão de temporalidade redacional dos textos.²⁷⁰

FvCl²⁷¹

Rb

8 <i>Et nescientes litteras non curent litteras discere.</i>	10,8 <i>et non curent nescientes litteras litteras discere.</i>
--	---

²⁷⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 431-438.

²⁷¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 96 e 97.

<p>9 <i>sed attendant quod super omnia desiderare debent habere Spiritum Domini et sanctam eius operationem.</i></p> <p>10 <i>orare semper ad eum puro corde et habere humilitatem, patientiam in tribulatione et infirmitate.</i></p>	<p>10,8 <i>sed attendant quod super omnia desiderare debent habere Spiritum Domini et sanctam eius operationem.</i></p> <p>10,9 <i>orare semper ad eum puro corde et habere humilitatem, patientiam in persecutione et infirmitate.</i></p>
--	---

No capítulo dez, trechos onze, doze e treze da FvCl em comparação com o capítulo dez, trechos dez, onze e treze da Rb faz referência ao tema da perseverança na oração, na humildade, na paciência e na caridade. A pureza do coração e da mente que faz procurar as coisas celestes, a humildade e a virtude, a pobreza e caridade, esse conjunto de palavras associadas referem-se à ideia de segurança e familiaridade nas relações entre as irmãs na comunidade. São seleções de palavras que advém da Regra bulada, na qual o pronome masculino *eos* é substituído pelo pronome feminino *eas*, porém não se configura numa regra ao feminino, mas de uma interpretação do ideal de vida de Francisco sintetizada na normativa franciscana, com ressignificação de muitas palavras no seguir Cristo pobre com palavras precisas como altíssima pobreza, reclusão, vida penitencial, fraternidade, enfim, o texto da FvCl não é uma simples cópia da Regra bulada, a correspondência literária é complexa.²⁷²

FvCl ²⁷³	Rb
<p>11 <i>et diligere eos qui nos persecuntur, reprehendunt et arguunt.</i></p> <p>12 <i>quia dicit Dominus: Beati qui persecutionem patiuntur propter iustitiam, quoniam ipsorum est regnum caelorum.</i></p> <p>13 <i>Qui autem perseveraverit usque in</i></p>	<p>10,10 <i>et diligere eos qui nos persequuntur et reprehendunt et arguunt.</i></p> <p>10,10-11 <i>quia dicit Dominus: Diligite inimicos vestros et orate pro persequentibus et calumniantibus vos. Beati qui persecutionem patiuntur propter iustitiam, quoniam ipsorum est regnum caelorum.</i></p> <p>10,12 <i>Qui autem perseveraverit usque in</i></p>

²⁷² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 439-443.

²⁷³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 98 e 99.

finem hic salvus erit.

finem hic salvus erit.

No capítulo onze não há trecho da forma de vida de Clara que possa ser comparado com a Regra bulada, porque o conteúdo é mais próximo da *forma vitae* de Hugolino (1219?), do modelo cisterciense e da *forma vitae* de Inocêncio IV (1243-1254) que analisaremos no próximo capítulo. O capítulo onze da FvCI diz respeito à observância da clausura que não tem paralelo algum com a Regra não bulada e Regra bulada.

No capítulo doze, itens doze e treze da FvCI em comparação com o capítulo doze, itens três e quatro da Rb alude a figura do cardeal como governador, protetor e corretor em estreito laço com a Ordem dos frades menores na obediência ao papa e a Igreja romana. A conclusão da forma de vida de Clara de Assis está em paralelo com a Regra bulada pelo pedido de um cardeal protetor à Igreja romana, seguindo a linha da regra franciscana, o mosteiro de São Damião tem como governador, protetor e corretor o mesmo cardeal designado a Ordem dos frades menores. Dessa forma, foi garantido as irmãs, catolicamente, a *sequela Christi*, a observância do Evangelho, a altíssima pobreza, uma ligação com os frades menores, uma solução jurídica que comporta uma dependência direta da Sé Apostólica. A expressão *in perpetuum* (para sempre) é um advérbio presente no capítulo dois e seis da *forma vitae*, a conclusão da forma de vida é no tom grave de uma fórmula de profissão e a palavra *Amen* ausente na Regra bulada, fecha o texto da forma de vida de Clara no sentido de liturgia de vida, um propósito de “permanecer” para sempre na obediência a esta forma de vida, a pobreza e à Igreja romana.²⁷⁴

FvCI²⁷⁵

Rb

12 <i>Ad haec</i> sorores firmiter teneantur semper habere illum <i>de sanctae romanae ecclesiae cardinalibus</i> pro nostro <i>gubernatore, protectore et correctore</i> , qui fuerit <i>a domino papa</i> fratribus minoribus	12,3 <i>Ad haec</i> per obedientiam iniungo ministris, ut petant <i>a domino papa</i> unum <i>de sanctae romanae Ecclesiae cardinalibus</i> , quis it <i>gubernator, protector et corrector</i> istius fraternitatis.
--	---

²⁷⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 483-490.

²⁷⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi..., pp. 114 e 115.

deputatus.

13 *ut semper subditae et subiectae* 12,4 *ut semper subditi et subiecti pedibus*
pedibus eiusdem sanctae ecclesiae eiusdem sanctae Ecclesiae stabiles in fide
stabiles in fide catholica, paupertatem et catholica paupertatem et humilitatem et
humilitatem Domini nostri Ihesu Christi et sanctum evangelium Domini nostri Jesu
eius sanctissimae Matris et sanctum Christi, quod firmiter promisimus,
evangelium, quod firmiter promisimus, in observemos.
perpetuum observemus. Amen.

Uma comparação minuciosa do texto da *forma vitae* de Clara (1253) a com a Regra bulada (1223)²⁷⁶, tal como acreditamos tê-lo podido reconstruir, em seus elementos essenciais, é importante, sob vários aspectos. Ela mostra a dependência literária da forma de vida de Clara que contém cerca de 24,5%²⁷⁷ de partes do texto da Regra bulada²⁷⁸. Como vimos tem muitas passagens idênticas em palavras e frases, outras o conteúdo se aproxima, outras por sua vez, possuem diferenças muito tênues dos significados, além das ausências que não assinalamos, mas também é significativa. A forma de vida de Clara não é uma simples transposição ao feminino do texto da *Regula bullata* escrita para os frades, ao contrário, a FvCl utiliza outras fontes, como vimos a Regra não bulada, a *forma vitae* de Hugolino, a *forma vivendi* de Inocêncio IV, algumas citações do *Testamentum* de Francisco (o papa Gregório IX com a bula *Quo elongati*, negou valor jurídico ao Testamento), Clara e suas coirmãs seguiam os desenvolvimentos institucionais da Ordem franciscana²⁷⁹.

2.3 Da Regra bulada ao Privilégio da pobreza

Na Regra bulada o Evangelho como forma de vida é absolutamente central, o texto mantém o essencial da mensagem de Francisco. Como tem mostrado André

²⁷⁶ Ver URIBE, Fernando. Comentar hoy la regla franciscana. El “nuevo curso” en la interpretación de la regla bulada, cincuenta años después del Werkbuch. In: *Collectanea Franciscana*, volume 76, 2006, pp. 119-160.

²⁷⁷ BARTOLI, Marco. Chiara e la regola dei frati minori. In: *Italia francescana*. Rivista della Conferenza italiana dei Ministri Provinciali dei Frati Minori Cappuccini. Quadrimestrale, anno LXXXIV – n. 2, maggio-agosto, 2009, pp. 219-229.

²⁷⁸ Cf. URIBE, Fernando. Cien años de estudios sobre la regla de Santa Clara de Asís. Logros y perspectivas. In: *Estudios franciscanos*. Volumen 114, Enero-Agosto, 2013, N° 454, pp. 29-71.

²⁷⁹ BARTOLI, Marco. Chiara e la regola dei frati minori..., p. 220.

Vauchez²⁸⁰, Francisco é a grande figura de referência do “documento base”, é ele quem promete obediência ao papa, em seu nome e de seus irmãos, já o pontífice afirma que os irmãos estão obrigados a obedecer a Francisco e a seus sucessores. O texto atenua o rigor e a novidade criadora da Regra de 1221. A Regra de 1223 põe a tônica na função hierárquica do ministro geral, dos ministros provinciais e custódios, como os verdadeiros superiores providos de autoridade canônica no seio da Ordem na qual os irmãos devem obediência. Após a morte de Francisco em 1226, a especificidade de São Damião continua com a procura de uma identidade própria, em confronto com o cardeal Hugolino. Desde o princípio, as damianitas estabeleceram relações intrínsecas com a *fraternitas* de Francisco de Assis. Na verdade, a criação de comunidades femininas na linha dos franciscanos deu-se por uma série de atos do cardeal protetor na Ordem, Hugolino de Óstia, futuro papa Gregório IX (1227-1241), que almejava a criação da Segunda Ordem com o objetivo de atender uma necessidade de participação feminina religiosa na Igreja, ter uma ramificação feminina dentro da Ordem dos Menores e também por interesse político de Inocêncio III (1198-1216).

Isso provocou novas tensões, por isso Clara pedia constantemente aos papas uma garantia do “privilégio” de viver na Santa pobreza prometida a Francisco, o privilégio de viver uma vida sem privilégios, um privilégio que garantia a vida sem garantias²⁸¹. O grande problema estava no fato de que a nova *forma vitae* abria a porta para os mosteiros aceitarem propriedades e distanciarem da ligação com Primeira Ordem franciscana²⁸². Indubitavelmente, o objetivo de Gregório IX seria a unificação do monaquismo feminino sob a regra beneditina com uma ênfase na clausura e com sutilezas jurídicas para a aquisição de bens móveis.

Após a Regra bulada de 1223, essas Cartas das damianitas se multiplicaram ainda mais e as bulas papais também, isso, por si só, revela uma insatisfação e “resistência” ao modelo não franciscano que era o tempo todo imposto pela Cúria Romana. A ideia de Hugolino era fazer uma Regra para toda a Ordem. O problema principal configurava no fato de que os mosteiros eram independentes uns dos outros e seguiam regras diferentes, além disso, o modelo que ele queria para a sua jurisdição organizacional destoava fortemente do modelo franciscano, o que evidentemente provocou conflitos e não somente com o mosteiro de Clara de Assis.

²⁸⁰ VAUCHEZ, André. *Francesco d'Assisi...*, pp. 128 e 129.

²⁸¹ BARTOLI, Marco. *Clara de Assis...*, p. 110-111.

²⁸² FASSINI, Dorvalino. *Op. cit.*, p. 31.

As *sorores* florentinas tinham recebido visitas e foram “informadas” por Inês, irmã de Clara, por isso, não espantava o uso dos termos “observâncias regulares” de Santa Maria de São Damião. Isso revestia de um simbolismo forte, a fusão de duas intenções que se justaporiam: São Damião era a igreja restaurada por Frei Francisco e tornada lugar de religião “franciscana” por Clara e companheiras; Santa Maria era uma dedicação de domínio do cardeal Hugolino, que queria para seus mosteiros femininos a comum dedicação à Virgem Maria.

Desde o início, as irmãs do mosteiro de São Damião, no qual Clara vivia, procuraram o reconhecimento jurídico da forma de vida de pobreza de seguimento franciscano e a renúncia a qualquer forma de propriedade. O primeiro documento conhecido é um privilégio papal concedido à comunidade de São Damião que isenta as mulheres de receberem posses ou terem propriedades. Segundo o processo de canonização de Clara e a hagiografia de Tomás de Celano, a bula mais antiga em relação ao “Privilégio da pobreza” foi supostamente a *Sicut manifestum est* (O manifesto é) de Inocêncio III de 1216 na qual Clara recebeu uma resposta de garantia ao pedido de que ela e suas irmãs não fossem impedidas de viver na pobreza e preservassem a inspiração franciscana. Em relação à autoria do documento, que comprovadamente não é de Inocêncio III, a Carta atribuída a ele, se comparada com a Carta de Gregório IX, possui em termos de conteúdos bastante semelhança, inclusive frases idênticas. A *Sicut manifestum est* de Inocêncio III não faz parte do *Bullarium franciscanum* e a historiografia defende que o documento jamais teria sido um escrito de Inocêncio III²⁸³, também porque Gregório IX omite na sua *Sicut manifestum est*, o que provaria que a Carta seria posterior a dele. Ademais, há ainda a possibilidade de Inocêncio III ter dado somente uma aprovação oral ao convento de São Damião, fato impossível de se provar pela falta de testemunhos. Além disso, a pesquisa de Werner Maleczek provou que a datação entre os anos de 1215 e 16 de julho de 1216²⁸⁴ para o *Privilegium paupertatis* é errônea, porque não foi um documento escrito pelo papa

²⁸³ MERLO, G. G. *Em nome de São Francisco...*, p. 93.

²⁸⁴ Apesar das dúvidas de autenticidade do documento não serem recentes, existe uma ampla bibliografia que defendia a autoria de Inocêncio III, após a publicação da pesquisa do austríaco Werner Maleczek, essa bibliografia a favor de Inocêncio III diminuiu muito em termos quantitativos. A falsificação foi sustentada em parte devido ao movimento de Observância do século XV, no *scriptorium* do mosteiro de Santa Maria de Monteluce em Perúgia. Outros estudiosos atribuem o documento a Inocêncio IV como Bartoli Langeli. LAZZERI, Zeffirino. Il Privilegium paupertatis concesso da Innocenzo III e che cosa fosse in origine. *Archivum Franciscanum Historicum*, v. 11, 1918, fasc. 1-2, pp. 270-305; GRUNDMANN, H. Movimenti religiosi nel Medioevo, pp. 127-128; MALECZEK, Werner. *Chiara d'Assisi. La questione dell'autenticità del Privilegium paupertatis e del Testamento*. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 1996, p. 154.

Inocência III, foi um documento forjado por Gregório IX ou talvez um documento emitido por Inocência IV²⁸⁵.

A bula *Sicut manifestum est* de 17 de setembro de 1228, tradicionalmente chamada de “Privilegio da Pobreza”, foi promulgada na visita do papa Gregório IX (1227-1241) ao convento de São Damião. A resposta da Carta papal transpareceu a aflição de Clara e companheiras com a vontade de manter-se fiel a “Altíssima pobreza” prometida a Frei Francisco de Assis. Segundo Caroli, uma leitura da “Altíssima pobreza” que era típica das Cartas de Clara, as quais defendiam um *propositum* de virgindade que identificava com o seguir “Cristo pobre” revelam que a pobreza e a sua aplicabilidade são as bases do convento de São Damião²⁸⁶. Posteriormente, a mesma Carta pontifícia foi enviada a outros conventos de seguimento franciscano, por exemplo, endereçada as irmãs de Santa Maria de Monteluce e as irmãs de Perúgia, confirmando que São Damião não estava em isolamento²⁸⁷.

A pobreza defendida por Clara e companheiras em São Damião adquiriu um valor de “resistência” às intervenções de Gregório IX e, ao mesmo tempo, transformou-se na identidade daquela comunidade, a *Sicut manifestum est* é importante do ponto de vista jurídico. A bula reforçava a “resistência” das “Pobres Damas” que reconheciam no conceito de pobreza do não possuir nada nem em comum e nem em comunidade a partir das referências dos frades menores, da Regra de 1223 e da memória de Frei Francisco, pilares das origens do franciscanismo, fator que as diferenciava das outras Ordens femininas.

A Carta de Gregório IX garantiu a pobreza ao convento de São Damião e, ao mesmo tempo, mostrou a irredutibilidade de Clara e suas companheiras no seguimento de Cristo pobre, através das diretrizes do franciscanismo, acreditavam ser o mais próximo das origens. Clara teve um contato pessoal com Francisco e deixou isso transparecer na sua normativa, quando por várias vezes menciona a palavra “conforme Pai Francisco” e “segundo nosso Pai Francisco”, uma alusão aos primeiros tempos em que não havia uma distância física entre os primeiros seguidores de Francisco de Assis.

²⁸⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico.... pp. 36-40.

²⁸⁶ CAROLI, E. (org.) *Fonti Francescane, nuova edizione*. Scritti e biografie di san Francesco d'Assisi. Cronache e altre testimonianze Del primo secolo francescano. Scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi. Testi normativi dell'Ordine Francescano Secolare. Padova: Editrici Francescane, 2004, p. 1944.

²⁸⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico...., pp. 44-46.

Na Carta *Quo elongati* de 1230, Gregório IX acabou estabelecendo uma distinção entre o monaquismo feminino franciscano e os demais conventos femininos, porque autorizava a entrada dos frades menores nos conventos em lugares não compreendidos pela clausura devido a pregação, já os conventos femininos franciscanos só permitiriam a entrada dos frades com uma autorização especial da Igreja romana com a função de dificultar a entrada dos Menores. Em resumo, isso causou uma reação de Clara e suas irmãs que identificavam laços diretos e particulares com Frei Francisco e com a Ordem dos Menores, vínculos que provocaram momentos de tensão entre Clara e o papa Gregório IX.

De 1227 a 1230, as relações entre Clara e o papa Gregório IX foram muito tensas, porque Clara insistia nos laços diretos com os frades menores, com a memória de Francisco e com o “Privilégio da Pobreza” que foi dada ao mosteiro de São Damião. Já Gregório IX (1227-1241) tinha um projeto político para o monaquismo feminino com a posse de bens e a clausura de acordo com a influência beneditina e cisterciense, além de almejar uma forte distinção entre a Ordem masculina dos frades menores e a Ordem feminina de São Damião. Enfim, como resposta às prerrogativas de Gregório IX, Clara e as Irmãs exerceram um afrouxamento das suas relações com o papa nos anos trinta do século XIII, isso se percebe através das Cartas de Clara e de suas irmãs, uma forma de demonstrar a não neutralidade e “resistência” em relação às medidas impostas a elas²⁸⁸.

As Cartas de Clara consistem em formas de “resistência” na clausura. A Carta é endereçada a Inês de Praga. Inês de Praga, ou da Boêmia, foi filha do rei Otocar I da Boêmia e da rainha Constância da Hungria. Nasceu em 1205 e morreu em 1282. Ela dedicou-se às obras de caridade e, depois que conheceu os frades menores, que chegaram à sua cidade em 1225, animada também pelo testemunho de sua prima Isabel da Hungria, decidiu ser “Irmã Pobre”, seguir o monaquismo feminino franciscano. Construiu uma grande obra, em que havia um hospital, um mosteiro e uma igreja de São Francisco. Entrou para a Ordem em 1234, com grande repercussão em toda a cristandade. Mesmo sem nunca terem tido a oportunidade de se conhecerem pessoalmente, ela e Clara estabeleceram uma profunda amizade. A primeira carta de Clara para Inês não tem uma data definitiva. Muitos acham que foi escrita antes de Pentecostes de 1234, quando Inês entrou no mosteiro, argumentando que a carta é dirigida a uma princesa, com um “vós” honorífico e não recorda as outras Irmãs. Para

²⁸⁸ MERLO, G. *Em nome de São Francisco...*, p. 96.

outros, o fato de Clara referir-se à ampla divulgação da fama de Inês colocaria a sua redação depois de 5 de junho de 1235, quando Gregório IX elogiou a Inês em carta dirigida à rainha Beatriz, de Castela. Acreditamos que a carta foi escrita em 1234, por ocasião da entrada de Inês.

As cartas são o ponto alto dos escritos de Clara e nos seus conteúdos podemos averiguar as formas de “resistências” na clausura. Nas Cartas, Clara está mais livre, pois defendia a “Altíssima pobreza” da instituição de sua Ordem. É muito pessoal e solta em uma rica elaboração retórica. Sua visão de contemplação é bastante significativa sobre o franciscanismo primitivo. Seu tema é sempre Jesus Cristo, mas quatro aspectos fundamentais são destacados: Jesus Cristo é crucificado, Jesus Cristo é pobre, Jesus Cristo é o esposo e a entrega a ele é feita em uma virgindade cada vez maior. Mesmo quando não fala de si mesma, Clara deixa evidente que está apresentando uma “leitura da pobreza” que primeiro foi vivida intensamente por ela. Ela revela a sua experiência de pobre, de contemplativa, da vida na clausura e leitura do franciscanismo das origens.

Clara fez uma manifestação bastante importante sobre a religiosidade que vivia ou que almejava viver, um testemunho intenso e pessoal de “resistência” às imposições dos papas. Difícil determinar o momento de ruptura dos frades menores com os conventos femininos. Francisco havia dado a sua *forma vitae* às damianitas. Clara enfrentou os homens da Igreja e, após a morte de Francisco em 1228, percebeu a necessidade de defender a própria identidade da sua comunidade. O convento de São Damião configurou-se numa exceção em relação aos outros conventos hugolinianos franciscanos do ponto de vista institucional, devido à presença de Clara que pessoalmente e constantemente comunicava-se com Frei Francisco de Assis.

O “*Privilegium*” remete aos inícios da comunidade, quando as jovens damas, optaram por vender seus bens e distribuir aos pobres, desprovidas da posse de bens, seguiriam os passos do Cristo pobre. Assim, o “Privilégio da Pobreza” representa o primeiro perfil sumário da biografia de Clara e a pobreza assumiu um valor jurídico. Na verdade, o documento era o coração daquela comunidade e continuou a ser a zelosa promessa de toda a vida de Clara. Clara pediu ao papa um “privilégio” para preservar a inspiração pauperística e para evitar impasses em relação à pobreza adotada pela sua comunidade. Com isso, o “*Privilegium paupertatis*” foi assumido como um valor jurídico e dado a uma laica que fez a sua profissão de fé religiosa um modo de vida que havia se iniciado com um outro laico iletrado. Desta forma, o “Privilégio da Pobreza” passou a ser visto como o coração da comunidade e não a regra beneditina até então

adotada. Podemos afirmar que as características básicas da nova comunidade juridicamente assegurada eram três: a vida em comum, o trabalho com as próprias mãos – que não reveste um valor econômico, mas ligado a pobreza – e, sobretudo, a opção pela pobreza.

A bula *Sicut manifestum est* constituiu-se num documento fundamental para entendermos as relações entre o papa, Clara e o convento de São Damião, porque havia uma necessidade prática de defender a própria identidade e os “costumes de São Damião”, por isso as respostas dadas pelas Cartas pontifícias, o que contribuíram substancialmente para a redação da forma de vida de Clara de 1253. Mesmo sendo um privilégio escrito com brevidade, a Carta de 1228 distinguia o convento de São Damião dos outros conventos hugolinianos e contém importantes reflexões teológicas sobre a pobreza evangélica como sinal de total abandono à vontade de Deus, conforme a passagem bíblica Mt 6, 26-28, “Naturalmente, aquele que alimenta os passarinhos do céu e veste os lírios do campo, não deixará faltar o alimento e as vestes, até que Ele mesmo, passará e vos servirá na eternidade, isto é quando a sua destra vos abraçará mais felizmente na plenitude da visão”,²⁸⁹ não faltará alimento às “servas” que optaram por seguir Cristo pobre – *sequela Christi*²⁹⁰.

De 1220 a 1230, as relações entre Clara e o papa Gregório IX foram tensas, porque Clara insistia nos laços diretos com os frades menores e com a memória de Francisco. Já Gregório IX tinha um projeto papal para o monaquismo feminino com a posse de bens e a clausura de acordo com a tradição beneditina, além de almejar uma forte distinção entre a Ordem masculina dos frades menores e a Ordem feminina de São Damião. Enfim, como resposta as prerrogativas de Gregório IX, Clara e as Irmãs exerceram um afrouxamento das suas relações com o papa nos anos trinta do século XIII, uma forma de demonstrar a não neutralidade em relação às medidas impostas a elas²⁹¹.

Entretanto, na época da *Sicut manifestum est*, Gregório IX admitia a renúncia aos bens materiais, entre outras características de estreito laço com os Menores, por isso fica claro que o papa queria realizar outro projeto para São Damião e conhecia as relações das “Pobres Damas” com as origens do franciscanismo como vemos no trecho abaixo às referências a pobreza franciscana e a renúncia total aos bens materiais.

²⁸⁹ CAROLI, E. (org.) *Fonti Francescane...*, p. 1949.

²⁹⁰ MERLO, G.G. *Em nome de São Francisco...*, p. 94.

²⁹¹ Idem, p. 96.

Como é manifesto, desejando dedicar-vos unicamente a Deus, renunciastes a todo desejo das coisas temporais. Por isso, tendo vendido tudo e dado aos pobres, propondes não ter propriedade alguma, aderindo em tudo aos passos daquele que por nós se fez pobre e é o Caminho, a Verdade e a Vida. Nem a falta das coisas vos afasta desse propósito, pois a esquerda do Esposo celeste está sob a vossa cabeça para sustentar o que é fraco em vosso corpo, que submetestes à lei do espírito com ordenada caridade.²⁹²

Mais adiante, Gregório IX assegura o “Privilégio da Pobreza” às Irmãs do convento de São Damião, pobreza institucionalizada pela Regra dos frades menores de 1223 que tem como princípio a negação de qualquer forma de propriedade, conforme o capítulo seis “Os irmãos não se apropriem de nada, nem de casa, nem de lugar, nem de coisa alguma” (*Regulae bullata*, 6,2) e aparece na Regra de Clara como “não aceitar e nem ter posse ou propriedade nem por si, nem por pessoa intermediária, e nem coisa alguma que possa com razão ser chamada de propriedade” (*Regulae sancta Clarae* 6, 12-15), uma direta alusão a Regra de 1223, forma de mostrar uma ligação com os Frades menores²⁹³. Essa ligação foi reconhecida por Gregório IX em 1228, segundo outro trecho da bula “*Privilegium paupertatis*”.

Assim, confirmamos como pedistes, com a aprovação apostólica, o vosso propósito da mais alta pobreza, concedendo-vos em força deste documento que não possais ser por ninguém obrigadas a receber propriedades. Por isso, a absolutamente ninguém seja permitido infringir esta página de nossa concessão ou agir contra ela com temerária ousadia. Se alguém presumir fazê-lo, saiba que vai incorrer na indignação de Deus Onipotente e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo²⁹⁴.

Como já mencionamos, a bula *Sicut manifestum est*, tradicionalmente chamada de “Privilégio da Pobreza”, foi promulgada na visita do papa Gregório IX ao convento de São Damião. A resposta da Carta papal transpareceu a preocupação de Clara e companheiras com a vontade de manter-se fiel a “Altíssima pobreza”, prometida a Frei Francisco de Assis. Segundo Caroli, uma leitura nupcial da “Altíssima pobreza” que era típica das Cartas de Clara na qual defendia um *propositum* de virgindade que identificava com o seguir “Cristo pobre” revela que a pobreza e a sua aplicabilidade são as bases do convento de São Damião²⁹⁵.

²⁹² CAROLI, E. (org.) *Fonti Francescane*..., p. 1949.

²⁹³ MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani*. Assis: Edizioni Porziuncola, 1995, pp. 2229 e 2230.

²⁹⁴ CAROLI, E. (org.) *Fonti Francescane*..., p. 1949.

²⁹⁵ Idem, p. 1944.

Sem dúvida, a *Sicut manifestum est* foi uma bula essencial na qual o papa Gregório IX demonstrou uma atenção significativa ao caráter evangélico de vida assumido e vivido pelas irmãs do convento de São Damião em Assis. Posteriormente, a mesma Carta pontifícia foi enviada a outros conventos de seguimento franciscano, por exemplo, endereçada as irmãs de Santa Maria de Monteluce e as irmãs de Perúgia, confirmando que São Damião não estava em isolamento²⁹⁶. Como já mencionamos, o objetivo de Gregório IX seria a unificação do monaquismo feminino, sob a regra beneditina com uma ênfase na clausura de modelo cisterciense e com sutilezas jurídicas para a aquisição de bens móveis.

2. 4 O poder dos sem poder: Clara de Assis e Gregório IX

Em 1227, Gregório IX intensificou a pressão nas comunidades femininas e constituiu uma Ordem religiosa que adotou uma regra de inspiração beneditina. Para André Vauchez, Clara tinha uma aura de incontestável espiritualidade que permitiu ao papa fazer de São Damião um centro de nova estrutura, à qual daria o nome de Ordem de São Damião. Em 1228, o papa dirigiu-se a São Damião para encontrar-se com Clara alguns dias antes da canonização de Francisco, depois dessa conversa, nunca mais Gregório IX retornou a São Damião, apesar de voltar várias vezes durante o seu pontificado a cidade de Assis. Em resumo, Clara estranhou as atitudes políticas de Gregório IX e as suas iniciativas. Havia diferenças sensíveis entre a fundação de Gregório IX e São Damião, o papa impôs uma pobreza religiosa ligada aos mosteiros cistercienses, modelo de referência da Cúria romana, que frissava a vida contemplativa e a rigorosa clausura (reclusão), além de impor às religiosas a obrigação de ter propriedades imobiliárias para que não fossem buscar no exterior recursos para a sua sobrevivência. Esses mosteiros eram ligados diretamente a Santa Sé com o cardeal protetor Rinaldo de Jene, futuro Alexandre IV (1254-1261) e não a autoridade diocesana. Clara reagiu de forma negativa frente as iniciativas, porque não desejava transigir a pobreza prometida a Francisco em ligação aos frades menores – o viver na precariedade, suprimindo as necessidades cotidianas através do trabalho manual, do

²⁹⁶ Gregório IX acolhe o pedido de Inês e da comunidade das servas de Cristo incluindo o mosteiro de São Francisco em Praga da Ordem de São Damião e também concede o privilégio da pobreza: *devicti precibus vestris et lacrymis praesentium auctoritate concedimus ut invite cogi ad recipiendum de cetero possessiones aliquas non possitis*. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. Chiara di Assisi. Una vita prende forma. Iter storico..., p. 159.

recurso à caridade - e também não podia admitir que o seu mosteiro tivesse bens ou rendas fixas. Afinal, Clara assumiu, a contragosto, o título de abadessa e teve que aceitar a entrada da sua comunidade feminina na congregação criada por Gregório IX sob o nome de Ordem de São Damião.²⁹⁷

O privilégio concedido por Gregório IX a Clara, apesar de não haver o documento de confirmação de concessão dada por Inocêncio III, teve um caráter paradoxal pela situação então criada, por não partilhar o modo de vida e pelo fato de a direção estar nas mãos do papa ou do cardeal protetor. A segunda crise deu-se quando o papa Gregório IX promulgou a *Quo elongati*, em 1230, proibindo os Menores de entrar nos conventos de mulheres, com exceção daqueles que tivessem uma licença especial da Cúria romana. Como São Damião fazia parte da Ordem franciscana, inclusive o ministro geral dispunha de dois ou três frades para esmolarem a favor das “Senhoras pobres reclusas”, também de capelães para celebrarem missa e administrar os sacramentos, a interdição aos frades gerou descontentamento em Clara. Porque o papa pretendia cortar os últimos laços entre São Damião e os companheiros de Francisco, Clara confrontou Gregório IX com a ameaça de uma greve de fome o que traria grande escândalo à Igreja, ele teve que retroceder e confiou ao ministro geral a responsabilidade de encontrar uma solução, a situação permaneceu a mesma até o fim do pontificado de Gregório IX²⁹⁸.

Os desentendimentos entre Gregório IX e Clara de Assis continuaram, Clara era destemida e ao mesmo tempo venerada. O carisma de Clara estava não somente na sua fidelidade inflexível às exigências formuladas por Francisco no tocante à pobreza, como também no esforço de tornar a comunidade de São Damião um modelo para o movimento feminino franciscano, como Francisco havia tentado fazer com Porciúncula. Cada vez mais, fechada no seu mosteiro de São Damião, não participava dos acontecimentos exteriores, senão por visões, as sanções papais deixaram Clara com a certeza de que a reclusão se impunha e deveria renunciar a itinerância e vida ativa. Das visões de Clara, um dos principais sonhos é talvez datado de 1230, segundo o testemunho da irmã Filipa no seu Processo de canonização de 1253. Segundo Filipa, Clara teve um sonho em que levava uma toalha a Francisco para enxugar as mãos, quando encontrou Francisco, o santo abriu-lhe o peito e apresentou-lhe o mamilo, Clara sorveu e era tão doce e saboroso o néctar, após se saciar, a coroa do mamilo ficou presa

²⁹⁷ VAUCHEZ, André. *Francesco d'Assisi...*, pp. 183 e 184.

²⁹⁸ Idem, p. 185.

aos lábios de Clara. Em suas mãos o néctar era como ouro transparente e brilhante, refletia como num espelho²⁹⁹.

Este sonho relatado pela irmã Filipa não se encontra na Vida de Santa Clara³⁰⁰ escrita por Tomás de Celano, nem nos textos hagiográficos posteriores, o homem (Francisco) que amamenta a mulher (Clara) com um leite maternal e não o contrário. Uma possível leitura e significado deste sonho ou visão pode se referir como um meio de conhecer os segredos de Deus; ao mesmo tempo é enigmático e profético, porque anuncia as coisas que vão realizar-se, assim, Clara aspirava reunir-se brevemente com Francisco no além³⁰¹. Outra leitura seria que Clara, estando imersa na metáfora materna, onde o divino se faz mãe e o alimento materno é o Evangelho, podemos pensar que ela foi nutrida por Francisco, pelos seus ensinamentos, não somente como uma polêmica resposta ao pontífice Gregório IX, que pretendia quebrar o vínculo com Francisco, ela reivindica a bondade do nutrimento espiritual, o leite é um simbolismo, representa a doce mensagem de Cristo e porque o Evangelho é o coração da *forma vivendi* de Francisco e a sua, representa a humanidade de Cristo, a caridade do Redentor na cruz.³⁰² O caminho da perfeição é representado pela sucção que Clara se saciou³⁰³, para ela, a fidelidade do ensinamento do mestre, herdeira direta de Francisco, o leite da sucção transforma em ouro entre as suas mãos.

O papel do alimento é mais importante e fundamental, o maior desejo de Clara era comer na companhia de Francisco e seus companheiros, nos *Fioretti*, a refeição

²⁹⁹ “Contaba también madonna Clara que una vez, em visión, le había parecido que llevaba a san Francesco una vasija de agua caliente, con una toalla para que se enjugara las manos. Y subía por una alta escalera; pero caminaba con tal agilidad como si anduviese por suelo llano. Y, cuando llegó junto a san Francisco, el santo sacó de su seno una tetilla y le dijo a la virgen Clara: ‘Ven, toma y mama’. Y, cuando hubo sorbido, el santo la animaba a chupar otra vez; y al sorber, lo que de allí tomaba era tan dulce y grato que no podía expresarlo de ninguna manera. Y cuando se sació, la redondez o boca del pecho de donde salía la leche quedó entre los labios de Clara; y, al tomar ella en sus manos lo que se le había quedado en la boca, le pareció un oro tan claro y brillante, que se veía toda como si fuera en un espejo”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...*, pp. 83 e 84.

³⁰⁰ A observação de G. Miccoli é fundamental, o gênero literário das biografias franciscanas tem uma dupla característica: uma é que pretendem ser biografia, ou seja, a história da vida de seus heróis, modelos presentes e ativos na cultura medieval. Outra é que as declarações provadas e seguras, em testemunhos de autoridade e confiáveis, respondem a preocupações, métodos e critérios de trabalho da cultura medieval. É claro que o conceito de confiabilidade, autoridade e veracidade histórica, é diferente do nosso. Essas hagiografias pretendiam descrever e narrar os fatos e eventos cuja característica básica era fazer parte de experiências e situações “verdadeiras”, foram lidas e aceitas pelo seu público. MICCOLI, Giovanni. *Francisco. O santo de Assis na origem dos movimentos franciscanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 185.

³⁰¹ VAUCHEZ, André. *Francesco d’Assisi...*, p. 187.

³⁰² FRUGONI, Chiara. *Chiara d’Assisi. Una solitudine abitata...*, p. 195.

³⁰³ Depoimento da irmã Cecília: “Sobre a visión del pecho de san Francisco dijo lo mismo que sor Filipa, excepto que no recordaba lo que había dicho de la boca de la tetilla que santa Clara retuvo em su boca”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...*, p. 91.

deles, em Santa Maria dos Anjos, terminou num êxtase místico em que ambos comungaram no Espírito Santo. Como muitas das mulheres religiosas de seu tempo, o rigor do jejum de Clara e do que ela impunha a sua comunidade, sofreu diversas intervenções de Francisco e do bispo de Assis, porque Clara ligava o extremo ascetismo à santidade, na linha dos movimentos eremíticos e de espiritualidade penitencial. O jejum era uma forma de despojamento, a privação de alimentos era constante. Sendo assim, o leite maternal do sonho era um alimento espiritual, no qual Clara exprimia o seu medo de perder as forças vivas e o contato com os Menores, a forma de vida é o leite que se transforma em ouro, que Francisco tinha dado às irmãs de São Damião, a quem tinha prometido, na sua Última vontade³⁰⁴, nunca abandonar. A fidelidade aos ensinamentos de Francisco incluía a sua comunidade, São Damião configurava numa unidade que partilhava as intenções e ideais com a sua superiora, “a mulher mais santa depois da Virgem Maria”, “a primeira mãe e senhora da ordem”, segundo as companheiras³⁰⁵. Clara poderia ser assemelhada a Maria não só pela virgindade e maternidade, mas também pela pobreza e humildade, nos escritos de Clara, a figura de Maria é unida à de Cristo, na perspectiva de dois valores-virtudes, assim podemos falar não somente da *sequela Christi*, mas da *sequela Mariae*.³⁰⁶

A especificidade da proposta de Clara e da experiência vivida por ela na comunidade de São Damião, “provocava” a Igreja e a sociedade de seu tempo, essa aparente contradição, gerada pela maneira de como ela se colocava, diferente da tradição e da cultura eclesiástica, diferente dos cultores da perfeição cristã. O “poder dos sem poder” estava na maneira pobre, humilde e submissa de ser, inexistia uma proposta de reforma eclesiástica, de contestação ou subversão eclesial ou social. O que Clara almejava era ser pequena no marco testemunhal do Evangelho, nas pegadas de Francisco, no “*Christum sequi*”. O problema se colocou, com a institucionalização do movimento dos Menores, com regras e critérios bem precisos, a disposição de uma nova e grande ordem para a reforma e a renovação da vida cristã, uma ordem reinventada, nas suas relações internas e na sua relação com São Damião³⁰⁷.

³⁰⁴ O breve texto conservou a Clara os propósitos de Francisco e o permanecer fiel a ele, o original se encontra no capítulo VI da *forma vitae* de Clara. “... et perseverare in ea usque in finem. Et rogo vos dominas meas et consilium do vobis ut in ista sanctissima vita et paupertate semper vivatis. Et custodite vos multum ne doctrina vel consilio alicuius ab ipsa in perpetuum ullatenus recedatis”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...*, p. 209.

³⁰⁵ VAUCHEZ, André. *Francesco d'Assisi...*, p. 188.

³⁰⁶ CASAGRANDE, G. *Intorno a Chiara...* p. 79.

³⁰⁷ MICCOLI, Giovanni. *Francisco. O santo de Assis na origem dos movimentos...*, pp. 199 e 200.

O principal lugar de resistência às mudanças profundas que afetavam o movimento franciscano em todas as suas formas era São Damião, desde a morte de Francisco até a de Clara, as Senhoras pobres continuavam com uma fidelidade sem limites à herança que desejavam preservar, não somente pelo gênero de vida monástica, mas pelos constrangimentos impostos pela Igreja. Clara teve duas tendências da sua espiritualidade motivadas pelo isolamento, a reclusão a que ela e suas coirmãs foram submetidas fez com que reduzisse a noção de *minoritas* à pobreza que devia permanecer a todo custo em detrimento de outras dimensões do carisma franciscano e à recusa de possuir bens comuns, seria a única forma de se distinguir das monjas de obediência beneditina. Nas condições místicas da pobreza de Clara, o modelo da condição espiritual foi posta para viver como mistério de Cristo. Sendo assim, é compreensível o fato de que ela não foi a única autêntica continuadora da vida de Francisco e nem a intérprete mais fiel do seu pensamento, embora o testemunho de Clara não seja de menor valor por esse fato.³⁰⁸

Após 1230, Gregório IX prosseguiu no projeto de fazer de São Damião a referência das Irmãs pobres. Apenas alguns anos mais tarde, os mosteiros unidos pela denominação geográfica, a Ordem do Vale de Espoleto e de Toscana se reúnem na constituição da *Ordo Sancti Damiani*. O primeiro documento pontifício no qual se usa o termo é a Carta *Celestia quaerentibus terrenis*³⁰⁹ de 2 de dezembro de 1234, mas a expressão *Ordo Sancti Damiani* é presente num documento da jurisdição episcopal de 6 de maio de 1229 em Piacenza, e talvez num privilégio concedido em 23 de abril de 1231, a *Inter alia quae Christo*³¹⁰ ao mosteiro de Santa Maria das Virgens em Faenza. Em seus Escritos, Clara não faz referimento a esta *Ordo*, quando ela se refere à própria comunidade em suas Cartas, adota a definição de *dominarum inclusarum* ou *pauperum dominarum*.³¹¹

³⁰⁸ VAUCHEZ, André. *Francesco d'Assisi...*, pp. 190 e 191.

³⁰⁹ Gregório IX, com a autoridade desta carta, concede “*dilectis in Christo filiabus Abbatissae et Monialibus inclusis Ordinis Sancti Damiani de Assisio [...] ut a quoquam conveniri per litteras apostolicas non possitis, nisi de indulgentia hujusmodi et Ordine vestro expressam fecerint mentionem*”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma. Iter storico..., p. 158.

³¹⁰ Gregório IX concede a “*abbatissa et sorores monasterii Sancte Marie de insula Sancti Martini Ordinis Sancti Damiani*” o privilégio de poder receber legados, fideicomisso, testamentos e outros espólios. Idem, p.157.

³¹¹ Idem, pp. 72 e 73.

CAPÍTULO III - Papa Inocêncio IV: a confirmação da normativa clariana

“Claire est un auteur à part entière, et au Moyen Âge, il n’est pas si fréquent de rencontrer des femmes auteurs”.

Armelle Le Huërou

“Ovviamente Chiara non era una studiosa, un’esegeta o una teologa”.

Alfonso Marini

“Claire d’Assise, une des figures féminines le plus fortes et le plus originales du Moyen Âge, au même titre qu’Héloïse ou Jeanne d’Arc”.

André Vauchez³¹²

3.1 Problemáticas legislativas na Ordem de São Damião

Os mosteiros femininos franciscanos tinham características pauperísticas, atraíram vários seguimentos dos próprios movimentos religiosos. Gregório IX (1227-1241) empenhou-se muito através de bulas e imposição da sua *forma vitae* para organizar os conventos femininos franciscanos. Apesar da diversidade dos lugares e da formação desses conventos, foi um período difícil dentro da História da Igreja. No campo espiritual, Gregório IX emitiu várias bulas importantes para o movimento feminino franciscano, conseguiu institucionalizar muitas comunidades femininas e enquadrá-las no projeto político da Igreja romana.

Os pedidos das comunidades femininas eram de diversos níveis e temas em relação a propriedades, doações, comida, jejuns, vestimentas e silêncio. Em 30 de agosto de 1234 na bula *Sincerum animi* dada em Espoleto, Gregório IX confirma a Inês de Praga, a exceção doada pelo bispo e concede a proteção direta da Sé Apostólica ao mosteiro de São Francisco de Praga, *in religione pauperum Monialium inclusarum*, seja o anexo hospitalar, confirmando a todos a imunidade já concedida pelo rei da Boêmia e

³¹² As referências citadas sobre Clara foram retiradas de: HUËROU, Armelle Le. À la (re)découverte de Claire d’Assise et des ses sources. In: *Études Franciscaines*. Nouvelle série, 7, 2014, fascicule 1, p. 61; MARINI, Alfonso. « Ancilla Christi, plantula sancti Francisci ». Gli scritti di Santa Chiara e la Regola. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 1993, p. 130; VAUCHEZ, André. « Préface ». In : DALARUN, J. e HUËROU, A. Le (org.). *Claire d’Assise*. Écrits, Vies, documents. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013, p. 11.

pelo bispo diocesano. Em seguida, a bula *Celestia querentibus terrenis* de 2 de dezembro de 1234 faz referência à Ordem e pela primeira vez o papa chama de Ordem de São Damião, “*dilectis in Christo filiabus Abbatissae et Monialibus inclusis Ordinis Sancti Damiani de Assisio [...] ut a quoquam conveniri per litteras apostolicas non possitis, nisi de indulgentia huiusmodi et Ordine vestro expressam fecerint mentionem*”³¹³.

Entre os anos 1235 e 1236, a Cúria papal emanou muitos privilégios como veremos a seguir. Em 25 de maio de 1235 na cidade de Perúgia, Gregório IX emite a *Cum relictis seculi* a pedido das irmãs do mosteiro de São Francisco em Praga, ele entrega a posse do Hospital São Francisco, construído por Inês de Praga, sob um terreno da Igreja romana junto ao mosteiro, dizendo expressamente que toda a receita proveniente dessas propriedades são destinados para a manutenção das Irmãs, contrariando a vontade de Clara, talvez esse documento explique a segunda Carta³¹⁴ que Clara enviou como resposta a Inês, na qual ela informa que as dúvidas em relação à pobreza poderiam ser resolvidas ao consultar Frei Elias, o ministro geral. Clara aconselha Inês a não obedecer a quem fosse contra a pobreza não importando quem fosse, até mesmo o papa. Na *Cum relictis seculi*, Gregório IX relembra o argumento de Clara de seguir o Cristo pobre mas, segundo a concepção dele, isso não teria nada a ver diretamente com as propriedades do mosteiro, “*pauperes eligentes pauperem sequi Christum in suprema paupertate [...] Domino famulari*”³¹⁵ (optando por seguir como pobres o Cristo pobre, para servir a Deus na suprema pobreza), dessa forma todos os bens não fossem nunca separados do mesmo mosteiro. Inês conseguiu resistir em ter propriedades até 1237, quando Gregório IX emitiu outra bula, o papa sempre insistia para que as irmãs tivessem propriedades, aceitou a renúncia de Inês de qualquer direito sobre o hospital. Logo no ano seguinte, a bula papal *Pia credulitate tenentes*, de 15 de

³¹³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., pp. 157 e 158.

³¹⁴ A segunda Carta de Clara para Inês data entre os anos de 1235 e de 1236, menciona Frei Elias como ministro geral (1234-1239), ele foi deposto, além disso Clara comenta a pressão exercida pelo papa Gregório IX para que Inês aceitasse ter propriedades em seu mosteiro: “*Filiae Regis regum, ancillae Domini dominantium, sponsae dignissimae Jesu Christi et ideo reginae praenobili dominae Agneti, Clara, pauperum dominarum ancilla inutilis et indigna, salutem et semper in summa vivere paupertate. [...] In hoc autem, ut mandatorum Domini securius viam perambules, venerabilis patris nostri fratris (+nostri) Heliae, generalis ministri, consilium imitare; quod praepone consiliis ceterorum et reputa tibi carius omni dono. Si quis vero aliud tibi dixerit, aliud tibi suggererit, quod perfectionem tuam impediat, quod vocationi divinae contrarium videatur, etsi debeas venerari, noli tamen eius consilium imitari, sed pauperem Christum virgo pauper amplectere*”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios*... pp. 388 e 390.

³¹⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 158.

abril de 1238, em que Gregório IX acolheu o pedido de Inês e da comunidade das servas de Cristo incluindo o mosteiro de São Francisco de Praga da Ordem de São Damião de renunciar ao hospital de São Francisco com os seus direitos e pertences por um tempo concedido pela Sé apostólica ao seu mosteiro, porque “*indecentis reputetis servas et ancillas fovere deliciis, cum pannis vilibus involutus in praeseptio steterit Unigenitus omnium Conditor*”. Em outra parte da Carta concede o privilégio da pobreza “*devicti precibus vestris et lacrymis praesentium auctoritate concedimus ut invite cogi ad recipiendum de cetero possessiones aliquas non possitis*”, assim, Inês poderia se entregar junto com suas Irmãs à vida de contemplação³¹⁶.

No tocante à clausura, em 22 de novembro de 1236, com a bula *Etsi omnium*, Gregório IX dirigiu a todos os fiéis e exortou-os a respeitar a clausura dos mosteiros das monjas pobres reclusas da Ordem de São Damião, estabelecendo que queria que tudo isso que já havia estabelecido quando estava em um cargo menor, assim, a respeito da entrada nos mosteiros dessa Ordem, isto é, quem, de que modo e quando pode entrar, seja incluído na regra das referidas monjas e seja observado por todos.³¹⁷

No ano de 1237, em 9 de abril, Gregório IX promulgou a Carta *Cum sicut propositum*, e a endereçou às diletas filhas inclusas do mosteiro de São Francisco, em Praga, da Ordem de São Damião, porque elas não podiam sustentar todas as austeridades da Ordem, permite às Irmãs se protegerem melhor do demasiado frio e clima com o uso de calçados e peles, “*propter nimium frigus et aeris intemperiem [...], quia rationabile decet esse obsequium, quod creatura debet Creatori*”, concede que a abadessa possa dispensar do jejum a pão e água em certos dias, conforme lhe parecer e, com o conselho do visitador, também relaxando no jejum contínuo. Esta bula é interessante porque pode ser confrontada com o fato de Inês ter escrito para Clara indagando quais eram as normas para o jejum de acordo com Francisco de Assis³¹⁸. No ano seguinte, no dia 5 de maio de 1238 em Latrão, Gregório IX promulga a bula *Pia meditatione pensantes*, endereçada a Inês e a sua comunidade das servas inclusas de Cristo do mosteiro de São Francisco, em Praga, da Ordem de São Damião, ele diz que,

³¹⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 159.

³¹⁷ Aqui selecionamos os trechos da Carta *Etsi omnium*: “*quod a Nobis olim in minori officio constitutis circa ingressum monasteriorum eiusdem Ordinis, videlicet qui, quomodo, et quando ingredi debeant in Regula dictarum Monialium, institutum esse dignoscitur, ab universis, et singulis inviolabiliter observetur*”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 158.

³¹⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 159.

devido ao rígido clima da Boêmia em que habitavam, foram concedidas algumas mitigações em relação ao jejum, praticamente são as normas do mosteiro de São Damião que ele menciona, entre elas, a saber, a retirada da obrigação do jejum contínuo - o quaresmal - no que diz respeito aos alimentos, que podiam comer duas vezes nos domingos e quintas-feiras, e alimentarem-se de laticínios porque “*In omni vero Pascha et solemnitatibus Beatae Mariae Virginis ac etiam Apostolorum, sive in festo Nativitatis Domini, nec non tempore manifestae necessitatis, utpote infirmitatis*” (Nenhuma de vós é obrigada a jejuar em qualquer Páscoa, nas solenidades da Bem-aventurada Virgem Maria e dos Apóstolos, na festa do Natal e nos tempos de manifesta necessidade, principalmente de doença), aliás quem adoecer poderia ser dispensada do jejum e do tipo de comida pela abadessa ou a irmã mais velha, também permitia o uso de duas túnicas, escapulário, capas de peles, calçados, colchões de feno ou palha, travesseiros a todas as irmãs³¹⁹.

A publicação da Carta *De Conditoris omnium* no dia 9 de maio de 1238 por Gregório IX parece ser uma resposta à carta de Clara³²⁰ a Inês, com a qual o papa ficou bastante incomodado, dirige a Inês, serva de Cristo e da gloriosa Virgem, ele chama Clara de “rainha do sul”, e diz “com o afeto mais profundo do coração te exorto, filha da bênção, a que nessas coisas, que só se realizaram em ti pela virtude de Deus, sem intervenção humana, procures atribuir tudo ao Criador”, continua a argumentação no sentido de qualificar Inês e de uma certa forma impor a sua forma de ver, “no espelho de nossos contemporâneos, contemplamos o Senhor glorificando a São Francisco [...] Pois qual é o fiel que não acredita que tu te transformaste numa serva pobre e numa rainha humilde [...] rogo a tua devoção e te exorto, na medida em que és solícita por essas coisas, que repitas frequentemente o cântico de louvor”, concluí que Inês é

³¹⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 159.

³²⁰ A terceira Carta de Clara a Inês termina com uma resposta das consultas dirigidas a Clara pela abadessa de Praga sobre o rigor do jejum e a abstinência. Clara explica as normas dadas por Francisco e a prática que se segue em São Damião, ela recomenda uma discreta e razoável moderação em conformidade com o Evangelho. “*In Christo sibi reverendissimae dominae ac prae cunctis mortalibus diligendae sorori Agneti, illustris regis Bohemiae germanae, sed iam summo caelorum Regi sorori et sponsae. Clara, humillima et indigna Christi ancilla et domina[rum] pauperum serva, salutis gaudia in Auctore salutiset quidquid melius desiderari potest. [...] Super iis autem, quae me iam tibi reserare mandasti [...] nulla nostrum sana et valida nisi cibaria quadragesimalia tantum, tam in diebus ferialibus quam festivis, manducare deberet, die quolibet ieiunando, exceptis diebus dominicis et die Natalis Domini, in quibus bis in die comedere deberemus [...] In omni vero Pascha, ut scriptum beati Francisci dicit, et festivitibus sanctae Mariae ac sanctorum Apostolorum ieiunare etiam non tenemur, nisi haec festa in sexta feria evenirent...*”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...* pp. 392, 398 e 399.

exemplo de salvação, acompanhada pelo grupo das virgens e que ele vai saborear a alegria imensa que um Pai tem por um filho virtuoso.³²¹

Para entender as relações da autoridade eclesiástica, Clara e Inês, é necessário uma análise da bula *Angelis Gaudium* emitida pelo papa no dia 11 de maio de 1238, ele tinha sido atencioso com Inês nas cartas anteriores, nesta, o papa recusa o pedido de Inês de seguir as “observâncias” de São Damião e informou que Clara observava a forma de vida que ele tinha elaborado e impõe à comunidade de Inês. Em resumo, Gregório IX lembra quando era cardeal protetor e que Clara, abadessa do mosteiro de São Damião em Assis, recebeu de São Francisco como a recém-nascida, não comida sólida, mas o leite que melhor lhes convinha, a forma de vida, entretanto, esta fórmula de vida e capítulos estão contidos na regra da Ordem de São Damião. Por este motivo, o papa não atendeu ao pedido de Inês e enumerou os motivos. Em primeiro lugar, porque Clara e as irmãs professaram a regra, escrita com vigilante dedicação e aceita pelo referido Santo; em segundo, porque elas, deixando de lado a tal fórmula observaram a referida regra desde quando professaram até agora; em terceiro lugar, como foi estabelecido que fosse observada com uniformidade por todas as que professaram, e em toda parte, poderia haver um escândalo grave e insuportável se alguém tivesse a presunção de fazer o contrário. Assim, o papa ordena que observem a regra, deixando de lado qualquer outra razão, porque de maneira nenhuma é obrigada a observar a fórmula, uma vez que não foi aprovada pela Sé apostólica, e não é seguida nem por Clara, nem por suas irmãs, nem por nenhuma outra. Gregório IX finaliza o conteúdo das Cartas apostólicas enviadas a ela através do prior, eram cartas em que foram tratados os pedidos apresentados, portanto ela deveria considerar favorável para o bem da própria alma³²².

A bula *Ex parte carissimae* de 18 de dezembro de 1238 em Latrão, Gregório IX endereça a abadessa e a comunidade as monjas reclusas de São Francisco, em Praga, da Ordem de São Damião, o conteúdo versa sobre a dispensa do jejum que mais adiante foi incluída na forma de vida de Clara. Na verdade, Inês está repetindo este pedido após ter levado uma repreensão por outra Carta de Gregório IX, a *Angelis gaudium*. Na *Ex parte*

³²¹ O trecho mais importante da *De Conditoris omnium* é: “considerans paupertatis habitum, in quo pro salute humani generis haberi voluit Conditor singulorum, in ancilla pauperem et humilem reginam transtuleris”. Disponível em: http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=1105&pare_id=1088 Acesso em: 06 de jun. 2016.

³²² A bula *Angelis Gaudium* emitida pelo papa no dia 11 de maio de 1238. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., pp. 145-148.

carissimae, o papa respondendo as dúvidas sobre a observância do jejum, convida a comunidade a seguir a regra que ele entregou e decidiu que, em toda páscoa e nas solenidades da Bem-aventurada Virgem e também dos apóstolos, a não ser que caiam numa sexta-feira, as irmãs não têm nenhuma obrigação de jejuar e na quinta-feira, a não ser na quaresma maior e na menor, as que não quiserem jejuar não jejuem³²³.

De um modo geral, a historiografia coloca o companheiro de Francisco, Elias de Cortona, o segundo ministro geral da Ordem depois do fundador, como pedra angular e figura trágica por excelência³²⁴. Ao generalato de Frei Elias são atribuídos os problemas da transformação da Ordem franciscana, sobretudo da *fraternitas* laical em uma Ordem religiosa mais tradicional, mais próxima ao movimento Dominicano, com uma marca clerical mais acentuada. Assim, segundo as hagiografias de Boaventura e Salimbene, Elias de Cortona foi acusado de trair a idealização da pobreza de São Francisco, quando exerceu o cargo de ministro geral. Ele introduziu inovações que levaram ao início das tensões de grupos que mais tarde iriam se desenvolver dentro da Ordem transformando-se em duas facções³²⁵. No entanto, para melhor esclarecer o enquadramento institucional da Ordem franciscana e o processo marcado por conflitos internos faz-se necessária a desconstrução da imagem negativa dada a Frei Elias, porque as hagiografias franciscanas foram construídas de acordo com os partidarismos dos dois grupos envolvidos na questão da interpretação da Regra bulada de 1223. Em 1239, a deposição de Frei Elias aconteceu porque ele não agradava à Ordem e logo foi obrigado a demitir-se, no Capítulo Geral de 1230, contra a vontade dos ministros-provinciais, os adeptos dele conseguiram impô-lo novamente como ministro geral. No entanto, Antônio de Pádua e Adam de Marisco narraram o episódio ao papa Gregório IX que, após ter ouvido ambas as partes, fez com que novamente Elias fosse demitido e substituído por Alberto de Pisa³²⁶.

No último ano de vida de Gregório IX, ele emitiu a Carta *Ad audientiam nostram* no dia 21 de fevereiro de 1241, informava aos arcebispos e bispos que falsamente algumas mulheres pertenciam à Ordem de São Damião, segundo ele, elas andavam descalças, usando o hábito e o cingulo das monjas da mesma Ordem, levando

³²³ A bula *Ex parte carissimae* de 18 de dezembro de 1238 dada por Gregório IX. Disponível em: http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=1107&parent_id=1088 Acesso em: 06 de jun. 2016.

³²⁴ BARONE, Giulia. Frate Elia: suggestioni da una riletura. In: I compagni di Francesco e la prima generazione minoritica. Atti del XIX Convegno internazionale, Assisi, 17-19 ottobre 1991. Espoleto: Centro Italiano di studi sull'alto medioevo, 1992, pp. 61 e 62.

³²⁵ FALBEL, Nachman. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1995, p. 31.

³²⁶ Idem, p. 33.

cordinhas. As pessoas chamavam de descalças, acordoadas ou minoritas, mas as monjas de São Damião viviam em clausura perpétua, pois havendo perplexidade na Ordem de São Damião e indignação na dos frades menores, por isso ele ordenava que os arcebispos e bispos obrigassem essas mulheres, com adequada censura eclesiástica e depois de ter feito uma admoestação, que deveriam deixar os hábitos com os cingulos e as cordinhas³²⁷. Essa bula trouxe a informação de que os movimentos religiosos leigos continuavam a pulular após a morte de São Francisco e alguns grupos se apoiavam no movimento franciscano.

Nos anos seguintes, após a morte de Gregório IX em 22 de agosto de 1241, a *Ordo Sancti Damiani* ao menos no plano legislativo, continuaram com as problemáticas legislativas nos mosteiros femininos franciscanos e sempre tiveram o interesse do papado em organizá-los em unidade para dar uma fisionomia unitária, com Inocêncio IV atingiu o pico mais alto desta complexa situação institucional. Assim, na tentativa de resolver os problemas de ordem jurídica, Inocêncio IV redigiu uma forma de vida que é uma resposta definitiva que substituiria em substância na vida religiosa as demais regras, a forma de vida de Hugolino, a regra de Francisco, as diversas mitigações e bulas emitidas por ele e Gregório IX, e sobretudo, confiaria estes mosteiros aos cuidados espirituais e materiais aos Menores³²⁸.

3.2 Inocêncio IV e a sua forma de vida

Após a deposição de Frei Elias como ministro geral, para a Ordem franciscana continuava um período perturbado, o Capítulo seguinte tinha tomado medidas para reestruturar seus órgãos de governo com a finalidade de limitar os problemas que surgiram a partir da centralização de poder do ex-ministro. Entre as medidas, também havia restringido o acesso a cargos de governo só aos frades instruídos, excluindo os

³²⁷ A bula *Ad audientiam nostram* de 21 de fevereiro de 1241 emitido por Gregório IX dado em Latrão. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 161.

“Unde quia in ejusdem Ordinis confusionem ac derogationem Ordinis Fratrum Minorum et ipsorum fratrum scandalum, ac monialium, earumdem praedictarum mulierum religio simulata redundat. Universitati vestrae per apostólica scripta precipiendo mandamus, quatenus mulieres ipsas ad abjiciendum cum eisdem cingulis et chordulis hujusmodi habitum, monitione praemissa, per censuram ecclesiasticam, cum super hoc requisiti fueritis, appellatione postposita, compellatis”. Disponível em: http://centrofranciscano.capuchinhossp.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=1109&parent_id=1088 Acesso em: 06 de jun. 2016.

³²⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 91.

frades leigos, intensificando o processo de clericalização da Ordem. Depois de alguns meses do generalato de Alberto de Pisa (1239), que sucedeu a Elias, Gregório IX quis um novo Capítulo na qual foi eleito o ministro geral Aimone de Faversham (1240-1244), que pôs fim ao processo, estimulando a evolução da Ordem de forma mais próxima aos Dominicanos, pelo qual ele tinha grande admiração³²⁹.

Os problemas em relação à pobreza multiplicaram-se na Ordem franciscana³³⁰, de um lado a interpretação da *Quo elongati* por Gregório IX, a Ordem não poderia ter posses de bens, por outro lado os problemas dos mosteiros e das estruturas arquitetônicas vizinhas que tinha propriedades de bens imóveis que recolhiam dinheiro das mesmas construções; em outros casos, o serviço da pregação, cada vez mais necessário pela Sé Apostólica que, sempre colocava o problema de sustentação destes mosteiros. As consequências dos trabalhos foram importantes em relação ao uso e gestão do dinheiro.

Depois de alguns meses de vacância na sede apostólica e do breve pontificado de Celestino IV (1241), Inocêncio IV (Sinibaldo Fieschi, 1243-1254), assume o pontificado. Ele também era um jurista como seus predecessores, mas não tinha conhecimento da realidade franciscana como Gregório IX. O novo papa interfeuiu nos problemas da Ordem franciscana com a promulgação da bula *Ordinem vestrum* no dia 14 de novembro de 1245. A promulgação desta Carta está relacionada a um pedido da própria Ordem franciscana que solicitava esclarecimentos sobre os pontos de dúvidas na interpretação da Regra bulada de 1223. O papa Inocêncio IV incorpora alguns pontos da *Quo elongati*, alarga o conceito de pobreza através das suas mitigações que facilitam o uso de dinheiro na Ordem e, sobretudo, tomando os bens doados aos frades para a Igreja, o *ius beati Petri*, comprometendo a pobreza franciscana. A repercussão do relaxamento da prática da pobreza nos mosteiros femininos parece ter tido consequência de medidas contra os Menores³³¹.

Com a bula *Cum universitati vestre* de 21 de agosto de 1244, Inocêncio IV comunicou a todos os mosteiros um esclarecimento da valência da regra beneditina para a Ordem de São Damião, um evidente sinal de dificuldade e incertezas na observância serpentou entre os muros de muitas comunidades. Entre os anos de 1228 e 1245,

³²⁹ DESBONNETS, Theophile. *Da intuição à instituição...*, pp. 126 e 127.

³³⁰ LAMBERT, Malcolm. *Povertà Franciscana*. La dottrina dell'assoluta povertà di Cristo e degli apostoli nell'Ordine Franciscano (1210-1323). Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 1995, p. 92.

³³¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 92.

conhecemos ao menos quatro versões da *forma vitae* de Hugolino, o que prova que as situações eram muito diversas, com a presença de uma legislação e de denominações diferentes de comunidade a comunidade. Com a bula *Solet annuere* de 13 de novembro de 1245, Inocêncio IV envia a todos os mosteiros da Ordem de São Damião a forma de vida de Hugolino, talvez como uma tentativa do papado em acalmar as inquietudes, para prosseguir com o seu projeto de unificação, mas que não surtiem os efeitos desejados, depois de dois anos, o papa emitiu no dia 6 de agosto de 1247 uma nova “regra” por ele mesmo redigida, com a carta *Cum omnis vera religio* a todos os mosteiros da Ordem de São Damião.

Sob o pontificado de Inocêncio IV, cada vez mais os numerosos mosteiros femininos aumentavam e pediam o poder de beneficiar-se da assistência espiritual e administrativa dos frades, tornando ainda mais agudo o problema de cuidados dos mosteiros, não há registro de posicionamentos contra a *cura monialium* nas legislações franciscanas nesses anos. A partir de 1245, Inocêncio IV permitiu aos frades que fossem mantidos naqueles mosteiros que, desde a época de Gregório IX, já residiam, a desobrigação de residirem nos mosteiros para manter as comunidades femininas, ou seja, na bula *Paci et tranquillitati* de 17 de julho de 1245, Inocêncio IV concedia ao ministro geral e aos frades da Ordem dos Menores que “*monasteriis Monialium inclusarum Ordinis Sancti Damiani, in quibus tempore felicitatis recordationis Gregorii Papae Praedecessoris nostri aliqui Fratres vestri Ordinis deputati non fuerint, morari minime teneamini*” (ninguém era obrigado a estabelecer-se nos mosteiros das religiosas, incluindo São Damião, no qual nenhum dos frades da sua Ordem foi encarregado no momento de nosso predecessor de feliz memória), nem poderia ser necessário fazê-lo; então ele advertiu que “*ut in monasteriis, in quibus tunc temporis Fratres deputati fuerunt, ponantur secundum discretionem Ministrorum Provincialium idonei et maturi, qui monasteriorum ipsorum Monialibus in spiritualibus dumtaxat deserviant*” (nos mosteiros nos quais naquele momento foram dados aos frades, havia lugares a critério dos ministros provinciais idôneos e maduros, que servissem as monjas dos mesmos mosteiros unicamente nas coisas espirituais).³³²

Em outubro de 1245, Inocêncio IV afirma que os cuidados espirituais e administrativos das religiosas são confiados à Ordem, permitindo aos frades o acesso aos mosteiros segundo as disposições contidas na *formula vitae* da Ordem de São

³³² A bula *Paci et tranquillitati* de 17 de julho de 1245 emitida por Inocêncio IV em Lyon. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 161.

Damião. A bula *Paci et saluti* de 16 de outubro de 1245 endereçado ao ministro geral e a todos os ministros provinciais da Ordem dos Menores assegura o cuidado e o regimento da Ordem de São Damião, determinando que é relevante o ofício da visita, da correção e reforma, bem como a pregação e a administração dos sacramentos. Por estas razões, os frades poderiam entrar nos mosteiros, segundo as regras estabelecidas na forma de vida da mesma Ordem. Para as tarefas, estabeleceu serviços e concedeu aos ministros provinciais que “*Frater Presbyter unum, et Visitator, qui pro tempore fuerit, duos Fratres idoneos pro exequendis, quae ad ipsorum spectant officium, juxta tenorem, qui in earum vitae Formula contineri noscitur, secum ducant*”, além disso, “*Ad haec et ad praetacta monasteria in specialibus festis ipsorum, et Monialium obitu earundem, ad celebrandum in eis Divinum Officium, ac proponendum verbum Dei Populo, qui tunc, aliisque temporibus ibidem convenerit, nec non pro aliis honestis, et rationabilibus causis; ac ad Portas, Crates et Locutoria monasteriorum ipsorum, cum expedire videritis, accedere, et Fratres vestri Ordinis destinare possitis*”.³³³

Os frades tinham conseguido limitar a *cura monialium* somente às monjas da *Ordo Sancti Damiani*, contra os pedidos clementes de bispos ou também de religiosas que se apresentavam como membros da Ordem de São Damião, mas não estavam sob a clausura. Já, Gregório IX, no final de seu pontificado, tinha emitido uma carta de condenação contra algumas mulheres chamadas *disalcetae* ou *cordulariae* ou *monoretae*, nomes que indicam o tipo de hábito e ambiente de pertencimento, comandando os bispos para forçar a renunciar as vestimentas que confundiam com as monjas da Ordem de São Damião que viviam na clausura. Essas mulheres eram religiosas que recordavam a Francisco e a sua experiência, mas que não estavam abrangidas pelo esquema de institucionalização proposto pela Igreja sob um ponto chave, a clausura³³⁴.

É durante o pontificado de Inocêncio IV que culminou no crescimento destas mulheres que não viviam sob a clausura, mas se identificavam como Irmãs menores e queriam construir mosteiros, pediam ajuda para isso. O papa emitiu três bulas, em tom bastante duro, quase comparando essas religiosas aos heréticos e proibiu as construções de mosteiros da Ordem de São Damião sem o consentimento dos Menores. Uma dessas Cartas é a *Cum harum rector* de 20 de abril de 1250, porque entendia que havia

³³³ A bula *Paci et saluti* de 16 de outubro de 1245 dada por Inocêncio IV em Lyon. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 162.

³³⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., pp. 93 e 94.

mulheres que aproveitavam do nome das irmãs de São Damião e elas não estavam de acordo com as regras das irmãs damianitas, mas ele já havia escrito em 1241 a *Ad audientiam nostram*, na tentativa de coibir movimentos semelhantes³³⁵. Na *Cum harum rector*, Inocêncio IV dirigiu-se aos arcebispos e bispos das províncias da Lombardia, da Marca Trevisã e da Romanha para não edificarem mosteiros da *Ordo Sancti Damiani* no qual São Francisco *primus cultor extitit et plantator* [cujo primeiro fundador foi São Francisco e plantador] sem o conselho e consenso dos frades menores, dizem que pertencem à Ordem e usurpam o nome de *Sorores Minores, quod nec ipsis etiam Sororibus Ordinis San Damiani ex Regula, seu vitae Formula competit, sibi fallaciter usurpantes, infamie nubilo dilectorum filiorum Fratrum Minorum Ordinis puritas obsuscetur*³³⁶ [Irmãs Menores, que nem sequer diz respeito às Irmãs da Ordem de São Damião, como está escrito em sua regra, ou forma de Vida. Usurpando-o falsamente, ofuscam com a névoa da infâmia a pureza dos diletos filhos da Ordem dos frades menores]. Em resumo, o papa explicava que essas mulheres pediam cartas para fundar mosteiros à Sé apostólica, ocultando a verdade, o papa as chamavam de mulherzinhas, cheias de pecados por dentro mas de santidade por fora, levianas que andavam condenavelmente por toda parte. Desse modo, o papa ordenava a todos os arcebispos e bispos para que não construíssem mosteiros se não com a expressa menção da presente carta e se fossem endereçadas novas cartas à Sé apostólica sob o nome da Ordem de São Damião, por qualquer motivo, mas sem fazerem menção expressa deste documento (*Cum harum rector*), o papa ordenava para que não permitissem nas cidades ou dioceses que se comesçassem ou terminassem a construção de qualquer tipo de mosteiro ou casa, a menos que houvesse o conselho e o consentimento dos ministros provinciais das províncias dos frades menores da Lombardia, da Marca Trevisã ou da Romanha.

A Carta *In divini timore nominis* de 13 de novembro de 1243 de Inocêncio IV foi uma resposta à Inês de Praga que estava preocupada com a necessidade de uma regra franciscana, em que estivesse presente a pobreza que Clara desejava³³⁷. Inês almejava

³³⁵ Idem, p. 94.

³³⁶ A bula *Cum harum rector* de 20 de abril de 1250 de Inocêncio IV dada em Lyon. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 163.

³³⁷ A primeira Carta a Inês de Praga data do ano de 1234. Nesta trecho, Clara exorta a pobreza e continuará insistindo sobre este aspecto fundamental da vida religiosa. “O beata paupertas, quae diligentibus et amplexantibus eam divitias praestat aeternas! O sancta paupertas, quam habentibus et desiderantibus a Deo caelorum regnum promittitur et aeterna gloria vitaeque beata procul dubio exhibetur! O pia paupertas, quam Dominus Iesus Christus, qui caelum terramque regebat et regit, qui dixit etiam et sunt facta, dignatus est prae ceteris amplexari!” OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios...* pp. 383.

viver a proposta de vida de São Francisco, conforme as explicações de Clara. Inês pediu ao papa para que incluísse na nova regra as concessões que Gregório IX havia dado ao seu mosteiro. Essa bula é mais uma resposta das insistências de Inês para ter uma regra mais próxima da Regra bulada de 1223³³⁸.

Conforme os apontamentos de Grundmann, no ano de 1247, Inocêncio IV complicou ainda mais a situação, quando tentou introduzir as mesmas condições a todos os mosteiros da Ordem de São Damião, ele criou uma nova regra e procurou estruturar organicamente os mosteiros em relação aos frades menores. Nos anos que se seguem, na Ordem de São Damião vigorava três normas, a saber: a primeira é a forma de vida de Hugolino, que era a mais seguida e que não acenava aos bens dos conventos e aos cuidados espirituais por parte dos frades menores; a segunda é a forma de vida de Inocêncio IV, ao contrário, impunha aos conventos ter bens e rendas, e encarregava os frades menores dos cuidados espirituais e da visita, sem obrigatoriedade de residirem estavelmente no convento, confiando aos capelães e procuradores as tarefas espirituais e temporais; e a terceira é a forma de vida de São Damião já que a forma de vida de Clara ainda não estava redigida, essa forma de vida de São Damião era seguida pelo mosteiro de São Damião e em alguns outros conventos, na qual proibia o convento de possuir bens e obrigava os franciscanos a viver permanentemente nos mosteiros.³³⁹

A forma de vida de Inocêncio IV é um espelho da evolução ocorrida na Ordem de São Damião, no sentido de definir a norma concreta de vida da comunidade e nas relações com os frades. É o resultado da reformulação da forma de vida de Hugolino, com base nos vários pedidos dos mosteiros, o texto é menos rígido do que anterior em relação ao jejum, vestimentas, comidas. É uma resposta à necessidade que a primitiva *forma vitae* de Hugolino não contemplava. Em geral, tem uma ampliação em relação às irmãs que servem fora do mosteiro, também relativo às conversas, apresentando algumas características da novo *Ordo*, mais detalhista e preciso, por exemplo, sobre as grades que separam as irmãs da capela e através delas as irmãs recebem a comunhão.

³³⁸ A bula *In divini timore nominis* de 13 de novembro de 1243 de Inocêncio IV endereçado à Inês de Praga. No trecho, o papa diz que as Irmãs não tem a obrigação de observar a regra beneditina, reafirmando o que Gregório IX já havia mencionado, mas elas tinham que ser obedientes. “Nulla tamen propter hoc necessitate inducta, ut ipsam teneamini observare: sicut ex eo clare probatur, quod memoratus Praedecessor noster praesente et audiente Venerabili Fratre nostro... Ostiensi Episcopo declaravit, quod Regula ipsa Sorores sui Ordinis non ligat ad aliud nisi ad obedientiam, abdicationem proprii, ac perpetuam castitatem, quae sub alia cujuslibet Religionis existunt; et in quibus consistit meritum consequendi perpetuae felicitatis effectum”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi. Una vita prende forma...*, pp. 148-150.

³³⁹ GRUNDMANN, H. *Movimenti religiosi nel Medioevo...*, p. 224.

Além de apresentar algumas novidades devido ao momento histórico da Ordem de São Damião, tendo a Regra de 1223 como ponto de referência para dar forma jurídica e não a regra beneditina, limitando a obediência, a pobreza individual e a castidade perpétua. Na forma de profissão, faz referimento direto à Regra franciscana, enquanto desaparece os referimentos da figura do cardeal protetor e os mosteiros são submetidos à Ordem dos Menores. As monjas dependem dos frades para usufruir de todos os privilégios concedidos, por exemplo, os ministros podiam dispensar da clausura, confirmavam a eleição da abadessa que é escolhida pelas monjas, davam concessões para a fundação de outros mosteiros, os frades administravam os sacramentos e, entre eles, escolhiam o visitador, o Ofício divino era segundo os costumes dos Menores. Os frades não eram obrigados a residirem no mosteiro, deviam designar um capelão para residir estavelmente no mosteiro.³⁴⁰

Por fim, a novidade da forma de vida de Inocêncio IV diz respeito à propriedade de terras, os mosteiros podiam ter posses, para administrá-las, havia um procurador escolhido que poderia ser removido pelo visitador. Como vimos, o papa tentou resolver a *cura monialium* na Ordem de São Damião com a sua forma de vida. Mas a forma de vida de Inocêncio IV foi na realidade uma passagem, uma resposta aos vários pedidos de anos dos mosteiros damianitas, que não encontrou acolhida, tanto que muitas comunidades preferiram continuar a seguir a *formula vitae* de Hugolino, mas a bula *Quoties a Nobis petitur* de 23 de agosto de 1247, o papa ordenava que fosse seguida a sua forma de vida, que era a correta com base nos vários pedidos dos mosteiros e no consenso da Sé Apostólica.

3.3 Comparação entre a *forma vitae* de Inocêncio IV e a de Clara

Como já mencionamos, após a morte de Gregório IX, a *Ordo Sancti Damiani* encontrava-se novamente com um papa tentando dar unidade aos vários mosteiros. Por isso, no ano de 1247, Inocêncio IV redigiu uma forma de vida substituindo as anteriores, concedendo a possibilidade de os mosteiros terem posses uma questão de fato prática na maior parte dos mosteiros, exceto São Damião e poucos mosteiros diretamente ligados a ele. Essa *forma vitae* de Inocêncio IV³⁴¹ finalizou um itinerário

³⁴⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., pp. 97 e 98.

³⁴¹ A figura deste pontífice é muito conhecida em termos políticos e jurídicos-canonístico, falta um aprofundamento do aspecto histórico religioso e da sua política religiosa, para além da difusão das Ordens

complexo de interpretações para os mosteiros de seguimento franciscano e seu pontificado, eminentemente político, não conseguiu dar unidade, mas acirrou os conflitos com os mosteiros femininos franciscano. Segundo os historiadores,³⁴² a forma de vida de Inocêncio IV motivou Clara a redigir a sua própria *forma vitae*. Inocêncio IV dirigiu-se a toda a Ordem e não somente ao mosteiro de São Damiano a sua *forma vitae*. Na bula *Quoties a Nobis petitur* de 23 de agosto de 1247, Inocêncio IV estabeleceu que todas as abadessas, todas as monjas e todos os mosteiros, inclusive da Ordem de São Damiano, observassem a Regra por ele escrita³⁴³, devido a muitos tipos de dispensa da *forma vitae* de Hugolino, múltiplas interpretações da profissão, várias concessões, ele estabeleceu uma forma de vida que considerava correta. Conforme as palavras do papa, deu uma regra e forma de vida segura, com autoridade do escrito, estabeleceu observar diligentemente em perpétuo a regra e a *forma vivendi* correta, endereçado com bula a todas, anulando as interpretações anteriores e tentando dar homogeneidade ao movimento feminino franciscano.

Nos exemplos que se seguem, optamos pelo uso do itálico para destacar as frases e palavras idênticas, sempre partindo da forma de vida de Clara (1253) para a forma de vida de Inocêncio IV (1247), visto que o fio condutor desta Tese é a normativa clariana. Em negrito, segue a palavra distinta da FvInn para a FvCl, palavra importante na definição. Para fazer a relação da forma de vida de Inocêncio IV (FvInn) com a forma de vida de Clara de Assis (FvCl) utilizamos como referências os textos do livro *Chiara*

mendicantes ou da visão como “protetor e grande amigo do movimento franciscano”. A dimensão política do seu pontificado é centralizada no conflito com o Império em muitas pesquisas. Ver: BAGLIANI, Agostino Paravicini. “Innocenzo IV”. In: *Enciclopedia dei Papi*. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 2000, 2v, pp. 384-393.

³⁴² Citamos aqui alguns exemplos: CASAGRANDE, Giovanna. *Intorno a Chiara*..., p. 81; BARTOLI, M. *Clara de Asís*..., pp. 258-265; ALBERZONI, M. P. *Chiara e il papato*..., pp. 99 e 100; URIBE, F. *L'iter storico della regola di S. Chiara: una prova di fedeltà al Vangelo*..., p. 235; ROTZETTER, A. *Chiara d'Assisi. La prima francescana*..., p. 329; CASAGRANDE, Giovanna. *La Regola di Innocenzo IV*. In: *Convivium Assisiense*. Perugia: Edizioni Porziuncola, 2004, anno VI, gennaio-giugno, pp. 71-82; Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi. Una vita prende forma*..., pp. 98-101; PAOLI, E. *Gli Opuscula di Chiara d'Assisi*. In: MENESTÒ, E.; BRUFANI, S. (org.). *Fontes Franciscani*. Assisi: Porziuncola, 1997, pp. 250-255; DALARUN, Jacques. « Introduction générale ». In : DALARUN, J. e HUËROU, A. Le (org.). *Claire d'Assise. Écrits*, Vies, documents. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013, p. 51; MARINI, Alfonso. *Gli scritti di Santa Chiara e la Regola*..., pp. 115-117.

³⁴³ A bula *Quoties a nobis petitur* de 23 de agosto de 1247: “... quod multae jam, et diversae dispensationum formae factae fuerint circa ipsam, propter quod non una, sed multiplex videbatur professio, duxerimus corrigendam; vobis certam Regulam, ac vivendi formam, de novo largientes, praesentium auctoritate statuimus et Regulam et vivendi formam, de novo correctam quam Universitati vestrae sub bulla nostra dirigimus, tam vos, quam illae, quae vobis successerint, diligenter perpetuis temporibus observetis...”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi. Una vita prende forma*..., p. 162.

*di Assisi e le sue fonti legislative*³⁴⁴ da Federação de Santa Clara de Assis das Clarissas da Úmbria-Sardenha e a tabela proposta por Jacques Dalarun no livro *Claire d'Assise Écrits, Vies, documents*³⁴⁵. Numa comparação minuciosa, é importante observar a estrutura temática de cada trecho comparado, analisando os pontos de aproximações e as diferenças verbais, estruturais e de conteúdo apresentada pelos dois textos. A primeira constatação em relação à comparação dos textos é que a *forma vitae* de 1253 é menor, em relação a *forma vitae* de Inocêncio IV. Em segundo lugar, a forma de vida de 1247 contém doze capítulos e a forma de vida de 1253 igualmente contém doze capítulos. Em termos de número de palavras, a Regra de 1247 é mais extensa, contendo um pouco mais de frases que a *forma vitae* de 1253. Em terceiro lugar, em termos de conteúdo, ambos possuem partes jurídicas idênticas, são normas acompanhadas com algumas instruções sobre o meio de pôr em prática e sobre os erros a evitar. Vale dizer que a Regra de 1247 não foi muito bem aceita pelos diversos mosteiros femininos franciscanos, caiu em desuso depois de 1263, quando saiu a *forma vitae* de Urbano IV.

O capítulo um nos trechos um e dois da FvCI, em comparação com o Prólogo e capítulo um no item um da FvInn, refere-se sobre a forma de vida das Irmãs pobres, o *propositum* da Ordem. Ambos os textos são definidos como forma de vida, na FvCI, a abertura segue a Regra bulada “a forma de vida que São Francisco instituiu”, a FvInn segue em parte a Regra bulada, a *forma vivendi* é “a lei da vida e disciplina” (parte que assinalamos em negrito que se diferencia da FvCI) e trata-se de estabelecer regras a serem observadas com o intuito de alcançar o ideal de perfeição, a FvInn sai do tradicional esquema da *Ordo monasticus* quando coloca como ponto de apoio a Regra de 1223 e não mais a Regra beneditina como fez Hugolino com a sua *forma vitae*. Da Regra não bulada vem o “viver em obediência, sem nada de próprio e em castidade” que está idêntico em ambos os textos, inclusive na mesma ordem das palavras.³⁴⁶

FvCI³⁴⁷

FvInn

1 *Forma vitae ordinis sororum pauperum* Prol. necnon *formam vivendi* praesentibus

³⁴⁴ Chiara di Assisi e le sue fonti legislative. Sinossi cromatica. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003, p. 22-115.

³⁴⁵ DALARUN, Jacques e HUËROU, Armelle Le (org.). *Claire d'Assise. Écrits, Vies, documents*. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013, p. 1035-1042.

³⁴⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., p. 83.

³⁴⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 22 e 23.

quam beatus Franciscus instituit haec est. annotatam, secundum quam specialiter
vivere decrevistis... Quae talis est
1 hanc eas **legem vitae et disciplinae**
2 Domini nostri Ihesu Christi sanctum 1 *vivendo in obedientia, sine proprio et in*
evangelium observare, *vivendo in castitate.*
obedientia, sine proprio et in castitate.

No capítulo dois, item um da FvCl, em confronto com o Prólogo e o capítulo um observamos o tema das irmãs que quisessem aceitar a forma de vida, como determinada à acolhida de uma aspirante na comunidade. A FvCl segue a Regra bulada como texto base, diferencia-se da FvInn em muitos aspectos. A FvInn menciona *divina gratia inspiratione*, contudo a motivação dominante é a *fuga mundi* e não *sequela Christi*, que é o centro da forma de vida de Clara. As diferenças mais acentuadas estão em negrito na FvInn as que “quiserem entrar em vossa religião e nela se manter, precisam e devem observar esta lei de vida e disciplina” na FvCl as que “querendo abraçar esta vida, a abadessa deverá pedir o consentimento de todas as Irmãs”, na FvInn a regra é lei de vida e disciplina e na FvCl a consulta a todas as irmãs é mediado pela abadessa.³⁴⁸

FvCl ³⁴⁹	FvInn
1 Si qua <i>divina inspiratione</i> venerit ad nos volens vitam istam accipere abbatissa sororum omnium consensum requirere teneatur.	Prol. quia <i>divina</i> vobis <i>gratia inspirante</i> per arduam viam et arctam, quae ad vitam ducit, incedere elegistis. 1 Omnes itaque, quae, saeculi vanitate relicta religionem vestram assumere voluerint et tenere, hanc eas legem vitae et disciplinae oportet et convenit observare.

No capítulo dois, excertos cinco e seis da FvCl, em cotejamento com o capítulo um retoma o tema de como as aspirantes devem ser recebidas. Os pontos em comum

³⁴⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., p. 114.

³⁴⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 26 e 27.

nos dois textos estão assinalados em itálico, “não for impedida de observar esta vida pela idade avançada ou alguma enfermidade ou deficiência mental”, essa parte advém da *forma vitae* de Hugolino que são os impedimentos para uma vida monástico-claustral. As diferenças entre os textos estão presentes no trecho em negrito, “pois o estado e o vigor da religião muitas vezes é relaxado ou perturbado por esse tipo de pessoas. Por isso, esse perigo deve ser evitado ao se receberem as pessoas, por diligente cuidado e cautela”, a ideia de cautela é da forma de vida de Inocêncio IV, assim como as durezas e asperezas, mas que devem “observar firmemente” (referida não a fé católica, mas a observância religiosa). O *tenor vitae nostrae* vem da Regra não bulada e na FvCl é um aspecto da identidade da forma de vida das Irmãs pobres a exigência evangélica que pede a expropriação, doando os bens aos pobres, para viver em reclusão.³⁵⁰

FvCl³⁵¹

5 et virum non habet vel si habet et iam religionem intravit auctoritate diocesani episcopi, voto continentiae iam emisso, aetate etiam *longaeva* vel *infirmidade aliqua* seu *fatuitate ad huius vitae observantiam* non impediende.

6 diligenter exponatur ei tenor vitae nostrae.

FvInn

1 Non recipiatur aliqua, quae vel *longiori* aetate vel *infirmidade aliqua seu fatua* simplicitate *ad huius vitae observantiam* minus sufficiens et idonea comprobetur; **per tales enim status et vigor religionis saepius dissolvitur et turbatur. Unde in personis recipiendis diligenti studio et cautela debet huiusmodi occasio devitari.**

1 Omnibus autem hanc religionem assumere cupientibus, et quae fuerint admittendae, priusquam habitum mutent et religionem assumant, dura eis et aspera praedicentur, per quae itur ad Deum.

No capítulo dois, item onze da FvCl, em comparação com os capítulos um e

³⁵⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 119 e 124.

³⁵¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 26-29.

cinco da FvInn, correspondem ao tema da tonsura, a deposição do hábito secular e as vestimentas. Tanto a forma de vida de Hugolino quanto a forma de vida de Inocência IV mencionam a deposição do hábito secular (sinal de abandono do mundo) logo depois do ingresso no mosteiro, enquanto o corte dos cabelos é posto entre os usos da vida monástica e as vestes são descritas num parágrafo à parte, sem conexão com o capítulo da acolhida na comunidade, diferente da FvCl. A FvInn menciona duas túnicas ou até mais dependendo da abadessa, além do cilício e estaménha, o manto, já na FvCl, o número de túnicas são três e um manto. Em ambos, o corte dos cabelos é em formato de círculo, faz parte da acolhida na comunidade, refere-se à entrada na *conversio*, no “fazer a penitência” da escolha da vida religiosa. Na FvInn, existe a diferenciação das cores dos véus, que não tem na FvCl, o véu preto para as professoras, véu branco de igual medida para as noviças. Talvez algo que fosse comum nos mosteiros depois da introdução do ano de prova, na forma de vida de Clara não há esta distinção de véus, nem outros sinais de distinção das noviças.³⁵²

FvCl³⁵³

11 Postea capillis tonsis in rotundum et deposito habitu saeculari, concedat ei tres tunicas et mantellum.

FvInn

5 Capillos suos tondeant in rotundum usque ad aures certis temporibus communiter, nec aliqua de cetero tonsoretur, nisi evidenti infirmitate corporis exigente.

1 Omnes vero ex more intra claustrum receptae, si aetatis intelligibilis fuerint, citius deponant habitum saecularem.

5 Unaquaeque soror, praeter cilicium vel stamineam, si habuerit, duas tunicas vel etiam plures, secundum quod visum fuerit abbatisae, habere valeat, et mantellum longitudinis et latitudinis congruentis

³⁵² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 131-136.

³⁵³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 30 e 31.

No capítulo dois, trecho doze da FvCl, em confronto com o capítulo um da FvInn, que tem por assunto a interdição de sair fora do mosteiro. Na FvInn, a obrigação da observância da clausura é considerada para aquelas que já fizeram profissão depois do ano do noviciado, precisamente, o «fazer penitência» das Irmãs pobres constitui na «forma» claustral no fim do ingresso no mosteiro, de certa forma, está em consonância com a Regra bulada no capítulo dois, já na FvCl a construção do versículo segue em paralelo a forma de vida de Hugolino, que coloca a proibição de sair do mosteiro logo depois da recepção do hábito religioso. A FvInn preve a saída do mosteiro na possibilidade de «reformat algum mosteiro, por questão de governo ou de correção, ou para evitar algum grave dispêndio», que não está presente na FvCl, na FvHug, nem nas regras sem bula e a bulada. A FvHug limita-se a uma possibilidade de saída, a necessidade de transferência para implantar a vida monástica em outro lugar, rigidez que não era adequada, tendo em vista as concessões expedidas e mudanças nas demais formas de vida. Os pontos marcadamente diferentes da FvInn com a FvCl segue em negrito.³⁵⁴

FvCl³⁵⁵

12 Deinceps extra monasterium sine utili, *rationabili*, manifesta et probabili *causa* eidem *exire* non *liceat*.

FvInn

1 Omni namque tempore vitae suae hanc vitam profitentes clausae manere debent; et postquam claustrum huius religionis intraverint aliquae **et professae fuerint, hanc regularem observantiam promittentes**, nulla eis conceditur *licentia* vel facultas inde ulterius *exeundi*, **nisi forte causa plantandi vel aedificandi eandem religionem vel reformandi aliquod monasterium, seu causa regiminis vel correctionis, seu alicuius gravis dispendii devitandi, per licentiam generalis ministri ordinis**

³⁵⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 136-138.

³⁵⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 30 e 31.

fratrum minorum seu provincialis illius provinciae eiusdem ordinis, in qua monasterium situm fuerit, ad aliquem locum aliquae transmittantur. Pro alia etiam pia et *rationabili causa* interdum transferri possint de supradicti dumtaxat licentia generalis.

O capítulo dois nos trechos treze e quatorze da FvCl em cotejamento com os capítulos um e cinco da FvInn refere-se ao tema do ano de provação. Na FvCl, após a observação da clausura, inicia o ano de provação, é uma parte quase literal da Regra bulada e também da substância do *Privilegium paupertatis* emitida por Gregório IX. Na parte de “nenhuma receba o véu durante o ano de provação”, as noviças são proibidas de assumir o véu e receber a consagração da Virgem antes de receber a obediência, reconhecida publicamente como esposa de Cristo. O *nulla infra tempus probationis veletur* está de acordo com o direito canônico.³⁵⁶ Depois de completar um ano na FvInn, a profissão é de prometer a Deus, a Virgem, a Francisco, a todos os santos, a obediência a perpétua, segundo “a regra e forma de vida” (as duas palavras são distintas, juridicamente regra não possui o mesmo significado que forma de vida), viver sem propriedade e em castidade. Os detalhes de ter “um véu preto estendido sobre a cabeça, tão amplo e longo que desça dos dois lados sobre os ombros e por trás ultrapasse um pouco o capuz da túnica” é inexistente na FvCl, na forma de vida de Hugolino, nas regras não bulada e bulada.³⁵⁷

FvCl³⁵⁸

FvInn

13 Finito vero anno probationis, recipiatur 1 Et completo unius anni spatio,

³⁵⁶ Na decretal de Inocêncio III, *Ad apostolicam*, de 23 de novembro de 1198, “si tamen ante tempus probationis regulariter praefinitum is, qui converti desiderat, habitum recipit et professionem emittit, abbatem per se vel per alium professionem recipientem monasticam, et monachalem habitum concedente: uterque renunciare videtur ei, quod pro se noscitur introductum. Ideoque obligatur quidem per professionem emissam pariter et acceptam ad observantiam regularem, et vere monachus est censendus, quia multa fieri prohibentur, quae si facta fuerint, obtinent roboris firmitatem. ”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 141 e 142.

³⁵⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 138-143.

³⁵⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 32 e 33.

ad obedientiam promittens vitam et professionem faciant in hunc modum: Ego formam paupertatis nostrae in *perpetuum* observare.

14 Nulla infra tempus probationis veletur.

talis soror promitto Deo et beatæ Mariæ semper Virgini, beato Francisco et omnibus sanctis, servare *perpetuam* oboedientiam secundum regulam et formam vivendi, a sede apostolica ordini nostro traditam, vivendo toto tempore vitæ meae sine proprio et in castitate.

5 Habeant et nigrum velum extensum super capita... Sorores vero novitiæ album velum tantum eiusdem mensuræ debeant deportare.

A seguir, no capítulo dois, trechos quinze e dezesseis da FvCl, em confronto com o capítulo cinco da FvInn, há registros sobre as vestimentas como o uso de aventais e roupas com descrição, sob a responsabilidade da abadessa em prover de acordo com a temperatura e época do ano. A FvCl segue a linha da Regra bulada com descrições minuciosas do hábito religioso em termos de elementos, formas, medidas e materiais. O uso dos panos estão presentes nas formas de vida de Hugolino e Inocêncio IV, as regras em geral permitem o uso deles e de escapulários ou vestes sem mangas, se calor ou nas regiões frias, podem estar com escapulários, sem capuz, com pano leve e não usar os mantos no verão na FvInn. Na FvCl prevê o uso de “panos curtos”, evitando os incômodos e de acordo com a conveniência do trabalho executado. As palavras *qualitates personarum* advém da forma de vida de Hugolino, está relacionado à medida adequada a cada irmã, a FvInn menciona “largura e comprimento adequados, tamanho e condições de cada uma”.³⁵⁹

FvCl³⁶⁰

FvInn

15 Mantellulas etiam possint sorores habere pro alleviatione et honestate
5 **Habeant et scapularia...** Si tamen illa simul habere voluerint cum mantellis, vel

³⁵⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 144-147.

³⁶⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 32-35.

servitii et laboris.

etiam iacere cum ipsis, minime prohibentur. Possunt et sine ipsis esse aliquando, si visum fuerit abbatissae, cum forte propter calorem nimium, vel aliquid aliud, gravia multum fuerint ad portandum.

16 Abbatissa vero de vestimentis discrete eisdem provideat secundum *qualitates* personarum et loca et tempora et frigidas regiones, sicut necessitati viderit expedire.

5 Habeant et scapularia sine caputio, de levi et religioso panno vel staminea, amplitudinis et longitudinis congruentes, sicut uniuscuiusque *qualitas* exigit vel mensura

No capítulo dois, itens dezenove e vinte da FvCl, em comparação com os capítulos dois e um da FvInn diz respeito à figura da mestra, típico da tradição monástica. Nesta parte da FvCl, o referimento vem da forma de vida de Hugolino, a qual enumera uma série de características da mestra entre elas ser *discretio*, na FvInn, a ação de informar, *eas diligenter informet*, e durante o ano de prova, a mestra instrui as noviças na disciplina regular, *regularibus disciplinis*. Na FvCl, a figura da mestra é um conceito mais amplo, tem a função de instruir as noviças “no santo modo de viver” (*in sancta conversatione*), nos bons costumes, segundo a profissão, deve ter experiência e sabedoria, *de discretioribus*, entre as mais discretas, não considera o ensinar a ler, porque as mais “jovens” entravam no mosteiro na condição de aspirantes a vida penitencial e não como estudantes.³⁶¹

FvCl³⁶²

19 Et tam ipsis quam aliis novitiis abbatissa sollicite *magistram* provideat de *discretioribus* totius monasterii.

FvInn

2 Quod si iuenculae aliquae, vel etiam grandiores, capacis ingenii fuerint, si abbatissae visum fuerit, faciat eas litteras edoceri, *magistram* eis deputans idoneam et *discretam*.

³⁶¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 150-152.

³⁶² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 34 e 35.

20 *quae* in sancta conversatione et 1 Quibus deputetur magistral, *quae eas*
honestis moribus iuxta formam *informet* regularibus disciplinis.
professionis nostrae *eas* diligenter
informet.

No capítulo dois, partes vinte e um e vinte e dois da FvCl, em confronto com os capítulos um e dez da FvInn que tem por tema as irmãs que servem fora do mosteiro. Na FvCl menciona, que todas as irmãs devem “observar para sempre a vida e a forma da nossa pobreza”, a distinção está na relação com o serviço e não se refere à categoria ou à profissão. Quanto ao portar calçados advém da Regra bulada que menciona, mediante a necessidade, já na FvInn, a forma de portar calçados fechados é obrigatório a todas as irmãs que saem do mosteiro, enquanto é facultativo para as outras irmãs que permanecessem no mosteiro. Na forma de vida de Hugolino e na FvInn, é prescrito as *servientes* com os mesmos procedimentos das outras irmãs ao entrar na comunidade.³⁶³.

FvCl³⁶⁴

21 In examinatione et receptione sororum
servientium extra monasterium *servetur*
forma praedicta.

22 *quae* possint portare *calciamenta*.

FvInn

1 Quod etiam *de servientibus* firmiter
modo simili *observetur*

10 *De servientibus sororibus...*
calceamentis honestis, tam ipsae quam
sorores illae, quas aliquando emitti
contigerit pro casibus suprascriptis,
calceatae incedant. Ceteris etiam intus
manentibus, si voluerint, liceat istud idem.

No capítulo dois, trecho vinte e quatro da FvCl, em confronto com o capítulo cinco da FvInn, uma exortação ao uso de vestimentas vis (*vilitas*). Essa exortação advém da Regra não bulada e continua na Regra bulada, as palavras *vestimentis vilibus*

³⁶³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 152-155.

³⁶⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 34-37.

é o oposto de *nobilis*, a escolha deste hábito vil é sinal de pertencimento à comunidade, à escolha da pobreza, sinal de amor e inspiração divina por Cristo pobre. Na FvInn, as roupas devem ser de panos vis, tanto no preço quanto na cor, de acordo com os costumes, na FvCl não tem a menção da cor ou do preço.³⁶⁵

FvCl³⁶⁶

FvInn

24 Et amore sanctissimi et dilectissimi 5 et haec indumenta sint de panno *vili* tam
 pueri pauperculus panniculis involuti in pretio quam colore iuxta diversarum
 praesepio reclinati et sanctissimae matris consuetudinem regionum.
 eius moneo, deprecor et exhortor sorores
 meas ut vestimentis semper *vilibus*
 induantur.

No capítulo três, versículos um e dois da FvCl, em comparação com o capítulo dois, da FvInn refere-se ao ofício divino segundo o costume dos frades menores. Em ambos os textos, as irmãs cantam o ofício divino, conforme a Ordem dos frades menores (*secundum consuetudo fratrum minorum*), seguindo a Regra bulada, reflete uma ligação com a liturgia dos Menores, isso é, da FvInn que a FvCl retoma literalmente, é a forma de vida de Inocêncio IV que primeiro associa o ofício divino ao rito dos franciscanos. Na FvInn, “as irmãs que saibam ler e saibam cantar”, a diferença entre as irmãs letradas e iletradas está em relação às irmãs que sabiam ler e cantar o ofício divino, um dado de fato, enquanto na forma de vida de Hugolino o cantar era uma possibilidade, “as irmãs que saibam ler celebram o ofício segundo a ordem regular, se sabem cantar, podem cantar”. Na FvCl, “as irmãs que saibam ler, leiam sem cantar”, a distinção entre as que sabem ou não ler é funcional, não existe a divisão entre duas categorias. Nas três formas de vida, FvHug, FvInn e FvCl, as irmãs que não saibam ler recitam um número determinado de *Pater noster* distribuído ao longo das horas canônicas. Na FvCl, “podem ter breviários” tem diversas interpretações, vem da Regra bulada, uma trecho polêmico em virtude do alto custo de ter livros e do voto de pobreza,

³⁶⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 156-158.

³⁶⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 36 e 37.

ex quo habere poterunt breviaria refere-se ao uso e posse dos livros litúrgicos, o ofício divino é lido sem canto.³⁶⁷

FvCl³⁶⁸

1 Sorores *litteratae faciant divinum officium secundum consuetudinem fratrum minorum.*

2 ex quo habere poterunt breviaria, *legendo sine cantu.*

FvInn

2 De *divino officio* tam in die quam in nocte Domino persolvendo taliter observetur: quod *eae quae legere et canere noverint, secundum consuetudinem ordinis Fratrum minorum*, cum gravitate tamen et modéstia, officium debent celebrare.

2 quod eae quae *legere et canere noverint*

No capítulo três, versículos quatro e cinco da FvCl, em comparação com o capítulo dois da FvInn refere-se às irmãs iletradas. Os trechos marcados em itálico sobre a permissão em substituir a recitação do ofício divino por um certo número de Pai nossos são quase literais na FvCl e na FvInn. A recitação de um número de *Pater noster* é bastante comum nos costumes monásticos para os laicos que não sabiam ler, essa dependência literária da FvInn e da FvCl vem da Regra não bulada e da Regra bulada. Na FvCl também em relação a recitação do *Pater noster* para os defuntos é em substituição as irmãs que não sabem ler o ofício para os defuntos.³⁶⁹

FvCl³⁷⁰

4 Quae vero *litteras nesciunt dicant viginti quatuor pater noster pro matutino, pro laude V, pro prima vero, tertia, sexta, nona pro qualibet istarum horarum VII,*

FvInn

2 *illitteratae vero dicant vigintiquatuor Pater noster pro matutino, pro laudibus quinque, pro prima, tertia, sexta, et nona, pro qualibet istarum horarum, septem;*

³⁶⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 161-170.

³⁶⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 38 e 39.

³⁶⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 171-176.

³⁷⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 38-41.

pro vesperis autem XII, pro completorio VII.

pro vesperis autem duodecim, pro completorio septem. Qui modus etiam per omnia in officio beatae Mariae Virginis observetur.

5 *Pro defunctis* etiam dicant in vesperis VII pater noster cum requiem aeternam, pro matutino XII.

2 Et orent *pro defunctis*.

No capítulo três, itens oito e nove da FvCl, em confronto com o capítulo quatro da FvInn, relaciona-se ao tema da prática do jejum. Na FvCl, o jejum, em forma contínua, vem da forma de vida de Hugolino, no Natal, podem se alimentar duas vezes, uma festa litúrgica celebrada tipicamente no seguimento franciscano. Já na FvInn o jejum é mais próximo da Regra bulada, o jejum é determinado a partir da festa de Exaltação da Cruz até a festa da Ressureição, nos dias de todos os santos, no Natal, no dia de São Miguel e São Francisco, nas festas de Epifania e Purificação, outras datas estabelecidas pela Igreja, além dos jejuns de sexta-feira, exceto aos domingos.³⁷¹

FvCl³⁷²

8 Omni tempore sorores ieunent.

9 In nativitate vero Domini, quocumque die venerit, bis refici possint.

FvInn

4 Sorores autem et servientes a festo Exaltationis sanctae Crucis usque ad festum Resurrectionis dominicae continuum servente ieunium... Ab advento tamen usque ad Nativitatem Domini, maiori quadragésima, necnon et sexta feria et ieuniis ieunabilibus ab Ecclesia generaliter institutis, ovis, caseo ceterisque lacticiniis non utantur.

4 dominicis diebus, beati Michaelis, beati Francisci, omnium Sanctorum, *Nativitatis Domini* cum duobus immediate

³⁷¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 177-180.

³⁷² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 40 e 41.

sequentibus diebus, necnon Epiphaniae et Purificationis festis exceptis. Verum a Ressurrectione dominica usque ad Exaltationem sanctae Crucis, nisi sexta feria et ieiuniis statutis universaliter ab Ecclesia, minime ieiunare teneantur. Vino quoque et piscibus, ovis, caseo et lacticiniis aliisque pulmentis, licite possint uti.

No capítulo três, itens dez e onze da FvCl, em comparação com o capítulo quatro da FvInn, refere-se à dispensa dos jejuns. Os pontos em comum na FvCl e na FvInn estão na dispensa de adolescentes, fracas e anciãs, na FvCl, a dispensa depende do parecer da abadessa acrescenta-se às irmãs que trabalham fora do mosteiro e, na FvInn, as serventes podem ser dispensadas de alguns jejuns. A frase “*tempore vero manifestae necessitatis non teneantur sorores ieiunio corporali*” (mas em tempo de manifesta necessidade as Irmãs não sejam obrigadas ao jejum corporal) é uma citação direta da Regra bulada, que não está presente na FvInn e nem na Regra não bulada.³⁷³

FvCl³⁷⁴

10 *Cum adolescentulis, debilibus et servientibus extra monasterium, sicut videbitur abbatissae, misericorditer dispensetur.*

FvInn

4 *Cum servientibus tamen sororibus circa ieiunium, praeterquam in advento et quadragesima maiori et sexta feria ac aliis ieiuniis generaliter ab Ecclesia institutis, possit abbatissa misericorditer dispensare. Praefatam autem ieiunii et abstinentiae legem adolescentumlae intra quartumdecimum annum, vel anus seu debiles observare minime teneantur; quibus, secundum earum imbecillitatem,*

³⁷³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 181 e 182.

³⁷⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 42 e 43.

	tam in carnibus quam in necessariis aliis, possit <i>misericorditer</i> provideri.
11 Tempore vero manifestae necessitatis <i>non teneantur</i> sorores <i>ieiunio</i> corporali.	4 Sanae quoque <i>ieiunare non teneantur</i> minutionis suae tempore, extra maiorem quadragessimam et sextam feriam, adventum Domini et ieiunia ab Ecclesia generaliter instituta.

Como adiante veremos, no capítulo três, versículos treze e quatorze da FvCl, em comparação com o capítulo sete da FvInn, há a referência à confissão e à comunhão. O tema da confissão aparece mais vezes na FvInn do que na FvCl, não estabelece uma frequência de confissão e também não tem a preocupação com o valor da prática sacramental. Já, a FvCl é mais precisa sobre a frequência e a modalidade de confissão, a confissão sacramental é importante e muito definida na vida monástica, a confissão à abadessa ou a uma irmã anciã, a comunhão por sete vezes. Na FvInn, a confissão está inserida dentro de temas mais abrangentes, tais como a assistência espiritual e o relacionar com pessoas estranhas, por exemplo, o papel do confessor que não se atreve a entrar no mosteiro por outros motivos, mas, quando alguma irmã quiser falar com ele sobre confissão, deve ouvir pelo locutório e somente aquilo que diz respeito à confissão.³⁷⁵

FvCl ³⁷⁶	FvInn
13 et cavere debent ne alia verba <i>tunc</i> inserant, nisi <i>quae ad confessionem</i> et salutem <i>pertinent</i> animarum.	7 Aliter vero monasterium ingredi non praesumat, sed, cum aliqua sibi de confessione loqui voluerit, per locutorium eam audiat et per illud eidem ipse de iis <i>quae ad confessionem pertinent tunc</i> loquatur.
14 Septem vicibus communicent, videlicet in nativitate Domini, in quinta feria	7 Pro communione autem certis temporibus recipienda

³⁷⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 183-186.

³⁷⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 42-45.

maioris ebdomadae, in resurrectione
Domini, in pentecoste, in assumptione
beatae Virginis, in festo sancti Francisci et
in festo omnium sanctorum.

No capítulo três, do trecho quinze da FvCl, em confronto com o capítulo sete da FvInn refere-se ao tema da comunhão. Na FvCl, o capelão tem a permissão de celebrar dentro da clausura e não na capela externa, esse versículo não tem correspondência com as normativas anteriores. Na FvInn, a comunhão é dada pelo sacerdote comodamente por uma janela pequena com portinha com lâmina de ferro sempre fechada e trancada, de altura adequada do chão, os trechos marcados em negrito mostra as diferenças, no caso, a FvInn não tem correspondência com as Regras não bulada e bulada e nem com a FvHug.³⁷⁷

FvCl ³⁷⁸	FvInn
15 <i>Pro communicandis</i> sanis sororibus vel infirmis capellano intus liceat celebrare.	7 <i>Pro communione</i> autem certis temporibus recipienda, ubi necesse fuerit, fenestra parvula fiat, cum ostiolo de lamina ferrea, sera et clavi semper firmato, per quam calix congrue possit dari et ministrari Domini corporis sacramentum. Et tantum distet a terra, quod sacerdos commode illud ministerium inde valeat exhibere.

No capítulo quatro, versículos um e dois da FvCl, em confronto com o capítulo doze da FvInn, tem por tema a eleição da abadessa. Na FvCl, a eleição da abadessa é conforme o direito canônico e as indicações do IV Concílio de Latrão, a ideia é garantir a legitimidade da eleição, a ênfase está na presença do ministro geral ou provincial da Ordem franciscana a pedido das irmãs, não é um dever por parte da Ordem, diferente da forma de vida de Inocêncio IV. Na FvInn, a liberdade de eleição da abadessa é

³⁷⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 190-192.

³⁷⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 44 e 45.

estabelecida como um direito da comunidade monástica, pertence livremente à comunidade, mas a confirmação ou rejeição é feito pelo ministro geral da Ordem franciscana ou pelo ministro provincial, no caso a regra tem o efeito de jurisdição sobre os mosteiros.³⁷⁹

FvCl³⁸⁰

1 *In electione abbatissae* teneantur sorores formam canonicam observare.

2 Procurent autem ipsae festinanter habere *generalem ministrum* vel *provincialem ordinis* fratrum minorum.

FvInn

12 *Electio* tamen *abbatissae* libere pertineat ad conventum

12 confirmatio vero ipsius et infirmatio fiat per *generalem ministrum*, si aderit in provincia, et in eius absentia per *provincialem* illius provinciae, in qua monasterium fuerit constitutum.

No capítulo quatro, item dezenove da FvCl, em comparação com o capítulo onze da FvInn, refere-se à figura do procurador afim de cuidar dos bens do mosteiro. Na FvCl para contrair dívidas graves é necessário o consenso de todas as irmãs e devido à necessidade se pode ter um vínculo de dependência de pessoa ou de entidade na qual recebeu o empréstimo ou ter ritmos excessivo de trabalhos forçado para pagar a dívida, sem ferir o teor da forma de vida. Na FvCl não há a informação de como se escolhe esse procurador, são as irmãs ou o visitador ou o cardeal protetor. A figura do procurador vem da bula³⁸¹ *Ordinem vestrum* de 1245 de Inocêncio IV na qual o papa estabeleceu que os frades menores poderiam receber dinheiro, o procurador seria a pessoa de confiança para as questões econômicas do mosteiro e porque tinha os instrumentos autênticos para a execução da tarefa. Na FvInn, o texto é muito preciso

³⁷⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 195-199.

³⁸⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 46 e 47.

³⁸¹ Em 13 de dezembro de 1240 Gregório IX permitiu que o convento erguido sobre o túmulo de São Francisco fosse nomeado um procurador. A função do procurador era de colocar atos jurídicos para o convento e ser seu representante em casos de controvérsia. No ano de 1253, Inocêncio IV concedeu ao custódio dispensa geral da proibição do uso de dinheiro contida na Regra de 1223 para a construção e conservação da Basílica de São Francisco em Assis. Em 19 de agosto de 1247 Inocêncio IV permitiu a instituição de procuradores para todas as províncias, mas não ainda para cada convento. Assim perdeu a função do “amigo espiritual” e do núncio estabelecido pela bula *Quo elongati* de Gregório IX, ofícios que vão desaparecendo, sendo substituídos pelo procurador ou síndico na Ordem franciscana. HARDICK, Lothar. “Pobreza, pobre”. In: CAROLI, Ernesto (org.). *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 596.

em relação a figura do procurador, ele pode ser constituído ou removido pelo visitador, a função dele é cuidar das posses, além de ser fiel e prudente.³⁸²

FvCl³⁸³

19 Nullum debitum grave fiat, nisi de communi consensu sororum et manifesta necessitate et hoc per *procuratorem*.

FvInn

11 Pro quibus possessionibus modo debito pertractandis *procurator* unus prudens pariter ac fidelis in singulis monasteriis vestri ordinis habeatur, quandocumque expedire videbitur

No capítulo cinco, versículos um, três e quatro da FvCl, em cotejamento ao capítulo três da FvInn refere-se ao silêncio. Na FvCl, as irmãs observam o silêncio, enquanto na FvInn o silêncio é contínuo e isso vem da *formae vivendi* de Hugolino. Na FvCl, o silêncio é observado com exceção da enfermaria, em que as Irmãs sempre podem falar discretamente, podem falar brevemente e em voz baixa em toda parte. As irmãs podem falar sem a autorização da abadessa. Na FvInn há a dispensa do silêncio na enfermaria, mas as irmãs podem falar somente com a autorização da abadessa. Abaixo marcamos em negrito na FvInn as partes que se distanciam da FvCl.³⁸⁴

FvCl³⁸⁵

1 Ab hora completorii usque ad tertiam sorores *silentium teneant*, exceptis servientibus extra monasterium.

FvInn

3 *Silentium* **continuum sic continue ab omnibus teneatur, ut nec sibi invicem nec alicui alii sine licentia eis loqui liceat.**

3 praeter quam *in infirmaria*, in qua pro recreatione et *servitio infirmarum loqui* discrete semper sororibus liceat.

3 Sorores vero *infirmas* ac *servientes* eisdem, **iuxta dispositionem abbatis**, infirmitatis suae tempore *in infirmitorio loqui* possunt.

³⁸² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 229-231.

³⁸³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 52 e 53.

³⁸⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 238-252.

³⁸⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 58-61.

<p>4 Possint tamen semper et ubique breviter submissa voce quod necesse fuerit insinuare.</p>	<p>3 Attendat tamen sollicite abbatissa, ubi, quando et qualiter sororibus loquendi licentiam largiatur. Omnes autem uti studeant signis religiosis pariter et honestis.</p>
---	---

No capítulo cinco, trechos cinco e seis da FvCl, em comparação com o capítulo três da FvInn, diz respeito ao silêncio no locutório. Na FvCl só é permitido falar no locutório com a autorização da abadessa e quando há permissão para as irmãs falarem que conversem na presença de outras duas irmãs. O uso do verbo em negativo *non liceat* se difere das fontes legislativas que mencionam de forma positiva a conversa no locutório, como a forma de vida de Hugolino ou a forma de vida de Inocência. O *locutorium* é um dos elementos típicos da estrutura claustral do início do século XIII. Na FvInn a comunicação com pessoa externa é possível, quando alguém externo quisesse falar com alguma das irmãs deveria solicitar permissão à abadessa, após a permissão poderia ir ao locutório e na presença de ao menos (*ad minus* vem da FvHug) duas outras irmãs poderiam conversar.³⁸⁶

FvCl ³⁸⁷	FvInn
<p>5 Non liceat <i>sororibus loqui ad locutorium</i> vel ad cratem sine licentia <i>abbatissae</i> vel eius vicariae.</p>	<p>3 Sane quando aliqua persona religiosa seu saecularis vel cuiuslibet dignitatis alicui <i>de sororibus loqui</i> petierit, nuntietur primitus <i>abbatissae</i>; et si ipsa concesserit, accedens <i>ad locutorium</i>.</p>
<p>6 Et licentiatæ ad locutorium loqui non audeant, nisi praesentibus et <i>audientibus duabus</i> sororibus.</p>	<p>3 <i>duas</i> alias ad minus habeat semper secum, quibus iusserit abbatissa, quae loquentem videant et <i>audire</i> valeant quae dicuntur.</p>

A seguir, no capítulo cinco, versículos sete e oito da FvCl, em confronto com os

³⁸⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 253-257.

³⁸⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 60-63.

capítulos sete e três da FvInn, há a referência aos temas da clausura, das grades e do silêncio. Na reclusão a comunicação com a igreja servia exclusivamente para a prática litúrgica e não para o encontro com pessoas externas. A grade da Igreja é um elemento de grande relevo na estrutura claustral, *ad cratem vero accedere non praesumant*, tem um tom mais severo em relação ao silêncio. As restrições da FvCl abaixo selecionadas remotam a dependência literária da forma de vida de Hugolino. Na FvCl o falar entre as grades são raras e sempre com a presença de três irmãs das oito discretas que formavam o conselho da abadessa, a norma vale para a abadessa e a sua vigária, segue o princípio de igualdade entre a abadessa e as suas coirmãs que vem da *forma vitae* de Hugolino. Na FvInn o falar entre as grades deveria ser raro “por causa razoável e necessária”, com concedimento. A expressão *legem loquendi* (norma de falar) da FvInn transforma-se em *formam loquendi* (forma de falar) na FvCl e é vista não como uma lei, mas uma forma, um modo de falar ou um modo de comportamento. Os trechos assinalados em negrito da FvInn tem correspondência idêntica com a forma de vida de Hugolino.³⁸⁸

FvCl³⁸⁹

7 Ad *cratem* vero accedere non praesumant, nisi praesentibus tribus ad minus per abbatissam vel eius vicariam assignatis de illis octo discretis, quae sunt electae ab omnibus sororibus pro consilio abbatissae.

8 *Hanc formam loquendi* teneantur pro se *abbatissa* et eius vicaria observare.

FvInn

7 Et nemo alias per dictam *cratem* loquatur, **nisi forte aliquando, causa rationabili vel necessaria exigente**, alicui raro fuerit concedendum.

3 *Hanc autem loquendi legem* et ipsa *abbatissa* diligenter custodiat, **ut omnis omnino materia detractationis omnibus auferatur**, excepto quod cum sororibus suis horis et locis competentibus loqui potest, sicut ei secundum Deum visum fuerit expedire.

³⁸⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 258-261.

³⁸⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 62 e 63.

No capítulo cinco, itens nove e dez da FvCl, em comparação com o capítulo sete da FvInn, ainda diz respeito às grades do mosteiro. Nos trechos abaixo selecionados, as diferenças estão relacionadas aos detalhes descritivos, seja na finalidade do pano de linho preto da FvInn ou pela remoção do pano em virtude da pregação da palavra de Deus na FvCl. Na FvInn a separação entre o oratório e a igreja é obrigatório mediante uma parede que divide as irmãs da capela com uma grade de ferro, na qual se aplica, por dentro, um pano de linho preto, de maneira que ninguém possa ver coisa alguma na parte de fora, essa forma de separação pertence à tradição das reclusões, masculinas e femininas. Na FvCl a forma de separação claustral com a grade e uso de pano corresponde a uma forma de impedir a visibilidade direta do que acontece na capela, por exemplo, a estrutura da igreja de São Damião tem essa disposição, a remoção do pano não é para ver a pregação, porque a missa na qual se faz a comunhão poderia ser celebrada no interior da clausura.³⁹⁰

FvCl ³⁹¹	FvInn
9 Et hoc de <i>crate rarissime</i> . Ad portam vero nullatenus fiat.	7 per dictam <i>cratem</i> ... alicui <i>raro</i> fuerit concedendum.
10 <i>Ad quam cratem pannus interius apponatur</i> , qui non removeatur nisi cum proponitur verbum Dei vel aliqua alicui loqueretur.	7 Volumus etiam, ut in muro, qui sorores dividit a capella, congruentes formae <i>cratis</i> ferrea collocetur, cui <i>crati pannus niger lineus interius</i> taliter <i>apponatur</i> , ut nulla inde valeat exterius aliquid intueri.

Mais adiante o capítulo cinco, versículos onze, doze e treze da FvCl em confronto com o capítulo sete da FvInn refere-se a clausura. Na FvCl a descrição das grades é bastante detalhada “uma porta de madeira, bem defendida (*optime communitium*) por duas fechaduras de ferro diferentes, ferrolhos e trancas, para que sejam fechadas, máximo de noite, com duas chaves, uma das quais ficará com a abadessa, e a outra com a sacristã. E fique sempre fechada, menos quando se ouve o

³⁹⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 261 e 262.

³⁹¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 62 e 63.

ofício divino...”, alguns destes detalhes são próprios da FvCl e não tem correspondência com as demais regras e as formas de vida papais, por exemplo, o uso de duas chaves; a abadessa não tem o poder absoluto na custódia da clausura porque ela divide com a sacristã que tem uma função importante; *optime communitium* significa a atribuição da grade da capela com a mesma importância da porta principal. Na FvInn também a descrição das grades é bastante detalhada e contém elementos próprios de Inocêncio IV, em alguns aspectos não tem correspondência com a forma de vida de Hugolino, por exemplo, as portas dos lados das irmãs devem estar sempre fechadas a não ser quando se celebra o Ofício.³⁹²

FvCl³⁹³

11 *Habeat etiam hostium ligneum* duabus
diversis *seris ferreis*, valvis et vectibus
optime communitium.

12 *ut in nocte maxime* duabus *clavibus*
obseretur, quarum unam habeat abbatissa,
aliam vero sacrista.

13 *et maneat semper* obseratum, *nisi cum*
auditur divinum officium et pro causis
superius memoratis.

FvInn

7 *Habeat et ostia lignea* ex parte sororum
cum *seris ferreis*.

7 *atque clavis*.

7 *ut maneant semper* clausa pariter et
firmata, et non aperiantur *nisi cum*
divinum celebratur *officium*, vel ad
audiendum aliquando verbum Dei,
proponendum sibi exterius in capella per
idoneam et honestam personam.

No capítulo cinco, versículos quinze e dezessete, em comparação com os capítulos nove e sete da FvInn, há ainda em relação ao locutório. Segundo Engelbert Grau, o termo locutório tem por tradução “grade para falar ou abertura para falar”. Na FvCl a exigência de que o pano não deve ser removido, a não ser para se confessar ou por necessidade revela a visão da legislação eclesiástica da época sobre a mulher em relação a sua fragilidade tendente ao pecado, a necessidade da clausura para

³⁹² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 263 e 264.

³⁹³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 64 e 65.

salvaguardar a castidade das mulheres consagradas. Na FvInn a descrição detalhada do material do locutório “uma lâmina de ferro de tamanho adequado, com buracinhos pequenos, e tão bem presa com pregos que nunca possa ser aberta” demonstra como a separação claustral é um tema de absoluta prescrição para Inocência IV.³⁹⁴

FvCl³⁹⁵

FvInn

15 Ad locutorium vero semper pannus qui non removeatur *interius* maneat.

9 Ipsum vero locutorium sit congruae quantitatis de lamina ferrea subtiliter perforata et taliter clavis fortibus coaptata, quod nunquam valeat aperiri; cui *pannus* niger lineus *interius* taliter apponatur, quod nec ipsae videre extra valeant nec videri.

17 nisi sacerdoti causa confessionalis vel alterius manifestae necessitatis, quod reservetur in providentia abbatissae vel eius vicariae.

7 cum aliqua sibi de confessione loqui voluerit, per locutorium eam audiat et per illud eidem ipse de iis quae ad confessionem pertinente tunc loquatur.

No capítulo seis, excerto doze da FvCl, em cotejamento com o capítulo onze da FvInn diz respeito a concepção de pobreza. A maior parte do capítulo seis da FvCl corresponde as criações *ex novo* de Clara e é uma resposta as mitigações da FvInn que concedeu posses e rendas aos mosteiros da Ordem de São Damião e comprometeu completamente a pobreza franciscana, representa um retorno ao espírito de Francisco. Como adiante veremos a FvCl proíbe de “aceitar ou ter posse ou propriedade nem por si, nem por pessoa intermediária”, a palavra *videlicet*, “isto é” explica em termos jurídicos o conteúdo material da santa pobreza. Aqui a pobreza material é a “forma” de viver o Evangelho, um teste humilde e quotidiano de estado de espírito ou um ideal num grau elevado de abstração numa época em que a burguesia emergente dominava o ambiente citadino. A *forma vitae* de Clara distingue a *possessio* e a *proprietas*, usa os verbos *habere* (presente) e *recipere* (futuro) que poderia alcançar o mosteiro mediante

³⁹⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 265-268.

³⁹⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 64-67.

doações ou legados testamentários, exclui categoricamente os artifícios jurídicos com os quais as irmãs poderiam ter legítima propriedade descartando o título de proprietárias. As palavras *interpositam personam* das Regras não bulada e bulada exclui cada procedimento jurídico pelos quais o mosteiro poderia entrar em *possessio* de bens através de intermediários (procuradores, síndacos, tesoureiros). Na FvInn introduz uma atenuação da pobreza nas palavras é “lícito receber e ter em comum rendas e posses, retendo-as livremente”, também acrescenta a figura de um procurador que cuidava das posses, essa parte provocou uma repercussão negativa nos mosteiros da Ordem de São Damião.³⁹⁶

FvCl³⁹⁷

12 videlicet in non recipiendo vel habendo possessionem vel proprietatem per se neque per interpositam personam.

FvInn

11 Ad haec, liceat vobis in communi redditus et possessiones recipere et habere ac ea libere retinere.

No capítulo sete, trecho um da FvCl em confronto com o capítulo dois da FvInn tem por tema o modo de trabalhar. Para a FvCl, o itinerário evangélico da escolha da pobreza inclui o trabalho manual que vem das Regras não bulada e bulada, visto como uma das principais implicações do seguir Cristo pobre, o trabalho é “graça” (*gratiam*), algo positivo na harmonia da forma de vida evangélica franciscana, na comunidade das irmãs a distinção se fundamenta nas qualidades pessoais em vista do mútuo serviço e do bem comum. O trabalho como “graça” tem por finalidade “a exclusão do ócio” como “inimigo da alma” (ideia tradicional beneditina e monástica), “o necessário para o corpo”, é “graça” quando é alegria, trabalhar para dar exemplo, o que se traduz na prática do ideal de vida³⁹⁸. Na frase “as irmãs a quem o Senhor deu a graça de trabalhar trabalhem” está dentro de uma realidade positiva no pensamento franciscano que enumeramos acima. As palavras *post horam tertiae* (“após a terceira hora”) determina o horário de trabalho que é necessário para uma estrutura estável de mosteiro (a fonte é o capítulo quarenta e oito da regra beneditina). Na FvInn não há horas precisas de trabalho, limita-se a um genérico “*horis statutis*” que leva a pensar em costumes para a

³⁹⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 303-306.

³⁹⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 72 e 73.

³⁹⁸ BERTINATO, P. “Trabalho, operar, agir”. In: CAROLI, Ernesto (org.). *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 748-753.

divisão da jornada que faz implícito referimento. As palavras *utilibus et honestis laboribus* refere-se ao objeto de trabalho e a sua qualidade, um trabalho que se atribui a honestidade, a qualidade de *utilitas* do trabalho para o bem comum.³⁹⁹

FvCl⁴⁰⁰

FvInn

1 *Sorores* quibus dedit Dominus gratiam 2 *Sorores* vero horis statutis, prout laborandi post horam tertiae laborent et de ordinatum fuerit, *utilibus et honestis laborerio* quod pertinet ad *honestatem et laboribus* occupentur.
communem *utilitatem*, fideliter et devote.

No capítulo oito, item doze e dezessete da FvCl, em comparação com o capítulo quatro e cinco da FvInn, há referência ao cuidado das irmãs doentes. O cuidado das irmãs enfermas é um tema presente nas regras monásticas, na regra beneditina. Na FvInn a palavra *de infirmis* transforma-se em *de infirmis sororibus* na FvCl, em ambos os textos as partes em itálico correspondem a forma de vida de Hugolino que foram incorporadas. Na forma de vida de Clara, a responsabilidade pelas doentes é da abadessa e ela deve providenciar o necessário para a cuidado das doentes, já na FvInn o cuidado das doentes diz respeito a todas as irmãs e prevê um lugar separado das sadias para não perturbar o repouso, as partes em negrito corresponde a forma de vida de Hugolino (ter colchão de palha e travesseiro de penas para as doentes) que a FvInn incorporou. Outra diferença está no travesseiro de palha ou de lã ou de penas para todas as irmãs na FvInn, para o travesseiro de penas apenas para as doentes na FvCl.⁴⁰¹

FvCl⁴⁰²

FvInn

12 *De infirmis* sororibus tam in consiliis 4 *De infirmis* vero cura et diligentia quam in cibariis et aliis necessariis quae máxima habeatur, et secundum quod earum requirit infirmitas teneatur firmiter possibile fuerit et decuerit, *tam in cibariis*, abbatissa sollicite per se et alias sorores quae earum requirit infirmitas, quam in

³⁹⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 311-323.

⁴⁰⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 74 e 75.

⁴⁰¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 363-370.

⁴⁰² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 80-83.

inquirere.

*aliis necessariis, in fervore caritatis
benigne ac sollicite eis per omnia
serviatur. Quae infirmae proprium habeant
locum si unquam fieri potest, ubi a sanis
maneant separatae, ne illarum ordinem
et quietem confundere valeant vel
turbare.*

17 Quae infirmae in *saccis cum paleis*
iaceant et habeant ad caput capitalia cum
pluma.

5 **Liceat autem unicuique habere
*sacconem de palea vel de feno, et
cervical cum panno lineo supposito,
quod de feno seu palea aut lana, seu
etiam pluma, esse poterit, iuxta quod
abbatissa iudicaverit faciendum.***

No capítulo oitavo, versículos dezoito e dezenove da FvCl, em comparação com os capítulos cinco, três e seis da FvInn ainda reporta às irmãs doentes. Na FvCl, percebemos que não são incorporadas as mitigações de Inocêncio IV, que concedia a todas as irmãs um colchão de palha ou de feno. Nesta parte a FvCl, é distante da forma de vida de Hugolino e de Inocêncio IV, porque as irmãs doentes podiam receber visitas de alguém que entrasse no mosteiro e podiam falar brevemente a sós, na FvHug poderiam falar entre si com três irmãs juntas e na FvInn se a irmã doente fosse falar com o sacerdote era preciso ter duas irmãs sentadas. As partes em negrito que assinalamos abaixo na FvInn, estão mais próximas da forma de vida de Hugolino, são elas, a saber, “ter acolchoados”; “isso seja firmemente observado por todas, de tal maneira que...”; “mas nenhuma irmã, doente ou sadia, converse absolutamente com alguém, a não ser da maneira dita anteriormente”.⁴⁰³

FvCl⁴⁰⁴

FvInn

18 et quae indigente pedulis laneis et
culcitris uti possint.

5 **Habeant etiam honesta coopertoria
lanea, sive culcitrae religiosas, cum**

⁴⁰³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 369-372.

⁴⁰⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 82 e 83.

19 *Infirmæ vero prædictæ cum ab introeuntibus monasterium visitantur, possint sigulæ aliqua bona verba sibi loquentibus breviter respondere.*

lanea habere nequiverint congruenter.

3 Hoc autem firmiter observetur ab omnibus, ut, quando de confessione sacerdote interius infirma fuerit aliqua locutura, non loquatur nisi ad minus duabus non longe sedentibus, quæ confitentem et confessorem videre possint, ab eisdem pariter et videri.

6 Nulla tamen omnino loquatur cum aliquo, nisi prædicto modo, sive infirma fuerit sive sana.

Como veremos a seguir no capítulo nove, trechos onze e doze da FvCl, em confronto com o capítulo dez da FvInn, tem por tema as irmãs que servem fora do mosteiro. Na FvCl a primeira admoestação para quem serve fora do mosteiro é “não se ausentem por muito tempo, a não ser que o exija uma manifesta necessidade”, preocupação constante na forma de vida de Clara, ou seja, para fazer o seu trabalho no tempo estritamente necessário. Na FvInn as irmãs *servientes* “não são obrigadas a ficar sempre fechadas” como as outras, não podem sair da clausura sem licença especial, com prazo determinado para voltar. Em ambos os textos, a recomendação é no modo de caminhar de forma honesta e falar pouco porque é o silêncio que deve falar.⁴⁰⁵

FvCl⁴⁰⁶

11 *Sorores servientes extra monasterium longam moram non faciant, nisi causa manifestæ necessitatis requirat.*

FvInn

10 *De servientibus sororibus, quæ semper manere clausæ sicut aliae non tenentur districtius volumus observari, ut sine licentia nulla claustrum egrediatur, et quæ emittuntur, honestæ sint et convenientis ætatis... Egredientibus vero assignetur certus terminus redeundi; nec*

⁴⁰⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 400-404.

⁴⁰⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 88-91.

	alicui ipsarum concedatur <i>extra</i> <i>monasterium</i> sine speciali licentia comedere, bibere vel dormire
12 et <i>honeste</i> debeant ambulare et parum loqui, ut <i>aedificari</i> semper <i>valeant</i> <i>intuentes</i> .	10 Et <i>quandiu</i> <i>extra</i> fuerint, taliter studeant se habere, quod de conversatione <i>honeste</i> ipsarum <i>aedificari</i> <i>valeant</i> <i>intuentes</i> .

No capítulo nove, versículos treze, quatorze e quinze da FvCl em comparação com os capítulos dez e onze da FvInn, referem-se ao comportamento das irmãs que servem fora do mosteiro. Na FvInn dá atenção ao desviar-se de lugares suspeitos, ou de ter familiaridades com pessoas de má fama, já na FvCl não há esta distinção, devem guardar de não “ter relacionamentos ou encontros suspeitos com alguém”. Na FvInn as irmãs que servem fora do mosteiro “não contem às irmãs as coisas seculares ou inúteis que possam dissipá-las ou perturbá-las”, já na FvCl as palavras *rumores de saeculo* (“trazer os boatos do mundo”) é expressivo e remete ao silêncio, a necessidade de esvaziar a mente, de manter a discrição, ser prudente. Por fim, na FvCl a prescrição “nem se façam comadres de homens ou de mulheres, para que isso não dê ocasião para murmuração ou perturbação” porque fazer o batismo significa estabelecer um vínculo de parentesco espiritual, além do costume dos beijos entre padrinho e madrinha o que poderia representar um perigo a castidade e ser um motivo de escândalo (*scandalum in murmuratio vel turbatio*).⁴⁰⁷

FvCl ⁴⁰⁸	FvInn
13 Et firmiter <i>caveant</i> ne <i>habeant</i> <i>suspecta</i> consortia vel consilia aliquorum.	10 Et sollicite <i>caveant</i> , ne ad loca <i>suspecta</i> divertant, vel cum personis malae famae familiaritatem <i>habeant</i> .
14 <i>nec fiant</i> commatres <i>virorum</i> vel <i>mulierum</i> , ne <i>hac occasione</i> murmuratio vel turbatio <i>oriatur</i> .	11,3 <i>nec fiant</i> compatres <i>virorum</i> vel <i>mulierum</i> nec <i>hac occasione</i> inter fratres vel de fratribus scandalum <i>oriatur</i> .

⁴⁰⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 404-408.

⁴⁰⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 90 e 91.

<p>15 <i>nec praesumant rumores de saeculo referre in monasterio.</i></p>	<p>10 <i>nec in suo reditu saecularia vel inutilia sororibus referant, per quae dissolvi valeant vel turbari.</i></p>
---	---

O capítulo nove, trechos dezessete e dezoito da FvCl, em comparação com o capítulo dez da FvInn, faz referência à penitência. Em relação às irmãs que servem fora do mosteiro, a FvCl é bastante detalhista e severa, prevê a punição para uma culpa não grave, o uso do advérbio *simpliciter* para os pontos de simplicidade, com os quais a abadessa decide a penitência, ou seja, tem distinções para cada situação. As palavras *consuetudine vitiosa* (“ter o mal costume de fazer isso”) a abadessa impõe uma penitência com o conselho das discretas, de acordo com o grau da culpa. Na FvInn as partes selecionadas não têm correspondência com a forma de vida de Hugolino, nem com as regras não bulada ou bulada, o trecho diz que não é permitido sair sem licença especial, nem comer, nem beber ou nem dormir fora do mosteiro, nem separar-se umas das outras ou falar com alguém em segredo, ou entrar na casa do capelão do mosteiro ou dos conversos ou irmãos que lá morem.⁴⁰⁹

FvCl ⁴¹⁰	FvInn
<p>17 <i>Quod si aliqua simpliciter in hiis duobus offenderit, sit in providentia abbatisae misericorditer poenitentiam sibi iniungere.</i></p>	<p>10 <i>Quod si aliqua contrarium fecerit, graviter puniatur.</i></p>
<p>18 <i>Si autem ex consuetudine vitiosa haberet, iuxta qualitatem culpaе abbatisa de consilio discretarum illi poenitentiam iniungat.</i></p>	<p>10 <i>nec alicui ipsarum concedatur... ab invicem separari vel loqui alicui in secreto, seu capellani monasterii vel conversorum aut fratrum ibidem morantium domicilium introire. Quod si aliqua contrarium fecerit, graviter puniatur.</i></p>

⁴⁰⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 408-410.

⁴¹⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 90-93.

No capítulo dez, item oito da FvCl, em confronto com o capítulo dois da FvInn, conta orientações às irmãs que não sabem ler. A FvInn segue a forma de vida de Hugolino de forma idêntica em todas as palavras e diz que se as irmãs jovens ou mesmo as mais velhas tiverem capacidade, dependendo da autorização da abadessa, podem aprender a ler, ser instruídas nas letras, já na FvCl segue a linha do capítulo dez da Regra bulada, a admoestação é se as irmãs “não sabem letras que não procurem aprendê-las”. As palavras da FvCl precisam ser contextualizadas no âmbito de sua fonte, na Regra bulada, os irmãos que não sabem ler, não se preocupem em aprender, significa pensar no modo de entrar na relação do saber na época, adquirir o saber de forma utilitarista e “carnal” através do estudo para si, esquecendo o saber “espiritual”, essa distinção do saber a primeira para a soberba e vanglória ou a segunda para a humildade, paciência, simplicidade e a paz. Diferente da tradição monástica centrada nos estudos, o pensamento franciscano de seguir Cristo pobre no saber ler não tem a mesma importância que para outras regras monásticas, pelo menos naquele momento redacional. Na FvCl não há valorização de quem sabe ler ou menosprezo de quem não sabe, as irmãs letradas ou iletradas estão no mesmo nível.⁴¹¹

FvCl⁴¹²

8 Et nescientes litteras non curent litteras
discere.

FvInn

2 si abbatissae visum fuerit, faciat eas
litteras edoceri.

No capítulo onze, nos versículos um e dois da FvCl, em comparação com o capítulo nove da FvInn, consta a observância da clausura em relação ao papel da porteira. Na FvCl a porteira tem como responsabilidade a porta, chamada de *hostiaria*, um termo incomum nas outras regras monásticas, é um ofício importante nas legislações monásticas. A função da porteira deve ser *matura moribus, discreta e convenientis aetatis* (de comportamento madura, discreta e de idade conveniente), na FvInn a porteira também deve ter a qualidade de ser diligente (*diligens*), sentido de cuidado e de zelo. Na FvInn e na forma de vida de Hugolino a porteira/irmã deve temer a Deus e ter diligência, a FvCl opta pela omissão destes termos. Na FvCl as palavras *cellula aperta sine hostio in die* (aberta e sem porta durante o dia) significa que a porteira durante o dia

⁴¹¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 431-435.

⁴¹² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 96 e 97.

permanece na porta do mosteiro numa cela aberta, visível e pequena para se comunicar de modo discreto com o mundo externo, entretanto o diminutivo de *cella* usado por Clara, é empregado no sentido de lugar pequeno como sinônimo do espaço onde os eremitas dormem, igual a *cella*, essa norma é inexistente na FvInn e na FvHug. A descrição da companheira da porteira é igual na FvCl e na FvInn, vem da forma de vida de Hugolino, a companheira é idônea e pode substituí-la em tudo. As frases marcadas em negrito vêm do capítulo treze da *forma vitae* de Hugolino e estão idênticas em todas as palavras na FvInn, a saber, “Seja-lhe destinada como companheira uma outra igualmente idônea, que possa fazer suas vezes em tudo, quando ela estiver ocupada ou impedida por algum outro afazer ou causa razoável”.⁴¹³

FvCl⁴¹⁴

1 Hostiaria *sit matura moribus et discreta sitque convenientis aetatis*, quae ibidem in cellula aperta sine hostio in die resideat.

2 *Sit ei et aliqua socia idonea assignata quae cum necesse fuerit eius vicem in omnibus exsequatur.*

FvInn

9 Ad praedictum autem ostium custodiendum aliqua talis ex sororibus deputetur, quae Deum timeat, quae *sit matura moribus, sit diligens et discreta, sitque convenientis aetatis*

9 ***Sit et alia aequae idoneae ei socia deputata, quae eius vicem in omnibus exsequatur, cum ipsa aliqua rationabili causa vel occupatione necessaria occupata fuerit ac detenta.***

No capítulo onze nos versículos três e quatro da FvCl em confronto com o capítulo nove da FvInn há orientações sobre a porta de ingresso no mosteiro. De forma mais completa na FvInn a porta “nunca fica aberta sem guarda, e nem mesmo fechada, a não ser firmemente trancada com uma chave de dia e duas de noite”, já na FvCl a porta “principalmente de noite, fica fechada com duas chaves, uma das quais esteja com a porteira e a outra com a abadessa”. Assim, a irmã que tem a função de porteira permanece *in die* no seu ofício com a porta fechada com uma chave, a chave da

⁴¹³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 445-451.

⁴¹⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 100 e 101.

porteira/custódia, porque *in nocte* (durante a noite) a porta é fechada com duas chaves, sendo que uma das chaves é da abadessa e a outra é da porteira que leva a chave para o dormitório comum. Na FvHug não faz nenhuma diferença sobre o dia ou a noite em relação a custódia da porta. Como mencionamos, na FvInn as medidas de segurança são mais estreitas e de maior cautela, com mais precauções e detalhes, por exemplo, na *forma vitae* de Hugolino a porteira só abre com a chave de modo que a porta só é aberta na sua presença, já na FvCl não há menção sobre isso e na FvInn a porta só é aberta quando a companheira estiver sabendo disso.⁴¹⁵

FvCl⁴¹⁶

3 *Sit autem hostium diversis duabus seris ferreis, valvis et vectibus optime communitum.*

4 *ut in nocte maxime duabus clavibus obseretur, quarum unam habeat portanaria, aliam abbatissa.*

FvInn

9 *Sit autem ostium seris ferreis cum valvis et repagulis optime communitum.*

9 *quae unam ipsius ostii clavem sic diligenter custodiat, ut nunquam ea vel eius socia ignorante ostium aliquando valeat aperiri; reliquam vero clavem diversam ab alia custodiat abbatissa.*

9 *et in nocte duabus sit firmiter obseratum.*

No capítulo onze, nos versículos cinco e seis da FvCl, em comparação com o capítulo nove da FvInn, ainda há a referência à porta de ingresso no mosteiro. A FvCl parece ser mais exigente em relação ao cuidado com a porta de entrada no mosteiro “E durante o dia não se deixe jamais sem guarda e seja fechada seguramente com uma chave”, isso vem da FvInn a porta aberta ou fechada, permanece trancada com guarda, que por sua vez retirou da forma de vida de Hugolino, de dia a porta não deve ser deixada sem custódia principalmente se for abrir. A descrição de duas fechaduras diferentes de ferro, por trancas e trincos para a segurança da porta, assim como as grades são típicas das legislações claustrais do século XIII, cada um tem as suas formas

⁴¹⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 451-455.

⁴¹⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 100 e 101.

materiais de defender a porta, em cada legislação as restrições no contato das monjas com o mundo externo é diferente, aqui observamos semelhanças em alguns pontos devido à referência condutora desta Tese ser a forma de vida de Clara, então, logicamente, enumeramos as dependências literárias que ela utilizou na confecção da sua normativa. O versículo seis da FvCl completa a norma sobre a custódia da porta, “a porta nunca fique aberta, a não ser o mínimo possível, segundo a conveniência”, a expressão de FvInn *nisi tantum quantum minus* (a não ser o mínimo que for possível) para *nisi quanto minus* (menos tempo possível) na FvCl, isso não muda o conteúdo, é uma reelaboração do trecho, enfim, a porta deve ser deixada aberta por um menor tempo possível, se trata também de um tempo necessário.⁴¹⁷

FvCl⁴¹⁸

5 *et in die sine custodia minime dimittatur et una clave firmiter obseretur.*

6 *Caveant autem studiosissime et procurent ne unquam hostium stet apertum, nisi quanto minus fieri poterit congruenter.*

FvInn

9 *et sine custodia apertum minime dimittatur, nec etiam clausum, nisi una clavi in die et in nocte duabus, sit firmiter obseratum.*

9 *Caveant autem studiosissime et procurent, ne unquam ostium stet apertum, nisi tantum quantum minus fieri poterit congruenter.*

No capítulo onze, no item sete da FvCl, em cotejamento com os capítulos nove e seis da FvInn, consta a norma sobre a entrada no mosteiro. Depois da parte sobre a porteira e a custódia da porta, o versículo sete corresponde à entrada de pessoas estranhas ao mosteiro, a porteira antes de abrir deve certificar que a pessoa tenha uma autorização do papa ou do cardeal protetor. A recomendação na FvCl é “não se abra absolutamente a quem quiser entrar”. A situação jurídica de São Damião, no momento da escrita da *forma vitae*, era a seguinte: o papa concedia a permissão para a entrada no mosteiro e o mesmo cardeal protetor da Ordem dos Menores tinha o poder de conceder as permissões de entrada na clausura, não há menção dos ministro geral e ministros

⁴¹⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 451-455.

⁴¹⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 100-103.

provinciais na FvCI, nesta forma de vida há a prova de que existia uma dependência jurídica de São Damião diretamente da Sé apostólica, na qual tinha a figura do cardeal protetor como o representante da Igreja no mosteiro e não os superiores da Ordem franciscana. A FvInn informa que a porta “não seja imediatamente aberta a qualquer um que bata [...] a não ser alguém a quem se deva abrir”, também a recomendação de ter somente uma porta de entrada no mosteiro, mas aqui a situação é outra, porque no capítulo seis diz que “não seja absolutamente permitido a ninguém, a não ser àqueles a quem for concedido pela Sé apostólica ou pelo ministro geral ou provinciais da Ordem dos Frades menores, em cujas províncias os mosteiros estão situados”, na FvInn há uma dependência jurídica de São Damião diretamente da Sé apostólica, porque o papa autoriza a entrada no mosteiro mas não o cardeal protetor, também porque são os superiores da Ordem franciscana responsáveis pela concessão de entradas no mosteiro.

419

FvCI⁴²⁰

7 *Nec omnino aperiatur alicui intrare volenti nisi cui concessum fuerit a summo pontifice vel a nostro domino cardinali.*

FvInn

9 *nec omni pulsante aperiatur statim, nisi prius indubitanter cognoverit, quod talis sit cui sine dubitatione aliqua secundum mandatum, quod in eadem Forma de ingressuris superius continetur, debeat aperiri.*

6 De ingressu personarum in monasterium firmiter ac districte praecipimus, ut nulla unquam abbatissa vel eius sorores aliquam personam religiosam seu saecularem aut cuiuslibet dignitatis in monasterio *intrare* permittant; *nec omnino hoc alicui liceat, nisi quibus concessum a Sede apostolica fuerit, vel a generali seu provincialibus ministris ordinis fratrum minorum, in*

⁴¹⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 455-457.

⁴²⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 102 e 103.

quorum provinciis monasteria ipsa
consistunt.

No capítulo onze, no trecho nove da FvCl, em comparação com o capítulo seis da FvInn, a concessão do bispo para celebrar a missa na parte interna do mosteiro é parte de ambas as formas de vida. A FvCl segue a linha da forma de vida do cardeal Hugolino, a possibilidade de entrada no mosteiro é reduzida a poucos casos, na FvInn “e mesmo isso só muito raramente lhe seja concedido”. Em outra parte da FvInn “E se for concedido por acaso a algum bispo que alguma vez celebre missa dentro da clausura [...] contente-se com o menor número possível de companheiros e ministros” aparece de forma idêntica na FvCl, conforme assinalamos em itálico. Já a parte em negrito segue o texto literalmente da forma de vida de Hugolino sobre a concessão dada ao bispo “E mesmo isso só muito raramente lhe seja concedido”, esta recomendação é excluída do texto de Clara. A expressão *pro aliqua sororum in monialem consacranda* (para a consagração de alguma das Irmãs como monja) é a única em toda a FvCl que o nome *monialis* aparece, influência direta da FvHug.⁴²¹

FvCl⁴²²

FvInn

9 Si pro benedictione abbatissae vel pro aliqua sororum in monialem consacranda vel alio etiam modo concessum fuerit alicui episcopo missam interius celebrare, quam paucioribus et honestioribus poterit sit contentus sociis et ministris.	6 Quod si forte pro benedictione vel consecratione sororum, vel alio etiam modo, concessum fuerit alicui episcopo missam interius aliquando celebrare, quam paucioribus et honestioribus potuerit contentus sit sociis et ministris.
--	--

Et hoc quoque ipsum rarius alicui concedatur.

No capítulo onze, no versículo dez da FvCl, em confronto com o capítulo nove da FvInn, a entrada de pessoas no mosteiro para executar obras é referência. Na FvCl a outra possibilidade de entrada de pessoas na clausura é *faciendum necesse fuerit*

⁴²¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 457-459.

⁴²² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 104 e 105.

aliquos (quando for necessário alguns homens) a pedido da abadessa que tenha cuidado de colocar na porta uma pessoa bem indicada para executar os trabalhos dentro do mosteiro. Da FvInn as palavras marcadas em itálico foram sintetizadas e concisa em um único parágrafo na FvCl. Na FvInn no capítulo nove há a porta “alta”, colocada o mais alto possível, na qual se tem acesso através do uso de uma escada elevável ou uma ponte levadiça (*Et istud ostium fiat sublimi quanto magis fieri poterit congruenter, ita quod ad ipsum per scalam levatoriam exterius ascendatur*). As formas de vida papais contemplam a possibilidade de entrada de um cardeal com alguns acompanhantes ou de um outro prelado, na FvInn há a previsão da entrada de médico, sangrador com dois companheiros da família do mosteiro, as pessoas necessárias para defender as monjas de um incêndio, de um perigo, de violência, entre outros. Na FvInn, no capítulo seis, “excetuam-se dessa lei de ingresso o médico e o sangrador por causa de uma enfermidade muito grave, mas não sejam introduzidos a não ser com dois companheiros honestos da família do mosteiro”. Já na FvCl todas essas especificações acima estão cortadas e só se mantém os homens necessários para as celebrações litúrgicas ou para a execução de uma obra. A palavra *personam convenientem* significa pessoa certa, que deve ser nomeada “com solicitude” pela abadessa para ser a custódia desta porta. Uma hipótese desta escolha que deve se feita cuidadosamente, o uso do advérbio *sollicite*, pode se referir a uma pessoa externa, *personam convenientem*, porque se fosse uma irmã do mosteiro, a palavra mais adequada seria *soror*.⁴²³

FvCl⁴²⁴

10 Cum autem *intra monasterium* ad opus *faciendum* necesse fuerit *aliquos introire*, *statuat tunc sollicite abbatissa* personam convenientem ad portam.

FvInn

9 Quod si aliquando *intra monasterium* opus aliquod fuerit *faciendum*, ad quod agendum saeculares *aliquos* vel quascumque personas alias oporteat *introire*, provideat *abbatissa sollicite*, ut *tunc*, dum opus scilicet exercetur, aliqua alia *persona conveniens* ad custodiendum ostium *statuatur*.

⁴²³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 460-462.

⁴²⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 104 e 105.

6 Excipiuntur autem a dicta ingrediendi lege medicus et minor... aut pro aliquo opere exercendo, quod commode extra monasterium fieri non potest, *necessitas exegerit introire*.

No capítulo onze, itens onze e doze da FvCl, em comparação com o capítulo nove da FvInn, consta a observância da clausura e a porta para os encarregados das obras. O uso da palavra *porta* e não *hostium* para porta como vimos em outro versículo, significa que existia uma outra porta para a passagem dos encarregados das obras e esta não seria a porta principal de ingresso, isso porque mais adiante, neste mesmo capítulo onze, Clara menciona uma pessoa diferente da porteira para o cuidado com a porta. Em outros documentos também menciona-se a existência de outras portas no mosteiro segundo a *Chronica XXIV Generalium*. Na FvInn sobre a abertura da porta “para as pessoas encarregadas que não permita absolutamente que outras entrem” transforma-se em “que só abra aos encarregados da obra e não a outros” na FvCl, não é apenas mudança de estilo na escrita redacional, a FvCl é mais sucinta, concisa em relação à FvInn. As palavras *caveant studiosissime* (tenham o maior cuidado) é uma forte admoestação, o capítulo sobre a observância da clausura termina “para não serem vistas pelos que entrarem nessa ocasião”. As admoestações da FvHug e da FvInn mencionam as especificações “não serem vistas por seculares ou pessoas estranhas” (*saecularibus vel personis extraneis videantur*), na FvCl transforma em *ab ingredientibus* (pelos que entrarem nessa ocasião), aqueles que são estranhos, ou seja, as irmãs não têm essa preocupação com a entrada dos frades ou pessoas eclesiásticas. Assim, na mentalidade da época, com as Ordens mendicantes, a escolha claustral para as Irmãs pobres mostra que é complexo definir os elementos explícitos de uma espiritualidade, na clausura do mosteiro de São Damião dada a diversidade legislativa empregada, apesar de conter elementos do monaquismo tradicional, as especificações de elementos *ex novo* introduzidos na *forma vitae* de Clara aumenta a dificuldade de compreender a “santa pobreza e a feliz simplicidade” das damianitas.⁴²⁵

⁴²⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 460-468.

11 *quae* tantum illis et non aliis *ad opus deputatis aperiat*.

12 *Caveant studiosissime omnes sorores ne tunc* ab ingredientibus *videantur*.

9 *quae* sic personis *ad opus deputatis aperiat*, quod alias intrare penitus non permittat.

9 Nam *sorores* ipsae, et *tunc* et semper, quantumcunque rationabiliter praevalent, *studiosissime caveant, ne* a saecularibus vel personis extraneis *videantur*.

No capítulo doze, versículo um da FvCl, em confronto com o capítulo oitavo da FvInn, há a definição do ofício do visitador. Uma das figuras externas das mais importantes para a vida das Irmãs pobres é o visitador, que é da Ordem dos frades menores a serviço da comunidade, o visitador e o capelão advém da forma de vida de Hugolino e da FvInn. O último capítulo da FvCl com a figura do visitador, juridicamente autônomo realiza a visitação de forma periódica, o IV Concílio de Latrão estabelece a todos os mosteiros a obrigação da visita por parte de um visitador em nome da Sé apostólica⁴²⁷. Os mosteiros femininos eram incorporados a uma Ordem masculina, o ofício de visita fazia parte da *cura monialium* que o ramo masculino mantinha as monjas. A FvCl situa-se na prescrição deste contexto histórico acima mencionado, da relação entre os mosteiros e a Ordem dos frades menores que, desde 1248, estava nas mãos do cardeal protetor incluindo o ofício de visitador sob a jurisdição dos ministros dos frades menores. Assim, o “nosso visitador seja sempre da Ordem dos frades menores segundo a vontade e o mandato do nosso cardeal protetor”, o mosteiro de São Damião estava diretamente ligado a Santa Sé, o cardeal em nome do papa era o “governador, protetor e corretor”. A FvCl reduz numa breve frase aquilo que a FvInn expõe em um longo capítulo, mas a diferença é que na *forma vitae* de Inocência

⁴²⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 104 e 105.

⁴²⁷ No capítulo doze sobre os monges: “En chaque royaume ou province on tiendra tous les trois ans, sauf le droit des évêques diocésains, un chapitre général des abbés et des prieurs sans abbé [...] Bien plus, les évêques diocésains s’attacheront à réformer les monastères de leur juridiction, de telle sorte que ces visiteurs à leur venue y trouvent matière à louer plutôt qu’à corriger; qu’ils évitent de grever indûment ces monastères: car nous attachons le même prix au respect des droits des supérieurs et au respect de la justice à l’égard des inférieurs”. FOREVILLE, Raymonde. *Latran I, II, III et Latran IV*. Paris: Éditions de l’Orante, 1965, pp. 353 e 354.

IV: “só o ministro geral e o provincial da dita Ordem possam exercer o ofício de vos visitar, corrigir e reformar” ou podem nomear um frade idôneo.⁴²⁸

FvCl⁴²⁹

1 *Visitor* noster sit semper *de ordine fratrum minorum* secundum voluntatem et mandatum nostri cardinalis.

FvInn

8 De *visitatore* huius religionis illud est sollicite providendum.

8 Statuimus insuper quod generalis et provinciales ministri dicti *ordinis* dumtaxat, per se vel per alios idoneos fratres suos, in generali capitulo deputatos ab ipsis vobis... *officium visitationis*, correctionis et reformationis impendant.

12 dilectis filiis generali ac provincialibus ministris *ordinis fratrum minorum*... Et ipsi, animarum vestrarum sollicitudinem gerentes et curam, eisdem monasteriis per se vel per alios fratres suos ad hoc idoneos, secundum formam praedictam deputatos ab ipsis, quoties expedire viderint, *visitationis officium* impendere studeant.

O capítulo doze, nos itens dois e três da FvCl, em comparação com o capítulo oitavo da FvInn, refere-se à função do visitador. A FvCl especifica a qualidade moral que deve ter o visitador, o frade nomeado deve ser uma pessoa com integridade de vida, as palavras *religiosa vita* da FvInn transformam-se em honestidade e bons costumes (*honestate et moribus plena*), é uma pessoa com certos requisitos para a função. Além disso, a FvCl reduz os parágrafos da FvInn, resumindo que a tarefa do visitador é corrigir, “tanto na cabeça como nos membros, os excessos cometidos contra a forma de nossa profissão”, tanto na abadessa quanto nas irmãs, a abadessa que tem a

⁴²⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 470-472.

⁴²⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 106 e 107.

função de corrigir os eventuais abusos, enquanto na FvInn a expressão utilizada é a “observância da nossa religião”, Clara é mais precisa. Mas a correção do visitador não pode ser a seu próprio arbítrio, o termo *excessus* (desvios, faltas) é no sentido de abandono.⁴³⁰

FvCl ⁴³¹	FvInn
2 et sit <i>talis de cuius honestate et moribus plena notitia habeatur.</i>	8 <i>talis</i> debet constitui, <i>de cuius</i> religiosa <i>vita et moribus notitia plena</i> et securitas <i>habeatur.</i>
3 Cuius officium erit <i>tam in capite quam in membris</i> corrigere excessus commissos contra formam professionis nostrae.	8 Sane de sororum statu et observantia suae religionis ab omnibus generaliter et specialiter a singulis inquirat studiosius veritatem; et ubi aliquid reformandum vel <i>corrigendum</i> invenerit zelo caritatis et amore iustitiae cum discretione <i>corrigat</i> ac reformet, <i>tam in capite quam in membris</i> , sicut melius viderit expedire.

Ainda no capítulo doze, no versículo quatro da FvCl, em comparação com o capítulo oito da FvInn, há a menção ao ofício do visitador no mosteiro. A expressão “estando em lugar público” (*qui stans in loco publico*) é da FvCl, não aparece nos demais textos legislativos, não se especifica por quem o visitador deve ser visto, simplesmente “pelas outras”, enquanto a FvInn e a forma de vida de Hugolino mencionam a presença de duas irmãs sentadas, mas não longe para que vejam o visitador e a irmã conversando. Na FvInn o visitador, ao entrar na clausura, leva dois companheiros religiosos e idôneos, isso desaparece na FvCl. Outra diferença é que na FvCl o visitador pode falar com várias irmãs ou com cada um individualmente, enquanto na FvInn e na FvHug o visitador fala com todas as irmãs, *cum omnibus*. Por último, a expressão “como lhe parecer melhor” (*quod melius viderit expedire*), aqui o princípio da discricção do ofício do visitador é a modo de encontro com as irmãs. A

⁴³⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 472-474.

⁴³¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 106-109.

FvCl é mais sucinta em número de palavras para descrever a figura do visitador, o trecho corresponde a sessenta e sete palavras, enquanto a FvHug tem duzentos e oitenta palavras e a FvInn possui trezentos e setenta e seis palavras.⁴³²

FvCl⁴³³

4 Qui stans in loco publico ut videri ab aliis possit *cum pluribus* et singulis loqui liceat *quae ad visitationis officium pertinent* secundum quod melius viderit expedire.

FvInn

8 Modum autem loquendi custodiat supradictum, ut videlicet aut cum omnibus aut *cum pluribus* simul loquatur, vel secrete cum una, aliis tamen ad minus duabus in aspectu eius non longe sedentibus, ut per omnia bonae famae integritas conservetur, nisi ad locutorium cum una vel pluribus loqui voluerit de iis, *quae ad officium pertinere* noscuntur.

No capítulo doze, versículo cinco da FvCl, em comparação com os capítulos sete e doze da FvInn, ocorre a referência ao capelão. Na FvCl o capelão tem como companheiro um clérigo de boa fama, de providente descrição, e dois irmãos leigos. Os clérigos eram ordenados *in sacris*, os leigos eram religiosos não ordenados no sentido canônico. Na FvCl o capelão e o seu companheiro clérigo deviam ter duas qualidades: serem de boa fama, também presente na FvHug e na FvInn, e serem *discretionis providae* (de prudência descrição). Nas formas de vida papais, o capelão deve ser “religioso de hábito e de vida com boa fama” (*habitu et vita religiosus sit ac bonae famae*). Na FvInn o capelão não pode ser muito jovem, mas de idade idônea, a função dele é ouvir as confissões, administrar os sacramentos da Igreja, mas os frades dessa Ordem não são obrigados a morar continuamente nos mosteiros, e prevendo a falta de sacerdote, são encarregados alguns capelães discretos e prudentes para ouvir as confissões em caso de necessidade e para administrar os referidos sacramentos ou celebrar os Ofícios divinos. Na FvCl os dois frades laicos têm a *sanctae conversationis* e as *honestatis amatores* (de santo comportamento e amantes da honestidade), tinham a

⁴³² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., p. 474.

⁴³³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 108 e 109.

função também de esmolar para ajudar no sustentamento das irmãs que vivem em clausura, quando não conseguiam se sustentar com o próprio trabalho e as esmolas espontâneas.⁴³⁴

FvCl⁴³⁵

5 *Capellenum* etiam cum uno socio clerico *bonae famae discretionis providae* et duos fratres laicos sanctae conversationis et honestatis amatores.

FvInn

7 Ubi proprius fuerit *capellanus*, habitu et vita religiosus sit ac *bonae famae*, nec multum iuvenis, sed idoneae sit aetatis.

12 Confessiones vestras audiant fratres ad hoc deputati et ministrent vobis ecclesiastica sacramenta. Et ne pro eo, quod in vestris monasteriis fratres dicti ordinis residere continue non tenentur, pro defectu sacerdotis possit periculum imminere, ad confessiones vestras in necessitatis articulo audiendas et ministranda sacramenta praedicta, necnon divina officia celebranda, deputent aliquos *discretos et providos capellanos*.

O capítulo doze, no versículo seis da FvCl, em cotejamento ao capítulo sete da FvInn, diz respeito à entrada do capelão no mosteiro. O capelão designado pela Ordem dos Menores que neste momento não era mais uma *fraternitas* evangélico-penitencial, mas um grupo eclesial fortemente estruturado que se dedicam a obras pastorais e a cura das almas, estavam teologicamente preparados para assumir a tarefa designada pela FvCl. A exigência de frades leigos na FvCl é bastante importante, porque o movimento franciscano desde o início foi marcado pela presença de leigos, no período redacional da forma de vida de Clara, os clérigos eram a maioria. O *in subsidium paupertatis nostrae* (para socorrer a nossa pobreza) significa dois frades leigos que são parte da condição necessária para a observância da altíssima pobreza, talvez a presença deles

⁴³⁴ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 475 e 476.

⁴³⁵ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 110 e 111.

não fosse necessário se as irmãs tivessem uma fonte segura de sustentamento, o que dá a entender pelo versículo seis e sete do capítulo doze “como sempre nos foi dado com misericórdia pela referida Ordem dos frades menores, pedimos como uma graça da mesma Ordem, por amor de Deus e do bem-aventurado Francisco”, ou seja, a presença dos frades estava acompanhando a vida do mosteiro de São Damião, parece ser um direito por costume das irmãs que, na prática, poderia ser relevante em nível jurídico se pensarmos na *cura monialium*. Na forma de vida de Hugolino não consta a especificação de frades leigos ou da Ordem dos Menores, enquanto na época redacional de FvInn o papa precisava dar uma resposta à *cura monialium*, os frades menores tinha o cuidado dos mosteiros, mas não eram obrigados a residir no mosteiro, as irmãs só recebiam a penitência e o sacramento dos frades da Ordem dos Menores. Na FvInn a entrada do capelão no mosteiro deve ser com dois companheiros, quando não é possível, ao menos um, sem se separarem um do outro, enquanto na FvCl a entrada do capelão com um companheiro é obrigatório, *non liceat* (não seja permitido), preocupação em evitar a entrada de pessoas estranhas ou sem autorização.⁴³⁶

FvCl ⁴³⁷	FvInn
6 in subsidium paupertatis nostrae, sicut misericorditer a praedicto ordine fratrum minorum semper habuimus.	7 Paenitentiam autem atque dominici corporis et alia ecclesiastica sacramenta, a fratribus ordinis minorum dumtaxat recipiant, nisi in periculosae necessitatis articulo aliqua constituta pro iis habere copiam fratrum nequiverit praedictorum.
8 Non liceat <i>capellano</i> sine <i>socio</i> monasterium <i>ingredi</i> .	7 Qui <i>capellanus</i> , cum aliqua sororum tanta fuerit corporis infirmitate detenta quod ad locutorium commode venire non valeat et necesse habuerit confiteri vel dominici corporis seu alia recipere sacramenta, alba et stola ac manipulo, cum duobus idoneis et religiosis <i>sociis</i> ,

⁴³⁶ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 477-479.

⁴³⁷ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 110 e 111.

vel uno ad minus *ingrediatur* indutus.

No capítulo doze, itens nove e dez da FvCl, em comparação com o capítulo sete da FvInn, a entrada do capelão no mosteiro é mencionada. A recomendação do capelão ser visto publicamente, estar vestido, permanecer em tempo de brevidade, são sutilezas jurídicas da forma de vida de Hugolino e encontra-se mais severa na forma de vida de Inocência IV e na FvCl também aparece com rigorosidade devido à defesa da vocação das irmãs, por exemplo, na parte em que o capelão e seu companheiro não se separem na clausura «*in loco sint publico*» (em lugar de comum acesso) e aberta visibilidade. Na FvInn, quando uma irmã por motivo de doença não puder entrar no locutório e precisa de confissão, comunhão, extrema unção ou encomendação da alma, o capelão pode ir ao encontro da irmã desde que esteja com ao menos um companheiro, vestidos de “alva, estola e manípulo”, não podem demorar muito tempo. Já na FvCl o mesmo trecho é mais enxuto, mais simplificado, não descreve as vestes do capelão, além de algumas expressões serem usadas em contexto completamente diferente, por exemplo, *nec moram ibi faciant longiorem* (não demore mais tempo), que Hugolino e Inocência referem ao tempo de permanência no mosteiro pelo capelão, Clara utiliza esta mesma expressão para designar as irmãs que prestam serviços fora do mosteiro, no capítulo três da FvCl. Enfim, a entrada do capelão na clausura é, por vários motivos, confissão das enfermas, administrar os sacramentos da eucaristia e extrema unção, para a pregação em encomendação da alma quando uma irmã está doente, para celebrar a missa ou por necessidade que não seja a assistência sacramental. Nesta parte, existem diferenças entre as formas de vida, na forma de vida de Hugolino, o capelão entra para administrar os últimos sacramentos a uma irmã doente, próxima da morte; na FvInn, há um alargamento da possibilidade de confissão e comunhão das doentes graves; na FvCl não há menção à doença grave, só a impossibilidade de ir ao locutório. Hugolino fala da recomendação da alma; Inocência vagamente de “outros sacramentos”; Clara fala da extrema unção. São seleções que dependem do momento histórico do mosteiro de São Damião e do interesse dos papas em relação à organização dos mosteiros.⁴³⁸

⁴³⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 480-482.

9 Et intrantes in loco sint publico, ut *se* *possint* alterutrum *semper* et ab aliis intueri.

10 Pro confessione *infirmarum* quae *ad locutorium* ire non possent, pro communicandis eisdem, pro extrema unctione, pro animae commendatione liceat eisdem intrare.

7 Caveant etiam ut, quandiu intra monasterium fuerint, nullatenus ab invicem separentur, quin *semper* mutuo *possint* libere *se* videre.

7 Qui capellanus, cum aliqua sororum tanta fuerit corporis *infirmirate* detenta quod *ad locutorium* commode venire non valeat et necesse habuerit confiteri vel dominici corporis seu alia recipere sacramenta

No capítulo doze, versículo onze da FvCl, em comparação com o capítulo sete da FvInn, há por tema as exéquias e a celebração da missa de defuntos. Nesta parte, a FvCl não vincula regras para a entrada do capelão para realizar o funeral e sepultamento das irmãs como na FvInn nos trechos abaixo. A diferença é que a FvCl o tema é mais condensado num único parágrafo, já as formas de vida papais são extensas. A FvCl menciona de forma genérica pessoas idôneas e em número suficiente, pode ser o capelão ou seus companheiros, pode ser as pessoas que cavam sepulturas, permite entrar todos aqueles que são necessário para cumprir o rito, segundo a disposição da abadessa (*abbatissae providentia*). As exéquias e a missa solene para as defundas desenvolve-se dentro da clausura segundo a norma interna da clausura, enquanto na FvHug e na FvInn preve na capela externa.⁴⁴⁰

11 Pro *exequiis* vero et missarum sollemniis defunctarum et *ad fodiendam vel aperiendam sepulturam seu coaptandam* possint sufficientes et *idonei*

7 Porro ad exsequias circa sepulturam agendas non ingrediatur in claustrum, sed exterius in capella, quod ad illud officium pertinet, exsequatur. Tamen, si *abbatissae*

⁴³⁹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 112 e 113.

⁴⁴⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 482 e 483.

⁴⁴¹ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 112 e 113.

de *abbatissae* providentia *introire*.

visum fuerit, quod ad *exsequias* debeat *introire*, modo supradictus indutus intret... Si autem necesse fuerit, ut *ad aperiendam* seu *praeparandam sepulturam*, seu postmodum *coaptandam* ingrediatur, sit ei, vel alicui alii ad hoc *idoneo* et honesto, cum uno socio vel duobus, licitum *introire*.

No capítulo doze, item doze da FvCl, em confronto com o capítulo doze da FvInn, corresponde ao tema do cardeal governador, protetor e corretor, o representante da Cúria romana na Ordem franciscana. O paralelo com a Regra bulada é evidente, então o pedido de Clara do mosteiro de São Damião ter o mesmo cardeal designado pelo papa ao frades menores, foi para garantir as irmãs, o seguir a pobreza de Cristo prometida a Francisco e a observância do Evangelho. O primeiro cardeal da Ordem franciscana e das Irmãs pobres foi o Hugolino de Óstia (Gregório IX) que redigiu a primeira forma de vida para os mosteiros da Úmbria de seguimento franciscano. O papel do cardeal como é definido na FvCl a partir do texto da Rb configura em ser o governador, protetor e corretor, cardeal instituído pela Igreja romana para dar permissão as aspirantes; para conceder a permissão de estranhos para entrar na clausura; para nomear o visitador do mosteiro; além de garantir o poder viver na Igreja romana, as relações do mosteiro com a Igreja (a obediência) e com os Menores. Na FvCl o versículo doze é idêntico à Regra bulada, exceptuando a parte final “de sua santíssima Mãe” (*sanctissimae matris*) e a palavra *Amen*, diferentemente da FvInn que marcamos em negrito e se distancia em muitos aspectos quando estabelece que os ministros geral e provincial da Ordem dos frades menores tem o cuidado de todos os mosteiros, as Irmãs devem obediência, governo e magistério a eles.⁴⁴²

FvCl⁴⁴³

12 Ad haec sorores firmiter teneantur

FvInn

12 **dilectis filiis generali ac**

⁴⁴² Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Il vangelo come forma di vita*. In ascolto di Chiara..., pp. 483-490.

⁴⁴³ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica..., pp. 114 e 115.

semper habere illum de sanctae romanae ecclesiae cardinalibus pro nostro governatore, protectore et correctore, qui fuerit a domino papa fratribus minoribus deputatus,

provincialibus ministris ordinis fratrum minorum curam vestri et omnium monasteriorum vestri ordinis plene in omnibus, praesentium auctoritate, committimus, statuentes, ut sub eorum, et aliorum qui pro tempore ministri fuerint, oboedientia, regimine et doctrina debeatis de cetero permanere, quibus teneamini firmiter oboedire.

Uma comparação minuciosa do texto da *forma vitae* de Clara (1253) com a forma de vida de Inocêncio IV (1247), tal como acreditamos tê-lo podido reconstruir, em seus elementos essenciais, é importante, sob vários aspectos. Ela mostra a dependência literária da forma de vida de Clara que contém uma parte significativa da *forma vitae* de Inocêncio IV. Como vimos, há muitas passagens idênticas em palavras e frases, outras o conteúdo se aproxima, outras, por sua vez, possuem diferenças muito tênues dos significados, além das ausências que assinalamos, também significativa. A forma de vida de Clara não é uma simples transposição do texto da forma de vida de Inocêncio IV de 1247, também é composta por outros textos legislativos (forma de vida de Hugolino de 1219, Regra não bulada de 1221, Regra bulada de 1223) que foram analisados nos capítulos um e dois desta Tese.

Inocêncio teve muita dificuldade para implantar sua *forma vitae* com a bula *Quoties a nobis petitur*, de 23 de agosto de 1247, exigindo sua aceitação e observância em todos os mosteiros da Ordem. Pelo motivo das mitigações de Inocêncio IV se afastarem da pobreza franciscana, então Clara decidiu fazer a sua *forma vitae*. A resistência dos mosteiros foram tão fortes, que o papa acabou desistindo e, com bula *Inter personas*, de 6 de junho de 1250, disse que sua intenção não era a de impor obrigatoriamente a nova forma de vida, que ele considerava uma mitigação da forma de vida de Hugolino, portanto ele estabeleceu que nenhuma monja era obrigada a observar a sua “*Regula*”.⁴⁴⁴ A forma de vida de Inocêncio somente caiu em desuso total depois de 1263, quando saiu a Regra de Urbano IV.

⁴⁴⁴ A bula *Inter Personas* de 6 de junho de 1250: “... ad susceptionem, et observantiam praedictae novae formulae, seu antiquae taliter immutatae, nisi videris quod saluti earum expediat, ipsam suscipere, et observare cogi aliquatenus non permittas sed antiquam ab eis quam institutione sui Ordinis susceperunt, si

3.4 *Solet annuere* e a confirmação de 1253

As razões do insucesso da forma de vida de Inocêncio IV são muitas, uma delas se refere às inquietações dos mosteiros que tornaram-se uma constante fonte de perturbações motivado pela resistência das irmãs em assumir a forma de vida de Inocêncio IV que está relacionado com o conceito de pobreza por ele exposto. O papa transformou a posse de bens em algo lícito e não era esta a vontade dos mosteiros. Mesmo os mosteiros ligados à Ordem de São Damião serem a minoria e o ter posses talvez foi um dado fato para a grande maioria dos mosteiros, mas não o era para a Ordem damianita, o papa não compreendeu o ideal de pobreza franciscana das Irmãs pobres e tentou impor uma forma de vida que não deu certo por ir no sentido contrário ao que as *Sorores minores* queriam⁴⁴⁵.

Talvez a resistência dos mosteiros femininos franciscanos acirram-se com a forma de vida de Inocêncio IV, porque ele estabelecia uma estreita relação da sua “regra” entre os mosteiros e a Ordem dos menores, sem levar em conta a especificidade de cada região, prova disso são as numerosas cartas enviadas ao mosteiro pelo cardeal protetor Rinaldo, em resposta a pedidos, dificuldades e dúvidas das comunidades sobre o papel dos frades e ele foi muito chamado para se pronunciar. Nas cartas, Rinaldo explica muitas vezes o limite do poder do visitador e às religiosas asseguravam que nenhum visitador poderia introduzir, sem o consenso das irmãs, costumes ou constituições novas ou outra regra diferente daquilo que elas professavam⁴⁴⁶. A Carta *Etsi ea*⁴⁴⁷ deixa transparecer uma pressão exercida pelos Menores, cuja persuasão

per eam melius suarum procuratur utilitas animarum, facias inviolabiliter observari...”. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., pp. 163 e 164.

⁴⁴⁵ Idem, p. 99.

⁴⁴⁶ A Carta *Etsi ea* de Rinaldo do dia 27 de junho de 1250. Nesta carta, Rinaldo está bastante incomodado pelo fato de alguém ter se intrometido para pedir um favor ao papa em benefício das Irmãs pobres, sem passar por ele, além de afirmar que preferia que as Irmãs seguissem a forma de vida de Hugolino. A pobreza é o principal problema, porque Clara e suas coirmãs não aceitavam ter propriedades. Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., pp. 164 e 165.

⁴⁴⁷ Outro trecho importante da *Etsi ea* que selecionamos como fundamental é: “Et cum in nova formula contineatur jurisdictio dilectissimis nostris Generali et Provincialibus Ministris Fratrum Minorum quondam in vobis et Monasteriis attributa, et nos eis prohibuerimus expresse per litteras nostras in Capitulo Generali, quod se de usu jurisdictionis alicujus in vobis, et Monasteriis intromittere non debeant, sed nos, et ea potius nostrae dispositionis arbitrio competentia dante Domino, beneplacito divino relinquunt, nequaquam eis, quoad aliquam jurisdictionem de caetero, sed nobis, et Visitatori nostro devote, et humiliter, ac efficaciter intendatis”. Disponível em:

pareceu aumentar os escrúpulos de consciência das Irmãs, e foi por isso que apelaram para o cardeal Rinaldo. A resposta de Rinaldo usou termos fortes, falando de um certo “terror” que ninguém poderia incutir nas irmãs, a carta apontou para que nenhum ministro geral, nem alguns outros frades por si ou por mandado de outros frades podiam obrigar as religiosas a observarem a *forma vivendi* de Inocêncio IV. Em outras cartas, ele acenou contra a ingerência dos frades na vida dos mosteiros. Com a *forma vitae* de 1247, a Ordem de São Damião era submetida aos Menores dos quais elas dependiam de tudo. Talvez este novo panorama legislativo rendeu um aumento na resistência dos mosteiros, com um resultado oposto àquilo que a Sé Apostólica queria com a promulgação da nova “regra”. As cartas de Clara à Inês e os pedidos de Inês ao papa revelam um esforço de ambas em obter o reconhecimento dos elementos próprios da primitiva *forma vivendi* de Francisco⁴⁴⁸.

Para Clara era impossível aceitar a “regra” de Inocêncio IV, porque permitia liberadamente ter rendas e posses, isso afetava diretamente o carisma e a inspiração de Francisco, em seguir Cristo pobre. As relações de Clara com os frades menores foi desde o início de forma privilegiada, além de São Damião ser uma comunidade pequena com assistência espiritual e temporal. A situação do convento de São Damião era uma exceção dentro do conjunto de mosteiros damianitas. Com o insucesso da forma de vida de Inocêncio IV, muitos mosteiros adotaram a *formula vitae* de Hugolino como ponto de referimento legislativo. Outros mosteiros novos também, o caso do mosteiro de Santa Lucia da Cidade de Pieve, erigido pela Ordem de São Damião em 9 de agosto de 1252 com a bula *Cum omnis vera religio*, o texto corresponde a uma nova versão de 1239 concedido ao mosteiro de Ascoli. Enfim, as relações entre Clara e o cardeal protetor, como um interlocutor imediato dos mosteiros isentos e garantiu a liberdade deles, Clara decidiu-se em traduzir de forma jurídica a experiência maturada na sua trajetória de vida⁴⁴⁹.

A redação da forma de vida de Clara estava pronta já em novembro de 1251 e a abadessa de São Damião pediu pessoalmente sua “confirmação” ao cardeal protetor Rinaldo de Óstia (futuro Papa Alexandre IV) durante uma visita que este fez ao mosteiro de São Damião. No ano seguinte, o cardeal confirmou numa carta a abadessa e

http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/index.php?option=com_fontes&view=leitura&id=1127&pare_id=1124 Acesso em: 6 de jun. 2016.

⁴⁴⁸ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 100.

⁴⁴⁹ Idem, p. 101.

suas irmãs a *forma vitae* elaborado por Clara com a Carta *Quia vos* de 16 de setembro de 1252, o cardela Rinaldo de Óstia endereçou a Clara e suas coirmãs de São Damião em Assis, a aprovação da forma de vida de Clara, inserida mais adiante na *Solet annuere*⁴⁵⁰. A Carta de Rinaldo exprimiu os pontos essenciais em torno do qual desenvolveu-se a *forma vitae* de Clara: uma vida comum, unidade e o propósito da altíssima pobreza, recebida pelo mesmo Francisco, mas Clara não se contentou somente com a aprovação do cardeal protetor, desejava o selo da Sé apostólica que foi concedido três dias antes da sua morte.

Depois de passar pelo crivo da Igreja, o Papa Inocêncio IV (1243-1254), confirmou com a carta *Solet annuere* no dia 9 de agosto de 1253, endereçada a Clara e as suas irmãs do mosteiro de São Damião em Assis, a bula original está conservada no mosteiro de Clara de Assis. Provavelmente a escolha do mesmo modelo de Carta pontifícia que foi dado aos Menores iniciando com as mesmas palavras da carta de Honório III (1216-1227), de 29 de novembro de 1223, com a qual o Papa havia aprovado a Regra de Frei Francisco, foi certamente proposital⁴⁵¹. A *Solet annuere*⁴⁵² não é uma bula solene com as assinaturas dos cardeais, mas uma das mais comuns e por isso menos custosa. O procedimento de aprovação não seguiu a prática ordinária. A inicial do nome do papa “S” de Sinibaldus seria uma resposta a um pedido de aprovação, não tratava de um pedido escrito, foi uma exceção ao normal processo burocrático, provavelmente por causa da doença de Clara que não permitia atraso.

A forma de vida de Clara foi limitada somente para o mosteiro de São Damião e acolhida integralmente por poucos mosteiros femininos franciscanos no período, totalizando cento e cinquenta no ano de 1253⁴⁵³. Como já referimos, o texto original de pergaminho foi corrido, sem subtítulos, sendo a divisão em doze capítulos algo estabelecido posteriormente, feito por um clérigo da Cúria Romana para imitar a Regra bulada de 1223, o número doze representaria os doze apóstolos e os primeiros doze companheiros de Francisco.

⁴⁵⁰ Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi*. Una vita prende forma..., p. 174.

⁴⁵¹ MENESTÒ, Enrico & BRUFANI, Stefano (org.). *Fontes Franciscani*..., p. 2301.

⁴⁵² O início da bula de aprovação da forma de vida de Clara “Dilectis in Christo filialibus Clarae abbatissae, aliisque sororibus monasterii Sancti Damiani Assisinatis, salutem et apostolicam benedictionem”. OMAECHEVARRIA, I. *Escritos de Santa Clara y documentos complementarios*... p. 271.

⁴⁵³ Ver o mapa quatro em anexo.

Para Alfonso Marini,⁴⁵⁴ a forma de vida de Clara reveste-se nas seguintes características: formada por trechos da forma de vida de Hugolino de 1219, com algumas alterações sucessivas, sendo a última em 1238 e enviada a Inês da Boêmia (1211-1282); este texto foi depois reescrito por Inocêncio IV em 1245; mas em 1247 o mesmo Inocêncio apresentou uma nova proposta de forma de vida, para os mosteiros damianitas, na qual a referência a São Bento e a sua regra foi substituída pela premissa de Francisco; na *forma vitae* de Clara se encontram ainda alguns trechos da regra beneditina, que junto com a forma de vida de Hugolino consistiram na base da *religio* damianita, resultando numa “originalidade” na combinação de diversas fontes; ademais, a forma de vida de 1253 contém alguns trechos da qual Inocêncio IV escreveu a Inês da Boêmia em 1243; a maior parte do texto deriva da Regra bulada de 1223 e outros, enfim, teve criações *ex novo*. Clara sabia utilizar as várias fontes com um toque de criação pessoal, que teve a estima dos seus precisos pontos de referências e da sua espiritualidade, mais ainda, de quarenta anos de experiência de vida comunitária monástica. Em resumo, a forma de vida de 1253 consiste numa evidência não só da experiência de Clara como abadessa e do contato com a problemática legislativa da Ordem de São Damião, mas também revela a sua “leitura” das regras beneditina, não bulada, bulada de 1223, forma de vida de Hugolino e de Inocêncio IV. Além do mais, o texto contém uma seleção de trechos bíblicos específicos, de autores sacros do seu tempo (Papa Gregório IX e Inocêncio IV) e isso revela uma experiência toda específica no monasticismo feminino do Ocidente medieval latino.

Os conventos clarianos eram independentes entre si e a exigência de Clara não perpassava pela imposição da sua *forma vitae* a todos os mosteiros. Alguns foram aderindo ao texto com o passar do tempo, embora sabemos que a Cúria Romana criou uma série de impasses para que a forma de vida de Clara não se difundisse nos outros lugares da Europa. A confirmação papal aparece como um ato de concessão destinado a elas e não como uma “regra” que pudesse ser levada para fora e ser imposta a outros, apesar de posteriormente ser estendida com esta finalidade. No entanto, a utilização das diversas fontes configuraram em etapas de construção desta normativa, por isso nesta Tese fizemos o caminho das partes do conceito de pobreza prescritos na forma de vida de Clara, tal como acreditamos tê-lo podido reconstruir. Essa *forma vitae* de 1253 compunha-se de um novo modelo normativo criado, foi formulado após quase quarenta

⁴⁵⁴ Cf. MARINI, Alfonso. Gli scritti di Santa Chiara e la Regola. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 1993, pp. 115 e 116.

anos depois do IV Concílio de Latrão de 1215 que proibiu a criação de novos modelos de regras monásticas⁴⁵⁵.

Em outubro de 1263, o papa Urbano IV promulgou a *Beata Clara*, o documento oficial que deu unidade religiosa a Ordem de São Damião e a outros mosteiros de seguimento franciscano, sob uma única normativa, Clara constituía a referência, a pedra angular da nova estrutura da Ordem com uma nova forma de vida, a de Urbano IV, também conhecida como a “segunda regra de Clara”, as monjas de seguimento franciscano passaram a se chamadas de clarissas e a Ordem de Santa Clara. A forma de vida de Urbano IV continha muitos elementos das predecessoras, a de Hugolino, a Regra não bulada, a Regra bulada, a forma de vida de Inocêncio IV e a forma de vida de Clara, porém era uma nova estrutura com o objetivo de homogeneizar os mosteiros de seguimento franciscano sob uma normativa que resolvesse os impasses jurídicos em torno da pobreza e da *cura monialium*, assim o cardeal protetor foi escolhido como o responsável pelas monjas e pelos frades menores.⁴⁵⁶ A forma de vida de Clara restringiu-se a comunidade de São Damião, um exemplo de exortação de Francisco que coincidia com a *sequela* de Cristo e, consequentemente, o Evangelho, a principal referência de Clara e Francisco⁴⁵⁷.

Em relação ao conceito de pobreza, sobre o qual levantamos questões nesta Tese de doutorado, podemos encaminhar para as considerações finais com as palavras de Merlo⁴⁵⁸, “a controvérsia não era tanto formal quanto substancial”. Desta forma, o problema fundamental foi dado pela definição de “altíssima pobreza” com o testemunho evangélico, inspirados no “viver segundo o Santo Evangelho” e na obediência a Frei Francisco, resultando no consentimento de “*Privilegium paupertatis*” que não é uma

⁴⁵⁵ No capítulo treze, temos a interdição de novas ordens religiosas, não é somente por este motivo que a normativa de Clara é definida como forma de vida. Também porque faltam muitos elementos jurídicos para que este texto fosse definido como uma Regra. “De l’interdiction des ordres religieux nouveaux. De peur qu’une trop grande diversité d’ordres religieux n’introduise une grave confusion dans l’Église de Dieu, nous interdisons formellement de fonder à l’avenir tout nouvel ordre: quiconque entend se vouer à l’état religieux doit choisir un ordre approuvé. De même, quiconque veut fonder une nouvelle maison religieuse, doit recevoir la Règle et l’institution des ordres religieux approuvés. Nous interdisons également de se faire recevoir moine en plusieurs monastères, et à tout abbé de présider à plusieurs monastères”. FOREVILLE, Raymonde. *Latran I, II, III et Latran IV...*, 1965, p. 354.

⁴⁵⁶ ALBERZONI, M. P. Da pauperes domine a sorores pauperes: la negazione di un modello di santità itinerante femminile? In: VETERE, Benedetto (org.). *Pellegrinaggi e culto dei Santi*. Santità minoritica del primo e secondo ordine. Atti del Seminario di studi. Nardò, 28 aprile 2001. Nardò: Mario Congedo editore, 2001, pp. 38-41.

⁴⁵⁷ ALBERZONI, Maria Pia. Chiara d’Assisi e il Vangelo come forma di vita. *Franciscana*. Bolletino della Società internazionale di studi francescani. Spoleto: Fondazione Centro Italiano di studi sull’Alto Medioevo, 2008, p. 254.

⁴⁵⁸ MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco...*, p. 93.

concessão pontifícia, mas um dos elementos constitutivos de base do pensamento do franciscanismo. As “Irmãs menores” viviam de forma bastante diferente dos termos em que podia (e devia) ser vivida pelos frades menores, apontamos alguns aspectos diferenciadores como a clausura, os votos de silêncio, a hierarquia feminina, a *cura monialium* entre outros elementos, mas a inspiração feminina franciscana de ideal ou estado de espírito era a mesma e reportava a Frei Francisco. Por isso, Clara insistiu em redigir uma “regra” específica com características fundamentais de referências autobiográficas marcadas por sua experiência pessoal como abadessa, tentando tornar atual aquilo que acontecera uns cinquenta anos antes e reafirmar que a “*Ordo sororum pauperum*”, a pleno direito, pertencia à *fraternitas* de Frei Francisco, uma ligação intrínseca com os frades menores que foi publicamente declarada como vimos na seleção e análise dos fragmentos da normativa citados ao longo da Tese.

CONCLUSÃO

As considerações finais que exporemos aqui não têm como objetivo esgotar o tema ou encerrar este trabalho. Ao contrário, enumeramos uma série de observações ponderadas com base na análise que fizemos resultante do estudo pormenorizado do nosso *corpus* documental e do debate historiográfico imbricados ao longo desta tese de doutoramento. Nesta pesquisa, procuramos demonstrar a trajetória de Clara e suas irmãs a partir de uma análise comparativa das normativas impostas pela Cúria romana à Ordem de São Damião. A aprovação da forma de vida de 1253 para a comunidade de São Damião foi marcada pelo empenho com todas as forças de Clara de Assis na construção e obtenção do reconhecimento da sua normativa pela autoridade eclesiástica, bem como pela Ordem franciscana. Essa normativa é uma exceção de grande importância no quadro das orientações tomadas pela Sé apostólica, porque tem como ponto de referência não as regras já aprovadas, mas somente o exemplo e a exortação a Francisco, coincidindo com a premissa do Evangelho como forma de vida. A “redescoberta” dos escritos de Clara é algo recente na historiografia.

Clara foi muito insistente em manter os laços com os frades menores e na regulamentação de São Damião, fruto de muitas etapas dolorosas que se encerraram no seu leito de morte. Dentro dessas etapas, ressaltam-se as problemáticas legislativas e as tensões de reforma da vida religiosa com tendências jurídicas, normatizações do papado alheias muitas vezes à vida da comunidade feminina na região da Úmbria. Os conflitos com a autoridade eclesiástica fomentaram a resistência ao modelo da Cúria romana para os mosteiros de seguimento franciscano. Mesmo assim, Clara conseguiu garantir a sobrevivência da originária fidelidade a Francisco na *sequela Christi*, o que significou para ela que o mosteiro no qual vivia continuava ligado à Ordem dos frades menores e não aos mosteiros da Ordem de São Damião. Por isso, Clara representa um ícone que vai além da santidade cristalizada pela Igreja, que oferece um impescindível modelo e fundamento, presente na religiosidade popular da História da Igreja. Entre os motivos de silêncio sobre vários aspectos, está o fato de que Gregório IX queria fazer de São Damião um modelo para os mosteiros sob a sua jurisdição. Para isso, o papado construiu uma imagem bastante monástica de Clara e da sua escolha de vida, centrado nos aspectos ascéticos-monásticos de sua santidade.

Sem dúvida, Clara configura-se na mais conhecida das mulheres franciscanas do século XIII. Ademais, é impossível pensar em Clara sem pensar automaticamente em

Francisco de Assis e no movimento religioso feminino franciscano que está inserido na Ordem franciscana, não está separado institucionalmente. A sua forma de vida foi o resultado de uma leitura de outras *forma vitae* e regras antecessoras a esta, que nem sempre tinham um caráter disciplinador centrado no ideal de pobreza franciscana, na transmissão e observação das passagens evangélicas e a imitação da vida de Cristo

Além disso, Clara foi uma das poucas mulheres da Idade Média que deixaram escritos de importância excepcionais do ponto de vista histórico. Em seus escritos não há referências autobiográficas, mas a escolha de opção de vida inserida num quadro de sua espiritualidade e cultura. Clara recusou textos normativos impostos por papas porque não continham a base da espiritualidade prometida a São Francisco - pontos irrenunciáveis desta opção de vida. Entre eles, a pobreza no sentido absoluto sem posse de bens e sem nada de próprio, diferente do “despojamento interior” proposto pela Igreja.

No capítulo um apresentamos uma comparação minuciosa do texto e da dependência literária da *forma vitae* de Clara (1253) com a forma de vida de Hugolino (1219?), incidiu quase que exclusivamente em certas estruturas externas da vida (a clausura, a entrada de estranhos no mosteiro, o capelão, o visitador, as porteiras) para observâncias ascéticas e penitenciais (jejum e abstinência, o silêncio, o comportamento com estranhos, vestimentas) em relação à vida monástica. Essa norma tentou reunir os diversos conventos de inspiração franciscana outorgando uma forma de organização jurídica que representavam uma das afirmações mais explícitas e completas da necessidade de regulamentação para a vida religiosa das comunidades femininas. Mas o ponto principal está no fato de que Hugolino retirou todas as referências bíblicas, assim as citações diretas foram suprimidas, por isso as reações e os conflitos foram imediatos com os mosteiros. A regra não bulada de 1221 contém um número muito extenso de passagens bíblicas e Francisco sempre afirmava ser as passagens bíblicas o seu ideal de vida, a sua norma. Clara tomava os ensinamentos de Francisco como ponto de partida, sem dúvida a ausência dos trechos bíblicos causou tensões e conflitos no mosteiro de São Damião.

No capítulo dois, fizemos uma comparação minuciosa do texto da *forma vitae* de Clara (1253) com Regra não bulada (1221) e a Regra bulada (1223), tal como acreditamos tê-lo podido reconstruir, em seus elementos essenciais. Destacamos as dependências literárias que não são somente com o conceito de pobreza franciscana; há uma série de elementos: a figura do cardeal protetor, a obediência a Ordem franciscana

e a Igreja, o ofício divino, a interdição de posses e dinheiro, entre outros. Além de conter, as passagens bíblicas que para Clara e coirmãs foram fundamentais do ponto de vista de orientação da vida religiosa. As regras buladas e não buladas formavam um conjunto de base do pensamento franciscano, a espinha dorsal da Ordem franciscana encontram-se nestas duas normativas. Tê-las como base foi imprescindível para a forma de vida de Clara, porque são as referências mais próximas com o início do movimento Franciscano e as mais presentes em termos quantitativos na sua normativa.

No capítulo três, a análise foi permeada pela comparação minuciosa do texto da *forma vitae* de Clara (1253) com a forma de vida de Inocêncio IV (1247), tal como acreditamos tê-lo podido reconstruir, em seus aspectos básicos. Destacamos o problema da transformação da posse de bens em algo lícito, o que contrariava a vontade dos mosteiros. Porém, a partir de Inocêncio IV, a Regra franciscana passou a ser o ponto de comparação, entre outros elementos relacionado ao claustro, ao silêncio, ao visitador, o capelão, à dependência direta da Ordem franciscana.

Por meio de sutilezas jurídicas, os papas Gregório IX e Inocêncio IV tentaram dar uma solução aos problemas legislativos da Ordem de São Damião, que incluía o mosteiro em que Clara vivia. Enfim, o estudo da forma de vida de Clara de Assis de 1253 nos permitiu aprofundar o debate jurídico da pobreza franciscana relacionado com os mosteiros da Ordem de São Damião e as consequências dessas práticas legislativas para a Ordem franciscana. Em suma, esclarecemos que a nossa intenção não foi escrever uma biografia de Clara, mas destacar alguns traços biográficos da sua trajetória para refletir sobre a construção da sua normativa.

BIBLIOGRAFIA

I. Fontes

- ACCROCCA, Felice. *La regola, le lettere e il testamento spirituale*: tutti gli scritti della Santa di Assisi. Casale Monferrato: Piemme, 2004.
- ARMSTRONG, Regis J. *Clare of Assisi: early documents*. New York: Paulist Press, 1988.
- BECKER, Marie F. et. alii. (org.) *Chiara D'Assisi*. Scritti. Edicion bilingue. Vicenza: Edizioni LIEF, 1986.
- _____; GODET, Jean-François; MATURA, Thaddée. *Écrits*. Claire d'Assise. Paris: Cerf, 1985.
- BERTAZZO, Luciano. *Gli scritti di Francesco e Chiara d'Assisi*. Padova: Editrici Franciscane, 2012.
- GORGULHO, G. S.; STORNILO, I.; ANDERSON, A. F. *Bíblia de Jerusalém*. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Paulus, 2008, 5ª edição.
- BOCCALI, Giovanni (org.). *Fonti Clariane*. Documentazione antica su santa Chiara di Assisi: scritti, biografie, testimonianze, testi liturgici e sermoni. Assisi: Porziuncola, 2013.
- _____. *Fonti Clariane*. Documentazione antica su santa Chiara di Assisi. Scritti, biografie, testimonianze, testi liturgici e sermoni. Assisi: Editrici Franciscane, 2015.
- CANONICI, Luciano. *Tutti gli scritti*: San Francesco e Santa Chiara d'Assisi. Assisi: Porziuncola, 2011.
- CAROLI, Ernesto (org.) *Fonti Franciscane, nuova edizione*. Scritti e biografie di san Francesco d'Assisi. Cronache e altre testimonianze del primo secolo francescano. Scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi. Testi normativi dell'Ordine Franciscano Secolare. Padova: Editrici Franciscane, 2004.
- CREMASCHI, Giovanna; ACQUADRO, Agnese. *Scritti di Santa Chiara d'Assisi*. Vol. 1 Commento. Assisi: Porziuncola, 1994.
- DA CAMPAGNOLA, Stanislau (org.) *Fonti franciscane, Scritti e biografie di San Francesco d'Assisi*. Cronache e altre testimonianze del primo secolo franciscano.

- Scritti e Biografie di santa Chiara d'Assisi. Testi normativi dell'ordine Francescano Seculare. Assisi: Franciscane, 1977.
- DALARUN, Jacques e HUEROU, Armelle Le (org.). *Claire d'Assise*. Écrits, Vies documents. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013.
- _____. (org.). *François d'Assise*. Écrits, Vies, témoignages. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2010.
- Federazione delle Clarisse S. Chiara d'Assisi di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative: sinossi cromatica*. Padova: Messaggero, 2003.
- FORREVILLE, R. *Lateranense IV*. Vitória: Eset, 1972.
- _____. *Latran I, II, III et Latran IV*. Paris: Éditions de l'Orante, 1965.
- MENESTÒ, Enrico e BRUFANI, Stefano. *Fontes franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995, p. 2223-2260.
- OLGIATI, Feliciano. *Gli scritti di Francesco e Chiara d'Assisi*. Padova: Messaggero, 1996. 1ª edição 1987.
- OMAECHEVARRIA, Ignacio. e cols. *Clara de Assis*. Escritos de Santa Clara y documentos contemporâneos. Introducciones, traduccion y notas de Edicion bilingüe. Madrid, 1970.
- PAOLAZZI, Carlo. *Fonti francescane*. Padova: Editrici Franciscane, ristampa 2012.
- PEDROSO, José Carlos Corrêa. *Fontes Clarianas*. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. (org.). *Fontes Clarianas*. 4º ed. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2004.
- PENIDO, Basílio (org.). *São Bento*. A Regra de São Bento. Tradução de Basílio Penido. Petrópolis: Vozes, 1993.
- The Franciscan Archive*. A *www Resource on St. Francis and Franciscanism*. *Historical Documents about St. Clare*. Disponível em: <<http://www.franciscan-archive.org/index2.html>> Acesso em: 10 Maio 2014.
- TEIXEIRA, Celso Márcio (org.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 2008.
- VORREUX, Damien. *Les écrits de Saint François et de Sainte Claire d'Assise*. Paris : les éditions Franciscaines, 1996, 1ª ed. (1953).
- WADDING, Luca. *Annales*. Florença: Quaracchi, 1931.
- ZOPPETTI, Giorgio e BARTOLI, Marco (org.). *S. Chiara d'Assisi*. Assisi: Editrice Franciscani, 1994.

II. Obras gerais

- ACCROCCA, Felice. *Chiara d'Assisi: donna nuova*. Atti del Convegno di Studi Anagni, 30 di gennaio di 1994. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1994.
- _____. *La conversione di Chiara d'Assisi: un percorso attraverso le fonti*. Assisi: Porziuncola, 2012.
- ACCROCCA, Felice e CICERI, Antonio. *Francesco e i suoi frati. La Regola non bollata: una regola in cammino*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 1998.
- ACQUADRO, Chiara Agnese. *Sulle orme di Gesù povero: Chiara d'Assisi e il suo itinerário di vita*. Assisi: Porziuncola, 2014.
- AGAMBEN, Giorgio. *Altissima povertà. Regole monastiche e forma di vita*. Vicenza: Neri Pozza, 2011.
- AGUIAR, Veronica A. S. *A construção da norma no movimento Franciscano: Regulae e Testamentum nas práticas jurídicas mendicantes (1210-1323)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- ALBERZONI, Maria Pia. Chiara d'Assisi e il Vangelo come forma di vita. *Franciscana*. Bolletino della Società internazionale di studi francescani. Spoleto: Fondazione Centro Italiano di studi sull'Alto Medioevo, 2008, pp. 223-254.
- _____. Chiara di Assisi e il francescanesimo femminile. In: LANGELI, A. B. et alii. *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*. Torino: Einaudi, 1997, pp. 203-240.
- _____. *Chiara e il papato*. Milão: Edizioni Biblioteca Francescana, 1995.
- _____. Chiara e i frati. In: PARMIGIANI, A. e CANALI, P. (org.) *Chiara d'Assisi: vangelo al femminile*. Atti del Convegno di studio. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2013, p. 70 -75.
- _____. Chiara e San Damiano tra ordine minoritico e curia papale. In: Chiara Claris praeclara: *Convivium Assisiense*, n. s., anno VI – gennaio-giugno n. I, edizioni Porziuncola, 2004, p. 27-70.
- _____. Da pauperes domine a sorores pauperes: la negazione di un modello di santità itinerante femminile? In: VETERE, Benedetto (org.). *Pellegrinaggi e culto dei Santi*. Santità minoritica del primo e secondo ordine. Atti del Seminario di studi. Nardò, 28 aprile 2001. Nardò: Mario Congedo editore, 2001, pp. 38-59.

- _____. “Et ego manibus meis laborabam” Francesco d’Assisi e il lavoro come espressione di carità. *Sémata*, Ciências sociais e Humanidades, 2014, vol. 26, pp. 47-62.
- _____. Chiara d’Assisi. Il carisma controverso. In: ANDENNA, G.; BREITENSTEIN, M.; MELVILLE, G. (Orgs.). *Charisma und religiöse Gemeinschaften im Mittelalter*, Akten des 3. Internationalen Kongresses des Italienisch-deutschen Zentrums für Vergleichende Ordensgeschichte. Münster: LIT Verlag, 2005, pp. 319 e 333.
- _____. *La nascita di un’istituzione*. L’Ordine di S. Damiano nel XIII Secolo. Milano: CUSL, 1995.
- _____. Le Congregazioni monastiche: le Damianite. In: ANDENNA, Giancarlo (org.). Dove va la storiografia monastica in Europa? Temi e metodi di ricerca per lo studio della vita monastica e regolare in età medievale alle soglie del terzo millennio. Atti del Convegno internazionale Brescia-Rodengo, 23-25 marzo 2000, Milano, V& P Università, 2001, pp. 379-401.
- _____. *Santa Povertà e beata semplicità*: Francesco d’Assisi e la Chiesa Romana. Milano: Vita e Pensiero, 2015.
- _____. Servus vestrum et ancillarum Christi omnium. Gregorio IX e la vita religiosa femminile. *Franciscan Studies* 64, 2006, pp. 145-178.
- _____. Sorores minores e autorità ecclesiastica fino al pontificato di Urbano IV. In: ANDENNA G. e VETERE, B. (org.). *Chiara e la diffusione delle clarisse nel secolo XIII*. Atti del Convegno di studi in occasione dell’VIII centenario della nascita di Santa Chiara, Manduria, 14-15 dicembre 1994. Galatina: Congedo, 1997, pp. 165-194.
- _____; et alii. *Francesco e Chiara d’Assisi*: percorsi di ricerca sulle fonti. Atti delle giornate di studio. Padova: francescane, 2014.
- ANDENNA, Giancarlo; VETERE, Benedetto. *Chiara e il secondo Ordine*. Il fenomeno francescano femminile nel Salento. Atti del Convegno di studi in occasione dell’VIII Centenario della nascita di Santa Chiara. Nardò, 12-13 novembre 1993. Lecce: Congedo, 1997.
- _____. *Chiara e la diffusione delle Clarisse nel secolo XIII*. Atti del Convegno di studi in occasione dell’VIII Centenario della nascita di Santa Chiara. Manduria, 14-15 dicembre 1994. Lecce: Congedo, 1998.

- BAIOLI, Bruno. *Chiara e Francesco nella gioia della vita semplice: lettura storica e spirituale di Assisi*. Assisi: Cittadella Editrice, 2000.
- BARABÁS, Leo. Le lettere di Santa Chiara Allá Beata Agnese di Praga. Riassunto dell'opera di J.K. Vyscocol. Traduzione Fausta Casolini. In: *Santa Chiara D'Assisi*. Studi e cronaca del VII centenário (1253-1953). Assisi: Comitato Centrale per il VII centenário morte S. Chiara, 1954.
- BARONE, Giulia. Frate Elia: suggestioni da una rilettura. In: *I compagni di Francesco e la prima generazione minoritica*. Atti del XIX Convegno internazionale, Assisi, 17-19 ottobre 1991. Espoleto: Centro Italiano di studi sull'alto medioevo, 1992, pp. 59-80.
- _____. Ideali di santità fra XII e XIII secolo. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1993, pp. 33-56.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. *The Medieval Papacy*. London: W.W. Norton & Company, 1979.
- BARTOLI, Marco. Chiara e la guerra. In: *Il nuovo leopardi*. Gennaio-maggio. Urbino: Istituto di Scienze Religiose dell'Università di Urbino, n. 39, 1993. p. 51-69.
- _____. *Chiara d'Assisi*. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 1989.
- _____. *Chiara: una donna tra silenzio e memoria*. Milano: San Paolo edizioni, 2001.
- _____. Il processo di canonizzazione di Chiara d'Assisi. In: ANDENNA G. e VETERE, B. (org.). *Chiara e la diffusione delle clarisse nel secolo XIII*. Atti del Convegno di studi in occasione dell'VIII centenario della nascita di Santa Chiara, Manduria, 14-15 dicembre 1994. Galatina: Congedo, 1997, pp. 133-144.
- _____. *La santità di Chiara d'Assisi: una lettura storica delle fonti*. Assisi: Porziuncola, 2012.
- _____. "Novitas clariana". Chiara, testimone di Francesco. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1993, pp. 157- 186.
- _____. *Pater pauperum: Francesco, Assisi e l'elemosina*. Padova: Messaggero, 2009.
- _____; MARINI, Alfonso. *Da Assisi al mondo: storie e riflessioni del primo secolo franciscano*. Trapani: il pozzo di Giacobbe, 2010.

- BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. Tradução Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006.
- BENVENUTI, Anna. La fortuna del movimento damianita in Italia (sec. XIII): propositi per un censimento da fare. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1993, pp. 57-106.
- BOCCALI, Giovanni. Introduzione. In: *Legenda Latina*. Sanctae Clarae Virginis Assisiensis. Introduzione, texto restaurato, note e indici a cura di P. Giovanni Boccali. Con traduzione italiana a fronte di P. Marino Bigaroni. Santa Maria degli Angeli: Porziuncola, 2001.
- _____. *Santa Chiara d'Assisi sotto processo: lettura storico-spirituale degli Atti di canonizzazione*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 2003.
- BOLTON, Brenda. *A reforma na Idade Média*. Trad., Lisboa: Edições 70, 1986.
- BONI, A. *As três Ordens Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Regole Religiose di ieri e di oggi*. Roma: Edizioni Studium, 1999.
- BROOKE, R. B. *Early franciscan government. Elias to Bonaventure*, Cambridge, 1959.
- BROOKE, Rosalind. La prima espansione francescana in Europa. In: *Espansione del francescanesimo tra Occidente e Oriente nel secolo XIII*. Atti del VI Convegno Internazionale. Assisi, 1979, p. 123-150.
- BRUFANI, Stefano. Le “*legendae*” agiografiche di Chiara d'Assisi del secolo XIII. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1993, pp. 325-356.
- _____. Note di storia, agiografia e iconografia clariana. In: *Franciscana*. Bullettino della Società di studi francescani. n. X. Spoleto: Centro italiano di studi sull'alto medioevo, 2008. p. 65-92.
- _____.; MENESTÒ, Enrico. *Assisi anno 1300*. Assisi: Porziuncola, 2002.
- BRUNELLI, Delir. *Ele se fez caminho e espelho: o seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANALE ALBICINI, Giacomo. ‘Sequela Christi’ e ‘imitatio Christi’ negli scritti di Chiara d'Assisi. In: *Franciscana*, 16 (2004). Società Internazionale di Studi francescani. Spoleto: Centro italiano di studi sull'alto medioevo, p. 17-33.
- CARDINI, Franco. A Itália entre os séculos XI e XIII. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. São Paulo: Ibís, 1997.

- _____. Il Concilio Lateranense IV e la “Fraternitas” Franciscana. A propósito di um problema aperto. In: *Studi Francescani*, vol. 78, n. 3-4, p. 239-250, 1981.
- CARNEY, Margaret. *A primeira franciscana: Clara de Assis e sua forma de vida*. Tradução José Carlos Corrêa Pedroso. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1997.
- _____. *Chiara d’Assisi: la prima donna franciscana e la sua forma di vita*. Roma: Edizioni Borla, 1994.
- CASAGRANDE, Giovanna. Le compagne di Chiara. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 1993, pp. 381-426.
- _____. *Intorno a Chiara*. Il tempo della svolta: le compagne, i monasteri, la devozione. Assisi: Porziuncola, 2011.
- CHAUNU, Pierre. *O tempo das reformas (1250-1550): história religiosa e sistema de civilização*. Lisboa : Edições 70, 1993.
- CHÉRANCÉ, Leopold. *Santa Clara de Assis*. Tradução José Basílio Pereira. Bahia: Mensageiro da fé, 1953.
- CONTI, Martino. *Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens*. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Introduzione e commento alla regola di S. Chiara d’Assisi*. Assisi: Porziuncola, 2002.
- CREMASCHI, Chiara Giovanna. *Chiara d’Assisi. Un silenzio che grida*. Assisi: Porziuncola Edizioni, 2009.
- _____. *Donne emerse dall’ombra: l’eredità di Chiara di Assisi. Il Duecento*. Assisi: Porziuncola, 2011.
- CRISCUOLO, Vincenzo. *Chiara d’Assisi: presenza, devozione e culto*. Roma: Istituto Storico dei Cappuccini, 1994.
- CROCOLI, Aldir. *Francisco de Assis: revisitando sua história (org.)*. Porto Alegre: ESTEF, 2010.
- DALARUN, Jacques. Donne e Donna, femminile e femminizzazione negli scritti e le leggende di Francesco d’Assisi. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 1993, pp. 237-268.

- _____. Chiara e gli uomini. In: ANDENNA, G. e VETERE, B. (org.). *Chiara e la diffusione delle clarisse nel secolo XIII*. Atti del Convegno di studi in occasione dell'VIII centenario della nascita di Santa Chiara, Manduria, 14-15 dicembre 1994. Galatina: Congedo, 1997, pp. 79-120.
- _____. *Governare è servire*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2015.
- DA CAMPAGNOLA, Stanislao. *Le origini francescane come problema storiografico*. Perugia: università degli Studi di Perugia, 1979.
- _____. *Instiuzioni Ecclesiastiche e Vita Religiosa*. In: *Assisi anno 130*. Assisi, 2003.
- DE BONI, Luis Alberto. O debate sobre a pobreza como problema político nos séculos XIII e XIV. In: DE BONI, Luis Alberto. *De Abelardo a Lutero: estudos sobre filosofia prática na idade média*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 215-254.
- _____. Propriedade e poder: aspectos do pensamento político da Escola Franciscana. In: SOUZA, José Antônio C. R. (org.). *Pensamento Medieval*. X Semana de Filosofia da UnB. São Paulo: Loyola/Unisantos, 1983.
- DELCORNO, Carlo. Origini della predicazione franciscana. In: *Francesco d'Assisi e francescanesimo dal 1216 al 1226*. Atti del IV Convegno Internazionale. Assisi, 15-17 ottobre. 1976. Assisi: 1977. p. 125-160.
- DESBONNETS, Theophile. *Da intuição à instituição*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- DI MURO, Raffaele. *La mistica di Santa Chiara: dimensioni e attualità*. Roma: casa editrice Miscellanea Francescana, 2012.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson C. C. de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.
- DHONT, Rene-Charles. *Chiara, madre e sorella*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 1973.
- _____. *Clara de Asis: su projeto de vida evangélica*. Valência: editorial Asis, 1979.
- DIAS, Ivone Aparecida. *Clara de Assis e a formação católica no século XIII: uma análise das fontes Clarianas na perspectiva da História da Educação*. Tese de Doutorado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2014.
- DINZELBACHER, Peter. Movimento religioso femminile e santità mistica nello specchio della “*Legenda sanctae Clarae*”. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull’Alto Medioevo, 1993, pp. 3-32.

- DONI, Rodolfo. *Chiara d'Assisi: il ramoscello forte di Francesco*. Milano: Paoline, 2003.
- DOZZI, Dino e COVI, Davide. *Chiara: francescanesimo al femminile*. Roma: Edizioni Dehoniane, 1992.
- DUBY, G. e PERROT, M. (orgs.) *As mulheres e a História*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- _____. *História das Mulheres. A Idade Média*. Trad. Porto: Afrontamento, 1993, vol. 2.
- DURIGHETTO, Claudio. *Chiara d'Assisi e il suo Ordine: una avventura evangelica tracciata da San Francesco*. Assisi: Porziuncola, 2013.
- ELCID, Daniel. *Clara de Asis: la hermana ideal de San Francisco*. Madrid: Editorial Católica, 1981.
- ERASMI, Maurizio. *Chiara d'Assisi. La fecondità storica di un carisma*. Roma: Edizioni Messaggero, 2008.
- _____. Una rilettura del Testamento di Chiara d'Assisi. In: *Miscellanea Francescana*. Rivista di scienze teologiche e studi francescani. n. 108. Roma: Associazione culturale Miscellanea Francescana, 2008.
- ETZI, Priamo, *Iuridica Francescana*. Percorsi monografici di storia della legislazione dei tre Ordini Francescani. Padova: ed. Messaggero Padova, 2004.
- FALBEL, Nachman. *As heresias medievais*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Perspectiva, 1995 (col. Estudos, 146).
- FASSINI, Dorvalino. *Forma de vida da Ordem das Irmãs Pobres. Leitura e Comentários*. Cascavel: Federação Sagrada Família dos Mosteiros da Ordem de Santa Clara do Brasil, 2009.
- Federazione S. Chiara di Assisi delle Clarisse di Umbria-Sardegna. *Chiara di Assisi. Una vita prende forma. Iter storico. Volume II*. Padova: Messaggero, 2005.
- Federazione delle Clarisse S. Chiara d'Assisi di Umbria-Sardegna. *Il Vangelo come forma di vita: in ascolto di Chiara nella sua Regola. Volume III*. Padova: Messaggero, 2007.
- FLOOD, David. *Frei Francisco e o Movimento Franciscano*. Petrópolis: CEFEPAL, 1986.
- FOREVILLE, Raymonde. *Latran I, II, III et Latran IV*. Paris: Éditions de L'Orante, 1965.

- FORTINI, Arnaldo. Nuove Notizie intorno a S. Chiara di Assisi. In: *Archivum Franciscanum Historicum*. Annus et Tomus XLVI. Firenze: Brozzi-Quaracchi, 1953. p. 3-43.
- FOSSIER, Robert (org.). *Le Moyen Âge: Le Temps des Crises (1250-1520)*. Paris: Armand Colin, T. III, 1983.
- _____. *Le Moyen Âge: L'Éveil de l'Europe (950-1250)*. Paris: Armand Colin, T. II, 1982.
- FRANCO JÚNIOR, H. *A Eva barbada. Ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 1996.
- FREEMAN, Gerard Pieter. *Il cingolo di santa Chiara*. Nuovi contributi documentari sugli inizi del movimento clariano. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2014.
- _____. *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem: Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Storia di Chiara e Francesco*. Torino: Einaudi, 2011.
- _____. *Chiara d'Assisi. Una solitudine abitata*. Roma: Laterza, 2006.
- GARCÍA Y GARCÍA, A. *Historia del Concilio IV Lateranense de 1215*. Salamanca: Centro de Estudios Orientales y Ecuménicos Juan XXIII, 2005.
- GENNARO, Chiara. Chiara, Agnese e le prime consorelle. In: *Movimento religioso femminile e francescanesimo nel secolo XIII. Atti del VII Convegno Internazionale*, Assisi, 11-13 ottobre 1970. Assisi: Società Internazionale di studi francescani, 1980.
- _____. *Chiara d'Assisi. Immagini di una donna: analisi e commento delle lettere e del testamento*. Vicenza : L.I.E.F., 2004.
- _____. *Il francescanesimo femminile*. *Rivista di storia e letteratura religiosa*, v. 25, 1989, p. 259-284.
- GEREMEK, B. *A piedade e a força: história da miséria e da caridade na Europa*. Lisboa: Terramar, 1986.
- _____. *Chiara d'Assisi*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 1995.
- GILLI, Patrick. *Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval – séculos XII-XIV*. Tradução Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobrera. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

- GODET, Jean-François. Introduzione. Prima parte. Aspetto storico e critico degli scritti di Chiara. In: *Chiara d'Assisi. Scritti*. Introduzione, testo latino, traduzione, note e indici di M. F. Becker et. alii., Vicenza: Edizioni LIEF, 1986, p. 11-34.
- GONNET, Giovanni. La donna presso i movimenti pauperistico-evangelici. In: Movimento religioso femminile e francescanesimo nel secolo XIII. *Atti del VII Convegno Internazionale*, Assisi, 11-13 ottobre 1970. Assisi: Società Internazionale di studi francescani, 1980.
- _____. *Le eresie e i movimenti popolari nel basso Medioevo*. Messina-Firenze: G. d'Anna, 1976.
- GORI, Nicola. *Santa Chiara d'Assisi: lettere*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2004.
- GRAU, Englebert. Die Schriften der Heiligen Klara und die werke ihrer biographen. In: Movimento Religioso Femminile e francescanesimo nel secolo XIII. *Atti del VII Convegno Internazionale*, Assisi, 11-13 ottobre de 1979. Assisi 1980. p. 195-238.
- GRUNDMANN, Herbert. *Moviment religiosi nel Medioevo*. Ricerche sui nessi storici tra l'eresia, gli Ordini mendicanti e il movimento religioso femminile nel XII e XIII secolo e sulle origini storiche della mistica tedesca. Bologna: Il Mulino, 1974.
- GUIDA, Marco. Il vangelo come forma di vita: considerazioni sulla regola di Chiara d'Assisi. In: *Studi francescani*, a. 107, n. 1-2, 2010, p. 231-256.
- _____. *Una leggenda in cerca d'autore: la vita di santa Chiara d'Assisi*. Studio delle fonti e sinossi intertestuali. Bruxelles: société di Bollandistes, 2010.
- GUIDONI, E. Città e ordini mendicanti: il ruolo dei conventi nella crescita e nella progettazione urbana del XIII e XIV secolo. In: *Quaderni Medievalli*, vol. 4, p. 69-106, 1977.
- HARDICK, Lothar. *La spiritualità di Santa Chiara: comment alla vita e agli scritti della Santa*. Milano: EBF, 1986.
- HEFELE, Charles-Joseph. *Histoire des Conciles: d'apres les documents originaux. Deuxieme partie*. Paris: Letouzey et Ané, Editeurs, 1913.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HONE, Mary Francis. *Clare of Assisi: investigations*. New York: The Franciscan Institute – St. Bonaventure University, 1993.
- HUËROU, Armelle Le. À la (re)découverte de Claire d'Assise et des ses sources. In: *Études Franciscaines*. Nouvelle série, 7, 2014, fascicule 1, p. 57-68.

- IRIARTE, Lázaro. *Letra e espírito da Regra de Santa Clara*. Tradução Adelino Piloneto. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.
- LAINATI, Chiara A. *Novus Ordo, nova vita: un nuovo Ordine, una nuova vita*. Regola di Santa Chiara d'Assisi. Matelica: Monastero Clarisse S. Maria Mad., 2001.
- _____. *Perché santa Chiara tra le fonti francescane?* In: CAROLI, E. *Fonti Francescane*. Padova: Messaggero, 1996. p. 2215-2240.
- _____. *Studi su Santa Chiara d'Assisi*. Milano: Università Cattolica del Sacro Cuore, 2003.
- LAMBERT, M. D. *Franciscan Poverty. The doctrine of the absolute poverty of Christ and the apostles in the franciscan order 1210-1323*, London, 1961.
- LANDINI, L. *The causes of the clericalization of the Order of Friars Minors, 1209-1260*. In the light of early franciscan sources. Chicago: 1968.
- LANGELI, Atilio Bartoli. *Gli autografi di frate Francesco e di frate Leone*. Turnhout: Brepols, 2000, pp. 104-130.
- Lazzeri, Zeffirino. Il Privilegium paupertatis concesso da Innocenzo III e che cosa fosse in origine. *Archivium Franciscanum Historicum*, v. 11, 1918, fasc. 1-2, pp. 270-305.
- LE BRAS, G. *Institutions ecclésiastiques de la Chrétienté médiévale*, I, in A. Fliche - V. Martin, *Histoire de l'Église*, XII, Tournai, 1959.
- LECLERCQ, J. *Dottrine sulla Chiesa nella seconda parte del Medio Evo*, in AA. VV., *Problemi di storia della Chiesa. Il Medioevo dei secoli XII-XV*, Milano, 1976, 133-161.
- _____. Il monachesimo femminile nel secolo XII e XIII. In: Movimento religioso femminile e francescanesimo nel secolo XIII. *Atti del VII Convegno Internazionale*. Assisi: 1980, p. 61-99.
- _____. *Cultura umanistica e Desiderio di Dio: studio sulla letteratura monastica del medioevo*. Milano: Saggi, 2002.
- LEDOUX, Marie C. *Iniziazione a Chiara d'Assisi*. Assisi: cittadella editrice, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1982, 2 v.
- _____. *Em busca da Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- _____. *La baja Edad Media*. Trad. Lourdes Ortiz. México; Madrid; Buenos Aires; Bogotá: Siglo Veintiuno 1ª ed. Esp 1971, 20ª ed. Esp. 1992, 1ª ed. Alemã 1965.
- _____. *Ordres mendiants et urbanisation dans la France médiévale*. In: Annales. Économies, Sociétés, Civilisations, vol. 25, n. 36, p. 924-946, 1970.
- _____. *São Francisco de Assis*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEHMANN, Leonard. *L'autenticità del Testamento di Santa Chiara: un confronto con le sue lettere*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2013.
- LITTLE, Lester K. *Pobreza voluntaria y economia de beneficio en la Europa medieval*. Versión castellana de Mercedes Barat. Madri: Taurus Ediciones, 1986.
- KNOX, Lezlie S. *Creating Clare of Assisi: female franciscan identities in later medieval Italy*. Leiden; Boston: Brill, 2008.
- MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. A heresia como forma de resistência à exclusão social: o caso dos Beguinos (sul da França e norte da Itália - 1307-1323). *Dimensões* (UFES), v. 23, 2009, p. 182-198.
- _____. *A Questão Espiritual nos Beguinos da Provença*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. *Contribuição à questão da pobreza presente na obra Arbor Vitae Crucifixae Iesu, de Ubertino de Casale*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.
- _____. Movimentos Religiosos na Baixa Idade Média – os séculos XII e XIII. Série de Conferências. São Paulo: Província dos Capuchinhos de São Paulo, 2005.
- MALECZEK, Werner. *Chiara d'Assisi: la questione dell'autenticità del Privilegium Paupertatis e del Testamento*. Milão: Edizioni Biblioteca Francescana, 1996.
- MANSELLI, Raoul. *Il secolo XII: Religione popolare ed eresia*. Roma: Jouvence, 1983.
- _____. *Il soprannaturale e la religione popolare nel Medioevo*. Roma: Studium, 1993 (Religione e Società: Storia della Chiesa e dei Movimenti Cattolici, 13).
- _____. La religion populaire au Moyen âge. Problèmes de method et d'histoire. Paris: Institut d'études médiévales Albert –leGrand-Libreirie J. Vrin, 1975.

- _____. La povertà nella vita di Francesco d'Assisi. In: *La povertà del secolo XII e Francesco d'Assisi*. Atti del II Convegno della Società Internazionale di Studi francescani, Assisi, 17-19 ottobre 1974, Assisi 1975, pp. 255-282.
- _____. *Para mejor conocer a Francisco de Asis*. Madrid: editorial Franciscana Aránzazu Oñati (Guipúzcoa), 1997.
- _____. *São Francisco*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____; MARINI, Alfonso. *I primi cento anni di storia francescana*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2004.
- MANSI, J. D. et alii. *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio*. Paris: Graz, 1962, 31 vols.
- MARANESI, Pietro. *Chiara d'Assisi: storia, memoria e attualità*. Assisi: Cittadella, 2012.
- _____. *Francesco e Chiara: due volti dello stesso sogno*. Assisi: Cittadella, 2015.
- _____. *Il mercante e la sposa: il linguaggio delle metafore in Francesco e Chiara*. Bologna: EDB, 2014.
- _____. *La clausura di Chiara d'Assisi: un valore o una necessità*. Assisi: Porziuncola, 2012.
- MARINI, Alfonso. “*Ancilla Christi, plantula sancti Francisci*”. Gli scritti di Santa Chiara e la Regola. In: *Chiara di Assisi*. Atti del XX Convegno internazionale. Assisi: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1993, pp. 107-156.
- _____; MISTRETTA, Maria Beatrice. *Chiara d'Assisi e la memoria di Francesco*. Città di Castello: Petrucci, 1995.
- _____. et alii. *Sainte Agnès de Prague*. Paris: Éditions Franciscaines, 2013.
- _____; BARTOLI, Marco. *Il Sacrum commercium del beato Francesco con madonna Povertà*. Vicenza: LIEF, 2003.
- _____; UNGARELLI, Paola. *Agnese di Boemia*. Roma: Istituto storico dei Cappuccini, 1991.
- MATURA, Thaddeé. Introduzione. Seconda parte. Il contenuto degli scritti. In: Chiara d'Assisi. *Scritti*. Introduzione, testo latino, traduzione, note e indici di MARIE F. Becker et. alii., Vicenza: Edizioni LIEF, 1986. p. 35-77.
- MENESTÒ, Enrico. Lo stato attuale degli studi su Chiara d'Assisi. In: *CLARA CLARIS PRAECLARA*. Atti del Convegno Internazionale Clara Claris Praeclara. Assisi 20-22 novembre 2003. Assisi: Porziuncola, 2004, pp. 1-25.

- MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco. História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI*. Petrópolis: Vozes; FFB, 2005.
- MICCOLI, Giovanni. *Francisco de Assis: Realidade e memória de uma experiência cristã*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Francisco. O santo de Assis na origem dos movimentos franciscanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- MOLLAT, Michel (dir.), *L'Histoire de la pauvreté. (Moyen Age – XVI siècle)*. Paris: Sorbonne, 1974, 2 vols.
- _____. *Os pobres na Idade Média*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- MONTORSI, Giambattista. *Chiara d'Assisi maestra di vita: il messaggio delle fonti francescane*. Padova: Edizioni Messaggero, 1986.
- MOORMAN, J. *A history of the Franciscan Order, from its origins to the year 1517*, Oxford, 1968.
- OMAECHEVARRIA, Ignazio. *Las clarisas atraves de los siglos*. Madrid: Cisneros, 1972.
- _____. Introducciones, traducción y notas. In: *Escritos de Santa Clara y documentos contemporáneos*. Edición bilingüe. Madrid, 1970.
- PACAUT, Marcel. *Histoire de la Papauté. De l'origine au Concile de Trente*. Paris: Fayard, 1976.
- PADOAN, Paolo. *Chiara d'Assisi*. Roma: Edizioni Messaggero, 2008.
- PAOLAZZI, Carlo. *Il Testamento di Chiara d'Assisi: messaggio e autenticità*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2013.
- PAOLI, Emori. Introdução. In: MENESTÒ, Enrico. et alii In: *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizione Porziuncola, 1995.
- _____. In: Introdução. BRUFANI, Stefano et. alii. *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizione Porziuncola, 1997.
- PARMIGIANI, Annalisa; CANALI, Paolo (org.). *Chiara d'Assisi: vangelo al femminile*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2013.
- PASQUALE, Gianluigi. *Chiara d'Assisi: donna di luce*. Torino: Lindau, 2012.
- PAUL, Jacques. *Les Franciscains et la pauvreté aux XIII et XIV s.*, "Revue d'histoire de l'Eglise de France", 52 (1966), 33-37.
- PEDROSO, José Carlos Corrêa. Introdução. In: *Fontes Clarianas*. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2004.
- PENCO, Giovanni. *Il monachismo fra spiritualità e cultura*. Milano: ed. Laterza, 1991.

- PERNOUD, R. *A mulher no tempo das catedrais*. Lisboa: Gradiva, 1984.
- PERUGINI, Antonella. *Chiara d'Assisi*. Roma: Padre Pio da Pietrelcina, 2007.
- PETERSON, Ingrid. J. *Clare of Assisi: a biographical study*. Quincy: Franciscan Press, 1993.
- PIERAZZI, Rina Maria. *Clara a companheira de Francisco*. Tradução de Alda Machado. São Paulo: Paulinas, 1994.
- PINTARELLI, Ary E., PEDROSO, José Carlos C e TEIXEIRA, Celso Márcio. Introdução. In: *Fontes franciscanas e clarianas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-82.
- PINTARELLI, Ary E., PEDROSO, José C., TEXEIRA, Celso, *Introdução a Fontes Franciscanas e Clarianas*. In: *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- POWER, E. *Les femmes au Moyen Age*. Paris: Aubier-Montaigne, 1979.
- POZZI, Giovanni; RIMA, Beatrice. *Lettere ad Agnese: la vision dello specchio*. Milano: Adelphi, 1999.
- RAPP, Francis. *L'Église et la Vie Religieuse en Occident á la fin du Moyen Âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.
- RIGAUX, Dominique. Claire d'Assise: naissance d'une image. XIIIe-XVe siècles. In: *Sainte Claire et sa Postérité. VIIIe Centenaire de Sainte Claire*. Actes du Colloque de l'U.N.E.S.C.O. 29 septembre-1er octobre 1994. Paris: Association Claire Aujourd'hui, 1995, pp.155-183.
- ROEST, Bert. *Order and disorder: the poor Clares between Foundation and Reform*. Leiden;Boston: Brill, 2013.
- ROTZETTER, Anton. *Clara de Assis: a primeira mulher franciscana*. Tradução Carlos Almeida. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *Chiara d'Assisi: la prima franciscana*. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 1994.
- SABATIER, Paul. *Vida de São Francisco de Assis*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: Instituto Franciscano de Antropologia, 2006.
- SANTAMBROGIO, Cristiana. *Un legame liquido: cambiamenti di stato in Chiara d'Assisi*. Assisi: Cittadella, 2010.
- SARTOR, Gabry. *Chiara d'Assisi: il passo nell'orma*. Perúgia: Edizioni E.F.I., 1994.
- SAVEY, Catherine. Les autorités de Claire. In: Brunel-Lobrichon, Geneviève et all. (org.) *Sainte Claire d'Assise et sa postérité: actes du colloque international*

- organisé à l'occasion du VIII^e centenaire de la naissance de sainte Claire, U.N.E.S.C.O. Nantes: Association Claire aujourd'hui, 1995, p. 61-86.
- SCANDALETTI, Paolo. *Chiara D'Assisi*. Rizzoli: BUR, Biblioteca Università Rizzoli, 2002.
- SCHMITT, C. *Introduzione allo studio degli Spirituali e dei Fraticelli*, "Picenum Seraphicum", 11 (1974).
- SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo e o gesto na civilização Medieval*. Lisboa: Edições Colibri, 2005.
- SCHMITT, Jean-Claude. Recueils franciscains d' "exempla" et perfectionnement des techniques intellectuelles du XIII^e au XV^e siècle. In: *Bibliothèque de l'École des Chartres*. Révue d'érudition. Paris/Genève, n. CXXXV, p. 5-21, 1977.
- SETON, Walter. The letters from Saint Clare to Blessed Agnes of Bohemia. In: *Archivum Franciscanum Historicum*. Annus XVII. Tomus XVII. Firenze: Quaracchi, 1924. p. 509-519.
- SENSI, Mario. *Il perdono di Assisi*. Assisi: edizioni Porziuncola, 2002.
- SERROU, Robert. *Les clarisses: les pauvres dames de Saint-Claire d'Assise*. Paris: Pierre Horay, 1960.
- SILVA, Valéria Fernandes da. *A construção da verdadeira religiosa no século XIII: o caso de Clara de Assis*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- _____. *Relações de Gênero no Processo de Construção do Mosteiro de São Damião*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- SILVEIRA, Ildefonso. *Retrato de Santa Clara de Assis na literatura hagiográfica*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- STEFANI, Wagner Aparecido. *A instrumentalização da Ordo Fratrum Minorum como um dos elementos da normatização e homogeneização litúrgica da Cúria Romana (1208-1230)*. Tese (Doutorado em História Social), São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2015.
- STICCO, Maria. *Storia di Chiara: la santa di Assisi*. Assisi: Porziuncola, 2011.
- SWANSON, R.N. *Religion and Devotion in Europe: c.1215-c.1515*. Cambridge: Cambridge Medieval Textbooks, 1995.
- TRIVIÑO, María Victoria. *Clara de Asís ante el espejo: historia y espiritualidad*. 2ed. Madrid: Ediciones Paulinas, 1991.

- URIBE ESCOBAR, Fernando. Apuntes para una lectura actualizada de la Regla Franciscana. *Selecciones de Franciscanismo*, 36 (2006), 181-206.
- _____. Cien años de estudios sobre la regla de Santa Clara de Asís. Logros y perspectivas. In: *Estudios franciscanos*. Volumen 114, Enero-Agosto, 2013, N° 454, pp. 29-71.
- _____. Comentar hoy la regla franciscana. El “nuevo curso” en la interpretación de la regla bulada, cincuenta años después del Werkbuch. In: *Collectanea Franciscana*, volume 76, 2006, pp. 119-160.
- _____. El itinerario histórico de la Regla de Santa Clara: una prueba de fidelidad al Evangelio. *Selecciones de Franciscanismo*, vol. XXV, n. 75, 1996, pp. 405-432.
- _____. Il Cristo di Santa Chiara: Gesù Cristo nella esperienza e nel pensiero di Chiara d’Assisi. In: *Dialoghi con Chiara di Assisi. Atti delle giornate di studio e riflessione per l’VIII centenario di Santa Chiara*. Assisi: 1995, p. 21-51.
- _____. *Introduzione alle agiografie di S. Francesco e S. Chiara D’Assisi (sec. XIII-XIV)*. Roma: Rattori, 1996.
- _____. *Leggere Francesco e Chiara d’Assisi: introduzione generale e guida metodologica ai loro scritti*. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 2013.
- _____. *Por los caminos de Francisco de Asis*. Navarra: Editorial Franciscana Aránzazu Oñate (Guipúzcoa), 1990.
- VAIANI, Cesare. *Francesco e Chiara d’Assisi: analisi del loro rapporto nelle fonti biografiche e negli scritti*. Milano: Glossa, 2004.
- VALERIA, Adriana. La questione femminile al tempo di Chiara. *Laurentianum*. Fasc. 1-2, ano 31, 1991, p. 50-61.
- VAN DIJK, J.P.V. The breviary of Saint Clare. In *Franciscan Studies*, n° 8, 1948.
- VAN STEENBERGHEN, F. *La filosofia nel XIII secolo*. Milano, 1972.
- VAUCHEZ, André. *François d’Assise. Entre histoire et mémoire*. Paris: Fayard, 2009.
- _____. *Francesco d’Assisi. Tra storia e memoria*. Torino: Einaudi, 2010.
- _____. *Les laïcs au Moyen Ages. Pratiques et expériences religieuses*. Paris: CERF, 1987.
- _____. *Ordini mendicanti e società italiana (XIII-XIV secolo)*. Milano: Il Saggiatore, 1990.
- VIGINI, G. (org.). *Francesco e Chiara D’Assisi - «Dove è odio, fa che io porti l’amore»*. Cinisello Balsamo: San Paolo Edizioni, 2016.

- VILLAPADIERNA, I. de; MARANESI, P. *Bibliografia di Santa Chiara di Assisi 1930-1993*. Roma: Istituto storico dei cappuccini, 1994.
- ZAVALLONI, Roberto. *A personalidade de santa Clara de Assis: estudo psicológico*. Tradução Ary E. Pintarelli. Petrópolis: FFB, 1995.
- ZERNER, Monique. *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. São Paulo: Unicamp, 2009.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz. A "literatura" medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

III. Dicionários e Enciclopédias

- ARIÈS, P. e DUBY, G. (dir.) *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, vol. 1 e 2.
- BOCCALI, G. "São Damião, santuário". In: CAROLI, E. *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 682-690.
- BONAISSSE, P. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.
- CAROLI, Ernesto (ed.). *Dizionario Francescano: Spiritualità*. Padova: Messaggero di S. Antonio, 1995.
- CAROLI, Ernesto (org.). *Dicionário Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CREMASCHI, Chiara Giovanna. "Pobres Damas, irmãs pobres, clarissas". In: CAROLI, Ernesto (org.). *Dicionário franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 578-585.
- ENCICLOPEDIA dei Papi. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 2000, 2v.
- FÉDOU, René et alii. *Lexique historique du Moyen Age*. Paris: Armand Colin, 1995 (Cursus).
- LE GOFF, Jacques e SCHIMIDT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coord. Da trad. Hilário Franco Jr. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- NELLI, René. *Dictionnaire du Catharisme et des Hérésies Meridionales*. Toulouse: Privat, 1994.

The Catholic Encyclopedia: An International Work of Reference on the Constitution, Doctrine, Discipline and History of the Catholic Church. New York: The Universal Knowledge Foundation, Inc., 15 vol., 1913.

STRAYER, J. R. (ed.). *Dictionary of the Middle Ages.* New York, 13 vols., 1982-89.

VAUCHEZ, André (dir.). *Dictionnaire Encyclopédique du Moyen Âge.* Paris: Cerf; Roma: Città Nuova; Cambridge: James Clarke&CO LTD., 2 vols., 19.

IV. Obras on line

BARONI, Giulia. La povertà del secolo XII e Francesco d'Assisi In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Moyen-Age, Temps modernes* T. 87, N°1. 1975. p. 353-356. Disponível em:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mefr_0223-5110_1975_num_87_1_2330. Acesso em: 05/07/2014.

_____. L'ordine dei predicatori e le città. Teologia e politica nel pensiero e nell'azione dei predicatori. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Moyen-Age, Temps modernes* T. 89, N°2. 1977. p. 609-618. Disponível em:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mefr_0223-5110_1977_num_89_2_2410. Acesso em: 01/10/2014.

BARROS, José D'Assunção. História Social: seus significados e seus caminhos. LPH Revista de História da UFOP, n 15, 2005. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/46494234/Historia-Social-UFOP-2005>. Acesso em: 10/01/2014.

BOUGEROL, Jacques Guy. Il reclutamento sociale delle Clarisse di Assisi. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Moyen-Age, Temps modernes* T. 89, N°2. 1977. p. 629-632. Disponível em:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mefr_0223-5110_1977_num_89_2_2412. Acesso em: 29/08/2014.

DALARUN, Jacques. Francisco e Clara, masculino/feminino em Assis no século XIII. In: *Cadernos de Espiritualidade Franciscana.* Caderno 39. Braga: Editorial Franciscana, 2010. pp. 27-41. Disponível em:

http://www.editorialfranciscana.org/files/_Caderno_39_4ec2a6868e8a7.pdf. Acesso em: 15/09/2014.

- Fontes Franciscanas e Clarianas. Província dos Capuchinhos de São Paulo. Disponível em: <http://www.procasp.org.br/fontes.php>. Acesso em: 01/02/2014.
- FORTINI, Gemma. A nobre família de Santa Clara de Assis. Tradução de Frei José Carlos C. Pedroso. 2006. Disponível em: <http://www.centrofranciscano.org.br/images/publicacoes/artigos/A-NOBRE-FAMILIA.pdf>. Acesso em: 26/02/2014.
- HUDDLESTON, G. Roger. Western monasticism. The catholic Encyclopedia, 1999. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/10472a.htm>. Acesso em: 26/02/2014.
- LAINATI, Chiara Augusta. Prefazione. Processo di canonizzazioni di Santa Chiara: Disponível em: www.giovaniconfrancesco.it/Fonti/.../Processo.rtf. Acesso em: 01/06/2014.
- Landesarchiv Baden-Württemberg: Württembergisches Urkundenbuch Online Band IV., Nr. 1239; Stand 17. Januar 2016. Disponível em: www.wubonline.de/?wub=1862 Acesso: 06 jun 2016.
- MERLO, Grado Giovanni. Coercition et orthodoxie: modalités de communication et d'imposition d'un message religieux hégémonique. In: Faire croire. Actes de table ronde de Rome (22-23 juin 1979). Rome: École Française de Rome, 1981. pp. 101-118. (Publications de l'École française de Rome, 51) Disponível em : http://www.persee.fr/web/ouvrages/home/prescript/article/efr_0000-0000_1981_act_51_1_1372. Acesso em: 05/07/2014.
- MUSCAT, Noel. Vita di San Francesco d'Assisi. Shkodër: Arra e Madhe, 2003. Disponível em http://i-tau.com/wp/wp-content/uploads2/books/vita_s_fran.pdf. Acesso em: 10/01/2014.
- OLGIATI, Feliciano e LAINATI, Chiara Augusta. Scritti di Chiara D'Assisi. Lettere. Padova: Edizioni Messaggero. s/d. Disponível em: www.giovaniconfrancesco.it/Fonti/.../Lettere.rtf . Acesso em: 17/04/2014.
- Società Internazionale di Studi Francescani: a Franciscana un Bollettino della Società internazionale di studi francescani. Disponível em: <http://www.sisf-assisi.it/publicazioni.htm> Acesso: 06 jun de 2014.
- SETON, Walter. Some new sources for the life Blessed Agnes of Bohemia. 1915. Versão parcialmente digitalizada em 2010. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=ihNW0fkKwSAC&printsec=frontcover&hl>

=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 23/01/2014.

The Life & Deeds of St. Agnes of Prague of the Order of St. Clare 1200-1282 A.D. by

A Friar Minor. Disponível em: <http://www.franciscan-archive.org/misc/agnesve.html>. Acesso em: 18/05/2014.

VAIANI, Cesar. Santa Clara de Asís en sus escritos. II El testamento. Disponível em

<http://www.franciscanos.org/estudios/vaianic2.htm>. Acesso em: 01/09/2014.

APÊNDICE

Tabela comparativa dos textos legislativos clarianos⁴⁵⁹

FvCI (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
I In nomine Domini incipit forma vitae sororum pauperum					
1 1	2	1 1	1 1	Prol, 1	
1 2		1 1	1 1	1	1
1 3		Prol 3	1 2		
1 4					
1 5		Prol 4	1 3		
II De his quae volunt vitam istam accipere et qualiter recipi debeant					
2 1	4, 1	2 1	2 1	Prol, 1	3
2 2		2 1	2 1		3
2 3			2 2		
2 4			2 3		
2 5	4		2 3-4	1	3
2 6	4	2 3		1	3
2 7		2 4	2 5		
2 8		2 11	2 6		
2 9		2 2,5	2 7		
2 10			2 8		
2 11	9, 4, 9	2 8	2 9	5, 1, 5	3-4
2 12	4	2 10	2 12-13	1	2
2 13	4	2 9	2 11	1	3

⁴⁵⁹ Como a Forma de vida de Clara é o fio condutor desta Tese de Doutorado, optamos por colocar à direita e os demais textos por ordem cronológica. Para fazer esse quadro comparativo utilizamos as tabelas propostas pelas seguintes obras: *Chiara di Assisi e le sue fonti legislative*. Sinossi cromatica. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2003, p. 22-115; DALARUN, Jacques e HUEROU, Armelle Le (org.). *Claire d'Assise*. Écrits, Vies, documents. Paris: Les éditions du cerf – Les éditions franciscaines, 2013, p. 1035-1042.

FvCI (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
2 14				5	4
2 15	9			5	4
2 16	9		4 2	5	4
2 17	4				3-4
2 18					3
2 19	5			3	3
2 20				1	3
2 21	4			1	19
2 22			2 15	10	19
2 23		2 12			2
2 24		2 14		5	4
III De divino officio et jejuni- o, de confessione et communione					
3 1	5	3 3-4	3 1	2	6
3 2	5	3 7-9	3 2	2	
3 3					6
3 4	5	3 10	3 3	2	6
3 5		3 10	3 4	2	6
3 6					6
3 7		3 6			6
3 8	7	3 11	3 5-7	4	11
3 9	7	3 12-13	3 8	4	11
3 10	7			4	11
3 11		9 13,16	3 9	4	11
3 12		20 1			7
3 13				7	7
3 14		20 5		7	7
3 15	13			7	7, 17
IV De electione et officio abbatissae, de capitulo atque de officialibus et discretis					

FvCl (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
4 1	14			12	22
4 2				12	
4 3					
4 4					
4 5					
4 6			8 2		
4 7		5 3-4	8 4		24
4 8		4 6, 16 4			
4 9					22
4 10					22
4 11					22
4 12					22
4 13					
4 14					
4 15		18 1	8 5		22
4 16					22
4 17					22
4 18					22
4 19				11	22
4 20					
4 21			11 3		
4 22					22
4 23					
4 24					
V De silentio ac de locutorio et crate					
5 1	6			3	9
5 2					9
5 3				3	9
5 4	6			3	9
5 5	6			3	9, 16, 17

FvCI (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
5 6	6			3	16
5 7	13			7	17
5 8	6			3	10
5 9	13			7	13, 17
5 10	13			7	17
5 11				7	17
5 12				7	17
5 13				7	17
5 14					17
5 15				9	16
5 16					
5 17	13			7	
VI De non habendis possessionibus					
6 1					
6 2					
6 3					
6 4					
6 5					
6 6	1		5 4		
6 7					
6 8					
6 9					
6 10					
6 11					
6 12		2 5-6	4 1	11	
6 13					
6 14					
6 15					
VII De modo laborandi					
7 1		7 3	5 1	2	8

FvCl (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
7 2		7 11-12	5 2		8
7 3					8
7 4		7 7-8	5 3-4		8
7 5					8
VIII Quod nihil appropriet sibi sorores et de eleemosyna procuranda et de Sororibus infirmis					
8 1		7 13	6 1		
8 2		7 8, 9 3	6 2		
8 3		9 4	6 3		
8 4	1	9 8	6 4		
8 5			6 5		
8 6		9 1, 5	6 6		
8 7					22
8 8					
8 9					
8 10					
8 11		8 3	4 1-3		
8 12	8	8 3	4 2	4	12
8 13	8				12
8 14		6 2, 10 1	6 9		12
8 15		9 10	6 8		
8 16		9 11	6 8		
8 17	8			5	
8 18	8			5	
8 19	6, 12			3, 6	
8 20	6				10, 18
8 21	6				10
IX De poenitentia sororibus peccantibus imponenda et de sororibus servientibus extra monasterium					

FvCl (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
9 1		13 1, 5 5-6	7 1		
9 2		5 6			
9 3		5 6			
9 4		3 5			
9 5		5 7	7 3		
9 6		8 7, 11 1, 3			22
9 7					22
9 8					22
9 9		21 5-6			22
9 10					22
9 11	13			10	19
9 12			3 10-11	10	19
9 13		12 1-2	11 1	10	19
9 14			11 3		
9 15				10	19
9 16					19
9 17			7 2	10	
9 18				10	
X De admonitione et correctione Sororum					
10 1		4 2	10 1		22
10 2			10 2		
10 3		4 3	10 3		
10 4	6		10 5		22
10 5		4 6	10 6		
10 6		17 9-10, 8 1-2	10 7		22
10 7	14	11 5-6			22
10 8	5		10 8	2	

FvCI (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
10 9		17 16	10 8		
10 10		17 15, 8	10 9		
10 11		22 3-4	10 10		
10 12		16 12	10 10- 11		
10 13		16 20	10 12		
XI De Clausurae custodia					
11 1	15			9	13
11 2	15			9	13
11 3	15			9	13
11 4	15			9	13
11 5	15			9	13
11 6	15			9	13
11 7	15, 12			9, 6	18
11 8					18
11 9	12			6	18
11 10	15, 12			9, 6	18
11 11	15			9	18
11 12	15			9	
XII De Visitatore, Capellano et Cardinali protectore					
12 1	14			8, 12	24
12 2	14			8	24
12 3	14			8	24
12 4	14			8	24
12 5	13			7, 12	7, 20
12 6				7	
12 7					
12 8				7	7
12 9				7	7
12 10	13			7	7

FvCl (1253)	FvHug (1219?)	RegNB (1221)	RegB (1223)	FvInn (1244)	FvUrb (1263)
12 11	13			7	7
12 12	12		12 3	12	25
12 13		19 1	12 4		

ANEXOS

Mapa 1

Localização do território da Úmbria na Itália

http://www.paesionline.it/umbria/assisi/mappa_assisi.asp?rate=a1&utm_source=cpc&utm_medium=map&utm_campaign=map Acesso 06 jun 2014.

Mapa 2

A região da Úmbria com destaque para a cidade de Assis

http://www.paesionline.it/umbria/assisi/mappa_assisi.asp?rate=a1&utm_source=cpc&utm_medium=map&utm_campaign=map Acesso 06 jun 2014.

Mapa 3

A cidade de Assis em detalhes

<http://asivieri.tripod.com/AssisiIn/mappa.html> Acesso: 19 jun 2014.

Mapa 4

Os mosteiros em 1253

LOBRICHON, G. B. ; DINET, D. ; GRÉAL, J. e VORREUX, D. *Sainte Claire d'Assise et sa postérité: actes du colloque international organisé à l'occasion du VIIIe centenaire de la naissance de sainte Claire*, U.N.E.S.C.O. (29 septembre-1er octobre 1994). Nantes: Association Claire Aujourd'hui, 1995, Carte 1.

Bula Innocentii Papae IV

¹Innocentius, episcopus, servus servorum Dei.

²Dilectis in Christo filiabus, Clarae abbatissae aliisque sororibus monasterii Sancti Damiani Assisinatis, salutem et apostolicam benedictionem.

³Solet annuere Sedes Apostolica piis votis et honestis petentium precibus favorem benevolum impertiri. ⁴Ex parte siquidem vestra nobis exstitit humiliter supplicatum, ut cum vitae formulam, iuxta quam communiter in spirituum unitate ac voto *altissimae paupertatis* (cfr. 2Cor 8,2) vivere debetis, ⁵vobis a beato Francisco traditam et a vobis sponte susceptam, ⁶venerabilis frater noster Ostiensis et Velletrensis episcopus duxerit approbandam, secundum quod in ipsius episcopi litteris confectis exinde plenius continetur, ⁷nos id curaremus apostolico munimine roborari. ⁸Devotionis igitur vestrae precibus inclinati, quod ab eodem episcopo super hoc factum est ratum habentes et gratum, illud auctoritate apostolica confirmamus et praesentis scripti patrocinio communimus, ⁹tenorem litterarum ipsarum de verbo ad verbum praesentibus inseri facientes, qui talis est:

¹⁰Raynaldus, miseratione divina Ostiensis et Velletrensis episcopus, carissimae sibi in Christo matri et filiae dominae Clarae, abbatissae Sancti Damiani Assisinatis, ¹¹eiusque sororibus, tam praesentibus quam futuris, salutem et benedictionem paternam.

¹²Quia vos, dilectae in Christo filiae, mundi pompas et delicias contempsistis, ¹³et ipsius Christi et eius sanctissimae matris *sequentes vestigia* (cfr. 1Pet 2,21) elegistis habitare incluso corpore et in paupertate summa Domino deservire, ut mente libera possitis Domino famulari, nos vestrum sanctum propositum in Domino commendantes, votis vestris et sanctis desideriis libenter volumus affectu paterno favorem benevolum impertiri.

¹⁵Eapropter vestris piis precibus inclinati, formam vitae et modum sanctae unitatis et *altissimae paupertatis* (cfr. 2Cor 8,2) quam vobis beatus pater vester sanctus Franciscus verbo et scripto tradidit observandam, ¹⁶praesentibus annotatam, auctoritate domini papae et nostra vobis omnibus vobisque in vestro monasterio succedentibus in perpetuum confirmamus et praesentis scripti patrocinio communimus.

Sanctae Clarae Regula

In nomine Dominiincipit forma vitae sororum pauperum

¹Forma vitae Ordinis Sororum Pauperum, quam beatus Franciscus instituit, haec est:²Domini nostri Jesu Christi sanctum evangelium observare, vivendo in obbedientia, sine proprio et in castitate.

³Clara, indigna ancilla Christi et plantula beatissimi patris Francisci, promittit obedientiam et reverentiam domino papae Innocentio et successoribus eius canonice intrantibus et Ecclesiae Romanae.

⁴Et sicut in principio conversionis suae una cum sororibus suis promisit obedientiam beato Francisco, ita eandem promittit inviolabiliter servare successoribus suis.

⁵Et aliae sorores teneantur semper successoribus beati Francisci et sorori Clarae et aliis abbatissis canonice electis ei succedentibus obedire.

De his quae volunt vitam istam accipere et qualiter recipi debeant

¹Si qua divina inspiratione venerit ad nos volens vitam istam accipere, abbatissa sororum omnium consensum requirere teneatur;²et si maior pars consenserit, habita licentia domini cardinalis protectoris nostri, possit eam recipere.³Et si recipiendam viderit, diligenter examinet eam vel examinari faciat de fide catholica et ecclesiasticis sacramentis.⁴Et si haec omnia credat et velit ea fideliter confiteri et usque in finem firmiter observare;⁵et virum non habet vel, si habet, et iam religionem intravit auctoritate dioecesani episcopi, voto continentiae iam emissio;⁶aetate etiam longaeva vel infirmitate aliqua seu fatuitate ad huius vitae observantiam non impediens,⁷diligenter exponatur ei tenor vitae nostrae.

⁸Et si idonea fuerit, dicatur ei verbum sancti Evangelii, quod vadat et vendat omnia sua et ea studeat *pauperibus* erogare (cfr. Mat 19,21).⁹Quod si facere non poterit, sufficit ei bona voluntas.¹⁰Et caveant abbatissa et eius sorores ne sollicitae sint de rebus suis temporalibus, ut libere faciat de rebus suis quidquid Dominus inspiraverit ei.¹¹Si tamen consilium requiratur, mittant eam ad aliquos discretos et *Deum timentes* (cfr. Act 13, 16), quorum consilio bona sua pauperibus erogentur.

¹²Postea capillis tonsis in rotundum et deposito habitu saeculari, concedat ei tres tunicas et mantellum.¹³Deinceps extra monasterium sine utili, rationabili, manifesta et probabili causa eidem exire non liceat.¹⁴Finito vero anno probationis, recipiatur ad obedientiam promittens vitam et formam paupertatis nostrae in perpetuum observare.

¹⁵Nulla infra tempus probationis veletur. ¹⁶Mantellulas etiam possint sorores habere pro alleviatione et honestate servitii et laboris. ¹⁷Abbatissa vero de vestimentis discrete eisdem provideat secundum qualitates personarum et loca et tempora et frigidas regiones, sicut necessitati viderit expedire.

¹⁸Iuenculae in monasterio receptae infra tempus aetatis legitimae tondeantur in rotundum; ¹⁹et deposito habitu saeculari induantur panno religioso, sicut visum fuerit abbatisae. ²⁰Cum vero ad aetatem legitimam venerint, indutae iuxta formam aliarum faciant professionem suam. ²¹Et tam ipsis quam aliis novitiis abbatisa sollicite magistram provideat de discretioribus totius monasterii, ²²quae in sancta conversatione et honestis moribus iuxta formam professionis nostrae eas diligenter informet.

²³In examinatione et receptione sororum servientium extra monasterium servetur forma praedicta; quae possint portare calceamenta. ²⁴Nulla nobiscum residentiam faciat in monasterio, nisi recepta fuerit secundum formam professionis nostrae. ²⁵Et amore sanctissimi et dilectissimi pueri pauperculis *panniculis involuti, in praesepio reclinati* (cfr. Luc 2,7.12), et sanctissimae matris eius moneo, deprecor et exhortor sorores meas, ut vestimentis semper vilibus induantur.

De divino officio et jejunio, de confessione et communione

¹Sorores litteratae faciant divinum officium secundum consuetudinem fratrum minorum, ex quo habere poterunt breviaria, legendo sine cantu. ²Et quae occasione rationabili non possent aliquando legendo dicere horas suas, liceat eis sicut aliae sorores dicere *Pater noster* (Mat 6,9-13). ³Quae vero litteras nesciunt dicant viginti quattuor *Pater noster* pro matutino, pro laude quinque, ⁴pro prima vero, tertia, sexta, nona pro qualibet istarum horarum septem; pro vespers autem duodecim, pro completorio septem. ⁵Pro defunctis etiam dicant in vespers septem *Pater noster* cum *Requiem aeternam* (cfr. 4Esd 2,34-35), pro matutino duodecim, ⁶cum sorores litteratae teneantur facere officium mortuorum. ⁷Quando vero soror monasterii nostri migraverit, dicant quinquaginta *Pater noster*.

⁸Omni tempore sorores ieiunent. ⁹In Nativitate vero Domini, quocumque die venerit, bis refici possint. ¹⁰Cum adolescentulis, debilibus et servientibus extra monasterium, sicut videbitur abbatisae, misericorditer dispensetur. ¹¹Tempore vero manifestae necessitatis non teneantur sorores ieiunio corporali.

¹²Duodecim vicibus ad minus de abbatisae licentia confiteantur in anno. ¹³Et cavere debent ne alia verba tunc inserant, nisi quae ad confessionem et salutem pertinent animarum. ¹⁴Septem vicibus communicent, videlicet in Nativitate Domini, in quinta feria maioris hebdomadae, in Ressurrectione Domini, in Pentecoste, in Assumptione beatae Virginis, in festo sancti Francisci et in festo omnium sanctorum. ¹⁵Pro communicandis sanis sororibus vel infirmis capellano intus liceat celebrare.

De electione et officio abbatisae, de capitulo atque de officialibus et discretis

¹In electione abbatisae teneantur sorores formam canonicam observare. ²Procurent autem ipsae festinanter habere generalem ministrum vel provincialem Ordinis Fratrum Minorum, ³qui verbo Dei eas informet ad omnimodam concordiam et communem utilitatem in electione faciendam. ⁴Et nulla eligatur nisi professa. ⁵Et si non professa eligeretur vel aliter daretur, non ei obediatur, nisi primo profiteatur formam paupertatis nostrae. ⁶Qua decedente, electio alterius abbatisae fiat.

⁷Et si aliquo tempore appareret universitati sororum praedictam non esse sufficientem ad servitium et communem utilitatem ipsarum, ⁸teneantur praedictae sorores iuxta formam praedictam, quam citius possunt, aliam sibi in abbatisam et matrem eligere.

⁹Electa vero cogitet quale onus in se suscepit et cui *redditura est rationem* (cfr. Mat 12,36; Heb 13,17) de grege sibi commisso. ¹⁰Studeat etiam magis aliis praeesse virtutibus et sanctis moribus quam officio, ut eius exemplo provocatae sorores potius ex amore ei obediant quam timore.

¹¹Privatis amoribus careat, ne dum in parte plus diligit, in totum scandalum generet. ¹²Consoletur afflictas. Sit etiam ultimum *refugium tribulatis* (cfr. Ps 31,7), ne si apud eam remedia defuerint sanitarum, desperationis morbus preavaleat in infirmis.

¹³Communitatem servet in omnibus, prae-cipue autem in ecclesia, dormitorio, refectorio, infirmaria et vestimentis ¹⁴quod etiam simili modo servare eius vicaria teneatur.

¹⁵Semel in hebdomada ad minus abbatisa sorores suas teneatur ad capitulum convocare; ¹⁶ubi tam ipsa quam sorores de communibus et publicis offensis et negligentis humiliter debeant confiteri. ¹⁷Et quae tractanda sunt pro utilitate et honestate monasterii, ibidem conferant cum omnibus sororibus suis; ¹⁸saepe enim Dominus quod melius est minori revelat.

¹⁹Nullum debitum grave fiat, nisi de communi consensu sororum et manifesta necessitate; et hoc per procuratorem. ²⁰Caveat autem abbatissa cum sororibus suis, ne aliquod depositum recipiant in monasterio; ²¹saepe enim de huiusmodi turbationes et scandala oriuntur.

²²Ad conservandam unitatem mutuae dilectionis et pacis, de communi consensu omnium sororum omnes officiales monasterii eligantur. ²³Et eodem modo octo ad minus sorores de discretioribus eligantur, quarum in his quae forma vitae nostrae requirit, abbatissa uti consilio semper teneatur. ²⁴Possint etiam sorores et debeant, si eis utile et expediens videatur, officiales et discretas aliquando removeere et alias loco ipsarum eligere.

De silentio ac de locutorio et crate

¹Ab hora completorii usque ad tertiam sorores silentium teneant, exceptis servientibus extra monasterium. ²Sileant etiam continue in ecclesia, dormitorio, in refectorio tantum dum comedunt; ³praeterquam in infirmaria, in qua pro recreatione et servitio infirmarum loqui discrete semper sororibus liceat. ⁴Possint tamen semper et ubique breviter submissa voce quod necesse fuerit insinuare.

⁵Non liceat sororibus loqui ad locutorium vel ad cratem sine licentia abbatisae vel eius vicariae. ⁶Et licenciatae ad locutorium loqui non audeant, nisi praesentibus et audientibus duabus sororibus. ⁷Ad cratem vero accedere non praesumant, nisi praesentibus tribus ad minus per abbatissam vel eius vicariam assignatis de illis octo discretis, quae sunt electae ab omnibus sororibus pro consilio abbatisae. ⁸Hanc formam loquendi teneantur pro se abbatissa et eius vicaria observare. ⁹Et hoc de crate rarissime, ad portam vero nullatenus fiat. ¹⁰Ad quam cratem pannus interius apponatur, qui non removeatur, nisi cum proponitur verbum Dei vel aliqua alicui loqueretur.

¹¹Habeat etiam ostium ligneum duabus diversis seris ferreis, valvis et vectibus optime communitum, ¹²ut in nocte maxime duabus clavibus obseretur, quarum unam habeat abbatissa, aliam vero sacrista; ¹³et maneat semper obseratum, nisi cum auditur divinum officium et pro causis superius memoratis.

¹⁴Nulla ante solis ortum vel post solis occasum loqui ad cratem alicui ullatenus debeat. ¹⁵Ad locutorium vero semper pannus, qui non removeatur, interius maneat. ¹⁶In quadragesima sancti Martini et quadragesima maiori nulla loquatur ad locutorium, ¹⁷nisi

sacerdoti causa confessionis vel alterius manifestae necessitatis, quod reservetur in prudentia abbatissae vel eius vicariae.

De non habendis possessionibus

¹Postquam altissimus Pater caelestis per gratiam suam cor meum dignatus est illustrare, ut exemplo et doctrina beatissimi patris nostri sancti Francisci poenitentiam facerem, paulo post conversionem ipsius, una cum sororibus meis obedientiam voluntarie sibi promisi.

²Attendens autem, beatus pater quod nullam paupertatem, laborem, tribulationem, vilitatem et contemptum saeculi timeremus, immo pro magnis deliciis haberemus, pietate motus scripsit nobis formam vivendi in hunc modum. ³Quia divina inspiratione fecistis vos filias et ancillas altissimi summi Regis Patris caelestis et Spiritui Sancto vos desponsastis eligendo vivere secundum perfectionem sancti Evangelii, ⁴volo et promitto per me et fratres meos semper habere de vobis, tanquam de ipsis curam diligentem et sollicitudinem specialem: ⁵quod dum vixit diligenter implevit et a fratribus voluit semper implendum.

⁶Et ut nusquam declinarem a sanctissima paupertate quam cepimus nec etiam quae post nos venturae essent, paulo ante obitum suum iterum scripsit nobis ultimam voluntatem suam dicens: ⁷Ego frater Franciscus parvulus volo sequi vitam et paupertatem altissimi Domini nostri Jesu Christi et eius sanctissimae Matris *et perseverare in ea usque ad finem* (cfr. Mat 10,22). ⁸Et rogo vos, dominas meas, et consilium do vobis, ut in ista sanctissima vita et paupertate semper vivatis. ⁹Et custodite vos multum, ne doctrina vel consilio alicuius ab ipsa in perpetuum ullatenus recedatis”.

¹⁰Et sicut ego semper sollicita fui una cum sororibus meis sanctam paupertatem quam domino Deo et beato Francisco promisimus custodire, ¹¹sic teneantur abbatissae quae in officio mihi succedent et omnes sorores usque in finem inviolabiliter observare, ¹²videlicet in non recipiendo vel habendo possessionem vel proprietatem per se neque per interpositam personam, ¹³seu etiam aliqui quod rationabiliter proprietas dici possit, ¹⁴nisi quantum terrae pro honestate et remotione monasterii necessitas requirit; ¹⁵et illa terra non laboretur, nisi pro horto ad necessitatem ipsarum.

De modo laborandi

¹Sorores, quibus dedit Dominus gratiam laborandi, post horam tertiam laborent et de laboritio quod pertinet ad honestatem et communem utilitatem, fideliter et devote, ²ita quod, excluso otio animae inimico, sanctae orationis et devotionis *spiritum non extinguant* (cfr. 1The 5,19), cui debent cetera temporalia deserve. ³Et id quod manibus suis operantur, assignare in capitulo abbatisa vel eius vicaria coram omnibus teneatur. ⁴Idem fiat si aliqua eleemosyna pro sororum necessitatibus ab aliquis mitteretur, ut in communi pro eisdem recommendatio fiat. ⁵Et haec omnia pro communi utilitate distribuantur per abbatisam vel eius vicariam de consilio discretarum.

Quod nihil approprient sibi sorores et de eleemosyna procuranda et de Sororibus infirmis

¹Sorores nihil sibi approprient nec domum nec locum nec aliquam rem; ²et *tanquam peregrinae et advenae* (cfr. Ps 38,13; 1Pet 2,11) in hoc seculo, in paupertate et humilitate Domino famulantes, mittant pro eleemosyna confider, ³nec oportet eas verecundari, quia Dominus pro nobis *se fecit* (cfr. 2Cor 8,9) pauperem in hoc mundo. ⁴Haec est illa celsitudo *altissimae paupertatis* (cfr. 2Cor 8,2), quae vos, carissimas sorores meas, heredes et reginas regni caelorum instituit, *pauperes* (cfr. Iac 2,5) rebus fecit, virtutibus sublimavit. ⁵Haec sit portio vestra, quae perducit in *terram viventium* (cfr. Ps 141,6); ⁶cui, dilectae sorores, totaliter inhaerentes nihil aliud pro nomine Domini nostri Jesu Christi et eius sanctissimae matris in perpetuum sub caelo habere velitis.

⁷Non liceat alicui sorori litteras mittere vel aliquid recipere aut extra monasterium dare sine licentia abbatisae. ⁸Nec quicquam liceat habere quod abbatisa non dederit aut permiserit. ⁹Quod si a parentibus suis vel ab aliis ei aliquid mitteretur, abbatisa faciat illi dari. ¹⁰Ipsa autem si indiget uti possit; sin autem sorori indigenti caritative communicet. ¹¹Si vero ei aliqua pecunia transmissa fuerit, abbatisa de consilio discretarum in his quae indiget illi faciat provideri.

¹²De infirmis sororibus, tam in consiliis quam in cibariis et aliis necessariis quae earum requirit infirmitas, teneatur firmiter abbatisa sollicite per se et alias sorores inquirere ¹³et iuxta possibilitatem loci caritative et misericorditer providere. ¹⁴Quia omnes tenentur providere et servire sororibus suis infirmis, sicut vellent sibi serviri si ab infirmitate aliqua tenerentur.

¹⁵Secure manifestet una alteri necessitatem suam. ¹⁶Et si mater diligit et nutrit *filiam suam* (cfr. 1The 2,7) carnalem, quanto diligentius debet soror diligere et nutrire sororem suam spiritualem? ¹⁷Quae infirmæ in saccis cum paleis iaceant et habeant ad caput capitalia cum pluma; ¹⁸et quae indigent pedulis laneis et culcitrīs uti possint. ¹⁹Infirmæ vero prædictæ cum ab introeuntibus monasterium visitantur, possint singulae aliqua bona verba sibi loquentibus breviter respondere. ²⁰Aliae autem sorores licentiatae monasterium inrantibus loqui non audeant, nisi praesentibus et audientibus duabus discretis sororibus per abbatissam vel eius vicariam assignatis. ²¹Hanc formam loquendi tenantur pro se abbatissa et eius vicaria observare.

De poenitentia sororibus peccantibus imponenda et de sororibus servientibus extra monasterium

¹Si qua soror contra formam professionis nostrae mortaliter, inimico instigante, peccaverit, per abbatissam vel alias sorores bis vel ter admonita, ²si non se emendaverit, quot diebus contumax fuerit tot in terra panem et aquam coram sororibus omnibus in refectorio comedat; ³et graviore poenae subiaceat, si visum fuerit abbatissae. ⁴Interim dum contumax fuerit, oretur ut Dominus ad poenitentiam cor eius illuminet. ⁵Abbatissa vero et eius sorores cavere debent, ne irascantur vel conturbentur propter peccatum alicuius, ⁶quia ira et conturbatio in se et in aliis impediunt caritatem.

⁷Si contigeret, quod absit, inter sororem et sororem verbo vel signo occasionemurbationis vel scandali aliquando suboriri, ⁸quaeurbationis causam dederit, statim antequam *offerat munus* (cfr. Mat 5,23) orationis suae coram Domino, non solum humiliter prosternat se ad pedes alterius veniam petens, ⁹verum etiam simpliciter roget, ut pro se intercedat ad Dominum quod sibi indulgeat. ¹⁰Illa vero memor illius verbi Domini: *Nisi ex corde dimiseritis, nec Pater vester caelestis dimittet vobis* (cfr. Mat 6,15; 18,35), ¹¹liberaliter sorori suae omnem iniuriam sibi illatam remittat.

¹²Sorores servientes extra monasterium longam moram non faciant, nisi causa manifestae necessitatis requirat. ¹³Et honeste debeant ambulare et parum loqui, ut aedificari semper valeant intuentes. ¹⁴Et firmiter caevant ne habeant suspecta consortia vel consilia aliquorum. ¹⁵Nec fiant commatres virorum vel mulierum, ne hac occasione murmuratio vel turbatio oriatur.

¹⁶Nec praesumant rumores de saeculo referre in monasterio. ¹⁷Et firmiter teneantur de his quae intus dicuntur vel aguntur, extra monasterium aliquid non referre, quod posset

aliquod scandalum generare. ¹⁸Quod si aliqua simpliciter in his duobus offenderit, sit in prudentia abbatisae misericorditer poenitentiam sibi iniungere. ¹⁹Si autem ex consuetudine vitiosa haberet, iuxta qualitatem culpae abbatisa de consilio discretarum illi poenitentiam iniungat.

De admonitione et correctione Sororum

¹Abbatissa moneat et visitet sorores suas et humiliter et caritative corrigat eas, non praecipiens aliquid eis quod sit contra animam suam et nostrae professionis formam. ²Sorores vero subditae recordentur quod propter Deum abnegaverunt proprias voluntates.

³Unde firmiter suis abbatissis obedire teneantur in omnibus quae observare Domino promiserunt et non sunt animae contraria et nostrae professioni. ⁴Abbatissa vero tantam familiaritatem habeat circa ipsas, ut dicere possint ei et facere sicut dominae ancillae suae. ⁵Nam ita debet esse, quod abbatisa sit omnium sororum ancilla. ⁶Moneo vero et exortor in domino Jesu Christo, ut caveant sorores ab omni superbia, vana gloria, invidia, *avaritia* (cfr. Luc 12,15), *cura et sollicitudine huius saeculi* (cfr. Mat 13,22; Luc 21,34), de-tractione et murmuratione, dissensione et divisione. ⁷Sint vero sollicitae semper invicem servare mutuae dilectionis unitatem, quae *est vinculum perfectionis* (Col 3,14).

⁸Et nescientes litteras non curent litteras discere; ⁹sed attendant quod super omnia desiderare debent habere spiritum Domini et sanctam eius operationem, ¹⁰orare semper ad eum puro corde et habere humilitatem, patientiam in tribulatione et infirmitate, ¹¹et *diligere eos qui nos persequuntur* (cfr. Mat 5,44), reprehendunt et arguunt, ¹²quia dicit Dominus: *Beati qui persecutionem patiuntur propter iustitiam, quoniam ipsorum est regnum caelorum* (Mat 5,10). ¹³*Qui autem perseveraverit usque in finem hic salvus erit* (Mat 10,22).

De Clausurae custodia

¹Ostiaria sit matura moribus et discreta sitque convenientis aetatis, quae ibidem in cellula aperta sine ostio in die resideat. ²Sit ei aliqua socia idonea assignata, quae cum necesse fuerit, eius vicem in omnibus exsequatur.

³Sit autem ostium diversis duabus seris ferreis, valvis et vectibus optime communitum,⁴ut in nocte maxime duabus clavibus obseretur, quarum unam habeat portaria, aliam abbatissa. ⁵Et in die sine custodia minime dimittatur et una clave firmiter obseretur.

⁶Caveant autem studiosissime et procurent ne unquam ostium stet apertum, nisi quando minus fieri poterit congruenter. ⁷Nec omnino aperiatur alicui intrare volenti, nisi cui concessum fuerit a summo pontifice vel a nostro domino cardinali. ⁸Nec ante solis ortum monasterium ingredi nec post solis occasum sorores intus aliquem remanere permittant, nisi exigente manifesta, rationabili et inevitabili causa.

⁹Si pro benedictione abbatissae vel pro aliqua sororum in monialem consacranda vel alio etiam modo concessum fuerit alicui episcopo missam interius celebrare, quam paucioribus et honestioribus poterit sit contentus sociis et ministris.

¹⁰Cum autem intra monasterium ad opus faciendum necesse fuerit aliquos introire, statuatur tunc sollicitè abbatissa personam convenientem ad portam, ¹¹quae tantum illis et non aliis ad opus deputatis aperiatur. ¹²Caveant studiosissime omnes sorores ne tunc ab ingredientibus videantur.

De Visitatore, Capellano et Cardinali protectore

¹Visitor noster sit semper de Ordine Fratrum Minorum secundum voluntatem et mandatum nostri cardinalis. ²Et sit talis de cuius honestate et moribus plena notitia habeatur. ³Cuius officium erit, tam in capite quam in membris, corrigere excessus commissos contra formam professionis nostrae. ⁴Qui stans in loco publico, ut videri ab aliis possit, cum pluribus et singulis loqui liceat quae ad visitationis officium pertinent secundum quod melius viderit expedire.

⁵Capellanum etiam cum uno socio clerico bonae famae, discretionis providae, et duos fratres laicos sanctae conversationis et honestatis amatores ⁶in subsidium paupertatis nostrae, sicut misericorditer a praedicto Ordine Fratrum Minorum semper habuimus,⁷intuitu pietatis Dei et beati Francisci, ab eodem Ordine gratia postulamus. ⁸Non liceat capellano sine socio monasterium ingredi. ⁹Et intrantes in loco sint publico, ut se possint alterutrum semper et ab aliis intueri.

¹⁰Pro confessione infirmarum quae ad locutorium ire non possent, pro communicandis eisdem, pro extrema unctione, pro animae commendatione, liceat eisdem intrare.

¹¹Pro exsequiis vero et missarum sollemniis defunctorum et ad fodiendam vel

aperiendam sepulturam seu etiam coaptandam possint sufficientes et idonei de abbatissae providentia introire.

¹²Ad haec sorores firmiter teneantur semper habere illum de sanctae Romanae Ecclesiae cardinalibus por nostro gubernatore, protectore et correctore, qui fuerit a domino papa Fratribus Minoribus deputatus, ¹³ut semper subditae et subiectae pedibus eiusdem sanctae Ecclesiae, stabiles in fide catholica, paupertatem et humilitatem Domini nostri Jesu Christi et eius sanctissimae matris et sanctum Evangelium, quod firmiter promisimus, in perpetuum observemus. Amen.

Epilogus

¹⁴Datum Perusii, sexto decimo kalendas octobris, pontificatus vero domini Innocentii papae IV anno decimo. ¹⁵Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostrae confirmationis infringere vel ei ausu temerario contraire. ¹⁶Si quis autem hoc attentare praesumpserit, indignationem omnipotentis Dei et beatorum Petri et Pauli apostolorum eius se noverit incursurum.

¹⁷Datum Assisii, quinto idus augusti, pontificatus nostri anno duodecimo.